A Idade do Bronze em Portugal

discursos de poder

Secretaria de Estado da Cultura
Instituto Português de Museus
Museu Nacional de Arqueologia

Serviço Educativo

A Idade do Bronze em Portugal

discursos de poder

Council of Europe
Conseil de l'Europe

Conselho da Europa
Património Arqueológico

A Idade do Bronze em Portugal

discursos de poder

Secretaria de Estado da Cultura

INSTITUTO PORTUGUÊS DE MUSEUS

MUSEU NACIONAL DE ARQUEOLOGIA

Museu Nacional
de Arqueologia
Biblioteca

Exposição

Comissariado Científico
Susana Oliveira Jorge

Comissariado Executivo
Francisco Alves, Director do Museu
Nacional de Arqueologia do Dr. Leite de Vasconcelos
Isabel Silva, Directora do Museu Regional de
Arqueologia D. Diogo de Sousa
Rui Pereira, Direcção Regional de Évora do Instituto Português
do Património Arquitectónico e Arqueológico
Virgílio Hipólito Correia, Museu Monográfico
de Conimbriga

Assistência Técnica
Museu Nacional de Arqueologia do Dr. Leite de Vasconcelos
Museu Monográfico de Conimbriga
Museu Regional de Arqueologia D. Diogo de Sousa
Instituto Português de Museus:
Ana de Castro Henriques
Manuel Beirão Oleiro
Maria de Jesus Monge
Fernando Mota Carneiro
Constança Calado

Arquitectura
João Vieira Caldas
Carlos Severo

Maqueta
ARESTA, Design Serigrafia

Montagem
Coordenação
Maria José Albuquerque

Luís Filipe Antunes
Margarida Cunha
Rui Pedro
Helder de Sousa
Maria Luísa Sousa

Laminatorio
Rui Silva Santos

Empreiteiro
Armando Fernandes,
Construção Civil, Lda.

Inventário e Gestão de Colecção
Coordenação
Maria José Albuquerque

Luís Filipe Antunes
Margarida Cunha
Rui Pedro
Maria Luísa Sousa

Restauro e Limpeza de Peças
Museu Regional de
Arqueologia D. Diogo de Sousa
Museu Monográfico de Conimbriga

Departamento de Arqueologia do IPPAR
Moisés Costa Campos
Margarida Santos
Maria Antónia Gonzalez Tintner

Catálogo

Coordenação de Texto
Isabel Silva

Textos
Barbara Armbruster
José Morais Arnaud
Ana Margarida Arruda
António Marinho Baptista
Ana Maria S. Bettencourt
João Luís Cardoso
Domingos J. Cruz
Ana Maria Leite da Cunha
Teresa Judice Gamito
Mário Varela Gomes
Susana Oliveira Jorge
Vítor Oliveira Jorge
Philine Kalb
Michael Kunst
Miguel Lago
Jorge Oliveira
Rui Pereira
Maria de Jesus Sanches
Paula Mota Santos
João Carlos Senna-Martinez
António Manuel S. P. Silva
Carlos Tavares da Silva
Eduardo Jorge Lopes da Silva
Fernando A. Pereira da Silva
Joaquina Soares
António C. Valera
Raquel Vilaça

Fotografia
Arquivo Nacional de Fotografia

Coordenação
Vitória Mesquita
José Pessoa

Colaboração
Emília Tavares
Alexandra Ribeiro

Fotografo
José Pessoa

Assistido por
Luísa Oliveira
Sofia Ferrão
Luís Pinto
Alexandra Pessoa
Sofia Torrado
Alexandra Ribeiro
Elia Marques

Desenho
Artur Santos Leite
Vítor Oliveira Jorge

Coordenação de Edição
Isabel Cordeiro
Isabel Silva
Maria Amélia Fernandes

Design Gráfico
Luís Carrilho

Colaboração
Cristina Pacheco

Pré-impressão
Dimensão

Impressão
Tipografia Peres

© Instituto Português de Museus
Museu Nacional de Arqueologia

1ª Edição, 1995, 1000 exemplares

ISBN-972-8137-19-2

Depósito Legal nº 87.228/95

Entidades que cederam espólio

Associação dos Arqueólogos Portugueses
Câmara Municipal de Castelo de Vide
Câmara Municipal de Sêves
Centro de Estudos Arqueológicos, Câmara Municipal de Oeiras
Clementre Neves, Miranda do
Clementino Amaro
Casa dos Patudos, Alpiarça
Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico (IPPAR)
João Carlos Senna-Martinez, Lisboa
José Morais Arnaud, Lisboa
Junta de Freguesia de Barajal, Sabugal
Junta de Freguesia da Benza, Miranda do
Junta de Freguesia de Ermida, Ponte da Barca
Junta de Freguesia de Fiães, Sabugal
Luís Manuel Sampaio e Mello, Lisboa
Manuel Ricardo, Aldeia de Palheiros, Ourique
Maria Carolina Almeida-e-Barreiros, Lisboa
Maria de Jesus Sanches
Mário Varela Gomes
Museu do Abade de Baçal
Museu da Amadora
Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal
Museu Arqueológico e Lapidar do Infante D. Henrique, Faro
Museu da Cidade, Câmara Municipal de Lisboa
Museu de Évora
Museu da Guarda
Museu do Instituto de Antropologia Prof. Mendes Correia, Faculdade de Ciências, Universidade do Porto
Museu do Instituto Geológico e Mineiro
Museu Municipal de Arqueologia de Sêves
Museu Municipal de Bragança
Museu Municipal de Miranda do
Museu Municipal de Seixal
Museu Municipal de Torres Vedras
Museu Nacional de Arqueologia do Dr. Leite de Vasconcelos
Museu Pio XII, Braga
Museu da Região Flaviense, Chaves
Museu Regional de Arqueologia D. Diogo de Sousa
Museu Regional Rainha D. Leonor, Beja
Museu do Seminário Maior, Diocese de Viseu
Raquel Vilaça, Coimbra
Susana Oliveira Jorge, Porto
Teresa Júdice Gamito, Faro

Grelha de Leitura fichas do Catálogo:

Objecto
Cronologia
Natureza funcional
Local de proveniência
Matéria prima
Descrição
Dimensões
Bibliografia sumária
* Proprietário/Local de depósito/Depositário
Autor da Ficha

* Os espólios Cat. nº 22, 24, 33, 36, 37, 41, 45, 47 e 60 estão na posse dos arqueólogos responsáveis pelos trabalhos arqueológicos, de acordo com a Portaria 209/78 de 12 de Maio (Regulamento de trabalhos arqueológicos, in D.R., I série, nº 109 de 12 de Maio de 1978)

Abreviaturas

a. altura
Bibl. bibliografia
c. comprimento
Cal. calibrada
Cat. nº de catálogo
d. diâmetro
d. a. diâmetro da abertura
d. b. diâmetro do bordo
d. f. diâmetro do fundo
e. espessura
g. grama
id. idem
IPM Instituto Português de Museus
l. largura
m. museu
mm. milímetros
MNAEV Museu Nacional de Arqueologia
sep. sepultura
v. ver

As Comemorações do Ano Europeu do Bronze são assinaladas, em toda a Europa, por uma série de manifestações de grande alcance cultural.

Portugal, por intermédio da Secretaria de Estado da Cultura e do Instituto Português de Museus, não podia deixar de se associar à celebração de uma época civilizacional extremamente importante e fecunda da evolução social, e etapa incontornável do processo de dominio do Homem sobre a Natureza.

Coexistem nesta exposição, a excelente capacidade didáctica e a rigorosissima abordagem histórica e arqueológica. Por isso, julgo estarmos perante uma feliz combinação de esforços e de ideias que o Museu Nacional de Arqueologia acolheu e à qual deu expressão num catálogo e numa exposição exemplares.

MANUEL FRIOES

Subsecretário de Estado da Cultura

Período de charneira entre os dois grandes pólos de desenvolvimento da civilização, é à Idade do Bronze que cabe inteiramente o título clássico de uma verdadeira Idade de Ouro, um aparente paradoxo que revela toda a complexidade de um período que moldou, afinal, o mundo em que hoje vivemos.

Fenómenos como a hierarquização social e territorial, a divisão do trabalho, a manipulação tecnológica, a especialização económica e a consequente integração de comunidades locais numa emergente «economia-mundo», cujo alcance e extensão hoje tão bem conhecemos, aparecem de facto, neste período. Os testemunhos materiais que dele nos chegaram explicitam eloquentemente esta asserção: os vasos cerâmicos da cultura campaniforme ou as extraordinárias peças de ourivesaria que a presente exposição acolhe, manifestam um elevado grau de especialização oficinal e, simultaneamente, revelam uma tal funcionalidade e uma tão elevada sofisticação estética que, aos nossos olhos, não podem deixar de nos seduzir e cativar de imediato pela sintonia formal com algumas das produções do design contemporâneo.

A riqueza deste diálogo trans-epocal encontra, agora, a ocasião única de se revelar em toda a sua pujança, no âmbito de um Plano Europeu de Arqueologia, patrocinado pelo Conselho da Europa, e durante o Ano Europeu da Idade do Bronze. O Instituto Português de Museus orgulha-se de contribuir, através do Museu Nacional de Arqueologia, — espaço privilegiado do conhecimento e divulgação do património arqueológico português — para uma celebração cultural de alcance universal, cuja concretização beneficiou da estimulante cooperação de arqueólogos e investigadores das Universidades, do Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico, do Museu Monográfico de Conímbriga e do Museu D. Diogo de Sousa, com a valiosa colaboração de Câmaras Municipais e coleccionadores privados.

Museu centenário, o Museu Nacional de Arqueologia inicia com "A Idade do Bronze em Portugal" um novo ciclo na sua existência, através da apresentação de exposições de vasto âmbito cronológico, com uma periodicidade que se prevê anual, que pretendem contribuir para um ponto de situação da pesquisa arqueológica nacional, desvendando ao público os resultados de escavações recentes, a par do importante acervo do próprio Museu.

SIMONETTA LUZ AFONSO

Directora do Instituto Português de Museus

Entre o 2º e o 1º milénio antes de Cristo, perante um crescente estímulo de factores externos, de entre os quais se destacam os contactos com navegadores e comerciantes que sulcam o Mediterrâneo e o Atlântico, a fachada ocidental da Península Ibérica, charneira das rotas entre esses dois mundos, assiste ao desenvolvimento de comunidades agro-pastoris marcadas pela crescente influência da metalurgia do bronze.

Assim, a par dos característicos testemunhos materiais desta época, entre os quais se conta uma grande variedade de instrumentos metálicos como foices, machados-enxós e espadas, que documentam bem a estrutura dessas comunidades e a natureza das suas actividades económicas dominantes, evidenciam-se também sinais de acumulação de riqueza e de poder. Bem expressos pelos achados de peças de adorno em ouro e pelas estelas insculturadas, estes sinais ilustram por excelência a diversificação e diferenciação sociais e o lugar e os atributos que cabem a cada indivíduo na vida e na morte e que os aedos farão perdurar, no mito e na lenda, através de epopeias de deuses e heróis com espadas de bronze.

Ao eleger-se a Idade do Bronze como tema de celebração do paradigma da unidade europeia, em 1995, convenhamos que a escolha da Europa, apesar de algo arbitrária, fundamentalmente política e portanto ideológica, não deixa de ter sentido histórico e interesse científico, ao constituir uma excelente oportunidade para aproximar pessoas, povos e culturas e para, mais do que difundir, discutir conhecimentos.

Muito honra o Museu Nacional de Arqueologia e o País a oportunidade de poder assim apresentar pela primeira vez, com a exaustividade e a representatividade desejadas, os testemunhos materiais do mosaico de comunidades que habitaram e modelaram este território nessa época tão carregada de imaginário, e de poder expor as problemáticas que eles evocam sem escamotear as dúvidas que continuam a subsistir.

Será uma excelente oportunidade para o País demonstrar que, na hora da livre circulação de pessoas e bens, a apresentação de ideias e de conhecimentos, a pretexto de objectos e de intenções discutíveis, pode resistir à pura espectacularidade cultural e dela tirar as mais insuspeitas virtualidades.

FRANCISCO J. S. ALVES

Director do Museu Nacional de Arqueologia

Índice

Parte I Introdução 15

Introdução 16
Susana Oliveira Jorge

Parte II Catálogo 21

A Estátua-Menir Feminina da Ermida 27
António Martinho Baptista

Alabardas de Tipo Carrapatas 29
Maria de Jesus Sanches

Ocupação Campaniforme do Povoado de Montes Claros 35
João Luís Cardoso

Castelo Velho no Contexto da Pré-História Recente do Norte de Portugal 37
Susana Oliveira Jorge

O Povoado de S. Julião (Vila Verde-Braga) 40
Ana M. S. Bettencourt

Coroa do Frade: Uma Fortificação do Bronze Final dos Arredores de Evora 43
José Morais Arnaud

O Povoado da Moreninha 46
Raquel Vilaça

O Povoado do Bronze Final da Tapada da Ajuda 48
João Luís Cardoso

O Buraco da Moura de S. Romão 50
João Carlos de Senna-Martinez e António C. Valera

A Estação Arqueológica de Monte do Frade 55
Raquel Vilaça

O Povoado dos Alegrios 57
Raquel Vilaça

O Povoado da Santinha (Amares-Braga) 60
Ana M.S. Bettencourt

O Povoado do Cabeço do Castro de S. Romão 61
João Carlos de Senna-Martinez

O Povoado de Nossa Senhora da Guia, Baiões 68
Philine Kalb

Os Bracletes do Tipo Villena / Estremoz na Ourivesaria do Bronze Final da Península Ibérica 70
Barbara Armbruster

Mamoa 1 de Chã do Carvalhal 76
Domingos J. Cruz

Alcaria, Um Complexo Tipo Atalaia 79
Miguel Lago

A Necrópole da Ferradeira 80
Rui Parreira

A Necrópole de Corte Cabreira 82
Teresa J. Gamito

Fonte da Malga 87
Philine Kalb

As Cerâmicas de Ornatos Brunidos da Lapa do Forno 88
João Luís Cardoso

Alpiarça 90
Philine Kalb

A Sepultura da Roça do Casal do Meio 94
Mário Varela Gomes

As Gravuras Rupestres do Monte da Laje (Valença) 96
Ana Maria L. da Cunha e Eduardo J. L. da Silva

O Santuário Rupestre da Bouça do Colado 97
António M. Baptista

A Estela Decorada da Tapada da Moita 100
Jorge Oliveira

O Tesouro de Baiões 101
Philine Kalb

O Colar de Sintra 103
Barbara Armbruster

O Bracelete de Cantonha, Guimarães 104
Barbara Armbruster

Parte III Sínteses Regionais 109

Dos Inícios aos Finais da Idade do Bronze no Norte de Portugal 110
Ana M. S. Bettencourt

O Povoado da Lavra, Serra da Aboboreira 116
Maria de Jesus Sanches

O Povoado do Alto de Sª Ana, Chaves 117
Paula Moya Santos

Entre Atlântico e Mediterrâneo: Algumas Reflexões Sobre o Grupo Baiões / Santa Luzia e o Desenvolvimento do Bronze Final Peninsular 118
João Carlos de Senna-Martinez

O Povoado de S. Julião (Branca, Albergaria - a - Velha, Aveiro) 123
António Manuel S. P. Silva e Fernando A. Pereira da Silva

A Idade do Bronze na Estremadura 124
Michael Kunst

Os Povoados do Bronze Final a Norte do Estuário do Tejo 126
João Luís Cardoso

A Idade do Bronze na Beira Baixa 127
Raquel Vilaça

As Estelas Funerárias da Idade do Bronze Final, no Centro e Sul de Portugal 130
Mário Varela Gomes

Aspectos da Idade do Bronze no Alentejo Interior 131
Rui Parreira

As Denominadas "Estelas Alentejanas" 135
Mário Varela Gomes

O Alentejo Litoral no Contexto da Idade do Bronze do Sudoeste Peninsular 136
Joaquina Soares e Carlos Tavares da Silva

A Idade do Bronze no Algarve 140
Mário Varela Gomes

Índice de Sítios de Proveniência de Espólio 145

Bibliografia 147

Introdução

Introdução

Susana Oliveira Jorge

"O poder está em toda a parte; não que englobe tudo, mas porque vem de toda a parte. E "o" poder, no que tem de permanente, de repetitivo, de inerte, de auto-reprodutor, não passa do efeito de conjunto que se desenha a partir de todas as mobilidades, do encadeamento que se apoia em cada uma delas e procura, em troca, fixá-las. Não há dúvida de que tem de ser nominalista: o poder não é uma instituição e não é uma estrutura, não é um certo poder de que alguns seriam dotados - é um nome que se atribui a uma situação estratégica complexa numa determinada sociedade".

(Michel Foucault, 1994, p. 96)

1. A presente Exposição abre ao público durante a promoção dum Plano Europeu de Arqueologia, patrocinado pelo Conselho da Europa, destinado a divulgar a Idade do Bronze europeia, nas sua várias vertentes, plano esse denominado " A Idade do Bronze: a primeira idade de ouro da Europa".

Articulando-se com o espírito e objectivos desse programa cultural, a Exposição portuguesa pretende não só dar a conhecer alguns dos aspectos mais relevantes deste período da Pré-História recente no nosso território, como também propôr uma reflexão sobre a natureza dos processos de integração social das comunidades da Idade do Bronze em amplos sistemas de intercâmbio.

De facto, é durante a chamada Idade do Bronze (2º milénio/inícios do 1º milénio a.C.), sobretudo na sua fase final, que o território que é hoje Portugal se conecta, pela primeira vez de forma estruturada - através de complexos macanismos de interacção social e política - com a Europa de além-Pirinéus. Face à importância histórica de tal processo, a investigação tem tentado captar o "rosto" das estruturas sociais e políticas que terão permitido a eclosão dum fenómeno de tal dimensão cultural. Neste sentido, uma das abordagens de ponta incide sobre o reconhecimento das **formas de poder** que, durante este período, em particular durante o Bronze Final (c.1200 a.C. a c.700 a.C.), terão criado as condições indispensáveis à emergência de inter-dependências e "solidariedades" supra-regionais de âmbito europeu.

Tendo em conta este quadro problemático geral, a Exposição sobre a Idade do Bronze em Portugal polarizou-se em torno duma questão central, a partir da qual se desenvolveram diversas estratégias de abordagem.

A questão central reporta-se à "**reconstituição**", em função da documentação arqueológica disponível, **dos espaços de exibição do poder, durante o 2º milénio/inícios do 1º milénio a.C., no território português.**

O tratamento deste tema assume, nesta Exposição, a aceitação duma acentuada descontinuidade cultural entre o que se convencionou chamar Bronze Antigo/Médio e o Bronze Final (por volta de c. 1300/1200 a.C.) no que toca a diversas **formas de ostentação do poder** por parte das elites da época.

De facto, e correndo todos os riscos inerentes à assunção de "descontinuidades" culturais ou ainda os riscos resultantes da subalternização (obviamente ponderada) de especificidades regionais - não autonomizadas na Exposição, mas amplamente desenvolvidas na parte III deste Catálogo - cremos que entre a primeira e a segunda etapa da Idade do Bronze se estabeleceu uma incisiva **deslocação dos *loci* de desmonstração do poder** que interessa relevar como a mensagem principal deste evento cultural.

Durante a primeira etapa da Idade do Bronze, (cujos limites cronológicos e continuidades/descontinuidades internas variam consoante as regiões consideradas), os cenários de afirmação do poder continuam, seguindo a tradição neolítica, a centrar-se preferencialmente em torno dos lugares sepulcrais e de alguns santuários de arte rupestre. Assim, as necrópoles do Bronze Antigo e Médio podem assumir, consoante as regiões ou as áreas culturais, visibilidades muito diversas. Os santuários de arte rupestre podem também integrar, consoante as áreas em que ocorrem, símbolos variados, de significação plural. Contudo, e apesar de todas as óbvias diferenças entre uma cista da Quinta da Água Branca, no Minho, ou uma necrópole de "tipo Atalaia", no Alentejo, ambos os contextos se referem a um universo em que o poder é culturalmente visibilizado no momento do enterramento de chefes carismáticos. Refira-se que as próprias estelas de "tipo alentejano" - a aceitarmos a sua "função funerária" (se não como tampas, pelo menos, como esculturas referenciadoras do estatuto priviligiado dos líderes inumados) - atestam, no Sul de Portugal, durante o Bronze Médio regional, a afirmação do poder num quadro de ritualização sepulcral.

Ao contrário, a partir do Bronze Final, os cenários de manifestação do poder retraem-se do espaço funerário tradicional - agora arqueologicamente tornado quase invisível - e disseminam-se por novos espaços rituais, nos quais emergem práticas ("públicas"?) de consumo ostentatório ("banquetes" de filiação mediterrânica?) efectuadas pelas elites. Nesses novos espaços - cuja natureza, certamente polissémica, importa definir - detectam-se ricos adornos áureos e todo um instrumental específico, em bronze, de tipologia supra-regional e âmbito europeu, cujo estatuto ("oferenda", "depósito", "esconderijo", etc.) está ainda longe de ser compreendido em toda a pluralidade de significações. Neste novo enquadramento social e ritual pensamos que se deve integrar o "povoado-santuário" de Nª. Srª. da Guia, Baiões, na Beira Alta.

Ainda adentro da nova ordem social estabelecida a partir do Bronze Final, devem ser mencionadas as estelas de "tipo estremenho" identificadas na Beira Alta, Beira Baixa, Alentejo e Algarve e as estátuas-menires transmontanas, as quais, no seu conjunto, parecem ocorrer agora desvinculadas da antiga função glorificadora dos chefes em contexto sepulcral. De facto, a proto-estatuária do Bronze Final poderá correlacionar-se com uma nova forma de apropriação política e simbólica do espaço. Este seria marcado em "corredores de passagem", margens ou fronteiras territoriais, através da edificação de esculturas representativas de personagens heroificadas, erguidas enquanto pólos aglutinadores dos grupos que nelas se reconheciam culturalmente.

A mensagem de descontinuidade nas formas de visibilização do poder entre o Bronze Antigo/Médio e o Bronze Final aparece nesta Exposição inscrita em **quatro grandes áreas temáticas**, de leitura autónoma. Estas áreas temáticas tomaram as designações de "Poder e Sociedade", "Contextos Habitacionais", "Contextos Sepulcrais" e "O Sagrado e o Simbólico". Encerram estes módulos temáticos uma opção forçadamente dicotómica, cuja justificação se apoia na necessidade de querer enfatizar uma mudança nos comportamentos sociais e simbólicos das comunidades do Bronze Final. Sabemos certamente que nas sociedades pré-históricas ocorre uma profunda contaminação de todas as instâncias e lugares de representação do saber e do poder. Assim, por exemplo, um "sítio onde se vive" partilha sempre diversos sentidos, e é palco de diversas "encenações" que pertencem fundamentalmente ao domínio do "cerimonial"; por outro lado, "necrópoles" e "lugares habitacionais" contíguos, criam, em conjunto, complexos sistemas de convivência, memorização e perpetuação dos quadros mentais tradicionais. Distinguir "espaços dos mortos" de "espaços dos vivos" ou "contextos sepulcrais" de "contextos rituais" não pode ser visto senão como um mero expediente expositivo que reduz efectivamente a permeabilidade, de registos inerente a toda a complexidade social. Aceitamos, contudo, tal limitação como o preço a pagar pela vantagem de expôr recorrentemente uma

ideia-forte - certamente discutível e negociável - que emerge aqui como a linha condutora desta Exposição: **num determinado momento o poder "ocultou-se" dos espaços tradicionais da sua representação e passou a "mostrar-se" noutros lugares, assumindo outras "formas"**.

Perguntemo-nos, no entanto, se em qualquer dos cenários em que ocorrem indícios da manifestação de tal instância, ela - "o poder" - se nos "revela". E se a sua "ocultação" não será sempre a mais perene das suas características.

Como já dissemos, cada área temática tem autonomia de leitura, ou seja, cada módulo proporciona, a um determinado nível de análise, uma visão global da problemática em questão. Contudo, a leitura cruzada dos quatro módulos torna-se indispensável, em ordem a obter-se uma imagem mais consistente e harmoniosa da mensagem geral da Exposição.

Assim, desde a antecâmara, onde o público é confrontado com duas estelas, expostas lado a lado, representando duas concepções de liderança, até ao módulo designado "O Sagrado e o Simbólico", pretende-se levar os utentes deste espaço expositivo a interiorizar a seguinte ideia-mestra: a mudança de cenários de ostentação de poder, entre o Bronze Antigo/Médio e o Bronze Final, é indissociável de um fenómeno globalmente paralelo (mas não totalmente sincrónico) de integração das comunidades indígenas que habitaram o nosso território em sistemas globais de interacção europeia, constituídos por centros, periferias e margens (Sherratt, 1993). Não pretendemos afirmar qualquer nexo de causa-efeito entre os dois fenómenos, mas tão só relevar a incontornável correlação entre os mesmos.

Sobre as quatro áreas temáticas gostaríamos ainda de salientar alguns aspectos que podem ajudar a definir melhor os seus objectivos.

O módulo 1, "Poder e Sociedade", condensa, através de alguns contextos emblemáticos (sepulturas, tesouros, estelas/estátuas-menires e artefactos metálicos) a correlação acima referida.

O módulo 2, "Contextos Habitacionais", traz à laça a questão da precaridade ou invisibilidade arqueológica da maioria dos sítios habitados durante a primeira etapa da Idade do Bronze, em comparação com a durabilidade e até, em alguns casos, a monumentalidade de alguns centros habitacionais do Bronze Final.

O módulo 3, "Contextos Sepulcrais", mostra a heterogeneidade dos locais de enterramento ao longo de toda a Idade do Bronze. Contudo, e apesar da excepção que constitui o sepulcro monumental, tardio, de Roça do Casal do Meio, é notório o contraste (quanto a monumentalidade arquitectónica e riqueza de espólios) entre as necrópoles do Bronze Antigo/Médio e as do Bronze Final.

Finalmente, o módulo 4, "O Sagrado e o Simbólico", expressa o entrelaçamento de duas ideias-chave: à ambiguidade e até opacidade dos símbolos da primeira etapa, sucede uma aparente "transparência" no Bronze Final; - a inter-conexão das comunidades do Bronze Final determina a atribuição de significados muito diferentes a toda uma parafernália de objectos de valor trans-cultural, consoante os contextos em que esses objectos são manipulados. Neste sentido, a "transparência" dos testemunhos do Bronze Final é também aparente, e, em qualquer das fases da Idade do Bronze, confrontamo-nos com um fenómeno global de "opacidade" interpetativa que urge ser debatido.

Finalmente, gostaríamos de chamar a atenção para a natureza específica do módulo designado "Contextos Habitacionais" e reflectir sobre o seu contributo para a demonstração da tese geral da Exposição.

Ao contrário dos módulos 1, 3 e 4, onde são exibidos materiais retirados de contextos expressamente concebidos para encenar poder (estelas/estátuas-menires, artefactos metálicos de excepção, sepulturas, lajes insculturadas), o módulo 2 retrata locais, convencionalmente designados de "habitacionais", que condensam acções da mais diversa índole, algumas das quais escaparam à vontade consciente dos seus autores. Grandiosos palimpsestos, contentores de actividades continuamente repetidas, que não recorreram, muitas vezes, a estruturas fixas para a respectiva montagem - os "cenários efémeros" de Rapoport (1994) - os chamados "povoados" fornecem uma informação particularmente complexa em ordem à detecção de fenómenos como a diferenciação/hierarquização social. Em parte devido à natureza arqueológica dos "espaços domésticos", em parte devido ao seu estatuto cultural - espaços carregados de sinais contraditórios, cuja natureza social só se vislumbra quando os integramos em "redes de povoamento" que lhes conferem sentido - os "contextos habitacionais" da Idade do Bronze apenas sugerem, num primeiro momento, processos gerais de incremento e especialização da produção agro-pastoril ou de inovação tecnológica relacionada com o aparecimento de novas práticas metalúrgicas.

Uma interpretação mais profunda destes espaços, no quadro das mudanças sociais e políticas sugeridas anteriormente, requer que ultrapassemos uma abordagem estritamente funcionalista-processual. Os "povoados" (tal como os santuários de arte rupestre ou as necrópoles, ou os "campos" de estelas/estátuas- menires) instalam rupturas na paisagem, são **dispositivos comunicacionais** ao serviço de formas específicas de territorialização e identificação comunitária. Cremos, assim, que só uma abordagem simbólica do espaço poderá ajudar a compreender o papel que estes locais assumiram na fase charneira, entre o Bronze Médio e o Bronze Final, no que respeita à transformação dos cenários de ostentação do poder.

> *"(...) a interpretação reside num encontro que é condicionado por determinadas expectativas a respeito do mundo e a respeito do lugar que o sujeito nele ocupa."*
>
> (J. Barrett, 1994, p. 169)

2. Na parte III deste catálogo, o território português foi dividido em seis regiões, cuja especificidade cultural foi abordada por diferentes autores. A leitura desses textos de síntese regional parece-nos muito estimulante como ponto de partida de uma discussão em torno de temas estrategicamente adequados ao desenvolvimento da pesquisa pré-histórica. Entre esses temas, destacamos a problemática da **mudança cultural e a da sua identificação no chamado "registo arqueológico"**.

Sublinhemos alguns aspectos que nos suscitaram as referidas sínteses regionais.

Em primeiro lugar, devemos apartar as **leituras de continuidade** das que valorizam **mudanças** ou acentuam, mesmo, **rupturas** culturais durante o período considerado. Entre as primeiras demarca-se o texto sobre o Norte de Portugal, de A. Bettencourt e, de forma menos incisiva, a síntese sobre a Estremadura, de M. Kunst. Acrescente-se, no entanto, que estas abordagens admitem descontinuidades de vária natureza, nomeadamente a nível arqueológico, o que lhes permite subdividir o período (apesar da filosofia geral subjacente) em "blocos" com uma certa unidade interna. Entre o grupo de textos que opta por leituras de descontinuidades (apesar de também aqui serem evidenciadas, a par e passo, continuidade entre diversos registos), contam-se, prioritariamente, as sínteses sobre o Alentejo Litoral, de J. Soares e C. T. da Silva e sobre o Algarve, de M.V. Gomes, e, numa escala menos forte, os textos sobre o Alentejo interior, de R. Parreira e sobre a Beira Baixa, de R. Vilaça.

Em segundo lugar, e independentemente das tendências globais mencionadas, as sete sínteses regionais propõem **nós de mudança** (descontinuidades) em torno de **dois momentos** da Idade do Bronze: entre o Bronze Antigo/Médio e o Bronze Final, ou seja, por volta de 1500/1200 a.C., encontram-se as perspectivas sobre a Estremadura, a Beira Baixa e o Alentejo interior; entre o Bronze Antigo e o Bronze Médio/Final, por volta de

1600/1500 a.C., situam-se as reflexões sobre o Norte de Portugal, o Alentejo Litoral e o Algarve.

Em terceiro lugar, parece-nos importante destacar, ainda que de forma sucinta, o que para diversos grupos de autores terá constituído o "**motor**" **das mudanças** observadas em cada uma das regiões descritas. Ainda que nem sempre explicitados os critérios subjacentes à construção dos respectivos "blocos" culturais, podemos sugerir três grandes eixos explicativos.

Em pólos aparentemente opostos encontram-se as sínteses sobre o Norte de Portugal e sobre o Alentejo Litoral.

Para A. Bettencourt, o que distingue a primeira etapa (Bronze Antigo) da segunda etapa (Bronze Médio/Final), no Norte de Portugal, é a ausência/presença de mecanismos de interacção com os chamados centros de "economia-mundo". Ou seja, a mudança é despoletada por um processo de integração das comunidades locais em regimes de intercâmbio de grande amplitude. Desta maneira, a descontinuidade (adentro da continuidade geral proposta) traduz-se na adequação dos sistemas de autarcia tradicionais a novos sistemas de interdependência socio-política. O "motor" da mudança situa-se, assim, num locus organizacional: expressa-se na ligação do local ao global.

Para J. Soares e C.T. da Silva, a diferença entre as duas fases maiores da Idade do Bronze no Alentejo Litoral (também apartadas entre Bronze Antigo e Bronze Médio/Final) reside fundamentalmente num processo endógeno de transformação das formas de liderança. É a progressiva emergência dum poder "proto-estatal", "coercitivo", a partir do Bronze Médio, que determina e potencia todas as outras mudanças: novas práticas metalúrgicas, intensificação económica, trocas de nível alargado, relações de "centro-periferia" etc, etc. Ou seja, o "motor" da mudança nasce no seio da própria sociedade e tem um "rosto": o de novos chefes com uma acrescida capacidade de "arregimentação" das populações que controlam. A mudança opera-se, antes de mais, na esfera do local.

Entre estas duas posições, uma que valoriza as conexões das comunidades indígenas com o exterior, ainda que no âmbito duma perspectiva processual, e outra que realça os reajustamentos das estruturas de poder no interior dos grupos locais, no quadro duma abordagem marxista, situam-se as restantes quatro sínteses regionais.

De uma forma ou de outra, estes quatro textos fundem, num complexo "puzzle" de relações, nem sempre hierárquicas, factores de carácter endógeno e externo para explicar as descontinuidades propostas. A maneira como é concebida a natureza das relações com o exterior, ou como são apreciadas as transformações económicas, sociais e políticas, no seio das populações locais, difere de autor para autor. Está, no entanto, fora do propósito desta introdução abordar a complexa especificidade de cada uma dessas perspectivas.

Por último, e em quarto lugar, a leitura das seis sínteses sugere-nos uma questão que se prende com a própria mensagem da Exposição: em que sentido se deve utilizar a palavra "mudança" ou a expressão "descontinuidade cultural"? De que forma os processos nelas inscritos são aferidos no chamado "registo arqueológico"?

Se, como foi salientado anteriormente, os textos sobre o Norte de Portugal e o Alentejo Litoral dão maior ênfase, respectivamente, aos mecanismos de interacção alargada e à emergência de chefaturas, a verdade é que todas as sínteses partilham uma ideia comum: **nos períodos de mudança, "interacção" e hierarquização social" são processos em correlação que, associados a um outro processo mais dificilmente captável, de aumento da diversificação e da especialização da base de subsistência ("intensificação"), promovem, em conjunto, a consolidação duma nova ordem social.** Por outro lado, de forma mais ou menos explícita, todos os textos aderem a uma ideia aparentemente inquestionável: **quanto mais "complexa" é uma sociedade, maior "visibilidade" arqueológica adquire.** Ou seja, maior número de testemunhos duráveis, monumentais e/ou excepcionais produz.

Na sequência de todas estas assunções, e olhando uma vez mais para o nosso território durante a Idade do Bronze, poderíamos incorrer na tentação de destacar uma aparente maior "visibilidade/complexidade" do Sul (Alentejo e Algarve), face a uma aparente menor "visibilidade/complexidade" das restantes regiões, onde, predominando contextos da carácter mais efémero(?) se cruzam abundantes objectos metálicos de valor trans-cultural.

A reflexão sobre a justeza de tal distinção passa por uma breve incursão na análise do valor instrumental de conceitos como "intensificação", "interacção" e "diferenciação social" (e respectiva quantificação no "registo arqueológico") e ainda da utilidade operatória da tradicional correlação "visibilidade arqueológica/complexidade social" em arqueologia pré-histórica.

Adentro do quadro funcionalista tradicional a "intensificação económica" é reconhecida sobretudo através de técnicas de especialização agrícola (como a irrigação ou a policultura mediterrânica), do fabrico de artefactos agrícolas especializados (como, por exemplo, o arado), da construção de estruturas duráveis relacionadas com a armazenagem (cisternas, silos, etc), a drenagem (canais, aquedutos), a secagem/moagem (eiras, moinhos manuais), a tecelagem (teares de vários tipos) e a própria metalurgia (fornos primitivos e utensilagem especializada). De facto, a "intensificação" tem sido excessivamente medida através de indícios directos ou indirectos de novas tecnologias de produção. Ora, uma das críticas que deve ser dirigida a tal abordagem é a de que a "intensificação" nem sempre está ligada à introdução de "técnicas" concretas, particularmente visíveis no "registo arqueológico". Assim, a sua quantificação só poderá estabelecer-se pela aferição de um conjunto correlacionado de variáveis, observado em sistemas socialmente contextualizados. Desta forma, cremos que em muitas áreas onde não foram detectadas técnicas produtivas especializadas, como, por exemplo, a agricultura de arado associada à domestificação de bovídeos e de equídeos, e ao consumo de produtos derivados do leite ou o uso da lã de ovelha, não se pode afirmar peremptoriamente que não se produziram ali processos específicos de "intensificação". Em suma, a "intensificação económica" exige um alargamento do conceito, pela contextualização das suas práticas e, logo, pressupõe uma redefinição e certamente também uma ampliação dos seus critérios de avaliação.

Quanto à "interacção", ela implica uma acção recíproca entre os elementos de um sistema, acção essa que modifica o comportamento desses mesmos elementos. Por "interacção" pode entender-se uma gama muito vasta de relações sociais, desde as que pressupõem contactos directos, até às que subentendem mecanismos mediatizados de troca de informação. Para conceito tão abrangente, os indicadores normalmente utilizados pela Nova Arqueologia são sumários: ausência/presença de determinadas matéria-primas, artefactos ou simbologias estilísticas para estabelecer o que se designa por "trocas intercomunitárias". Mas é evidente que, se nos casos em que existem indícios ou mesmo provas de intercâmbios de objectos ou difusão de estilos é possível colocar a hipótese de um qualquer nível de interacção, nos casos em que esses indícios não são perceptíveis, não é possível afirmar uma total ausência de interacção. O que só vem recordar que a relação entre a produção material e o comportamento humano pode assumir configurações complexas e contraditórias, que não devem ser escamoteadas através de generalizações redutoras e simplistas.

Finalmente a arqueologia processual distingue entre "diferenciação vertical" e "diferenciação horizontal". A primeira afere-se pela diversidade tumular (dimensão e longa cronologia das necrópoles, complexidade construtiva e acesso diferenciado a

certos túmulos, presença de objectos considerados de prestígio, etc.) e pela hierarquia dos "habitats" (diferentes dimensões das áreas ocupadas, variabilidade funcional das estruturas domésticas, presença/ausência de fortificações, etc.). A diferenciação horizontal reflecte-se na especialização da produção, quer no interior, quer entre povoados. Contudo, se tentarmos seguir a metodologia corrente para encontrar indicadores destes vários níveis de "diferenciação", rapidamente nos daremos conta da gama enorme de interpretações alternativas suscitadas por esses mesmos "indicadores". Por exemplo, no que toca à hierarquização de povoados, em todas as regiões, nomeadamente no período aqui considerado, é notória a diversidade de "estruturas domésticas" que acusam uma maior ou menor monumentalidade arquitectónica. Mas tal diversidade regional apontará sempre para uma hierarquização de povoamento? Ou essa diversidade poderá também (alternativa ou cumulativamente) significar uma variabilidade de funções relacionadas com a produção, ou até com outros planos da realidade social? (S. O. Jorge, no prelo a).

Em resumo, cremos que os "processos" que normalmente são manipulados para estabelecer continuidades ou descontinuidades culturais em Pré-história —também usados no quadro das presentes sínteses regionais— necessitam de ser redefinidos em função da multiplicidade de práticas sociais e de critérios de identificação arqueológica que envolvem. À luz dessa redefinição é provável que alguns "nós de mudança" agora propostos possam futuramente vir a ser repensados, no sentido da sua deslocação para outros pontos da narrativa em que a Idade do Bronze se inscreve. Como é sabido, em função do lugar pelo qual se perspectivam os elementos de um sistema, toda a percepção do mesmo sistema muda e, logo, a sua inteligibilidade. Não sendo este o local mais apropriado para o desenvolvimento desta problemática, gostaríamos, no entanto, de sublinhar a urgência da criação, entre a comunidade científica portuguesa, dum debate preocupado com a negociação de programas interpretativos sobre o passado pré-histórico.

É também neste sentido que achamos útil abordar aqui a tradicional equivalência entre "visibilidade arqueológica" e "complexidade social".

Retenhamos dois tipos de testemunhos arqueológicos, de natureza "monumental" e, portanto, com boa "visibilidade" arqueológica: povoados fortificados e estelas.

Os povoados fortificados nunca deixam de estar presentes ao longo da Idade do Bronze, no território português. Eles ocorrem no Bronze Antigo e/ou Médio na Estremadura (por ex. Zambujal, fase 5), no Norte de Portugal (por ex., Castelo Velho, fase III), ou no Alentejo Litoral (v. J. Soares e C.T. da Silva, parte III do catálogo). Por outro lado, são ainda mais frequentes durante o Bronze Final, em todas as regiões consideradas. Contudo, apesar desta continuidade arqueológica, qualquer investigador estará de acordo em que a presença deste elemento recorrente nos remete, ao longo dum milénio, para processos culturais muito diversos. De facto, nos inícios da Idade do Bronze, os povoados cercados por muros ou muralhas, independentemente das relações contextuais a que estejam ligados, parecem articular-se ainda com um modelo de ocupação do espaço que vem na tradição da "territorialização" calcolítica (desenvolvida durante a 2ª metade do 3º milénio a.C.). Trata-se de utilizar o valor "mediático" duma arquitectura de prestígio, no seio de grupos ainda não politicamente centralizados, para ocupar, assinalar e gerir novos territórios. Ao contrário, a partir de finais do 2º/inícios do 1º milénio a.C., surgem novos povoados fortificados que não podem ser apenas encarados como meros dispositivos comunicacionais ao serviço de movimentos relativamente autónomos de "colonização" territorial e identificação comunitária. O "povoado fortificado" do Bronze Final, faz parte de uma nova lógica de "territorialização", inerente a unidades sócio-políticas bem implantadas nas regiões, cuja consolidação recorre ao que podemos chamar uma "lógica de relação e de inter-dependência", a qual promove laços e intercâmbios não sujeitos às anteriores relações de constrangimento social e político. Desta forma, a monumentalidade e a visibilidade arqueológica dos povoados fortificados da Idade do Bronze, devem ser interpretadas como expressões aparentemente similares de "complexidades" sociais muito diversas.

As estelas são representações escultóricas também omnipresentes ao longo da Idade do Bronze. Contudo, e como já foi várias vezes afirmado nesta introdução e realçado em textos de síntese (sobre o Alentejo Litoral e sobre o Algarve), as estelas não só variam, ao longo do tempo, quanto à sua concepção escultórica e atributos nelas inscritos, como sobretudo, quanto aos espaços de poder em que são exibidas. Se no Bronze Antigo e/ou Médio, as estelas acompanham a demonstração do poder em cenários sepulcrais, no Bronze Final, elas ocorrem em espaços exteriores ao mundo funerário, eventualmente a marcar passagens ou fronteiras territoriais.

Poder-se-á questionar se esta descontinuidade espacial/funcional será representativa duma qualquer alteração estrutural nos níveis de organização e complexidade social. Aliás, poderíamos colocar esta mesma questão sobre a mudança nos cenários de ostentação do poder entre o Bronze Antigo/Médio e o Bronze Final, mudança que constitui a trave-mestra da Exposição sobre a Idade do Bronze em Portugal.

Do nosso ponto de vista, as estelas denunciam certamente um processo crescente da liderança centralizadora e, até, eventualmente constrangedora. Neste ponto, compreendemos a posição dos autores das sínteses sobre o Alentejo Litoral e Algarve, quando as identificam como testemunho dum ciclo ascendente de poder "proto-estatal", que arranca no Bronze Médio regional. Trata-se dum ângulo de sincopagem que privilegia a emergência de poderes concentrados em grupos restritos.

Contudo, também é nossa convicção, que a passagem das estelas de cenários de ritualização sepulcral, no Bronze Antigo/Médio, para cenários de marcação territorial, no Bronze Final, não indicia meras descontinuidades espaciais/funcionais. Tal passagem, que acompanha o nascimento de novas formas de exibição de poder, ocorre precisamente na fase em que é perceptível uma maior integração dos grupos locais em sistemas globais de interacção. É pela correlação destes dois planos de análise que podemos colocar a hipótese duma descontinuidade não apenas "arqueológica", mas de uma mudança nas estratégias sociais e políticas das comunidades do Bronze Final.

Em suma, se as estelas testemunham globalmente novas concepções de liderança, não indicam, por si só, a natureza social e política dos grupos que, ao longo da Idade do Bronze, as utilizaram. Logo, a sua reconhecida "visibilidade" de pouco nos serve para ajudar a definir a singularidade das diversas "complexidades" sociais que lhe estão subjacentes.

Desta maneira, e tendo em conta as óbvias dificuldades no estabelecimento de qualquer tipo de homologia entre "visibilidade / monumentalidade arqueológica" e "complexidade social" parece-nos temeroso, com base nesta equivalência simplista, identificar diferenças de "complexidade" entre o Sul e as restantes regiões do nosso território, em qualquer fase da Idade do Bronze.

É provável que algumas diferenças de "monumentalidade" registadas em necrópoles, lugares habitados ou santuários das várias regiões, se devam mais a **características de tipo organizacional das sociedades** do que ao seu grau de "complexidade". De facto, em comunidades que actuam em redes de troca relativamente apertadas (manipulando "economias de prestígio" altamente competitivas), pode ter-se dado um fenómeno de emulação, estimulador de marcadas diferenças monumentais ao nível dos contextos que as identificariam culturalmente. Ao contrário, em comunidades que operam em redes de troca mais lassas ou fluidas (permitindo a circulação de artefactos em múltiplos contextos sociais, com

distintos sentidos), não teria havido necessidade de uma marcação do espaço tão individualizada, de que decorreria uma menor "visibilidade" arqueológica. Hipóteses que, em última análise, suscitam um debate em torno da noção processual de "complexidade social" (S. Shennan, 1993; S. O. Jorge, no prelo b).

Esta Exposição veicula uma ideia de "mudança" que não é contraditória com nenhuma ideia de "mudança" expressa pelos autores que integram o presente catálogo. Para alguns, quando muito, poderá tratar-se apenas duma "transferência" de cenário, sem especial incidência nas estruturas de poder. Para outros, correlacionar-se-á com uma ruptura nos mecanismos do controle do poder. E, neste sentido, visibilizará uma forma emergente de poder.

Mas, qualquer que seja o ângulo segundo o qual se aborde esta questão, gostaríamos de afirmar aqui que, do nosso ponto de vista, o mais importante é precisamente a coexistência de diferentes "pontos de vista". Ou seja, de "lugares" a partir dos quais se perspectivem os sistemas, em ordem a **fazer emergir alternativas de sentido**. Como já afirmámos, em outra ocasião «o passado, qualquer "passado", existe em função de uma teia de significações conferida em cada presente histórico. Neste contexto, o passado está aberto a uma pluralidade de "sentidos" que se jogam na prática social em função do consenso gerado pela comunidade científica. Desta forma, o passado terá, em cada presente, simultaneamente e/ou sucessivamente, a configuração que resultar da negociação social do sentido. O passado é, como bem se sabe, um projecto do presente» (S.O.Jorge, no prelo a).

A Exposição sobre a Idade do Bronze em Portugal, não tem a pretensão de presentificar um "passado verdadeiro", mas, tão só **simular** um "passado plausível", cuja plausibilidade será, em última análise, validada pela comunidade arqueológica.

Aos diferentes públicos a que se destina esta Exposição caberá avaliar a eficácia da fórmula encontrada para fazer passar a mensagem duma transitória plausibilidade.

Catálogo

1
Estela de Longroiva

Bronze Antigo
Sócio-religiosa
Quinta Nova da Canarneira, Longroiva, Meda, Guarda
Granito

Foi aproveitada a face lisa de um grande bloco para gravar, ao centro, uma figura masculina de um guerreiro com as suas armas: uma alabarda (claramente do tipoCarrapatas, atribuível ao Bronze Antigo), um arco e um punhal de lâmina triangular.
O relevo superior do suporte-estátuaestá aproveitado a partir da forma da rocha natural, mas também muito provavelmente afeiçoado- delimita a face em que estão representados os olhos, o nariz, a boca e talvez uma das orelhas. O corpo é rectangular (vestuário de tipo túnica?) e termina na parte inferior em 4 traços verticais que representam as pernas. É possível que o personagem tenha barba; sob a mesma adivinha-se a provável representação do pescoço, muito largo, e mais abaixo, um colar ou outro ornamento de forma semi-circular. O grande interesse desta peça , para além da raridade das estátuas-menires em toda a Península, advém, por um lado, da iconografia das armas, bem definida e cuja cronologia é segura, por outro, a posição central da figura humana,e o facto da saliência distal do bloco coincidir com o topo da cabeça, torna evidente a preocupação em identificar a totalidade do bloco com o próprio personagem ,como se de um bloco antropomórfico ou de uma estátua-menir se tratasse. Desta forma e visto de longe, este monumento "significaria" uma entidade importante (chefe, herói, divindade) ou as três entidades simultâneamente.

2,40 x 1,40 m
Bibl.: Jorge, V. O. e S. O., 1990a
Luís Manuel Botelho Sampaio e Mello, Lisboa
Jorge, V. O.

2
Estátua-menir de Faiões

Bronze Final
Sócio-religiosa
Faiões, Chaves, Vila Real
Granito

Esta estela foi encontrada em 1975, numa zona muito fértil, quando do alargamento de um caminho, desinserida de um contexto arqueológico preciso.
Escultura antropomórfica que se desenvolve em duas faces paralelas, aproveitando uma laje granítica, representando talvez uma figura guerreira divinizada. A cabeça não existia já, aquando da descoberta, mas podemos supôr que tivesse apenas a forma de esboço. Os braços são reduzidos a uma espécie de coros, o contorno do torax é esquematicamente delineado, sugerindo uma cintura. A parte inferior é sumariamente afeiçoada. Na face anterior são visíveis cerca e 40 pequenas covinhas esculturadas, uma série de colares, ou adornos de vestuário dispostos em linhas mais ou menos concêntricas, e o cinturão da arma, representada sobre o lado direito. Na metade inferior da face e dos lados são visíveis motivos lineares de difícil interpretação e provavelmente de significado simbólico.
A face posterior é dominada por um motivo vertical sub-rectangular, de significado controverso, mas que ocorre também na parte traseira da estela da Bouça e na parte traseira de uma estela encontrada em Verim, reaproveitada na época romana, data de que possui uma inscrição. É de presumir que se trate de um símbolo de autoridade. Quanto à arma, não é possível identificar a sua tipologia, uma vez que ela se apresenta embainhada e apenas esquematicamente delineada.

1,61 x 0,66 m
Bibl.: Jorge, V. O., e S. O., 1990a
Museu da Região Flaviense
Jorge, V. O.

3
Conjunto sepulcral da Quinta da Água Branca

Bronze Inicial
Quinta da Água Branca, Lovelhe, Vila Nova de Cerveira, Viana do Castelo

Sepultura de inumação individual de um indivíduo do sexo masculino, colocado em decúbito dorsal e acompanhado de uma arma e de um conjunto de peças de ourivesaria.

Adaga

Arma
Cobre arsenical

Adaga de lingueta encontrada à esquerda do corpo inumado. Folha triangular e gumes adelgaçados por rebaixamento contínuo e paralelo.

390 x 82 mm

Diadema

Joia
Ouro laminado por martelagem. Decoração repuxada e incisa.

Diadema constituído por uma banda sub-rectangular formando uma coroa circular fechada pela sobreposição das extremidades, assimétricas e perfuradas. A decoração, geométrica, compõe-se de duas grandes elipses concêntricas intercaladas por uma linha em ziguezague contínuo as quais se dispõem longitudinalmente ocupando toda a largura e comprimento da banda, deixando ao centro uma zona lisa limitada em cada extremidade por duas séries de três linhas verticais paralelas, a central de pontilhado.

600 x 48 mm; 113 g

Espiral (2)

Objecto de adorno
Ouro martelado.

Espiral cilíndrica de três espiras, continuada por arame liso de secção rectangular, com as arestas biseladas. Tem as duas extremidades afiladas.

l. 11, d. 25, e. 2; l. 10, d. 23, e. 2 mm; 13,6; 12,6 g.

Aro (2)

Objecto de adorno
Ouro fundido em molde e martelado.

Aro de forma subcircular e discoidal, apresentando a superfície lisa e polida, com excepção do interior, rugoso e sem brilho.

d. 26, e. 2; d. 27 e. 1 mm; 5,3; 2,3 g.
Bibl.: I.P.M., 1993
Museu Nacional de Arqueologia
Ambrustel, B. e Pereira, R.

4
Gargantilha da Quinta do Vale de Moinhos

Bronze Inicial
Joia
Quinta do Vale de Moinhos, Almoster, Santarém
Ouro laminado por martelagem. Decoração recortada e repuxada a punção.

Gargantilha constituída por uma banda rectangular que forma coroa circular, aberta na parte frontal. A decoração, geométrica, define três zonas rectangulares, sendo as duas frontais geométricas entre si. A zona posterior é recortada longitudinalmente em seis tiras que ocupam toda a largura da banda. Nas zonas frontais, a decoração é constituída por pontilhado feito a partir do reverso da peça: uma linha simples horizontal, a meio, linhas duplas nos bordos horizontais e triplas nos verticais, estas separadas de ziguezague contínuo. Os ângulos posteriores do rectângulo esquerdo são perfurados.

l. 34, d. 124 mm; 88,3 g.
Bibl.: I.P.M., 1993
Museu Nacional de Arqueologia
Ambrustel, B., Pereira, R.

5
Pontas de seta de S. Bento de Balugães (3)

Bronze Inicial
Arma
S. Bento de Balugães, Barcelos, Braga
Cobre arsenical

Ponta de seta, de tipo Palmela. Folha subovalada, contornos irregulares (por corrosão) e espigão completo.

85 x 36 mm

Duas pontas de seta, de tipo Palmela. Folha subovalada, contornos irregulares (por corrosão) e espigão curto.

90 x 36 mm; 98 x 35 mm
Museu Nacional de Arqueologia

6
Vila Nova de Cerveira
Braçal de arqueiro

Bronze Inicial
Objecto ritual
Vila Nova de Cerveira, Viana do Castelo
Ouro laminado por martelagem. Decoração repuxada e incisa a punção.

Braçal-de-arqueiro em forma de placa sub-rectangular de contornos curvilíneos, ligeiramente abaulada longitudinalmente. É decorado em cada ângulo por um cone repuxado, cuja base é contornada por uma linha de pontilhado a punção, apresentando ainda um orifício no lado menor, entre dois cones. O reverso é o negativo do anverso.

120 x 36, e. 1 mm; 72,7 g

Espiral

Bronze Inicial
Objecto de adorno
Vila Nova de Cerveira, Viana do Castelo
Ouro martelado.

Espiral cilíndrica de três espiras construída por arame liso de secção rectangular, muito regular. Apresenta as duas extremidades afiladas.

l.15, d.22, e. 2 mm; 13,2 g.
Bibl.: I.P.M., 1993
Museu Nacional de Arqueologia
Ambruster, B., Parreira, R.

7
Papagôvas
Diadema

Bronze Inicial
Jóia
Papagôvas, Lourinhã, Lisboa
Ouro laminado por martelagem e perfurado.

Diadema constituído por uma banda fina e lisa, de contorno inferior rectilíneo e superior elíptico, formando coroa circular aberta. Como sistema de prensão, dispõe de um orifício em cada extremidade.
Está vincado verticalmente, tem algumas fendas e lacunas na parte central e apresenta rebarbas no reverso, em resultado da abertura dos orifícios.

350 x 66 mm; 48,6 g.

Espiral (?)

Bronze Inicial
Objecto de adorno
Papagôvas, Lourinhã, Lisboa
Ouro martelado.

Espiral deformada, apresentando-se como um enrolamento de arame de secção circular, de espessura irregular, ondulado e com as extremidades rombas.

62,3 g.
Bibl.: I.P.M., 1993
Museu Nacional de Arqueologia
Ambruster, B., Parreira, R.

8
Belmeque
Vaso

Bronze Médio
Objecto utilitário
Serra de Belmeque, Serpa, Beja
Cerâmica

Vaso com o bordo côncavo, inclinado para fora, com lábio arredondado. Gargalo estreito. Bojo convexo, ataracado, provido na parte superior de dois canudos com bordo revirado para fora, aplicados em pontos não rigorosamente opostos. A parte superior do bojo oferece ainda uma decoração, imediatamente abaixo do gargalo e prolonga-se radialmente até logo abaixo da parte mais larga do bojo, que consiste numa série de estrias largas, paralelas, interrompidas junto à base dos canudos. Base convexa indiferenciada do bojo. Barro bem depurado. Superfície polida, de cor cinzento-escura.
Encontrado nos inícios dos anos setenta numa sepultura escavada na rocha, em forma de pequeno hipogeu, aberta no calcário brando a meia encosta da Serra de Belmeque. Continha dois indivíduos inumados, muito possivelmente decapitados, sepultados com uma oferenda de carne de bodívero e acompanhados por objectos de excepção.

140 x 284 ; d.m. 228 mm

Lâmina de faca

Bronze Médio
Arma
Serra de Belmeque, Serpa, Beja
Bronze (liga de cobre com 14% de estanho) com rebites de uma liga de ouro e prata.

Lâmina de faca de dorso largo, ligeiramente curvo, originalmente provida de quatro rebites na extremidade proximal, dos quais se conservam 3, em ouro.

207 x 37; e. 40mm
Bibl.: Schubart, 1974b, 1975b; Soares, 1994
Maria Carolina Almodôvar Barroso, Lisboa
Parreira, R.

9
Tesouro da Herdade do Álamo

Bronze Final
Herdade do Álamo, Sobral da Adiça, Moura, Beja
Achado acasional

Colar

Jóia
Ouro laminado por martelagem e soldado.

Decoração incisa.
Colar circular fechado, construído por um tubo cilíndrico que afeiçoa progressivamente da parte frontal para a posterior. Apresenta decoração incisa, geométrica e simétrica, e é munido de um fecho móvel.

d.160, e.12, segmento posterior 86 x 9 mm; 171 g.

Colar

Jóia
Ouro laminado por martelagem e perfurado.

Decoração incisa e punctuada.
Colar laminar de perfil troncocónico, dividido verticalmente em duas partes articuladas por fecho.
Apresenta decoração incisa, geométrica e simétrica.

i. 27, d. 142, e. 12, segmento posterior 87 x 18, segmento frontal i. 27, d.142 mm; 208,4 g.

Colar

Jóia
Ouro laminado por martelagem e soldado.

Decoração incisa e de filigrana.
Colar composto de perfil troncocónico, dividido verticalmente em dois segmentos, o posterior, de perfil trapezoidal arqueado, correspondendo a cerca de 1/4 do seu perímetro total.

i. 50, d. 136, e. 10, segmento posterior 104 x 48 mm; 732,8 g.

Bracelete (2)

Jóia
Ouro martelado e soldado.

Bracelete tubular, elipsoidal e aberto, formado por dez aros lisos e maciços de secção circular, unidos entre si, afeiçoando do centro para as extremidades que se encontram afastadas.

i. 34, d.72, e. 3; i. 34; d. 72, e. 3 mm; 184; 187,2 g.
Bibl.: I.P.M., 1993.
Museu Nacional de Arqueologia
Ambruster, B.; Parreira, R.

10
Carro votivo de Baiões

Bronze Final
Objecto de culto
Senhora da Guia (Baiões), S.Pedro do Sul, Viseu
Bronze

Encimado por uma taça em calote esférica. Bordo ourlado por um filete espesso. Fixos ao bordo, regularmente intercalados, uma série de cruzamos de fita com quatro filetes cada, de onde pendiam argolas simples (conservam-se apenas três). Bojo decorado por uma composição em três bandas paralelas ao bordo. A banda superior consiste em cinco filetes, três lisos, respectivamente os periféricos e o central, que alternam com dois cordados. A banda inferior tem composição idêntica. A central é composta por uma teoria de dezassete triângulos invertidos, preenchidos por filetes paralelos aos lados, sendo o espaço intermédio vazado. O suporte, fracturado e incompleto, é formado por dois pernos, de estrutura e composição idênticas às bandas superior e inferior da taça, dispostos em tronco e pirâmide de base quadrangular faces levemente arqueadas; quatro pernos ocupam as arestas e os restantes, emparelhados, o centro das faces. Os pernos das arestas prolongam-se para a base em quatro pés de secção circular, terminados em argola onde gravam os dois eixos do carro. Destes eixos resta um, de secção poligonal, arredondada na zona das argolas. Fora a cada um dos topos, conserva-se a parte central das respectivas rodas.

alt. 34; d.copa 150; suporte 96 x 51; pernos 42mm; eixo c. 180 mm

Bibl.: Silva et al., 1984, 1985
Museu do Seminário Maior, Diocese de Viseu
Parreira, R.

11
Estela/tampa de St^a Vitória

II^a Idade do Bronze do Sudoeste Peninsular
Sócio-religiosa
Necrópole de Santa Vitória, Beja
Xisto-grauvaquico

Fragmento de monólito, de aspecto lajiforme, mostrando, em uma das faces, as representações, em relevo, de um "objecto anconforme", um arco, uma espada e de um machado com encabamento transversal. Encontrou-se mutilada, cobrindo uma sepultura.

0.95 x 0.55 x 0.06 m

Bibl.: Almagro,1966, pp.41-43; Gomes, M. V., 1994, pp.116-131; Gomes, M. V., e Monteiro, J. P., 1976-77, pp. 305-310.
Museu Regional Rainha D.Leonor
Gomes, M. V.

12
Estela/tampa de Ervidel (I)

II.ª Idade do Bronze do Sudoeste Peninsular
Sócio-religiosa
Necrópole de Pomar, Ervidel, Beja
Xisto-grauváquico

Fragmento de monólito, de aspecto lajiforme, mostrando, em uma das faces e em relevo, as representações de um machado de acabamento transversal, possivelmente de uma alabarda, de "objecto anciforme", de espada e um par de sandálias.

0,55 x 0,78 x 0,08 m
Bibl.: Gomes, M. V., 1994, pp.116-131; Gomes, M. V., e Monteiro, J.P., 1976-77, pp. 305-310.
Museu Regional Rainha D.Leonor
Gomes, M. V.

13
Estátua-menir da Bouça

Bronze Final (?)
Sócio-religiosa
Bouça ou Vale de Telhas, Mirandela, Bragança
Granito

Presume-se que tenha vindo de uma área onde existe um povoado Calcolítico e um povoado fortificado romanizado-a Muralha.
Gravada por picotagem, nalguns casos os traços foram regularizados por abrasão. Monólito de granito de secção plano-convexa. Na face plana existem somente duas covinhas. Embora não possam distinguir-se diferentes fases de gravação, porque provavelmente não existiram, este monólito apresenta, tal como muitos menires um carácter marcadamente fálico: no topo da sua face convexa um pequeno círculo é identificável com o meato uretal (acompanhado de dois sulcos curos); mais abaixo um outro (incompleto, sendo esse um semi-círculo) poderia corresponder à delimitação da glande dum pénis, tal como acontece noutros menires. O monólito é apelidado de "estátua-menir" porque ostenta na sua face convexa um enorme motivo sub-rectangular, identificado noutras estátuas-menires conhecidas, como a de Faiões e Chaves (ou mesmo no monólito antropomorfizado da Longroiva)- que representam entidades armadas-, como uma bandoleira ou suspensório onde segurariam as armas.

2,45 x 0,75 m
Junta de Freguesia da Bouça.
Sanches, M. J.

14
Estátua-menir de Chaves

Bronze Final
Sócio-religiosa
Chaves, Vila Real
Granito

Encontrada no leito do rio Tâmega, junto à ponte romana, aquando de obras efectuadas pela Câmara Municipal.
Estátua-menir fálica de secção genericamente, subquadrangular, em cuja parte superior se destaca a representação da extremidade de um falo, a qual, considerando os diversos atributos gravados, se identifica com a cabeça do personagem honorificado. Esses atributos são, nomeadamente, uma espada, relativamente longa (56 cm), gravada sobre o lado esquerdo, e um punhal ou uma faca dissimétrica representada no lado oposto. A cintura está bem marcada em duas faces, e apenas sugerida no lado onde está representado o punhal. É importante sublinhar o significado provável de um atributo de forma rectangular alongada com aspecto de estola, representado nas costas, e que talvez seja a insígnia de uma élite. A face anterior mostra, entre outros motivos, uma estilização do rosto, colares, uma possível terceira arma, que pende da cintura e um símbolo alongado (ainda um falo em erecção?).Esta figura parece representar uma união da força viril ao estatuto militar e à glorificação e divinização de uma élite social.

1,62 x 0,315 x 0,315 m
Bibl.: Jorge, V. O., e S. O., 1990
Museu da Região Flaviense
Jorge, V. O.

A Estátua-Menir Feminina da Ermida

Integrada, entre um amontoado de blocos graníticos, na parede de uma rústica corte de gado da aldeia serrana da Ermida (freguesia da Ermida, concelho de Ponte da Barca) está estátua-menir foi descoberta em 1981. Após a sua remoção, foi guardada na improvisada escola primária local, tendo posteriormente sido integrada no Núcleo Museológico da Ermida, aqui entretanto construído pelo Parque Nacional da Peneda-Gerês, lugar onde hoje pode ser admirada. Atendendo à importância do achado, a escultura foi desde logo inventariada por despacho do Secretário de Estado da Cultura que, por solicitação do PNPG, a considerou como "pertencente ao património artístico da freguesia da Ermida". Arqueologicamente, esta peça, até então um dos raros exemplares deste género aparecidos no norte de Portugal, insere-se no tipo de monumentos da pré-história recente vulgarmente classificados como estátuas-menires (estelas ou estátuas-estelas, de acordo com a terminologia de alguns autores, em especial os da escola italiana), isto é, uma forma escultórica talhada num único bloco, a que é dada a forma humana (masculina ou feminina). É, portanto, uma escultura antropomórfica a três dimensões (embora só gravada no anverso), destinada ser fincada erecta no solo como um menir, podendo ser observada de qualquer face.

O exemplar da Ermida, que figura uma personagem feminina, é um esbelto monólito de granito (de origem local, do manto granítico da Serra Amarela), apresentando todos os atributos gravados no anverso, prévia e cuidadosamente alisado. O talhe e afeiçoamento das restantes faces não foi igualmente descurado. A escultura está completa, tendo 1,30 m. de comprimento, por 0,45 m. de largura máxima na zona dos seios. Em corte, tem a espessura máxima de 0,29 m. a meio da base. É pois uma estátua-menir de talhe médio.

No anverso, dividido em três sectores bem individualizados - cabeça, zona peitoral com decoração envolvente subpeitoral e base - a gravação dos atributos espraia-se apenas pelos dois superiores. Assim, ao alto destaca-se a cabeça bem individualizada, ligada ao tronco por um pescoço robusto. Naquela, o rosto algo naturalista tem a face bem delimitada por um traço profundo em V, com os olhos formados cada um por um pequeno círculo com covinha central, ambos encaixados sob a curvatura da arcada supraciliar (ou elemento decorativo desconhecido?) e ligados a um nariz longo e finamente gravado. Três pequenos traços esboçam a boca e as duas orelhas, motivos raramente figurados em monumentos similares e que aqui poderão ter sido acrescentados posteriormente, se se atender à sua maior imperfeição técnica. Na zona peitoral, a mais ricamente decorada, destacam-se os pequenos braços estilizados enquadrando os dois seios um pouco assimétricos mas bem delineados, ambos obtidos através da gravação de dois círculos concêntricos com covinha central, atributos que claramente definem o sexo da escultura. Daqui até à base, talvez fincada no solo, todo o espaço é ornamentado com duas fiadas de traços em forma de espinha de peixe, divididas a meio por uma profunda linha que arranca junto ao pescoço e termina no limite da zona decorada. Esta é, finalmente, separada da base por uma linha transversal. Ambas as faces laterais da escultura e o reverso, embora afeiçoados e relativamente bem polidos, não apresentam quaisquer outras gravações.

As condições do achado, completamente fora de contexto, não facilitam a sua clara atribuição cronológica e funcional, que apenas pode ser pesquisada por afinidades morfo-tipológicas. Assim, tanto pela rica decoração, como pela própria conceptualização escultórica, este exemplar da Ermida integra-se duplamente, quer na tradição ideológico-religiosa das estátuas-menires europeias, lembrando a imagética mais puramente mediterrânica, quer na influência local do grupo I da arte do NW, em especial pelo formalismo da gravação dos seios e olhos, aqueles sem paralelo noutros grupos de estátuas-menires.

Nesta apreciação deve, portanto, valorizar-se a possível relação conceptual e imagética, embora em níveis diferentes, entre o idoliforme da Bouça do Colado e esta estátua-menir, ambos da mesma região natural (BAPTISTA, 1985:37 ss.).

O naturalismo muito pronunciado da face, a própria ausência de colar e cinto e a ligação aparente à imagética indígena de arte rupestre de ar livre, com paralelos locais na Bouça do Colado mas também noutros idoliformes galegos, são argumentos que nos levam a atribuir-lhe uma cronologia avançada, relativamente à tradição e expansão das estátuas-menires europeias, já, portanto, de plena Idade do Bronze. Mas será este mesmo simbolismo dos seus atributos gravados que a afastam dos modelos mais avançados cronologicamente. Não há, porém, no NW Peninsular um ar de "família" evidente nas estátuas-menires conhecidas, que facilite a sua clara integração e ordenação cronológica. Se algumas são modelos provavelmente atribuíveis ao Neolítico recente ou Calcolítico, como a da serra da Boulhosa, as de Moncorvo os notáveis conjuntos do cabeço da Mina, seguindo uma imagética mais tradicionalista patente na homogenização dos seus atributos gravados (clássica face em T, colares ...), outras, como as de Faiões e Chaves, são seguramente mais avançadas. Nesta problemática, há que ter ainda em conta a estatuária antropomórfica megalítica (estela de Chão do Brinco) e estelas galegas aparecidas em especial nos dólmens de corredor), ainda pouco valorizada fora de um contexto puramente megalítico ao qual certamente pertencerão as primeiras figurações escultóricas humanas (JORGE, 1990:307).

Baptista, A.M.; Jorge, V. e S., 1990a

Baptista, A. M.

15
Estátua-menir da Ermida

Média Idade do Bronze
Meados do 2º milénio a.C.
Escultura antropomórfica feminina.
Ermida (Serra Amarela), Ponte da Barca,
Viana do Castelo

Descoberta fora de contexto arqueológico, integrada numa casa da aldeia da Ermida, em plena Serra Amarela.
Escultura antropomórfica feminina talhada tridimensionalmente num único bloco, ostentando no anverso gravuras em baixo-relevo obtidas por picotagem e abrasão.
Granito (do maciço da Serra Amarela)
Escultura do tipo estátua-menir, figurando uma personagem feminina, com todos os atributos gravados no anverso, previamente alisado. Na zona da cabeça, bem individualizada, destaca-se o nariz, algo naturalista, com a face limitada por um fundo traço em V, hipotética arcada supraciliar, olhos e nariz longo e fino. A boca e as orelhas são assinaladas por três pequenos traços que parecem ter sido acrescentados posteriormente. Na zona peitoral destacam-se os dois seios, que lhe definem o sexo, enquadrados por pequenos braços estilizados. Sob os seios esprai-se uma ornamentação em dupla espinha de peixe, segmentada a meio por uma profunda linha que arranca junto ao pescoço e termina no limite inferior da zona decorada, aqui limitada por um traço horizontal que a separa da base.

1.50 x 0.45 x 0.29 m
Bem conservada. Exemplar completo.
Bibl.: Baptista, A.M., 1982, 1985; Jorge, V. e S. O., 1990a
Junta de Freguesia da Ermida

Em exposição permanente no Núcleo Museológico da Ermida. Nunca foi objecto de nenhuma exposição fora deste local.
Património artístico da freguesia da Ermida.
Após a descoberta da estátua-menir em 1981 e na tentativa de conservar no local esta escultura, tornando-a visitável, o Parque Nacional da Peneda Gerês criou na aldeia o Núcleo Museológico da Ermida. Este pequeno museu de freguesia foi inaugurado em Maio de 1984.

Baptista, A. M.

16
Lúnula a aplicações discoidais de Cabeceiras de Basto

Bronze Médio
Cabeceiras de Basto, Braga

Apesar de não ser conhecido o local exacto de proveniência nem o seu contexto, estes três objectos têm sido considerados como fazendo parte do mesmo conjunto.

Lúnula

Jóia
Ouro laminado por martelagem, repuxado e perfurado.

Lúnula laminar com decoração geométrica repuxada e um orifício em cada extremidade. Na parte frontal, ao centro, apresenta três nervuras longitudinais. Estas são ladeadas por igual número de linhas transversais, sendo a central pontilhada. É orlada por cercadura linear de pontilhado que se fecha lateralmente, deixando uma zona livre de decoração entre as primeiras linhas transversais e as extremidades.

d. 162 mm; 44,8 g.

Aplicação discoidal (2)

Jóia
Ouro laminado por martelagem, repuxado e perfurado.

Aplicação discoidal laminar com decoração geométrica repuxada, constituída por sete estrias circulares concêntricas que ocupam toda a sua superfície. O reverso é o negativo do anverso, apresentando-se este liso e polido e aquele com uma textura ligeira resultante da martelagem.

d. 48, 49 mm; 4,7, 4,6 g.
Bibl.: I.P.M., 1993
Museu Nacional de Arqueologia
Ambruster, B.; Pereira, R.

Alabardas de Tipo Carrapatas

1. Foi classificado por H. Schubart (1973) de tipo Carrapatas ou de tipo Transmontano um conjunto de 9 alabardas de cobre muito similares entre si e encontradas fortuitamente numa área circunscrita à parte central do distrito de Bragança, em Trás-os-Montes oriental.

2. Se exceptuarmos aquela do Alto das Pereiras em Vimioso (Planalto Mirandês), os restantes 8 exemplares provêm dos limites leste e sudeste da bacia depressionária de Mirandela/Valpaços.

3. As condições de achado destas armas, que não apontam para qualquer "contexto" doméstico ou funerário, fazem supor, se atendermos ao achado mais recente, em Abreiro, onde apareceram "... escondidas na fenda de uma rocha ... junto de uma linha de água [o ribeiro de S. Martinho]..." (BARTHOLO, 1959), deposições rituais e/ou esconderijos.

4. As alabardas de tipo Carrapatas, em cobre arsenical, caracterizam-se pelo tipo de lâmina triangular larga (de extremidade arredondada). Esta é provida de um espesso reforço ou veio longitudinal, o qual é seguido, de ambos os lados, por canelluras que acompanham o fio da folha metálica. A zona de encabamento, muito larga, tem contorno triangular de ângulos arredondados e possui 3 orifícios para rebites. As semelhanças detectadas quer na forma quer no fabrico destas 9 armas, assim como a sua concentração geográfica , foram apontadas já por L. Bartholo (1959:439) como possivelmente indicadoras de um mesmo local de manufactura.

5. As alabardas de tipo Carrapatas, tanto as transmontanas como as restantes conhecidas, colocam-nos dois problemas. O primeiro é cronológico na medida em que nenhum exemplar foi datado directamente; o segundo é o do significado ou da função (ou funções) desempenhada adentro dos grupos pré-históricos onde ocorrem, quer como arma real, de cobre, quer graficamente representada em penedos de ar livre,em monólitos e estelas antropomorfas.

5.1.1. Relativamente à cronologia, as alabardas de tipo Carrapatas têm sido inseridas cronologica e culturalmente no Bronze Antigo (da periodização europeia) de tradição campaniforme — fase epicampaniforme seg. Ruiz Gálvez (1979) 1900-1800 a.C. — e têm paralelos atlânticos na 1ª Série de Túmulos Armoricanos (Bretanha) e na Irlanda, locais onde, à excepção de um caso duvidoso (Glomel-Bretanha), não aparecem associadas nem a enterramentos nem a povoados, tal como parece ser o caso das de Trás-os-Montes (Refira-se que as alabardas de tipo Montejicar e as de tipo El Argar se associam frequentemente a sepulturas individuais). Schubart (1973) e Ruiz Gálvez (1979) ligam-nas ao Horizonte de Montelavar no Noroeste da P. Ibérica, caracterizado pelo enterramento individual em cista (com ou sem tumulus), embora nos locais onde se associam realmente alabardas de tipo Carrapatas a armas "campaniformes", neste caso, punhais compridos, curtos e espadas— em Leiro (Coruña), Rodeiro (Ourense) e Pantoja (Toledo), sejam depósitos e nunca locais de enterramento. A cronologia absoluta de C14 calibrada não apoia o fasesamento curto da I. do Bronze baseado fundamentalmente na tipologia das armas, utensílios metálicos e adornos pessoais (e sua associação nalguns contextos) em conjugação com as sequências estratigráficas regionais. Deste modo, dado que nenhuma alabarda de tipo Carrapatas provém de contextos datados directamente ou mesmo estratigrafados, a cronologia dos grupos culturais com os quais se relacionam, 1ª Série de Túmulos Armoricanos, ou mesmo El Argar "A", situa-las-ia entre c. de 2200-1700 cal AC (LLULL et alii, 1992). Por sua vez, o Horizonte de Montelavar é datado de entre 2200-1900 cal AC (HARRISON, 1988). Esta cronologia precede, mas sobrepõe-se parcialmente também, aos contextos regionais que em Trás-os-Montes imitam padrões decorativos de formas e decorações campaniformes nas cerâmicas "penteadas" de Buraco da Pala, na bacia de Mirandela, (2800-2200 cal AC) (SANCHES et alii, 1993) e nas de Castelo de Aguiar, na bacia do Corgo (JORGE, S., 1986), (c. de 2500-1700 cal AC). Cabe referir aqui que o esconderijo das alabardas de Abreiro se situa na base de um monte com condições naturais de defesa, onde se implantou o povoado Cemitério dos Mouros. Este povoado foi muito destruído por uma pedreira, mas apresenta insipientes estruturas defensivas e um nível arqueológico datado de entre 2460-1950 cal AC (esc. inédita) Pode colocar-se assim a hipótese de as alabardas de Abreiro se poderem correlacionar cronológica e culturalmente com o povoado Cemitério dos Mouros, um povoado eminentemente agrícola (presença de cereais e com uma concentração assinalável de moinhos). A proximidade (relativa) do achado de Vale Bemfeito com uma cista do local de Lagares, que continha uma espiral de ouro (de 3 voltas) e fragmentos cerâmicos (todo o espólio desaparecido) (ALVES, 1975:684-5), não permite uma associação cultural directa. Porém testemunha a presença, em Trás-os-Montes, de enterramentos que se destacam por integrarem objectos de prestígio não só de âmbito ou tradição campaniforme — punhal e anel de osso na gruta Ferreiros, M. Douro (SANCHES, 1992)—, mas também de âmbito mais geral — espiral de ouro na cista de Lagares —, jóia cumulativamente comum aos contextos de âmbito atlântico, mas de tradição campaniforme, do Noroeste peninsular (Cista da Quinta da Água Branca, por ex.).

5.1.2. Apesar de não haver provas da exploração local de cobre, várias estações arqueológicas genericamente deste período (ou anteriores), da bacia do Tâmega/Corgo e do Tua, evidenciam artefactos relacionados com a metalurgia (cadinhos ou alcaravizes), o que torna tecnicamente possível, e provável, o fabrico local das alabardas transmontanas.

5.1.3. Contudo, a tecnologia como variável dependente, não determina, mas antes responde a exigências sociais. A diversidade tecnológica e tipológica pode ser vista, seg. K. KRISTIANSEN (1993:212) como indicadora do desenvolvimento de uma maior complexidade social, que passa a expressar-se de um modo mais claro em objectos formalmente bem definidos. No início deste processo, a imitação em metal de objectos de prestígio líticos, indica uma certa continuidade na tradição e na ideologia, ostentando os rituais comunitários, lado a lado, artefactos líticos tradicionais e metálicos. O aparecimento de armas metálicas— no caso das alabardas tecnicamente pouco eficazes como arma guerreira—, e que ao contrário dos utensílios metálicos não se relacionam directamente com a esfera da subsistência, pode ser interpretada como indicadora da emergência do poder social individualizado (JORGE, S. 1986), ligado a uma ideologia guerreira. Para a clarificação deste fenómeno em Trás-os-Montes, interessa atender à dinâmica regional no período imediatamente anterior ao aparecimento das alabardas de cobre. De um modo necessariamente sucinto, diríamos que esta região é marcada pela intensificação agrícola (B. da Pala e C. dos Mouros) e pela presença de vários centros cerimoniais (vários conjuntos com arte rupestre, onde se destaca a Serra de Passos/Sta Comba e o "santuário" de estelas antropomorfas do Cabeço da Mina em Vila Flor). As alianças— que se realizam na dependência de conjunturas locais, mas que dependem da capacidade de produzir excedentes com fins rituais (políticos)—, assim como as trocas à escala regional e eventualmente supra - regional, fazem destacar socialmente certos grupos de parentesco ou indivíduos e criam desde muito cedo uma alargada rede de contactos e alianças, susceptível de ser utilizada posteriormente de um modo mais eficaz, isto é., de ser monopolizada

por certas elites . A distribuição de alabardas de tipo Carrapatas, geograficamente alargada pelo Atlântico, mas que se exprime de modo mais visível arqueologicamente no Noroeste da P. Ibérica (e noroeste da Meseta) pode integrar-se ainda no seio dessa rede de contactos e alianças desenvolvidas de modo mais marcante a partir da 2ª metade do IIIº mil. a C.

Podemos considerar que a alabarda, como indicador do poder social individualizado e masculino, está patente no monolito antropomorfizado e fortemente armado da Longroiva (Meda) — com um punhal longo, uma alabarda de tipo Carrapatas e um arco. O que se passa nas estelas antropomorfas de tipo estremenho (Bueno Ramirez,1991) de Agallas e Los Santos (Salamanca) e ainda na de Hernan Perez IV(Cáceres) —onde à concepção escultórica original é acrescida uma alabarda de tipo Carrapatas— pode traduzir um fenómeno de alteração cultural e ideológica anterior (calcolítica) .Este fenómeno também está patente na Pedra de Tabuyo del Monte (Leon) e na Laje gravada com motivos de tradição calcolítica de Vale de Juncal (Mirandela) (SANCHES, 1992). Nesta, num segundo momento de gravação é desenhada também uma alabarda de tipo Carrapatas. Na Galiza, a enorme quantidade de gravuras, em penedos, de alabardas de tipo Carrapatas acompanhadas de outras armas (punhais e espadas curtas por ex. em Auga da Laxe-Gondomar) ou de temáticas características da arte do NW (covinhas, círculos concêntricos, etc. em Sta Lucia-Vincios) (Costas Goberna, et alii, 1984) documentam o mesmo fenómeno anterior e indicam que a adopção destas armas ou da sua carga ideológica se processou em diferentes contextos culturais.

SANCHES, M. J.

17
Alabardas Tipo Carrapatas
Alabarda (A)

Bronze Antigo, cerca de 2200-1700 a.C.
Arma
Vale Bemfeito, Macedo de Cavaleiros, Bragança
Achado fortuito em local mal determinado
Cobre arsenical (Cu 93,60%; As. 2,91%; Sn 0,10%; SiO2 0,06%; Pb vestígios; O e não dosados 3,33%)

Alabarda de tipo Carrapatas de lâmina triangular larga, a que falta somente a extremidade distal. A extremidade proximal ou zona de acabamento, no prolongamento da lâmina, tem contorno triangular (de ângulos arredondados) e possui 3 orifícios para rebites. A lâmina é provida de um espesso reforço ou veio longitudinal, seguido de ambos os lados por canelures que acompanham o fio da folha metálica.

325 x 124 mm
Museu do Abade de Baçal
Sanches, M. J.

Alabarda (B)

Bronze Antigo, cerca de 2200-1700 a.C.
Arma
Achado fortuito em local mal determinado
Vale Bemfeito, Macedo de Cavaleiros, Bragança
Cobre arsenical (Cu 94,57%; As. 3,29%; SiO2 0,40%; Pb 0,048%; O e não dosados 1,69%)

Alabarda de tipo Carrapatas de lâmina triangular larga, a que falta somente a extremidade distal. A extremidade proximal ou zona de acabamento, no prolongamento da lâmina, tem contorno triangular (de ângulos arredondados) e possui 3 orifícios para rebites. A lâmina é provida de um espesso reforço ou veio longitudinal, seguido de ambos os lados, por canelures que acompanham o fio da folha metálica.

290 x 112 mm
Museu do Abade de Baçal
Sanches, M. J.

Alabarda (C)

Bronze Antigo, cerca de 2200 - 1700 a. C.
Arma
Achado fortuito em local mal determinado
Vale Bemfeito, Macedo de Cavaleiros, Bragança
Cobre (possivelmente arsenical)

Alabarda de tipo Carrapatas de lâmina triangular larga. A extremidade proximal ou zona de acabamento, no prolongamento da lâmina, tem contorno triangular (de ângulos arredondados) e possui 3 orifícios para rebites. A lâmina é provida de um espesso reforço ou veio longitudinal, seguido de ambos os lados, por canelures que acompanham o fio da folha metálica.

272 x 85 mm
Museu do Abade de Baçal
Sanches, M. J.

Alabarda (D)

Bronze Antigo, cerca de 2200-1700 a.C.
Arma
Achado fortuito em local mal determinado
Vale Bemfeito, Macedo de Cavaleiros, Bragança
Cobre (possivelmente arsenical)

Alabarda de tipo Carrapatas de lâmina triangular larga. A extremidade proximal ou zona de acabamento, no prolongamento da lâmina, tem contorno triangular (de ângulos arredondados) e possui 3 orifícios para rebites. A lâmina é provida de um espesso reforço ou veio longitudinal, seguido de ambos os lados, por canelures que acompanham o fio da folha metálica.

256 x 90 mm
Museu do Abade de Baçal
Sanches, M. J.

Alabarda (A)

Bronze Antigo, cerca de 2200-1700 a.C.
Arma
Achado fortuito na base do Monte Cemitério dos Mouros (possível esconderijo ou depósito)
Abreiro, Mirandela, Bragança
Cobre arsenical (Cu 93,86%; As. 1,8%; Sílico 0,11%; O e não doseados 4,8%)

Grande fragmento de alabarda de tipo Carrapatas, com lâmina triangular larga e possivelmente de extremidade arredondada. Falta ainda quase toda a zona de acabamento. A lâmina é provida de um espesso reforço ou veio longitudinal, seguido de ambos os lados, por canelures que acompanham o fio da folha metálica.

250 x 73 mm
Museu do Abade de Baçal
Sanches, M. J.

Alabarda (B)

Bronze Antigo, cerca de 2200-1700 a.C.
Arma
Achado fortuito na base do Monte Cemitério dos Mouros (possível esconderijo ou depósito)
Abreiro, Mirandela, Bragança
Cobre (possivelmente arsenical.)

Grande fragmento de alabarda de tipo Carrapatas, com lâmina triangular larga e possivelmente de extremidade arredondada. Falta ainda a zona de acabamento. A lâmina é provida de um espesso reforço ou veio longitudinal, seguido de ambos os lados, por canelures que acompanham o fio da folha metálica.

220 x 80 mm
Museu do Abade de Baçal
Sanches, M. J.

Alabarda

Bronze Antigo, cerca de 2200-1700 a.C.
Arma
Alto das Pereiras, Vinioso, Bragança
Cobre arsenical (Cu 95,078%; As. 4,9%; Ag 0,019%; Bi 0,0025%)

Alabarda de tipo Carrapatas, de lâmina triangular larga com a extremidade distal arredondada. A extremidade proximal ou zona de acabamento, no prolongamento da lâmina, tem contorno triangular (de ângulos arredondados) e possui 3 orifícios para rebites. A lâmina é provida de um espesso reforço ou veio longitudinal, seguido de ambos os lados, por canelures que acompanham o fio da folha metálica.

290 x 100 mm
Instituto Geológico e Mineiro
Sanches, M. J.

18
Espada de Fornos de Algodres

Bronze Antigo, 2250-1650/1600 a.C.
Arma
Pinhal de Melos, Viseu
Cobre arsenical (Cu 95,882%; As. 4,1%; Ag 0,016%; Bi < 0,001%; Fe <0,001%)

Espada de lingueta não demasiado desenvolvida, de tradição campaniforme (lingueta), sem rebites e com a folha ligeiramente pentifórme. Pode ser considerada uma arma atlântica, ligada a uma metalurgia com afinidades em ambos os lados do Canal da Mancha, no Bronze Antigo pleno.

560 x 90 mm
Associação dos Arqueólogos Portugueses
Sanches, M. J.

19
Espada de S. Bartolomeu do Mar

Bronze Antigo, 2250-1650/1600 a.C.
Arma
S. Bartolomeu do Mar, Esposende, Braga
Cobre arsenical (Cu 96,565%; As. 3,05%; Sn 0,031%; Ni 0,341%; Ag. <0,01%; Bi <0,004%)

Espada de lingueta larga, de tipo "punho-adagas", com orifícios para rebites, dispostos em semicírculo, actualmente fracturados. Tem secção lenticular. Pode ser considerada uma arma de filiação atlântica, ligada a uma metalurgia com afinidades em ambos os lados do Canal da Mancha, no Bronze Antigo.

440 x l. lingueta 64 x l. folha 58 mm
Museu Pio XII
Sanches, M. J.

20
Espada de Castelo Bom

Bronze Antigo/Médio, cerca de 1600/1200 a.C.
Arma
Castelo Bom, Almeida, Guarda
Achado fortuito numa pedreira
Bronze

Espada de folha muito estreita ou estoque do tipo 2C de Almagro Gorbea e considerada uma forma evolucionada de espada "argárica" segundo uns autores, ou simplesmente uma espada estilizada com nervo central (sem influência meridional). Tem lingueta curta e larga, com cinco orifícios para acabamento.
A folha é comprida, provida de aresta central e de secção losângica. Apresenta marcas superficiais que podem derivar do embainhamento. A folha encontra-se soldada, pois foi partida aquando do achado. É considerada um dos expoentes da metalurgia ibérica no Bronze Médio.

706 x l. lingueta 55 x l. folha 48 mm; e. 5mm; 700 g.
Museu da Guarda
Sanches, M. J.

21
Punhais de rebites

Bronze Antigo
Armas

Punhal

Herdade de Corte Margarida, Ajustrel, Beja
Bronze

Pequeno punhal de folha triangular. Chanfraduras laterais. Área de encabamento curta e de contorno arredondado. Três perfurações. Conserva um rebite.

67 x 25 mm

Punhal

Vale d'Oro, Pragança
Bronze

Punhal curto, de folha subtriangular e ponta arredondada. Zona de encabamento subplana. Tem duas perfurações e dois rebites.

105 x 32 mm

Punhal

Reguengos de Monsaraz, Évora
Bronze

Punhal de folha triangular. Área de encabamento arredondada com três perfurações.

260 x 370 mm

Punhal

Prov. desconhecida
Bronze

Punhal de folha triangular longa. Área de encabamento triangular com três perfurações. Mantém os dois rebites laterais.

315 x 47 mm
Museu Nacional de Arqueologia

22
Fíbula dos Alegrios

Bronze Final
Objecto utilitário
Povoado dos Alegrios,
Monsanto, Idanha-a-Nova, Castelo Branco
Bronze

Fíbula de arco acotovelado e mola bilateral assimétrica.

405 x 390 mm
Bibl.: Vilaça, R., 1994
Vilaça, R.

23
Espetos de Alvaiázere (2)

Bronze Antigo
Objecto ritual
Serra de Alvaiázere, Leiria
Bronze fundido

Espeto de secção quadrangular, com cabo incompleto mas de secção circular. Ponta aguçada. Suporte em forma de ferradura mas deformado. Topo incompleto.

705 x 80 x 60 mm

Espeto de secção rectangular, ponta aguçada, cabo que termina em anel. Suporte em forma de ferradura com um elemento zoomórfico no topo.

705 x 115 x 60 mm
Museu Nacional de Arqueologia

24
Espeto de Cachouça

Bronze Final
Objecto ritual
Povoado de Cachouça,
Idanha-a-Nova, Castelo Branco
Bronze

Fragmento de haste ligeiramente arqueado com secção rectangular. Fragmento de punho, articulado e nervurado, com secção circular. Na parte superior encontra-se um pequeno quadrúpede estilizado, sem cabeça, talvez um cervídeo; as patas convergem entre si.
Recolhido superficialmente em prospecções realizadas em 1990, o espeto articulado da Cachouça é, sem dúvida, uma das peças metálicas mais importantes do Bronze Final da Beira Interior.
O sítio da Cachouça corresponde a uma área planáltica, rematada em esporão, sobranceira ao rio Torto. O acesso é muito fácil no sentido poente, mas não nos outros. Pertence à freguesia e concelho de Idanha-a-Nova, distrito de Castelo Branco.
Na sequência deste achado foram iniciadas escavações, ainda em curso, da responsabilidade da autora e de Ana Cristina Farinha.
O espeto da Cachouça, cujo estudo técnico-morfológico foi já divulgado (Vilaça, R., 1990, "Broche à rotir articulée de Cachouça, Idanha-a-Nova, Castelo Branco, Portugal", Bulletin de la Société Préhistorique Française, t.87 (6), p.167-169), insere-se numa panóplia de artefactos de indiscutível significado sócio-simbólico. Acredita-se que seriam utilizados em banquetes festivos e refeições rituais, de índole funerária ou não. Os espetos são, além disso, um dos tipos mais cosmopolitas que podemos encontrar de um lado ao outro do Mediterrâneo e, daqui, ao Atlântico Norte. Como expressão material de uma mesma forma de linguagem simbólica, comum às élites do Bronze Final, o espeto da Cachouça testemunha, por isso, a plena integração desta região do Ocidente peninsular no espírito internacionalista da época.

haste: 199 x 6; punho 64 mm
Bibl.: Vilaça, R., 1994
Vilaça, R.

25
Foices (2)

Bronze Final
Objecto utilitário
Mértola, Beja
Bronze

Pequena lâmina de foice curva. Gume desgastado. Folha apresentando 4 canelures fundas e verticais, paralelas à lâmina, na face externa. Face interna lisa. Encabamento achatado, perpendicular à lâmina de contorno irregular.

95 x 33 mm

Pequena lâmina de foice em mau estado de conservação. Folha subtriangular muito desgastada. Vestígios de duas canelures fundas correndo paralelamente à folha ligeiramente recurvada, na face externa. Face interna lisa. Encabamento plano, irregular, perpendicular à lâmina.

100 x 30 mm
Museu Nacional de Arqueologia

26
Ponta de lança

Bronze Final
Arma
Veiros, Estremoz, Évora
Bronze

Folha subtriangular com gumes arredondados na parte superior. Apresenta alvado tronco-cónico e ribete transversal.

264 x 50 mm
Museu Nacional de Arqueologia

27
Machado

Bronze Final
Objecto utilitário
Pisões, Castro Verde, Beja
Bronze

Machado de apêndices laterais – corpo subretangular espatulado. Gume simétrico. Talão plano, ligeiramente arredondado.

190 x 27 mm
Museu Nacional de Arqueologia

28
Foice

Bronze Final
Objecto utilitário
Herdade de Sobral da Várzea, Santiago do Cacém, Setúbal
Bronze

Foice de folha subtriangular larga, apresentando na face externa 2 canelures fundas que correm paralelamente à lâmina.Extremidade fracturada. Zona de encabamento plana. Face interna lisa.

14.5 x 55 mm
Museu Nacional de Arqueologia

29
Espadas de Safara

Bronze Final
Arma
Safara, Moura, Beja
Bronze

Espada pistiforme de bordos paralelos, com duas nervuras paralelas simples. Fracturada na ponta.

710 x 48 x 9 mm

Espada

Bronze Final
Arma
Safara, Moura, Beja
Bronze

Espada pistiforme de bordos paralelos, com duas nervuras paralelas simples.

665 x 51 x 64 mm
Museu Nacional de Arqueologia

30
Espadas de Évora

Bronze Final
Arma
Évora
Bronze

Espada pistiforme ou em língua de carpa, com nervuras paralelas múltiplas. Fracturada na ponta.

605 x 70 x 80 mm

Espada

Bronze Final
Arma
Évora
Bronze

Espada pistiforme ou em língua de carpa, com nervuras paralelas múltiplas. Encontra-se dobrada e partida (intencionalmente).

335 x 65 x 8 mm
Museu Nacional de Arqueologia

Ocupação Campaniforme do Povoado de Montes Claros

O povoado pré-histórico de Montes Claros foi descoberto em Abril de 1943 por Leonel Ribeiro, na sequência da abertura de arruamentos do Parque Florestal de Monsanto.

Reconhecida a importância dos achados, os trabalhos arqueológicos iniciaram-se no ano seguinte, tendo o espólio recolhido ao Museu da Cidade de Lisboa (JALHAY et al., 1945).

A segunda campanha de escavações decorreu em Abril de 1946. Nela se reconheceu distribuição diferenciada do espólio lítico e cerâmico, confirmando observações realizadas anteriormente. Com efeito, enquanto numa zona se concentravam abundantes cerâmicas campaniformes, em outra, correspondente à parte ocidental da estação, abundavam cerâmicas de tipologia neolítica (JALHAY e PAÇO, 1948). Não obstante os elementos apontarem no sentido de duas ocupações sucessivas, evidenciadas pela tipologia do espólio e respectiva estratigrafia horizontal, esta conclusão foi apenas vislumbrada, como se comprova pela declaração de um dos escavadores: "Adivinha-se ali a existência de um fundo pré-campaniforme" (PAÇO e BARTHOLO, 1961, p. 232). Outra observação a reter é a da existência, na "zona campaniforme" de camada de cinzas de mais de um decímetro de espessura, "sinal certo de ali terem existido fundos de cabana" (JALHAY e PAÇO, 1948, p. 52).

Justificavam-se, deste modo, novos trabalhos de escavação, que viessem a confirmar tais observações, bem como a cabal integração cultural da ocupação pré-campaniforme. Trabalhos de ampliação de uma cavalariça da Câmara Municipal de Lisboa, vieram viabilizar tal intervenção, efectuada a pedido e com o apoio da Administração do Parque Florestal de Monsanto (Câmara Municipal de Lisboa) e realizada sob orientação do autor, em Setembro de 1988.

Os resultados vieram a demonstrar a presença de uma ocupação puramente neolítica da área escavada (CARREIRA e CARDOSO, 1995), separada de uma outra onde eram exclusivos materiais campaniformes (CARDOSO e CARREIRA, no prelo).

Foram, com efeito, as cerâmicas campaniformes que celebrizaram Montes Claros, até agora o povoado que maior abundância de tais elementos forneceu no território português.

As decorações incisas são quase exclusivas, definindo conjunto coerente e homogéneo.

Estão presentes diversos tipos de recipientes, desde as grandes "garrafas" decoradas no bojo, às taças de tipo Palmela, passando por vasos campaniformes, caçoilas e taças hemisféricas.

Tal como já tinha sido observado (JALHAY e PAÇO, 1948), além das pastas médias ou mesmo grosseiras, com elementos não plásticos ultrapassando 4 mm, ocorrem pastas muito depuradas, que lembram as das cerâmicas da I Idade do Ferro da região (CARDOSO, 1990). Porém, as superfícies dos exemplares, mesmo as dos mais grosseiros, mostram-se muito bem alisadas e com a aplicação de uma aguada, tornando-as dificilmente diferenciáveis à superfície, dos exemplares de pastas mais finas.

Os elementos não plásticos predominantes são o quartzo, seguido dos feldspatos. As micas (moscovite) ocorrem raramente e sempre em pequenas proporções; o mesmo se verifica quanto aos minerais ferromagnesianos, ainda mais raros.

Predominam colorações superficiais negro-acastanhadas, seguidas pelas alaranjadas. Nestas últimas, os interiores são em geral anegrados, enquanto nas primeiras são idênticos às da face externa.

Integração cultural, cronologia

O agravamento do clima de tensão generalizada a que se assistiu no decurso do III milénio a. C., na região estremenha - a que alguém chamou de "guerra total" - encontra-se bem documentado em Leceia - o mais expressivo povoado calcolítico fortificado da região onde se integra Montes Claros - pelos constantes reforços do dispositivo defensivo observados (CARDOSO, 1989, 1994a), evidenciando o sobressalto e conflituosidade permanentes em que tais comunidades viviam. Tal situação conduziria ao colapso da estrutura social calcolítica, para o que contribuiria, também, o provável esgotamento do sistema produtivo agro-pastoril, devido à sobre-exploração dos recursos e solos em territórios cada vez mais circunscritos - devido ao aumento da concorrência inter-comunitária.

A nova ordem económico-social que se impôs, no final do Calcolítico, e com afirmação plena na Idade do Bronze, é corporizada pelo abandono quase generalizado dos antigos lugares calcolíticos fortificados. Em tal fase de transição se inscrevem as derradeiras cerâmicas campaniformes, do Grupo Inciso - o terceiro e mais recente da periodização de SOARES & SILVA (1974/77) - de que o conjunto de Montes Claros é o melhor representante.

Com efeito, a implantação do povoado de Montes Claros, em pequeno cabeço desprovido de condições defensivas e não fortificado, corresponde à situação mais comum de ocorrência de cerâmicas campaniformes incisas na área de Lisboa, documentando ocupação do território através de pequenos núcleos disseminados e abertos (CARDOSO, 1994a), embora provavelmente dependentes de outros, que, ao contrário de Leceia, continuam a ser ocupados na Idade do Bronze.

São exemplo dessa continuidade de povoamento o Zambujal e Vila Nova de S. Pedro, verdadeiros embriões dos grandes povoados fortificados ou implantados em lugares estratégicos, do Bronze médio e final que começam ser identificados na região, como o de Catujal - Loures (CARDOSO e CARREIRA, 1995; CARDOSO, 1994b). Assim sendo, a desarticulação da estrutura social calcolítica, que, aparentemente, conduziu ao retorno a formas de povoamento vigentes nesta mesma região no Neolítico antigo e médio, corresponderia, na realidade, ao aumento da hierarquização social, acompanhada da afirmação de um pequeno número de sítios fortificados, à escala regional, corporizando insensível transição para modelo de "chefaturas", plenamente afirmado no Bronze Final (ver texto do autor neste mesmo volume).

Cronologicamente, poderemos situar as cerâmicas campaniformes de Montes Claros no início do primeiro quartel do II milénio a. C., correspondentes ao Bronze Antigo na região, imediatamente anteriores da eclosão das cerâmicas do Bronze Pleno, tão bem representadas no povoado de altura do Catujal, onde datação radiocarbónica (ICEN - 843) deu o resultado, para intervalo de confiança de 95% (dois sigma), de 2028-1752 cal. a. C. (CARDOSO, 1994b).

CARDOSO, J.L.

31
Povoado de Montes Claros
Fragmentos cerâmicos de campaniforme

Calcolítico terminal/Bronze Antigo
Objectos utilitários
Povoado de Montes Claros, Lisboa
Barro cozido

Fragmento, conservando parte do bordo e do bojo, de grande vaso bojudo do tipo "garrafa", com decoração incisa de estilo campaniforme.

88 x 78 mm

Dois fragmentos de taça do tipo Palmela com decoração incisa e impressa, esta última obtida pela impressão de uma matriz circular na pasta mole.

76 x 49 mm; 58 x 56 mm

Fragmento de grande taça de tipo Palmela, com decoração incisa.

168 x 69 mm
Bibl.: Jalhay, E. e Paço, A. do, 1948
Museu da Cidade, Câmara Municipal de Lisboa.
Cardoso, J. L.

32
Povoado de Bouça do Frade
Vaso

Bronze Antigo
Objecto utilitário
Povoado de Bouça do Frade, Baião, Porto
Cerâmica

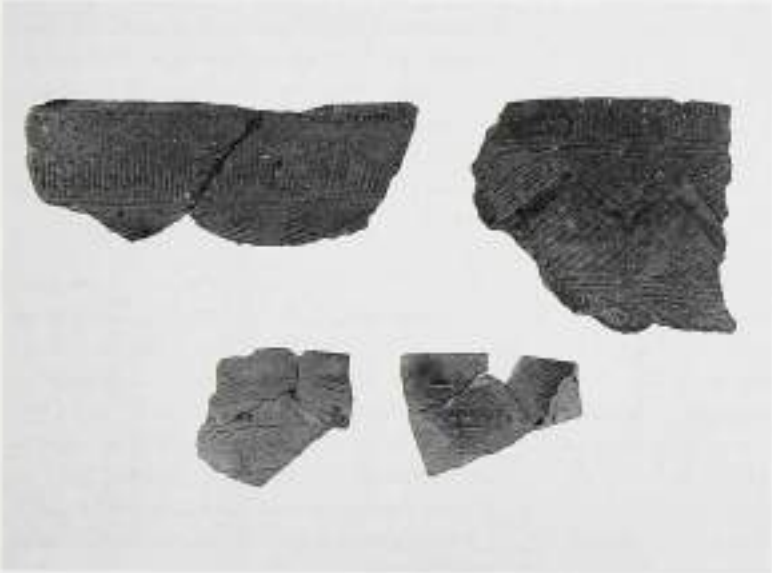
Pequeno vaso sub-cilíndico com ligeiro estrangulamento do colo e provável fundo plano convexo. Encontra-se decorado, do bordo até à base, através de três bandas horizontais que alternam com espaços reservados sem decoração. As referidas bandas são delimitadas por sulcos finos incisos e preenchidos por linhas reticuladas também incisas.

Vaso

Bronze Antigo
Objecto utilitário
Povoado de Bouça do Frade, Baião, Porto
Cerâmica

Parte superior de um vaso de perfil sinuoso na qual é visível um colo bem marcado do qual sai uma asa de promoção horizontal. A porção de vaso reconstituída é totalmente decorada através de uma estrutura compositiva complexa constituída por uma alternância de bandas horizontais incisas (preenchidas por um reticulado também inciso) e grinaldas realizadas com técnica de boquique.

Bibl.: Jorge, S. O., 1988a
Museu Municipal de Baião
Jorge, S. O.



Castelo Velho no Contexto da Pré-História Recente do Norte de Portugal

O povoado de Castelo Velho terá sido ocupado pela primeira vez durante a segunda metade do III° milénio a.C. (1ª metade do III° milénio a. C. cal.), tendo tido um momento auge da sua existência nos finais desse milénio. Durante esta segunda fase (Calcolítico Final do Norte de Portugal) foram construídas duas linhas de muralha, sendo sobretudo de destacar a muralha superior, a M1, que delimitava um recinto de dimensões reduzidas, ou área central proeminente. No interior deste reduto fortificado foram exumadas diversas estruturas pétreas, sendo de destacar uma grande torre central subcircular. Entre as áreas funcionais detectadas salientamos as relacionadas com as práticas da tecelagem, da moagem, e do armazenamento (de eventuais produtos de subsistência).

Algumas lareiras ou áreas de combustão de carácter doméstico parecem testemunhar a utilização do reduto fortificado como um eventual local de habitação. Pelas características enunciadas - estruturas e materiais encontrados no interior de um pequeno recinto fortificado, o qual sofreu transformações várias ao longo do tempo - cremos estar em presença de uma área predominantemente especializada no fabrico e/ou armazenagem de produtos relacionados quer com a subsistência, quer com outras necessidades quotidianas, como a do vestuário, por ex. Referimo-nos genericamente à produção de farinha, resultante, eventualmente, da moagem de cereais e respectivo armazenamento em estruturas pétreas ou em grandes vasos, e, ainda, à produção de tecidos (no sentido mais amplo desta palavra) em teares verticais. Um desses teares, se atendermos ao número de pesos descobertos in situ, poderá ter constituído um dispositivo relativamente evolucionado.

A área escavada até ao momento no exterior do reduto central, sobretudo a oeste, entre a M1 e a M2, não revelou, durante a ocupação calcolítica, estruturas de vulto. Contudo, tal poderá dever-se ao grau de destruição do povoado neste sector. De facto, cremos que a atribuir-se uma função especializada à área delimitada pela M1, teremos de procurar a verdadeira zona habitada do povoado no exterior desta muralha, sobretudo entre esta e a M2. Esta última pode ter funcionado como um simples "muro-te" (talvez espacialmente descontínuo) para contenção de sedimentos e estruturas, delimitador da área envolvente do sector "nobre" do povoado. Mesmo assim, a superfície total definida por este duplo dispositivo de muros, não excede, grosso modo, 0,15 ha., o que significa que a área referida não albergaria, certamente, mais de umas 50 pessoas.

Infelizmente, a destruição levada a cabo nas intervenções do habitat para implantação de eucaliptos, impede-nos definitivamente de saber qual a extensão original do mesmo.

Durante a primeira metade do II° milénio a.C. (finais do III°/inícios do II° milénio a. C. cal.) sabemos que o povoado se encontrava ocupado por uma comunidade que, numa primeira fase, reutilizou as estruturas anteriores. Reutilizou-as, mas redefiniu-lhes algumas funções vitais: duas das entradas da muralha superior foram fechadas, assim como algumas estruturas pétreas do recinto fortificado. Por outro lado, as muralhas da fase anterior parecem ter sido "recuperadas" mais como "muros" delimitadores de novos espaços, do que como eventuais estruturas defensivas.

Finalmente, a torre central parece ter continuado a apresentar uma função polarizadora do recinto superior, se atendermos à reconstrução da respectiva entrada, e ainda à existência de vestígios de estruturas adossadas a ela, em todo o seu perímetro.

Sobre esta terceira ocupação gostaríamos de salientar os seguintes aspectos:

a) Não possuímos até à data elementos seguros para caracterizar a específica funcionalidade do reduto central e das zonas adjacentes entre a M1 e a M2;

b) A análise dos materiais arqueológicos inseridos na camada 2 revela-nos uma permanência da tradição local ao nível das cerâmicas comuns. Na verdade, durante este período, a par da emergência de novos tipos cerâmicos, característicos da Idade do Bronze do Norte de Portugal (vasos com cordões, mamilos ou medalhões, ou ainda recipientes de "tipo Cogeces") persistem recipientes decorados com impressões penteadas, na linha da anterior ocupação calcolítica;

c) Dada esta sobrevivência ao nível da cerâmica comum, a reutilização sem remodelações de fundo das principais estruturas calcolíticas (à excepção do fecho de duas entradas da M1) e o não reconhecimento de qualquer hiato na estratigrafia entre a camada 5 e a camada 2, somos levados a supor que a última ocupação se verificou em continuidade com a anterior, ou seja, o povoado calcolítico terá continuado a ser (permanentemente?) ocupado durante a primeira metade do II° milénio a.C., tendo sido respeitados nesta fase os principais espaços definidos anteriormente pelas muralhas e torre central. Quaisquer que tenham sido as mudanças ou permanências operadas no interior desses espaços durante o II° milénio a.C., a verdade é que o povoado parece ter mantido ao longo de quase um milénio a sua concepção arquitectónica globalmente intacta.

A história da vida deste povoado requer que seja desenvolvido um amplo programa de análises sobre os testemunhos detectados no seu interior. Destaque-se, nomeadamente, a necessidade de se proceder à análise de distribuição espacial dos materiais, em conexão com o estudo da proveniência de algumas matérias-primas exteriores ao local e à região. Por outro lado, as análises relativas à determinação das espécies animais e vegetais serão fundamentais para ajudar a definir o padrão de comportamento económico e social das populações que habitaram este sítio no III° e no II° milénios a.C. Neste capítulo, o estudo "interno" do povoado, estamos somente no início das investigações. Mas, como é sabido, por mais exaustiva que seja a pesquisa virada para um local específico, ela nunca poderá atingir os seus objectivos se não for acompanhada de um plano de investigações a nível regional. Ora, o povoado de Castelo Velho encontra-se numa área praticamente desconhecida do ponto de vista do seu enquadramento pré-histórico. Neste sentido, a compreensão global deste povoado encontra-se absolutamente dependente de um programa paralelo de prospecções e escavações na zona, que nos permita iluminar a sua importância a nível regional, nos vários períodos em que foi ocupado.

O povoado de Castelo Velho revela um conjunto apreciável de novidades da Pré-história Recente do Norte de Portugal e até mesmo do Noroeste peninsular. Enunciemos as mais significativas.

1) Trata-se de um povoado fortificado que remonta ao Calcolítico Final regional. No Norte de Portugal é quase desconhecido este tipo de povoados datados de época calcolítica. O único habitat provavelmente fortificado, no qual foi praticada uma pequena escavação, é o de S. Lourenço, em Chaves, tendo revelado, no entanto, uma arquitectura bastante distinta da de Castelo Velho. Outros povoados como o de Castanheiro do Vento (Horta do Douro, V.ª N.ª de Foz Côa) ou o do Crasto (Palheiros, Murça), que podem conter dispositivos defensivos desta fase, nunca foram intervencionados. Na vizinha província de Zamora encontra-se em curso de escavação o povoado calcolítico de El Pedroso. Deste modo,

com o estudo de Castelo Velho de Freixo de Numão amplia-se a lista de fortificações calcolíticas identificadas no Norte da Península, nomeadamente as conectadas com a bacia do Douro.

2) Trata-se também de um povoado aparentemente especializado em tarefas produtivas decorrentes de um processo mais amplo de intensificação económica. A produção e armazenagem de cereais e leguminosas encontra-se testemunhada no Norte de Portugal na última ocupação do abrigo do Buraco da Pala (Mirandela) que, aliás, é contemporânea da segunda ocupação calcolítica de Castelo Velho. Indirectamente, é também possível reconhecer um incremento da produção agro-pastoril nas últimas ocupações calcolíticas dos povoados da Vinha da Soutilha, Pastoria, S. Lourenço e Castelo de Aguiar.

3) Contudo, a maior novidade de Castelo Velho radica numa concepção do espaço doméstico até agora desconhecida nesta região. Pela primeira vez o registo arqueológico revelou uma área onde se concentram estruturas pétreas de vários tipos e dimensões que parecem poder relacionar-se com a armazenagem, eventualmente de produtos alimentares, num espaço "reservado", real e simbolicamente protegido. Constitui pois uma área que foi "monumentalizada", contendo estruturas duráveis em pedra, e que parece apontar para uma organização social de carácter evolucionado, cujos contornos ainda são difíceis de definir. De facto, o controlo do trabalho e da tecnologia necessários na edificação deste povoado, como na manutenção de todas as estruturas e actividades ali processadas, ao longo de um tão grande período de tempo, pressupõe a existência de uma liderança forte e estável. Por outro lado, a construção de um povoado segundo um modelo arquitectónico prestigiante, que parece repetir, em determinados aspectos, características supra-regionais, sugere a vontade de ostentar um certo tipo de poder inerente a sociedade hierarquizadas.

4) Finalmente, a construção deste pequeno dispositivo defensivo permite-nos supor a existência, na região, de uma rede hierárquica de povoamento. Castelo Velho poderia constituir um local particularmente vocacionado para a armazenagem e transformação de produtos locais, produtos esses que eventualmente seriam destinados ao consumo e intercâmbio regionais.

A complexificação social evidenciada em Castelo velho é ainda entensível a outros aspectos da sua cultura material. Os artefactos de cobre descobertos durante a segunda ocupação indiciam intercâmbios supra-regionais de objectos de prestígio que se enquadram na necessidade de consolidação das lideranças atrás referidas.

Aliás, Castelo Velho localiza-se numa região charneira entre a Beira Alta e Trás-os-Montes, nas proximidades de outros locais globalmente contemporâneos, que também forneceram testemunhos de intensificação económica e complexidade social: temos os exemplos dos abrigos da Serra de Passos, nomeadamente o Buraco da Pala (Mirandela) e ainda o importante "santuário" com estelas antropomórficas do Cabeço da Mina (Vila Flor), ainda inédito. Parece, aliás, que toda esta área de Trás-os-Montes e Alto Douro que integra a bacia de Mirandela, o vale da Vilariça (a norte do Douro) e certas áreas do baixo Côa e outros afluentes da margem esquerda do Douro (a sul deste rio) terá constituído no Calcolítico um foco inovador que importa futuramente investigar no seu conjunto.

O povoado de Castelo Velho continuou a ser ocupado ao longo da 1ª metade do IIº milénio a.C. Apesar da pouca informação disponível, é possível destacar dois aspectos:

a) Existem indícios, por enquanto ténues (sobretudo ao nível da fauna doméstica - estudos do Prof. Telles Antunes, da U.N.L.) de um possível incremento da actividade agro-pastoril. Paradoxalmente, o registo arqueológico não captou ainda suficientemente eventuais transformações operadas no espaço doméstico neste período. Por outro lado, a prospecção arqueológica na região atesta a presença de um número significativo de povoados com materiais afins aos da camada 2 de Castelo Velho. De referir a presença numa zona não muito distante deste último povoado da famosa estela de Longroiva (Meda) atribuída ao Bronze Inicial regional.

b) A presença da cerâmica de "tipo Cogeces" revela a inclusão do povoado de Castelo Velho na órbita de amplas interacções que articularam a Meseta Norte e o Noroeste peninsular a partir, pelo menos, de meados do IIº milénio a.C. Na verdade, começam agora a ser identificados inúmeros povoados localizados na área do Alto Douro português que revelaram cerâmicas do âmbito "Cogeces-Cogotas I". Tais cerâmicas poderão indicar mecanismos de procura e troca de produtos vários (nomeadamente o metal) entre o Centro da Península e núcleos ocidentais produtores de estanho e cobre.

Quaisquer que tenham sido as múltiplas causas que determinaram a ocorrência desta cerâmica em Castelo Velho, cremos que a sua presença ajuda a articular a última fase deste povoado com uma esfera mais abrangente de interacções supra-regionais do que as observadas durante o IIIº milénio a.C.

JORGE, S. O.

33
Povoado do Castelo Velho
Fragmento cerâmico

Bronze Antigo
Objecto utilitário
Povoado do Castelo Velho, Freixo de Numão, V. N. de Foz Côa
Cerâmica

Taça muito aberta de tipo Cogeces de que apenas se conhece o bordo. Este é decorado em ambas as faces, a face interna é decorada através duma banda horizontal constituída por linhas quebradas verticais incisas alternadas com puncionamentos verticais e pentachido por linhas verticais incisas. A face externa é decorada através de uma banda horizontal constituída por linhas quebradas incisas. É de salientar também a existência dum espaço metopado composto por linhas verticais incisas que interrompe a referida banda horizontal. O bordo exerce uma pequena perfuração original de tipo grampo.

Bibl.: Jorge, S. O. 1983
Jorge, S. O.

34
Povoado do Zambujal
Taça cerâmica

Bronze Antigo
Objecto utilitário
Povoado do Zambujal, Torres Vedras, Lisboa
Cerâmica

Pequena taça campaniforme.

Ø x d.m. 130 mm

Vaso

Bronze Antigo
Objecto utilitário
Povoado do Zambujal, Torres Vedras, Lisboa
Cerâmica

Vaso de cerâmica lisa, de forma sub-troncocónica.

83 x d.m. 190mm

Taça

Bronze Antigo
Objecto utilitário
Povoado do Zambujal, Torres Vedras, Lisboa
Cerâmica

Grande taça carenada de cerâmica lisa.

83 x d.m. 190mm

Ponta de seta

Bronze Antigo
Arma
Povoado do Zambujal, Torres Vedras, Lisboa
Cobre arsenical?

Ponta de seta de tipo Pragança.

50 x 15mm
Museu Municipal de Torres Vedras

O Povoado de S. Julião (Vila Verde-Braga)

Localização e enquadramento físico

S. Julião estende-se por terrenos baldio das freguesias de Coucieiro e Ponte de S. Vicente, concelho de Vila Verde, distrito de Braga.

Situado na crista de um maciço montanhoso orientado no sentido NE/SO, contraforte da serra Amarela, o povoado desenvolve-se na margem direita do rios Homem e Cávado, em posição dominante na paisagem.

A sua localização topográfica permite boas condições naturais de visibilidade e defesa, o domínio dos vales agrícolas e das zona de montanha.

Segundo a Carta Militar de Portugal., folha nº 42, esc. 1/25 000 apresenta as seguintes coordenadas geográficas: 41 41' 15" de Lat. Norte; 0 41' 14"de Long. Oeste, a uma alt. máx. de 297m.

Conhecimentos

Conhecido desde o século passado, a estação foi objecto de várias intervenções arqueológicas; as primeiras iniciaram-se em 1930, embora o seu estudo sistemático só tenha começado a partir de 1981, por iniciativa da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.

As escavações recentes demonstraram que o povoado foi ocupado durante pelo menos 1 300 anos, sem interrupção, ou seja, desde os últimos séculos do IIº milénio a.C. até aos primeiros séculos do Iº milénio d. C., período que corresponde a comunidades da Idade do Bronze, da Idade do Ferro e dos primeiros séculos da nossa era.

A primeira ocupação de S. Julião associa-se a vestígios arqueológicos, descontextualizados, encontrados na parte mais elevada do monte. Correspondem a um conjunto de cerâmicas, profusamente decoradas com incisões, e a uma ponta de seta de base plana, datáveis relativamente, do IIIº milénio a.C..

Estratigraficamente comprovada está a ocupação dos finais da Idade do Bronze, datada, por radiocarbono, dos séc. XII/XI até ao séc. VIII. a.C.. Documenta-se na plataforma superior do monte, muralhada logo no início da ocupação, e na área contígua. Parece corresponder a um período de grande intensificação económica corroborada por vestígios de uma intensa actividade antrópica da área circundante, provavelmente relacionada com uma agricultura rotativa de cereais e leguminosas e com a criação de gado ovino, entre outras espécies não identificáveis devido à fragmentação dos dados recolhidos. A recolecção é ainda um complemento importante da economia, comprovada pela descoberta de inúmeras bolotas e frutos selvagens como a péra e talvez as uvas. A industria artesanal documenta-se no fabrico da maioria da olaria local, nos objectos líticos, na tecelagem, através dos pesos de tear e nos parcos testemunhos da metalurgia do bronze. Inscreviam-se numa vasta rede de trocas de conhecimentos, pessoas e bens, a nível regional e supra-regional, com áreas de influência atlântica e mediterrânica, favorecidos pela excelente posição estratégica em relação aos corredores naturais de circulação Norte-Sul e Oeste-Este, que deveriam constituir os vales do Homem e do Cávado, respectivamente. A existência de uma elite integradora de um território de exploração físico e simbólico e controladora de meios de produção, habitando o povoado, poderia argumentar-se pela presença de objectos raros ou exóticos. Entrariam neste contexto as peças únicas, em cerâmica, como o vaso geminado e o prato, as contas de vidro, os punhais tipo "Porto de Mós", os machados, a ponta de lança e o caldeiro de rebites, em bronze, a pequena falcata ou foicinha, em ferro, a grande quantidade de louça fina, normalmente em forma de taças carenadas e as cerâmicas de tipo Baiões. A construção de uma muralha e de um fosso, surgiria, assim, como manifestação "sinalizadora" de afirmação espacial ou como "mensagem intelegível" de poder, a ser compreendida por terceiros.

No interior da zona muralhada documentam-se estruturas "domésticas" de forma circular, construídas em materiais perecíveis com pisos de saibro, por vezes rodeados de pedras pousadas directamente no solo. Algumas lareiras construídas no interior das cabanas, foram protegidas por um lajeado de pedras, permitindo uma maior impermiabilização da zona. É conhecida também uma grande estrutura de combustão, em forma de covacho, com pequenas pedras no seu interior e uma fossa, escavada no saibro, e delimitada por pedras, cuja funcionalidade não está determinada.

Fundos lajeados, circulares, preenchidos por saibro nos interstícios das pedras, com buraco de poste central e abertura voltada a Sudeste, associam-se a um grande número de pequenos moinhos e fazem-nos considerá-los como pertencentes a estruturas-celeiro.

A zona contígua à plataforma superior foi igualmente ocupada como espaço "doméstico" e provavelmente sepulcral, onde fundos de cabanas em saibro, semelhantes às detectadas no recinto muralhado, fossas e outras estruturas, de difícil interpretação, ainda estão em fase de estudo.A cultura material móvel é essencialmente cerâmica e lítica. As louças, todas de fabrico manual, são predominantemente lisas embora apareçam incisões e impressões de dedadas sobre os bordos e as panças, ao lado de decorações de tipo Baiões. Os mamilos são muito raros, bem como os brunidos em bandas verticais. As formas caracterizam-se essencialmente pela presença maoritária de potes de grande e média dimensão, de fabrico grossseiro, por potinhos e púcaros de vários tipos de fabrico e por taças carenadas em pastas geralmente finas. Constituem formas de excepção um possível vaso troncocónico e as malgas que poderão representar reminiscências de louça arcaizante, bem como as urnas, o prato e o vaso geminado, cuja raridade e destribuição espacial poderão indiciar áreas especializadas no interior do povoado. O material lítico é lascado e polido. Conhecem-se objectos talhados sobre lascas, em vários tipos de rocha e sobre seixos. A presença de lascas residuais e de núcleos demonstra fabrico local. Os objectos polidos são essencialmente moinhos, polidores e machados. Durante o séc. VIII a. C. (finais do VII, inícios do VI a.C.) começam a introduzir-se, de forma mais sistemática, algumas alterações na cultura material móvel, expressas no aparecimento de alguns objectos de ferro, que cremos de importação, (um pequeno punhal? e um machado), embora se notem os primeiros indícios do trabalho do ferro. A utilização crescente de moscovites e biotites no fabrico da cerâmica, constitui uma outra das alteração manifestada. As estruturas habitacionais não se distinguem das anteriores e não parecem existir transformações socio-económicas, pelo menos visíveis no registo arqueológico. Tais factos sugerem uma grande continuidade entre o Bronze Final e o que vulgarmente se designa por Ferro Inicial. Este processo de "mudança", na "continuidade", é lento e gradual e testemunha-se pela existência de uma camada arqueológica, bem delimitada e selada por um pavimento, num dos cortes deste povoado.

Em datas posteriores ao séc. VIII a.C. o povoado atinge um grande desenvolvimento, manifestado pelo alargamento da área reservada ao

espaço doméstico e por investimentos construtivos de grande monumentalidade, cuja explicação poderá encontrar-se numa franca prosperidade económica e numa maior complexificação social.

A partir de meados do sec. I, o povoado reorganiza-se, tendo sido ocupado até, pelo menos, ao sec. III d. C.

Problemas

Estão ainda por explicar os mecanismos que contribuiram para a crescente estabilidade do povoado durante vários séculos, a sua evolução interna e as relações de interacção com a rede de povoamento local e regional, nos diferentes períodos de ocupação, motivo pelo qual a escavação do povoado se insere num projecto de investigação que estuda o povoamento desde o II° milénio até aos meados do I° milénio A. C.

Bettencourt, A. M.

35
Povoado de S. Julião
Contas de colar

Bronze Final
Objecto de adorno
Povoado de S. Julião, Vila Verde, Braga
Vidro

Contas de colar em pasta vítrea, de filiação fenícia ou púnica, encontradas no povoado de S. Julião. Estes objectos exóticos, indicadores de prestígio, são exemplificativos da rede de intercâmbio supra-regional em que o povoado estava inserido. Foram encontradas numa estrutura de combustão, detectada no interior de um recinto muralhado, situado na plataforma superior. A estrutura foi datada pelo C.14 do sec. IX a.C.

d. 16; 7 mm

Púcaros (2)

Bronze Final
Uso culinário
Povoado de S. Julião, Vila Verde, Braga
Cerâmica

Dois púcaros detectados nos níveis de ocupação dos finais da Idade do Bronze do povoado de S. Julião, embora numa plataforma contígua à acrópole superior. Representam uma forma bastante comum de louça fina, que perdurou nos inícios da Idade do Ferro. Foram encontrados sob um fundo de cabana circular, em saibro. São datáveis, a partir do radiocarbono, de um momento compreendido entre os sec. XI/X e VIII a.C.

63 x 67; 136 x 148 mm

Vaso

Bronze Final
Vidro
Povoado de S. Julião, Vila Verde, Braga
Cerâmica

Vaso geminado, composto por três taças de dupla carena e fundos umbilicais, encontrado nos níveis de ocupação dos finais da Idade do Bronze, da plataforma superior do povoado de S. Julião. Esta peça, única no povoado e datável entre o sec. XI/X a. C. e o VIII a. C., terá funções votivas, representando certamente, um indicador de prestígio.

174 x 40 mm
Bibl.: Martins, M. 1988

Taças (2)

Bronze Final
Uso culinário
Povoado de S. Julião, Vila Verde, Braga
Cerâmica

Taças carenadas representando uma forma bastante comum da louça fina do povoado de S. Julião, frequentes quer no interior da acrópole muralhada, quer na plataforma contígua, nas várias camadas estratigráficas atribuíveis aos finais da Idade do Bronze. São datáveis, pelo C.14, dos sec. XI/X a.C. ao VIII a.C.

138 x 68; d. 178 mm
Bibl.: Martins, M., 1988

Urna

Bronze Final
Função tumular
Povoado de S. Julião, Vila Verde, Braga
Cerâmica

Urna encontrada nos níveis de ocupação dos finais da Idade do Bronze do povoado de S. Julião. Esta peça, bastante rara, foi descoberta no interior de uma fossa, coberta por uma camada de pedras, na área contígua à plataforma superior do povoado. M. Martins (1988: 135-136) interpretou a estrutura como possivelmente sepulcral, pelo que estes recipientes poderiam estar associados a funções especificamente tumulares.

d. 124 mm
Bibl.: Martins, M., 1988

Punhais (2)

Bronze Final
Armas
Povoado de S. Julião, Vila Verde, Braga
Bronze

Dois punhais de bronze enquadráveis no tipo "Porto de Mós", encontrados em níveis de ocupação dos finais da Idade do Bronze do povoado de S. Julião. Poderão datar-se dos finais do II°, inícios do I° milénio a.C.

d. 17 x 165; 17 x 120 mm
Bibl.: Martins, M. ,1988

Machado

Bronze Final
Objecto utilitário
Povoado de S. Julião, Vila Verde, Braga
Bronze

Pequeno machado de alvado, em bronze, recolhido durante antigas escavações, no povoado de S. Julião, em condições desconhecidas. Deverá datar-se, por associação com os níveis da Idade do Bronze do povoado, dos finais do II°, inícios do I° milénio a.C.

37 x 95 mm
Bibl.: Kalb, P., 1980a; Martins, M., 1988
Museu Regional de Arqueologia D. Diogo de Sousa
Bettencourt, A. M.

Coroa do Frade: Uma Fortificação do Bronze Final dos Arredores de Évora

A primeira referência ao potencial interesse arqueológico da Coroa do Frade deve-se ao Dr. José Fernandes Ventura que, face às numerosas mós de pedra, e aos escassos e atípicos fragmentos de cerâmica que encontrou à superfície, pensou tratar-se de um povoado neolítico, semelhante a muitos outros que identificou na região de Évora. As escavações realizadas em 1971 e 1972 permitiram, porém, verificar que se tratava de uma vasta fortificação atribuível ao Bronze Final.

Fica situada na herdade da Proença, a cerca de 11,5 Km a W-WSW da cidade de Évora, e a 2Km da aldeia de Valverde, na freguesia de Nª Sª da Tourega, implantando-se numa elevação com a cota de 325 m, a qual constitui um dos pontos mais avançados da Serra de Monfurado, dotada de excelente situação estratégica.

A fortificação é constituída por uma linha de amuralhado principal, cuja forma lembra a de uma pêra, orientada no sentido E-W, com cerca de 200m de eixo maior e 100m de eixo menor, reforçado por um bastião junto à sua entrada principal, e por várias estruturas e recintos secundários, provavelmente relacionados com actividades agro-pastoris, embora também uma função defensiva.

Apesar de os numerosos blocos de pedra que constituíam originalmente as muralhas se encontrarem dispersos por uma faixa com cerca de 10m de largura,as escavações revelaram que a sua espessura original não excedia em média os 2,5m, embora tivesse sido reforçada pelo menos em alguns dos seus troços, chegando a atingir os 4m.

As escavações revelaram a existência de uma fraca potência estratigráfica, raramente excedendo os 60 cm, e uma só fase de ocupação, caracterizada por uma cultura material muito homogénea, atribuível ao Bronze Final, e datável entre 1000 e 700 a.C..

Os artefactos mais significativos encontrados são cerca de duas dezenas de objectos de bronze, os quais se integram tipológicamente no Bronze Final da Estremadura. Além de várias argolas, com cerca de 4cm de diâmetro, cuja função se desconhece, merecem referência os fragmentos de punhais de rebites, e de ponta de lança de alvado, vários fragmentos de um estoque e uma fíbula de dupla espiral. Encontrou-se também um molde de pedra, de secção quadrangular, destinado à fundição de pelo menos quatro objectos distintos, um em cada face.

A cerâmica é muito abundante, incluindo numerosos fragmentos de taças carenadas, de pasta fina, e superfície exterior brunida, com pegas mamilares alongadas, horizontais, com perfurações de suspensão vertical, por vezes apresentando os característicos ornatos geométricos, do tipo da Lapa do Furno, bem como grandes potes, de pasta grosseira, e superfície rugosa.

Encontram-se também alguns objectos de adorno, tais como pendentes e contas de colar, feitos de marfim, cornalina, âmbar, e cerâmica, e dois fragmentos e utensílios de pedra polida, um de diorito, e outro de fibolito, os quais podem ter sido recolhidos num dos numerosos sepulcros megalíticos existentes nas planícies circundantes e reutilizados, ou ser provenientes de um substrato calcolítico, de que porém não se encontraram quaisquer vestígios estratigráficos, pelo menos na reduzida área escavada. Note-se porém, que não se encontraram quaisquer fragmentos cerâmicos característicos dos povoados calcolíticos da região, tais como crescentes ou "salsichas" de barro com perfurações nas extremidades, ou as taças de bordo espessado, tão abundantes no vizinho "Castelo do Giraldo", situado no cerro fronteiro, a menos de 1Km a Sul. É certo que se encontraram também alguns percutores esferoidais, semelhante aos calcolíticos, bem como dezenas de elementos de mós manuais, mas estas diferenciam-se das calcolíticas, por serem mais alongadas e delgadas que aquelas.

Embora só se tenham encontrado alguns fragmentos de osso de animais não identificáveis, os artefactos recolhidos e as características da área envolvente apontam para um modo de vida baseado na criação de gado ovino, bovino e suino, completada pela caça. A abundância de elementos de mós manuais sugere que a agricultura seria também uma actividade importante, completada pela colheita de bolota que, além de servir de alimento para os gados, também pode ter sido consumida directamente ou utilizada para o fabrico de pão. A atividade metalúrgica local está também documentada pelo achado de um molde em pedra, para o fabrico de vários objectos de metal.

Embora não se disponha ainda de quaisquer datas de radiocarbono, a ocupação deste povoado parece situar-se entre 1000 e 700 a.C.

ARNAUD, J. M.

36
Povoado da Coroa do Frade
Fíbula

Bronze Final
Objecto utilitário
Povoado da Coroa do Frade, Évora
Bronze

Fíbula de dupla espiral, com espigão e resalto fracturados.

40 x 10 ; e.15 mm

Punhal

Bronze Final
Arma
Povoado da Coroa do Frade, Évora
Bronze

Extremidade proximal de um punhal de lingueta, de bordos espessados, talvez por martelamento, ainda com os dois rebites de encabamento.

Argola

Bronze Final
Objecto utilitário
Povoado da Coroa do Frade, Évora
Bronze

Argola de secção sub-quadrangular, fundida, com arestas muito boleadas.

d.43; e.4 mm

Argola

Bronze Final
Objecto utilitário
Povoado da Coroa do Frade, Évora
Bronze

Argola de secção plano-convexa, fundida, com arestas muito boleadas.

d.46 ; e.4 mm

Conta de colar

Bronze Final
Objecto de adorno
Povoado da Coroa do Frade, Évora
Marfim

Conta de colar de secção bi-troncocónica.

d.7; e.1 mm

Conta de colar

Bronze Final
Objecto de adorno
Povoado da Coroa do Frade, Évora
Coralina

Conta de colar de secção ovaloide, com perfuração bicónica.

d.12; e.6 mm

Conta de colar

Bronze Final
Objecto de adorno
Povoado da Coroa do Frade, Évora
Coralina

Conta de colar de secção bi-troncocónica, com perfuração troncocónica.

d.12; e.6 mm

Conta de colar

Bronze Final
Objecto adorno
Povoado da Coroa do Frade, Évora
Opala

Conta de colar de secção bi-troncocónica, com perfuração troncocónica.

d.75; e.5 mm

Conta de colar

Bronze Final
Objecto de adorno
Povoado da Coroa do Frade, Évora
Âmbar queimado(?)

Conta de colar de secção bi-tronco-cónica, com perfuração tronco-cónica.

d.26; e.9 mm

Contas de colar (2)

Bronze Final
Objecto de adorno
Povoado da Coroa do Frade, Évora
Cerâmica

Conta de colar esferoidal

d.18; d. 16 mm

Molde de fundição

Bronze Final
Objecto utilitário
Povoado da Coroa do Frade, Évora
Pedra

Molde de secção quadrangular, utilizado para a fundição de pelo menos 4 objectos, um em cada face.

Pendente

Bronze Final
Objecto deadorno
Povoado da Coroa do Frade, Évora
Marfim

Pendente com a parte superior triangular e a inferior semi-circular.

Fragmento de taça

Bronze Final
Objecto utilitário
Povoado da Coroa do Frade, Évora
Cerâmica

Fragmento de taça alta com pega horizontal e dupla perfuração vertical para suspensão.

Fragmento de vaso

Bronze Final
Objecto utilitário
Povoado da Coroa do Frade, Évora
Cerâmica

Fragmento de bojo de um vaso esferoidal de grandes dimensões, de pasta negra muito fina, com superfície brunida cinzenta escura, e ornamentos geométricos a negro, constituídos por uma faixa larga horizontal, de qual pendem várias faixas paralelas obliquas, preenchidas com linhas entrecruzadas.

Fragmento de vaso

Bronze Final
Objecto utilitário
Povoado da Corna do Frade, Évora
Cerâmica

Fragmento de bordo de vaso com asa.

Fragmento de vaso

Bronze Final
Objecto utilitário
Povoado da Corna do Frade, Évora
Cerâmica

Fragmento de pote de pasta grosseira, de fabrico manual.

Fragmento de vaso

Bronze Final
Objecto utilitário
Povoado da Corna do Frade, Évora
Cerâmica

Fragmento de vaso de bordo extrovertido, decorado com impressões irregulares, provavelmente feitas com sementes de gramíneas.

Bibl.: Arnaud, J. M., 1979
Arnaud, J. M.

O Povoado da Moreirinha

Situada no cume de uma linha de relevos conhecida por serra da Moreirinha, este povoado é já referido nas Memorias Parochiaes de 1758. Pertence à freguesia de Monsanto, concelho de Idanha-a-Nova, distrito de Castelo Branco.

A serra da Moreirinha, de configuração e superfície bastante irregulares, constitui, juntamente com Monsanto, que lhe fica defronte, um "Inselgerg" geminado. Este tipo de formação orográfica, emergindo brusca e angulosamente da planície, confere uma induscutível peculiaridade à paisagem. Mas o que sobressai da localização deste povoado é a sua inexpugnabilidade: à verticalidade das encostas, junta-se-lhe um desnível de mais de 220 m entre o topo e o sopé da serra. O substrato geológico é de contituição granítica e os solos, muito erosionados, de capacidade agrícola nula. Os terenos limítrofes são drenados por diversos ribeiros subsidiários de Ponsul, rio que lhe corre a sul.

Os trabalhos de escavação realizados na plataforma mais elevada, com uma área de cerca de 2850m, incidiram sobre uma zona habitacional. Este espaço é definido por um muro construído com pedras graníticas, a seco, e talhadas irregularmente; apresenta perfil sinuoso, embora tendencionalmente longitudinal, com cerca de 8,80m. Junto distribuem-se diversos pisos e estruturas de combustão, aos quais se associavam múltiplos materiais cerâmicos, líticos e metálicos, além de restos de fauna.Estes elementos materilizam o único nível de ocupação desta plataforma que, em função da tipologia dos materiais e pelas datas de radiocarbono disponíveis, deve ser atribuído a uma fase de transição do Bronze Final para o Ferro Inicial. Aquelas datas, obtidas a partir de amostras de carvão (ICEN-834: 2940± 45BP, ICEN-835: 2910± 45BP, GrN-19659; 2785± 15BP e OxA-4085: 2780± 70BP), uma vez calibradas para um intervalo de confiança de cerca de 95%, permitem-nos situar a ocupação deste povoado entre 1266 e 805 a.C.

Muito haveria a dizer sobre a cerâmica da Moreirinha, mas a exiguidade do espaço que nos foi atribuído, obriga-nos a seleccionar apenas dois ou três aspectos. No que respeita aos tipos morfológicos, de grande diversidade, é de realçar a presença de algumas formas raras como são as bitroncocónicas e as geminadas. Em termos decorativos, são de sublinhar as incisões em espiga, em ambas as superfícies, de cariz meseteanho, e a pintura a vermelho, de tipo Carambolo, que nos conduz ao Baixo Guadalquivir. São muito raros os exemplares de ambos os casos. Mas é sem dúvida a elevada percentagem de decoração brunida - cerca de 50% -, nas suas duas variantes técnicas, que confere singularidade ao conjunto cerâmico deste povoado.

Também os materiais metálicos que, entre peças e meros fragmentos ou pedaços disformes, reúnem algumas dezenas de exemplares, merecem referência. Contam-se, entre outros, punhais, argolas (de que destacamos o conjunto de 17 argolinhas, encontradas "coladas", similares a outras que se têm como elementos decorativos de carros e de cavalos), braceletes cinzéis, virolas, hastes diversas.Em associação com esta pujante metalurgia de bronze de fabrico local, pelo menos em parte, como comprovam um cadinho e a valva de um molde de pedra, encontramos 4 lâminas de ferro (possivelmente facas e uma serra), de óbvia origem alógena.

Não podemos igualmente, deixar de mencionar as duas contas de colar, de âmbar, cujas análises, da responsabilidade do Prof. Curt Beck, revelaram uma origem báltica para a resina em causa.Além da metalurgia local, já referida, contamos com outros testemunhos que nos comprovam a prática da tecelagem, da agricultura (aos elementos e mó, do tipo vaivém, podemos juntar o conhecimento de cevada nua, que nos chegou impressa em cerâmica, conforme demonstrou o estudo do Prof. João Pais) e da pastorícia (no estudo que efctuou o Prof. Miguel Telles Antunes identificou a presença de Capra, de Bos, de Sus e de Oryctolagus , este último, domesticado ou não).

Estamos pois perante uma comunidade indígena da Beira Interior, à qual não eram alheios os mecanismos de trocas inter e supra-regionais que caracterizam vastas áreas da Europa e do Mediterrâneo no Bronze Final.

VILAÇA, R.

37
Povoado da Moreirinha
Recipiente

Bronze Final
Objecto utilitário
Povoado da Moreirinha, Monsanto, Idanha-a-Nova, Castelo Branco
Cerâmica

Recipiente com colo ligeiramente esvasado, ombro bem vincado e carena; possui uma asa de fita, que arranca do lábio.

d.a. 170 ; d.m. 200 mm

Taça

Bronze Final
Objecto utilitário
Povoado da Moreirinha, Monsanto, Idanha-a-Nova, Castelo Branco
Cerâmica

Taça com colo subtronccónico e pança hemisférica ligada aquela por um ângulo.

d.a. 135 mm

Recipiente

Bronze Final
Objecto utilitário
Povoado da Moreirinha, Monsanto, Idanha-a-Nova, Castelo Branco
Cerâmica

Recipiente com colo vertical, ombro bem vincado e carena angulosa.

d.a. 140 ; d.m. 185 mm

Punhal

Bronze Final
Arma
Povoado da Moreirinha, Monsanto, Idanha-a-Nova, Castelo Branco
Bronze

Lâmina de punhal com os dois gumes bastante irregulares, convergindo para uma ponta aguçada; lisa, sem nervura. Zona do encabamento fragmentado, sem vestígios de lingueta.

120 x 20 x 3 mm

Taça

Bronze Final
Objecto utilitário
Povoado da Moreninha, Monsanto,
Idanha-a-Nova, Castelo Branco
Cerâmica

Taça com colo direito e corpo de paredes arqueadas; a ligação é feita por um pequeno ressalto muito pouco anguloso, não chegando a formar uma carena.

d.a. 180 mm

Taça

Bronze Final
Objecto utilitário
Povoado da Moreninha, Monsanto,
Idanha-a-Nova, Castelo Branco
Cerâmica

Taça em calote com bordo ligeiramente reentrante. Na superfície exterior apresenta o negativo de uma folha de ferro.

Taça

Bronze Final
Objecto utilitário
Povoado da Moreninha, Monsanto,
Idanha-a-Nova, Castelo Branco
Cerâmica

Taça carenada com fundo plano.

d.a.125 ; d.f. 32 mm

Taça

Bronze Final
Objecto utilitário
Povoado da Moreninha, Monsanto,
Idanha-a-Nova, Castelo Branco
Cerâmica

Taça carenada com bordo muito esvasado, sobre a linha de carenada possui dois mamilos geminados e perfurados.

d.m. 200 mm

Fragmentos cerâmicos

Bronze Final
Povoado da Moreninha, Monsanto,
Idanha-a-Nova, Castelo Branco

4 fragmentos de cerâmica decorada com "ornatos brunidos", sendo um deles um bordo e os outros três bojos.

Fragmento de punhal

Bronze Final
Arma
Povoado da Moreninha, Monsanto,
Idanha-a-Nova, Castelo Branco
Bronze

Lingueta subpentagonal com dois entalhes laterais retos na zona de união da lingueta à lâmina; na extremidade oposta possui três orifícios circulares, dispostos triangularmente, que conservam ainda os respectivos rebites. Longitudinalmente, existe uma nervura.

45 x 10 x 3 mm; cravos:13/12/12 mm

Cinzel

Bronze Final
Objecto utilitário
Povoado da Moreninha, Monsanto,
Idanha-a-Nova, Castelo Branco
Bronze

Cinzel simples, de bordos paralelos e ponta fracturada; nesta zona a secção é rectangular e na outra extremidade é octogonal.

75 x 10 mm

Bracelete

Bronze Final
Objecto utilitário
Povoado da Moreninha, Monsanto,
Idanha-a-Nova, Castelo Branco
Bronze

Fragmento de bracelete, liso e aberto; extremidades paradas; secção subcircular.

d.m. 60 ; e. 8 mm

Argolinhas

Bronze Final
Elementos decorativos de cavalo (?)
Povoado da Moreninha, Monsanto,
Idanha-a-Nova, Castelo Branco
Bronze (?)

17 argolinhas (uma das quais fragmentada) encontradas juntas e 5 pequenos anéis de união (um dos quais solto). Contornos circulares e secções planoconvexas.

d. 12/13 mm

Lâminas

Bronze Final
Objecto utilitário
Povoado da Moreninha, Monsanto,
Idanha-a-Nova, Castelo Branco
Ferro

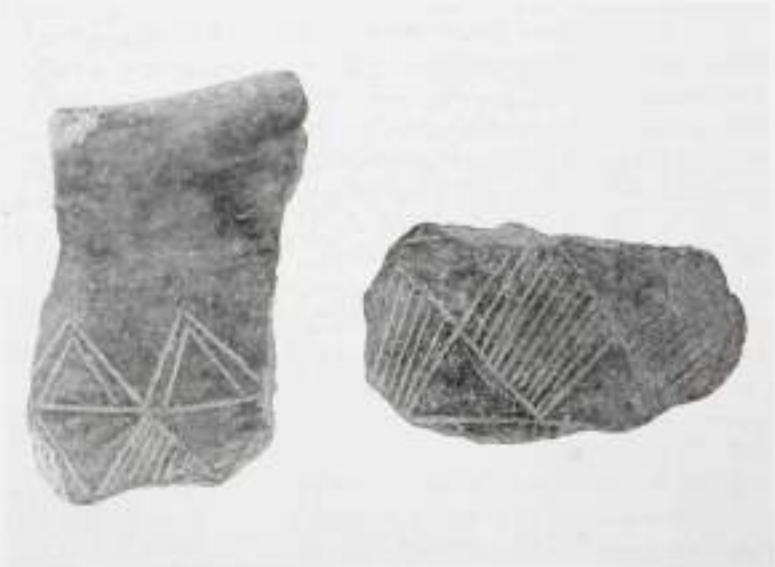
Dois fragmentos de lâminas de ferro.

Fragmento cerâmico

Bronze Final
Objecto utilitário
Povoado da Moreninha, Monsanto,
Idanha-a-Nova, Castelo Branco

Fragmento cerâmico com decoração.

Bibl.: Vilaça, R., 1994
Vilaça, R.



O Povoado do Bronze Final da Tapada da Ajuda

Entre as numerosas ocorrências de carácter habitacional (pequenos povoados ou "casais agrícolas") do Bronze Final conhecidas para a região de Lisboa, avulta a da Tapada da Ajuda (CARDOSO et al., 1980/81; CARDOSO et al., 1986; CARDOSO, 1987; CARDOSO, 1990; CARDOSO & CARREIRA, 1993; CARDOSO, 1994a, b). Trata-se, de facto, do único arqueossítio desta época e região cuja escavação permitiu obter um importante conjunto de elementos relativos à fauna, à flora, à metalurgia, às indústrias lítica e cerâmica, e mesmo quanto à tipologia das estruturas habitacionais e à própria organização do espaço habitado.

Em Julho de 1982, a realização de extenso talude de escavação para a construção de um campo de râguebi, conduziu à descoberta desta jazida, denunciada pela existência, no corte do terreno então exposto, de uma única camada arqueológica, com abundantes restos de materiais líticos e cerâmicos, além de ossos e conchas. Tal facto justificava uma intervenção de emergência, a qual, iniciando-se no ano seguinte, se viria a prolongar até 1987, altura em que se reiniciaram as obras, entretanto suspensas por outros motivos.

A prospecção superficial evidenciou uma acentuada dispersão de materiais; porém, boa parte da primitiva área ocupada pela jazida tinha sido prejudicada pelas movimentações de terras. Desta forma, a escolha do local da escavação, no canto noroeste do campo de râguebi, embora condicionada por tais vicissitudes, permitiu a identificação de uma estrutura habitacional e a respectiva caracterização estratigráfica.

A implantação deste povoado aberto, é a usualmente verificada nos numerosos arqueossítios homólogos da baixa península de Lisboa. Trata-se de encosta suave, de boa exposição meridional, voltada para o estuário do Tejo, na época mais próximo, que se avista do local, percorrida por linha de água que nele dasaguava, e constituída por férteis solos basálticos, até há pouco intensamente agricultados, não fosse a brusca expansão demográfica em torno da capital, observada nos últimos 30 anos. Estas condições justificaram a fixação sedentária de população pacífica, ocupada no cultivo extensivo e intensivo da terra - como demonstram as centenas de elementos denticulados de foice recolhidos, sobre lascas de sílex - cuja produção cerealífera abasteceria, provavelmente, um centro de carácter proto-urbano, de maiores dimensões, ainda não identificado, como é sugerido pela nítida desproporção entre tais materiais relativamente à expressão demográfica provável do arqueossítio. Os seus habitantes complementavam as bases alimentares com a produção de gado - por ordem de importância, bovinos, ovinos/caprinos e suínos - e com a recolecção de moluscos e a pesca, no estuário.

As espécies malacológicas encontradas revelam exploração indiferenciada de largo trecho litoral, desde as praias arenosas, influenciadas pela presença oceânica, a jusante, até às águas vasosas estuarinas, passando por sectores rochosos, explorados na maré baixa. Deste contexto, a caça encontra-se praticamente ausente, pois apenas se identificou o veado, correspondendo a um número muito escasso de restos.

As indicações obtidas sobre o coberto florístico são também interessantes. Além de impressão da página superior de zambujeiro em fragmento cerâmico, que faz parte da flora autóctone da região, as análises antracológica e a polínica, efectuadas por João Pais, conduziram à identificação de fragmentos de madeira carbonizada de Pinus sp.; entre os escassos palinomorfos, reconheceram-se restos de Fungi, Compositae, Graminae e Quercus, e ainda de quistos, de natureza enigmática, de Concentricystes circulus (WOLFF, 1939), comuns em depósitos actuais com influência fluvial, como é o caso. Apesar de escassos, os elementos disponíveis parecem sugerir vegetação aberta, com árvores esparsas, com Pinus, Quercus e Olea.

Duas peças metálicas que foram analisadas, além de revelarem a metalurgia local (uma trata-se de escória de fundição), correspondem a bronzes de composição análoga à de exemplares coevos do Noroeste e da Beira Alta, com teores de estanho superiores a 20% (FABIÃO, 1992, p. 104). Nas cerâmicas, predominam as pastas semi-compactas, grosseiras, denunciando grande variabilidade de ambientes de cozedura, desde os francamente redutores, mais abundantes, correspondendo a colorações anegradas, até aos oxidantes. Os acabamentos superficiais são, porém, no geral cuidados, possuindo por vezes brunimento. Apenas os recipientes de menores dimensões são constituídos pastas mais finas, embora igualmente de fabrico local (presença de piroxenas, entre os elementos não plásticos). As formas presentes vão desde os grandes contentores (vasos de provisões), munidos de características pegas alongadas no bojo, até aos pequenos recipientes de beber, as não menos típicas taças carenadas. As decorações são muito simples, correspondendo, quase exclusivamente, a incisões ou impressões sobre ou sob o bordo, de recipientes de paredes sub-verticais.

Deste contexto encontra-se ausente a bem conhecida decoração de "ornatos brunidos" a qual se identifica com os derradeiros momentos do Bronze Final (ver o artigo de síntese "Povoados do Bronze Final a Norte do estuário do Tejo"). Este facto é consentâneo com as cinco datações radiocarbónicas obtidas, inscrevendo a jazida, com maior probabilidade, no século XIII cal. a. C., por conseguinte em fase precoce do Bronze Final.

A única estrutura habitacional escavada corresponde a uma cabana oval, cuja paredes se encontravam definidas por blocos basálticos não aparelhados, de cobertura de colmo, com cerca de 6 m de eixo maior; a entrada orientava-se para Sul, ao abrigo dos ventos dominantes. Tal orientação encontrava-se sublinhada pela concentração de detritos alimentares, ali observados, indicando que os despejos se efectuariam no espaço imediatamente adjacente. Obtiveram-se, deste modo, interessantes indicações acerca da organização do espaço habitado no seio de uma unidade habitacional, das diversas que deveriam distribuir-se por toda a encosta, até à linha de água que a sulca, numa área de cerca de 200 por 100 m entre os 100 e os 115 m de altitude. Caso a destruição de toda aquela área se não tivesse consumado - incluindo a própria unidade habitacional escavada, antes da conclusão dos trabalho de campo - teríamos, talvez, no presente, em plena área urbana da cidade de Lisboa, um dos mais expressivos testemunhos do Bronze Final, até hoje identificados em Portugal.

CARDOSO, J. L.

38
Povoado da Tapada da Ajuda
Elementos denticulados de foice

Bronze Final
Objecto utilitário
Povoado da Tapada da Ajuda, Lisboa
Foice em madeira (reconstituída)

Foice de madeira, integrando elementos denticulados, sobre lascas de sílex, alguns com o gume embotado pelo uso e com brilho (lustre de cereal).

Brunidor-alisador

Bronze Final
Objecto utilitário
Povoado da Tapada da Ajuda, Lisboa
Seixo de quartzito

Seixo rolado de quartzito esbatarugado, achatado, desgastado ao longo de dois bordos maiores, convergentes, devido à aplicação como brunidor-alisador da superfície de recipientes cerâmicos.

68 x 35 x 17 mm

Fragmento de cerâmica

Bronze Final
Objecto utilitário
Povoado da Tapada da Ajuda, Lisboa
Cerâmica

Fragmento de grande vaso em forma de tonel, de fundo provavelmente plano, moldado de asa sobre o bordo, que é simples. A função deste recipiente é incerta. Menor do que os vasos de armazenamento, poderia corresponder, por seu uso cerâmico.

d. boca 180 mm

Fragmento de cerâmica

Bronze Final
Objecto utilitário
Povoado da Tapada da Ajuda, Lisboa
Cerâmica

Fragmento de grande vaso de armazenamento ("vaso de provisões"), correspondendo a uma pega com perfuração cilíndrica vertical.

100 x 75 mm
Bibl.: Cardoso et al. (1980, 1981); Cardoso et al. (1988); Cardoso (1987, 1994 a, b)
Centro de Estudos Arqueológicos, Câmara Municipal de Oeiras
Monteiro, J. R.
Cardoso, J. L.

39
Castro de Álvora
Molde

Bronze Final
Objecto utilitário
Castro de Álvora, Arcos de Valdevez, Viana do Castelo
Granito

Molde de granito de uma foice de talão de tipo Rocanes. Encontrava-se inserido na muralha da acrópole do Castro de Álvora.

d. 146 x 175 mm
Bibl.: Bettencourt, A., 1988
Museu Regional de Arqueologia D. Diogo de Sousa
Bettencourt, A.

40
Casal de Rocanes
Molde de lâmina de foice

Bronze Final
Objecto utilitário
Casal de Rocanes, Sintra, Lisboa
Arenito

Molde de foice de cipo Rocanes em arenito, de cor vermelha-alaranjada rosada esbatatada.

205 x 150 x 70 mm
Museu Nacional de Arqueologia

O Buraco da Moura de S. Romão

Localização e ambiente

O conjunto de cavidades naturais denominado Buraco da Moura localiza-se junto à ribeira da Caniça, na vertente sul do Cabeço do Crasto, uma elevação com a cota máxima de 888m, encaixada na confluência desta com o rio Alva, entre as povoações da Senhora do Desterro a norte e Lapa dos Dinheiros a sul, freguesia de São Romão, concelho de Seia (fig.2.1-38). As coordenadas da entrada principal do complexo, a uma altitude de 680m, são 236.9/397.7 GAUSS, folha 223, Carta Militar de Portugal na escala 1:25000.

Situado na extremidade ocidental do Maciço Central de origem tardi-hercínica, este sítio foi fortemente condicionado na sua formação e evolução pela dinâmica geomorfológica inerente à sua localização. Do ponto de vista geológico, situa-se no complexo de granitos calco-alcalinos de duas micas, bioticos (granito porfiróide de grão grosseiro - cf. TEIXEIRA, et alii., 1974: 26), perto do contacto com o Complexo Xisto-Grauváquico. O local é periférico em relação à área glaciada da Serra da Estrela, ficando a cerca de 1800m, em linha recta, da extensão máxima da língua glaciar do Covão Grande, que terá ocupado o curso superior da ribeira da Caniça (DAVEAU, 1985: fig. 22; VALERA, 1993: fig.2). Assim, esta área esteve, durante o Plistocénico, sujeita aos efeitos de intensas acções erosivas, fundamentalmente de origem peri-glaciar, sendo, ainda hoje, recortada por inúmeras linhas de água, alimentadas pelas reservas hídricas constituídas pelas acumulações de neve nos patamares superiores da serra.

Inserindo-se neste contexto, o Buraco da Moura apresenta-se como uma aglomeração de grandes blocos graníticos, no sopé da vertente, junto à ribeira, formando entre si cavidades, dispondo-se em vários planos, que viriam a ter utilização antrópica. Tratando-se de um local onde a dinâmica de evolução de ver-tentes é particularmente viva, estes espaços entre penedos sofreram constantes alterações, pré e pós-utilização humana, com escorrências de terras e mesmo deslocação de blocos graníticos, o que, por vezes, alterou significativamente a sua configuração.

A nascente, a cerca de 100m, localiza-se a Ponte da Caniça, de provável origem romana tal como o caminho que a atravessa. Acima e sobranceiro ao Buraco da Moura, o Cabeço do Crasto detém um completo controle da paisagem que se estende, com boa visibilidade, ao longo da vertente noroeste do Maciço Central até à Lousã, até aos cumes do Caramulo e Buçaco e às terras altas a norte e a oriente de Viseu.

Do ponto de vista dos recursos, a área envolvente do sítio arqueológico é caracterizada por cambissolos húmicos, sendo os solos extremamente ácidos, variando o Ph entre 4.5 e 4.6. A sua utilização actual é considerada condicional, sendo classificada na classe C+D ou E (cf. "Carta de Capacidade de Uso do Solo", Atlas do Ambiente, III.3, Lisboa, 1978.)

Quanto ao coberto vegetal, este caracteriza-se actualmente (SILVA & TELES, 1986.) por uma floresta de carvalhos (Quercus pyrenaica) e de pinheiro bravo (Pinus pinaster) com o acréscimo (mais ou menos recente?) do castanheiro (Castanea satyva). Área fortemente antropizada, o actual coberto vegetal difere acentuadamente do que terá sido regionalmente a vegetação climácica original - uma floresta temperada de carvalhos (Quercus pyrenaica acima dos 600-800m e Quercus robur em altitudes mais baixas), dando lugar, em altitude, a uma faixa de vidoeiros (Betula pubescens) - tal como recentes estudos palinológicos das sequências das turfeiras do andar médio/alto da serra têm vindo a revelar (JANSSEN, 1985.; JANSSEN & WOLDRINGH, 1981.; VAN DEN BRINK & JANSSEN, 1985. & KNAAP & JANSSEN, 1991.).

"História" do sítio arqueológico

A primeira referência que conhecemos ao Buraco da Moura, de São Romão vem-nos de Martins Sarmento que diz, a propósito do Cabeço do Crasto: "...Na vertente norte [sic] uma pequena gruta natural, a Casa da Moura..." [SARMENTO, 1933(1883): 134]. Não a torna a referir e, obviamente, equivoca-se na localização.

Adelino de Abreu refere-se-lhe no primeiro guia turístico publicado sobre a Serra da Estrela (ABREU, 1905: 75). Este autor, no entanto, não visitou o local.

Em 1950 o sítio é visitado pelo pároco de Seia, Padre Dr. Quelhas Bigotte, acompanhado de alunos, o qual escreve: "...A nossa impressão é simples: a caverna, que explorámos vagarosamente, da melhor forma possível, não tem interesse algum, nem natural, nem zoológico. Trata-se simplesmente duma caverna formada por diversos blocos de pedra, sobrepostos e amontoados no subsolo, por onde corre um pequeno veio de água, como aliás é natural, embora na extensão de dezenas de metros, mas nem a largura das salas oferece interesse algum..." (BIGOTTE, 1982: 554).

Durante os primeiros reconhecimentos que efectuámos na região, no âmbito do levantamento da Carta Arqueológica de Seia, a nossa atenção foi solicitada para o local, por diversos populares, que insistiram no seu interesse e antiguidade. Em 1985 e 1986 programou-se uma série de reconhecimentos daquele sítio que permitiram começar a ter uma ideia relativamente segura da sequência das cavidades em questão, bem como a constatação de que o sítio se revestia de efectivo interesse arqueológico.

Os dados de escavação e a contextualização dos materiais

Desde 1987, os autores procederam a cinco campanhas de escavações (1987, 1988, 1989, 1992 e 1993 - nas duas primeiras com a colaboração de Isabel Estevinha), abrangendo cinco dos principais espaços (Salas 20, 1, 2, 4 e 18) deste sítio, todos eles pertencentes a um núcleo de cavidades com grande concentração de materiais à superfície e localizado na parte inicial do complexo. De momento, apenas se encontra concluída a escavação das Salas 2 e 20 e o estudo de materiais e estruturas da segunda (SENNA-MARTINEZ, 1989.; SENNA-MARTINEZ, 1993b.; SENNA-MARTINEZ, GUERRA & FABIÃO, 1986.; SENNA-MARTINEZ, et alii., 1993a.; VALERA, 1993.; VALERA, 1994.; VALERA, SENNA-MARTINEZ & ESTEVINHA, 1989.; VARANDAS, 1993.).

Não obstante a escavação e estudo de materiais de outras cavidades deste complexo não estarem concluídos ou, para a maioria, nem sequer iniciados (já foram recolhidos materiais de superfície em mais de dezena e meia de cavidades), sempre que necessário será feita referência à informação já disponível para esses espaços. Na realidade, não só terá existido uma ocupação/utilização simultânea de várias cavidades, em determinados momentos, como a dinâmica de escorrências deste sítio foi (e é) responsável pela deslocação de alguns materiais de uns espaços para outros, o que obriga sempre a uma perspectiva de conjunto.

As duas primeiras, "salas" 1 e 2, localizam-se no enfiamento da entrada principal do com-

plexo de cavidades, aberta a sudoeste (cf. SENNA-MARTINEZ, 1989: fig.2.133). Acede-se à primeira através de uma passagem, com cerca de 3.5m de comprimento, inicialmente estreita e baixa (tem cerca de 1m x 1m), alargando depois, de modo a permitir que nos mantenhamos de pé.

A "sala" 1 dispõe-se no sentido su-sueste/nor-noroeste, formando virtualmente um ângulo recto com a passagem de entrada, tendo dimensões aproximadas 8.15m por 4.4m, respectivamente no sentido su-sueste/nor-noroeste e no sentido és-nordeste/oés-sudoeste, por uma altura máxima de 3.1m (Ibid., figs.2.133 e 2.134). Os respectivos enchimentos dispõem-se em declive acentuado no sentido su-sueste/nor-noroeste.

Próximo do ângulo nordeste da "sala" 1, localiza-se a passagem de acesso à "sala" 2. Esta desenvolve-se na perpendicular à "sala" 1, com cerca de 6.9m por 3.15m, respectivamente nos sentidos és-nordeste/oés-sudoeste e su-sueste/nor-noroeste, com os respectivos enchimentos dispondo-se em declive ligeiro no sentido da largura deste espaço (Ibid., figs.2.133 e 2.134).

A "sala" 20 tem o seu piso cerca de 4.15m acima do "chão" da "sala" 1 (Ibid., fig.2.134), dispondo-se aproximadamente no sentido norte/sul. É um espaço de menores dimensões que os anteriormente descritos, com cerca de 5m por 5m (Ibid., figs.2.134 e 2.135).

A "sala 1"

Nesta cavidade, a primeira a que se chega entrando pela passagem tradicionalmente conhecida na região como o acesso ao complexo, fez-se uma sondagem correspondendo a uma área de 5m X 5m, quadrados B/C 2/5 e A3/4. A sequência estratigráfica obtida era composta por quatro níveis:

A uma primeira camada de formação recente (continha fragmentos de uma ardósia escolar) com alguns fragmentos de olaria manual e a torno, seguia-se um nível de terras castanho-escuras pouco compactas, quase sem raízes e com bastante pedra solta de pequenas e médias dimensões. Dele provêm: um conjunto de fragmentos cerâmicos de produção a torno e provavelmente tardo-medievais; uma fivela metálica (bronze) igualmente medieval; um fragmento de ferro não identificável; um conjunto de fragmentos de olaria pertencentes a recipientes de produção manual e agrupáveis em dois lotes, o primeiro, pouco numeroso, atribuível ao Bronze Final, sendo os restantes fragmentos claramente anteriores, uma lamela e uma lasca de sílex; um pequeno cinzel metálico (cobre arsenical); um fragmento metálico (cobre arsenical) e um artefacto cilíndrico com a forma de "carreto" em olaria. Separada por um nível de areão fino, arqueologicamente estéril, segue-se a uma quarta camada, de terras escuras compactas com alguma pedra de grandes dimensões e seixos rolados. Nela foi recolhido um número considerável de fragmentos de olaria, sendo bastantes decorados, atribuíveis a época(s?) anterior(es) ao Bronze Final (Calcolítico e Bronze Pleno); um raspador duplo sobre lâmina de sílex; um furador sobre lâmina de sílex; uma lamela e um fragmento distal de lâmina em sílex; um fragmento de lamela em quartzo hialino, e vários fragmentos ósseos ainda não identificados.

Esta camada é, tal como as que se lhe sobrepõem, formada por materiais de escorrência. Na área que foi totalmente escavada, assenta em blocos de granito acumulados, os quais preenchem os espaços entre a parte inferior dos penedos que formam a "sala", espaços que estabelecem comunicação com as "salas" que se situam em plano inferior ao das salas 1 e 2.

A proveniência dos materiais que integram este nível é, pelo menos em parte, a UE.4 da sala 20, situada num plano bastante acima, sendo vários os fragmentos de olaria de uma destas unidades que colam com fragmentos da outra. A sondagem efectuada na sala 1 parece, pois, indicar que este espaço sofreu diversas alterações através dos tempos, tendo sido parcialmente preenchido com pedra e escorrências sucessivas, cuja origem se situa em espaços situados em planos superiores e que arrastaram consigo materiais arqueológicos nelas contidos. No entanto, é provável que a actual superfície superior da sala 1 já estivesse estabelecida em tempos medievais.

A "sala 2"

Neste espaço começámos, em 1987, por realizar uma pequena sondagem, sucessivamente alargada em 1988 e 1993. Os trabalhos deste último ano permitiram a identificação de uma sequência estratigráfica mais complexa da que havia anteriormente sido observada e publicada (VALERA, SENNA-MARTINEZ & ESTEVINHA, 1989.). Encontrando-se actualmente os materiais provenientes desta sala ainda em estudo (com excepção dos medievais, já publicados - VARANDAS, 1993) e aguardando-se algumas datações de radiocarbono, é ainda cedo para avançar com dados precisos. Contudo, a sequência estratigráfica observada revelou a existência de várias etapas de sedimentação contendo materiais que são atribuíveis a diferentes períodos cronológicos, desde um "neolítico de tradição antiga" na base, passando pelo Calcolítico, por um nível bem conservado do Bronze Pleno, sobreposto por escorrências que continham elementos dos vários momentos de utilização do sítio, nomeadamente do Bronze Final e, no topo, da Idade Média.

Podendo em algumas etapas ter sido efectivamente ocupado, este espaço sofreu importantes alterações de ordem tafonómica, funcionando como ponto de recepção de escorrências da sala 20 e ponto de origem de escorrências para cavidades existentes em planos inferiores (as colagens de fragmentos cerâmicos atestam estas observações).

Os materiais atribuíveis ao Bronze Pleno surgem estratigrafados numa camada intermédia bem definida (UE.6) e na metade superior de um cone de escorrências, no recanto noroeste da sala, onde, juntamente com a olaria, foi recolhido um conjunto de restos faunísticos. Os materiais cerâmicos são abundantes, encontrando-se alguns quase completos, embora fragmentados.

Na interface superior deste nível foram recolhidos fragmentos de um vaso do Bronze Final (decorado com círculos e um sol através da técnica da incisão pós-cozedura), que também tem fragmentos no nível daquele período na sala 20, e um grande fragmento de um vaso cerâmico de armazenamento (encontrando-se cerca de metade deste vaso inserido na base desta camada do Bronze Pleno da sala 2 e alguns fragmentos do bordo, que colavam, na UE4 da sala 20, igualmente atribuída ao Bronze Pleno). Sobre o referido fragmento encontrava-se uma grande acumulação de carvões que forneceram uma data de radiocarbono (ICEN-600 2770 ± 90) BP = 1022-828 cal AC a 2), configurando-se a situação como a utilização de um grande fragmento de um vaso anterior e já fragmentado como base de uma fogueira durante a ocupação do Bronze Final da sala 20, tendo estes materiais (os fragmentos decorados e o fragmento com carvões) caído sobre o nível do Bronze Pleno da sala 2, já formado. Sobre esta interface formou-se uma camada de areão fino (que continha unicamente metade de uma pequena taça do Bronze Final) e sobre ela um nível superficial de escorrências, contendo materiais das várias épocas pré e proto-históricas e da Idade Média.

A "sala 20"

A "sala 20" é a que, no conjunto de todo o complexo, se situa na cota mais elevada. Esta situação coloca-a como o ponto de origem de escorrências de alguns materiais para outros espaços (cf. VALERA, 1993.). Situa-se no interior do aglomerado de penedos, mas num plano próximo da actual superfície, de tal modo que existe uma "clarabóia" por onde penetra a luz do dia, insuficiente, no entanto, para dar claridade à cavidade. Esta, contudo, não terá sido sempre a configuração deste espaço. É visível no seu topo Norte a existência de um cone de escorrências provenientes do exterior, que se sobrepõe ao último nível de ocupação da sala 20, tapando uma larga abertura por onde se fazia a entrada nesta cavidade, directamente a partir do exterior do complexo de penedos. Actualmente e não obstante tenha sido possível em 1993 detectar o local original da abertura exterior, o acesso só é possível pelo interior, a partir da Sala 2, mas através de uma escalada com a ajuda de cordas.

Posterior à ocupação antrópica da sala 20, este cone de escorrências transportou materiais arqueológicos atribuíveis a vários períodos, destacando-se fragmentos de olaria, objectos de anfibolito polido e dois dormentes de mó manual, um dos quais inteiro, mas que de momento se situa entalado debaixo de um penedo de várias toneladas. Não sendo passível de escavação a partir do interior (por razões de segurança), esta escorrência demonstra a existência de ocupações no espaço exterior (ainda não comprovadas arqueologicamente). O estudo das diversas ocupações da sala 20 terá, pois, de a prespectivar como um provável abrigo com entrada pelo exterior, no qual é possível que se prolongasse a ocupação.

Escavada em três campanhas, esta cavidade forneceu uma estratigrafia que aponta para quatro etapas de ocupação distintas (cf. SENNA-MARTINEZ, 1993b: fig.4). Iniciando-se no Calcolítico (VALERA, 1993.), prossegue com a ocupação atribuível a um Bronze Pleno (SENNA-MARTINEZ, op.cit.), para continuar com uma utilização no Bronze Final (SENNA-MARTINEZ, et alii., 1993a.) e revelar ainda alguns elementos medievais (VARANDAS, 1993.).

As ocupações que aqui nos interessam são representadas pelas unidades estratigráficas (UEs.) 4, 3, 11, 12 e 14, que constituem um "solo de habitat" complexo do Bronze Pleno e a UE.1 contendo materiais do Bronze Final, além de outros atribuíveis a remeximentos e escorrências de outros períodos.

As ocupações da Idade do Bronze

Os dados até ao momento publicados para o Bronze Pleno deste sítio arqueológico referem-se à fase intermédia de ocupação da sala 20. Contudo, as últimas intervenções realizadas nesta jazida têm revelado, noutras salas, a existência de níveis arqueológicos igualmente atribuíveis a este período. Sendo dados em estudo e ainda inéditos, a eles apenas se fará referência sempre que tal se justifique. Na sala 20, a ocupação do Bronze Pleno encontra-se consubstanciada na segunda camada (UE.4), embora também na primeira (UE.1) - onde se observaram importantes perturbações de ordem tafonómica - ocorram materiais atribuíveis a esta fase misturados com outros já do Bronze Final.

Não sendo destinguíveis pela cor, consistência ou componentes pedológicos, a segunda camada encerra em si dois momentos diferenciáveis a partir das estruturas nela contidas: numa primeira fase funcionou, encostada ao lado Norte da cavidade, uma lareira construída à base de seixos rolados (UE.14); posteriormente esta lareira é condenada com a colocação sobre ela de um dormente de mó manual em posição invertida e com a construção de uma segunda estrutura (aparentemente outra lareira), ela também revelando dois sub-períodos de utilização (UEs.3, 11, 12 - cf. SENNA-MARTINEZ, 1993b.).

Do conjunto de materiais fornecidos por estas camadas destaca-se a olaria (Ibid.: 62-69), tendo sido recolhidas várias centenas de fragmentos, que permitiram a reconstituição de um número mínimo de 108 recipientes. A maioria das formas reconstituíveis são já conhecidas em períodos anteriores: taças, tigelas, esféricos, globulares de colo. Os pratos, que não foram identificados neste nível da sala 20, estão presentes na sala 2, numa camada com a mesma atribuição cronológica. Trata-se de apenas dois exemplares de prato de bordo amendrado, um dos quais brunido, revelando uma tardia influência meridional. Àquelas formas, que são claramente maioritárias, juntam-se outras, anteriormente desconhecidas: taças de carena baixa, potes de colo estrangulado e carena média/alta, potes carenados de colo tronco-cónico fechado, vasos tronco-cónicos invertidos com ou sem asa e potes de colo estrangulado e bases planas. Alguns destes recipientes apresentam decoração, representando esta uma percentagem que ronda os 5% dos recipientes, destacando-se as incisões penteadas parcialmente apagadas por brunimento e as aplicações plásticas (mamilos).

A pedra talhada, apesar de comparativamente pouco significativa, está representada por foices sobre lâmina, um raspador, uma lamela e um núcleo de lamelas. A matéria prima é sempre o sílex. Contudo, na sala 2 surgem pontas de seta, em sílex e quartzo, atribuíveis a esta fase de ocupação. No que respeita à pedra polida, para além dos elementos de mó, há apenas a registar a presença de uma pequena enxó [392/87] em anfibolito (Ibid.: 69-70).

O metal encontra-se ausente deste nível de ocupação da sala 20. Contudo, a sala 1, para onde se efectuaram escorrências com proveniência na sala 20, forneceu um cinzel e um outro fragmento de metal, juntamente com materiais cerâmicos atribuíveis a esta fase. Trata-se, em ambos os casos, de cobres arsenicais (SENNA-MARTINEZ, 1989: Apêndice-III).

No que respeita a elementos de adorno e objectos relacionados com o sagrado, foram recolhidos na sala 20 um pendente piramidal e um fragmento de um objecto em granito polido (?), de configuração circular, apresentado sulcos radiais convergentes para o centro, sulcos que também surgem nos rebordos da peça. Ainda da sala 1, existe, proveniente da camada que forneceu cerâmica atribuível ao Bronze Pleno e os materiais metálicos, um pequeno "carreto" em cerâmica, que tem paralelos em contextos deste período em outras áreas peninsulares.

Para além destes materiais, a ocupação do Bronze Pleno da sala 20 e uma das suas escorrências para a sala 2 forneceram um importante conjunto de restos de fauna, que é único para toda a Pré-História da região. Nele estão presentes as seguintes espécies: Bos taurus, Ovis aries, Sus scrofa, Cervus elaphus e Oryctolagus cuniculus (CARDOSO, SENNA-MARTINEZ & VALERA, no prelo.). Predominam as duas primeiras espécies, domésticas, sendo a caça comparativamente pouco relevante.

A ocupação do Bronze Final da sala 20 é representada pela a UE.1, com alguns materiais recuperados entre as pedras do topo do muro constituído pela UE.5, o qual, embora construído no segundo momento de ocupação deste espaço, deverá ter prosseguido em utilização durante este período.

A UE.1 apresentava diversos sinais de remeximento: por um lado, a presença na sua parte inferior de alguns elementos cerâmicos provenientes da UE.4 (as remontagens efectuadas comprovam a sua origem); por outro, não obstante ter sido possível a remontagem quase integral de alguns dos reci-

pientes atribuíveis ao Bronze Final (a notável conservação deste espólio e a alta taxa de recuperação de Formas que permitiu são discutidas em SENNA-MARTINEZ, 1993d) a sua dispersão algo acentuada é significativa; na sua parte superior, alguma cerâmica a torno, de fabrico medieval (VARANDAS, 1993), denota um último revolvimento e caracteriza uma última(?) utilização deste espaço.

Além da Sala 20, foram recolhidos materiais atribuíveis ao Bronze Final nas Salas 1 e 2 conforme se descreve atrás. Contudo, parece-nos que o espaço de efectiva ocupação no Bronze Final, até agora de-tectado neste conjunto de cavidades, se restringe à UE.1 da sala 20 (na altura funcionando como "abrigo") e, eventualmente, à interface superior da UE.6 da Sala 2, representando as restantes ocorrências de materiais deste período simples escorrências.

O conjunto dos materiais atribuídos ao Bronze Final (SENNA-MARTINEZ, et als., 1993a) é sobretudo constituído por recipientes de olaria de que importa destacar a dominância de recipientes de médias dimensões, pastas finas e acabamento brunido incluindo: taças fundas de carena muito alta, potes de carena média/alta e colo estrangulado, pucaros, taças de perfil em S, um pote de colo fechado, um jarro e dois vasos altos de colo tronco-cónico fechado com decoração incisa pós-cozedura, sendo um provido de asa.

Os recipientes de pastas mais grosseiras estão representados por "panelas" quer na variedade alta e de colo muito baixo quer na globular de colo tronco-cónico fechado.

Ausentes estão os grandes recipientes de armazenagem (Formas 41 e 42, SENNA-MARTINEZ, 1993d: 99-102 e Est.II) e os pequenos recipientes de pastas finas e cuidadas (Formas 32,33 e 38, Id.: 96-98 e Est.I) que pensamos ser objectos de uso pessoal, usados para o consumo de bebidas (SENNA-MARTINEZ, 1994.).

Importa ainda destacar a recolha, na UE.1 da Sala 2, de dois fragmentos de placas de bronze com rebites, atribuíveis provavelmente a um caldeiro de tipo irlandês.

Senna-Martinez, J. C.
Valera, A. C.

41
Povoado do Buraco da Moura de S. Romão
Vaso

Bronze
Objecto utilitário
Povoado do Buraco da Moura de S. Romão, Seia
Cerâmica

Vaso troncocónico invertido com asa de não cravada. Apresenta quatro mamilos decorativos sobre o bordo.

90 x d.b. 110 mm
Bibl.: Senna-Martinez, 1989, 1993b, 1993c

Vaso

Bronze Pleno
Objecto utilitário
Povoado do Buraco da Moura de S. Romão, Seia
Cerâmica

Vaso troncocónico invertido com asa de não cravada. Apresenta o corpo cilíndrico por mamilos decorativos.

Bibl.: Senna-Martinez, 1989, 1993b, 1993c

Taça

Bronze Pleno
Objecto utilitário
Povoado do Buraco da Moura de S. Romão, Seia
Cerâmica

Taça de carena baixa e colo alto.

76 x d.b. 108 mm
Bibl.: Senna-Martinez, 1989, 1993b, 1993c

Vaso

Bronze Pleno
Objecto utilitário
Povoado do Buraco da Moura de S. Romão, Seia
Cerâmica

Grande vaso globular de colo alto com o bordo e pança decorados por ungulações.

Bibl.: Senna-Martinez, 1989, 1993b, 1993c

Foice

Bronze Pleno
Objecto utilitário
Povoado do Buraco da Moura de S. Romão, Seia
Sílex

Foice de escabamento transversal sobre lâmina de sílex.

68 x 17 e 5 mm
Bibl.: Senna-Martinez, 1989, 1993b

Foice

Bronze Pleno
Objecto utilitário
Povoado do Buraco da Moura de S. Romão, Seia
Sílex

Fragmento de foice de encabamento transversal sobre lâmina de sílex.

57 x 15; e.6 mm
Bibl.: Senna-Martinez, 1989, 1993b

Raspador

Bronze Pleno
Objecto utilitário
Povoado do Buraco da Moura de S. Romão, Seia
Sílex

Raspador distal sobre lâmina de sílex.

43 x 15; e.7 mm
Bibl.: Senna-Martinez, 1989, 1993b

Raspador

Bronze Pleno
Objecto utilitário
Povoado do Buraco da Moura de S. Romão, Seia
Sílex

Micro-núcleo tabular para lamelas
37 x 29; e.17 mm

Bibl.: Senna-Martinez, 1989, 1993b

Enxó

Bronze Pleno
Objecto utilitário
Povoado do Buraco da Moura de S. Romão, Seia
Anfibolito polido

Pequena lâmina de enxó com polimento integral.

50 x 38; e.13 mm
Bibl.: Senna-Martinez, 1989, 1993b

Pendente

Bronze Pleno
Objecto utilitário
Povoado do Buraco da Moura de S. Romão, Seia
Xisto

Pendente sub-piramidal em xisto polido, com perfuração bicónica junto ao vértice.

40 x 24; e.17 mm
Bibl.: Senna-Martinez, 1989, 1993

Cinzel

Bronze Pleno
Objecto utilitário
Povoado do Buraco da Moura de S. Romão, Seia
Cobre arsenical

Pequeno cinzel bi-apontado.

94 mm
Bibl.: Senna-Martinez, 1989, 1993

Pote

Bronze Final
Povoado do Buraco da Moura de S. Romão, Seia
Cerâmica

Pote de colo alto troncocónico fechado e base plana, com asa de fita arrancando do bordo e decoração incisa pós-cocedura com motivos circulares e solares. Pasta fina de acabamento brunido.

184 x d.b.94 mm
Bibl.: Senna-Martinez, 1989, 1993b

Jarro

Bronze Final
Objecto utilitário
Povoado do Buraco da Moura de S. Romão, Seia
Buraco da Moura de S.Romão, Seia
Cerâmica

Jarro com asa de fita arrancando do bordo e base plana. Pasta fina de acabamento brunido.

140 x d.b.116 mm
Bibl.: Senna-Martinez, 1989, 1993b

Taça

Bronze Final
Objecto utilitário
Povoado do Buraco da Moura de S. Romão, Seia
Buraco da Moura de S.Romão, Seia
Cerâmica

Taça funda de carena muito alta, com asa de fita arrancando do bordo. Pasta fina de acabamento brunido.

120 x d.b.228 mm
Bibl.: Senna-Martinez, 1989, 1993b,1994; Senna-Martinez,et ali, 1993a

Taça

Bronze Final
Objecto utilitário
Povoado do Buraco da Moura de S. Romão, Seia
Buraco da Moura de S.Romão, Seia
Cerâmica

Taça funda de carena muito alta, com asa de fita arrancando do bordo e base plana. Pasta fina de acabamento brunido.

104 x d.b.166 mm
Bibl.: Senna-Martinez, 1989, 1993b,1994; Senna-Martinez,et ali, 1993a

Panela

Bronze Final
Objecto utilitário
Povoado do Buraco da Moura de S. Romão, Seia
Buraco da Moura de S.Romão, Seia
Cerâmica

Panela muito alta de colo muito baixo, com duas asas de fita arrancando do bordo que é decorado com ungulações. Base plana. Pasta grosseira de acabamento alisado. Apresenta marcas de fuligem.

208 x d.b.176mm
Bibl.: Senna-Martinez, 1989, 1993b,1994; Senna-Martinez,et ali, 1993a

Pote

Bronze Final
Objecto utilitário
Povoado do Buraco da Moura de S. Romão, Seia
Buraco da Moura de S.Romão, Seia
Cerâmica

Pequeno pote de carena esbatida e base plana. Pasta fina de acabamento brunido.

66 x d.b.84mm
Bibl.: Senna-Martinez, 1989, 1993b,1994; Senna-Martinez,et ali, 1993a

Fragmentos de Caldeiro

Bronze Final
Objecto utilitário
Povoado do Buraco da Moura de S. Romão, Seia
Buraco da Moura de S.Romão, Seia
Cerâmica

Dois fragmentos de chapa com rebites, provavelmente pertencentes a um "caldeiro de tipo irlandês".

Bibl.: Senna-Martinez, 1989, 1993,1994; Senna-Martinez,et ali, 1993a; Gil, et ali, 1989
Senna-Martinez, J. C.
Valera, A. C.

42
Povoado da Bouça do Frade
Vaso

Bronze Antigo
Recipiente para armazenagem
Povoado da Bouça do Frade, Baião, Porto
Cerâmica

Grande vaso bojudo, com fundo plano, de colo bem marcado e bordo recido horizontal. É decorado com cordões formando "grinaldas" em sequência horizontal, sobre a pança, apresentando quatro pegas equidistantes, saindo da base do colo.

d.b. 290 d.boj 465; a.470 mm

Púcaro

Bronze Antigo
Objecto utilitário
Povoado da Bouça do Frade, Baião, Porto
Cerâmica

Pequeno vaso de forma sub-cilíndrica e fundo plano, com perfil ligeiramente sinuoso, apresentando asa lateral que sai directamente do bordo.

150x150mm
Bibl.: Jorge, S. O., 1986a
Museu Municipal de Baião
Jorge, S. O.

A Estação Arqueológica de Monte do Frade

A estação arqueológica de Monte do Frade, identificada em 1988 no decurso de prospecções realizadas pela autora e por José Luís Cristóvão, pertence à freguesia e concelho de Penamacor, distrito de Castelo Branco.

O sítio onde se implanta este povoado corresponde a uma elevação de configuração alongada e grosseiramente elíptica, orientada a NW/SE, com 580 m de altitude máxima absoluta. Trata-se de um relevo bem destacado e individualizado na paisagem de planos e de ondulações suaves que caracteriza a área nordeste da "Superfície de Castelo Branco". É de sublinhar o seu amplo e diversificado controlo visual. Os terrenos são de constituição maioritariamente granítica, mas abrangem também manchas do complexo xisto-grauváquico das Beiras, com solos pobres. Os recursos hídricos circunscrevem-se às áreas limítrofes de sopé, em regra bem drenadas.

As escavações arqueológicas entretanto efectuadas incidiram no cume mais setentrional do monte, com 576 m de altitude absoluta. É definido por uma pequena plataforma, bem destacada e individualizada, com apenas cerca de 126 m2.

Nela foram identificadas várias estruturas de carácter habitacional - lareiras, buracos de poste e "empedrados" - bem como diversos materiais - cerâmicos, líticos e metálicos - atribuíveis ao final da Idade do Bronze.

As datações absolutas disponíveis, obtidas pelo método do radiocarbono a partir de amostras de carvão (GrN-19660: 2805± 15BP, ICEN-971: 2850± 45BP, ICEN-969: 2920± 50BP e ICEN-970: 2780± 100BP), permitem estimar, após calibração, para a probabilidade estatística de 2 sigma,uma ocupação deste povoado entre 1263 e 792 a. C.

Os materiais cerâmicos pautam-se por uma assinalável diversidade ao nível dos tipos de fabrico, das formas e das decorações. Os primeiros associam peças de elevada homogeneidade, em termos de pastas, e grande perfeição, no que respeita ao acabamento superficial, a outros muito grosseiros sob todos os pontos de vista. As segundas distribuem-se por 14 tipos morfológicos, com especial destaque para as taças carenadas e para os potes de grande capacidade, cuja presença é bastante equilibrada neste povoado. Estilisticamente, entendendo aqui esta expressão como sinónimo de decoração, encontramos, principalmente, incisões e impressões, motivos plásticos e brunidos. Entre as incisões, em regra de grande monotonia, cabe uma especial referência ao bordo decorado com espigas, em ambas as superfícies, que nos conduz ao mundo meseranho. Mas são sem dúvida os motivos brunidos, sempre exteriores, nas suas duas variantes técnicas - sulcos e faixas -, que reúnem o maior número de composições decorativas: triângulos sequenciais, linhas verticais paralelas, ziguezagues, reticulados e losangos, ou outras mais complexas dentro desta temática básica.

Entre os líticos e, para além dos inúmeros elementos de mó, do tipo vaivém, recolhidos quer nos seus contextos primários de uso, quer reaproveitados como elementos de construção em estruturas, são de destacar os seixos naturais utilizados como pesos e as valvas de moldes. No seu conjunto, testemunham-nos a prática local da moagem, da tecelagem e da metalurgia.

Algumas das peças metálicas deste povoado, na sua maioria de cariz atlântico, revelam uma excepcional importância, seja pela sua raridade tipológica - caso do "Eranchet" -, seja pelo seu valor sócio-simbólico, de âmbito mediterrânico,- caso da delicada pinça -, seja ainda por aquele mesmo valor, agora veiculado pela própria matéria-prima - caso de uma pequena lâmina de ferro.

Além das actividades domésticas já assinaladas, importa também registar o importante papel que terá tido a pastorícia no seio desta comunidade. No estudo arqueozoológico, da responsabilidade do Prof. Miguel Telles Antunes, foram identificados vestígios de Bos, Capra e Sus.

Em conclusão, será de sublinhar a localização privilegiada deste sítio arqueológico, quer em termos locais, quer regionais, bem como a expressividade, sob o ponto de vista cronológico-cultural, da sua ocupação do Bronze Final: nele se articulam, harmoniosamente, elementos regionais e alguns supra-regionais, dos círculos atlânticos ou mediterrânico, sobre um forte cunho indígenista.

VILAÇA, R.

45
Povoado dos Alegrios
Taça

Bronze Final
Objecto utilitário
Povoado dos Alegrios, Monsanto,
Idanha-a-Nova, Castelo Branco
Cerâmica

Taça carenada; colo vertical e pança com paredes direitas.

d.a. 270 mm

Pote

Bronze Final
Objecto utilitário
Povoado dos Alegrios, Monsanto,
Idanha-a-Nova, Castelo Branco
Cerâmica

Pote com colo vertical, pança globular e fundo plano.

d.a. 240; d. f. 110; d.m. 340; a. 270 mm

Pote

Bronze Final
Objecto utilitário
Povoado dos Alegrios, Monsanto,
Idanha-a-Nova, Castelo Branco
Cerâmica

Pote com colo vertical, na base do qual existe o arranque de uma asa, possivelmente de fita.

d.a. 370 mm

Pote

Bronze Final
Objecto utilitário
Povoado dos Alegrios, Monsanto,
Idanha-a-Nova, Castelo Branco
Cerâmica

Pote com colo curto extrovertido e pança globular; lábio decorado com traços incisos.

d.a. 300 mm

Taça

Bronze Final
Objecto utilitário
Povoado dos Alegrios, Monsanto,
Idanha-a-Nova, Castelo Branco
Cerâmica

Taça carenada com asa unindo o lábio à carena.

Taça

Bronze Final
Objecto utilitário
Povoado dos Alegrios, Monsanto,
Idanha-a-Nova, Castelo Branco
Cerâmica

Taça carenada com asa em fita unindo o lábio à carena.

d.a.120; a. 550 mm

Recipiente

Bronze Final
Objecto utilitário
Povoado dos Alegrios, Monsanto,
Idanha-a-Nova, Castelo Branco
Cerâmica

Recipiente troncocónico com decoração incisa "tipo Baiões"; bordo descarnecido.

d.m. 310 mm

Pote

Bronze Final
Objecto utilitário
Povoado dos Alegrios, Monsanto,
Idanha-a-Nova, Castelo Branco
Cerâmica

Bordo de pote com decoração incisa de "tipo Baiões". Fragmento de bojo, do mesmo recipiente, também com decoração incisa de "tipo Baiões".

d.a. 140 mm

Pendente

Bronze Final
Objecto adorno
Povoado dos Alegrios, Monsanto,
Idanha-a-Nova, Castelo Branco
Grauvaque

Pendente alongado aproveitando um seixo natural de grauvaque. Contorno subelíptico muito alongado, com lados paralelos até cerca de 3/4 do comprimento, altura a partir da qual se forma um ligeiro convexo. Superfícies alisadas lateralmente. Num dos topos possui uma perfuração. No outro topo foram executados dois pequenos chanfros assimétricos; secção subelíptica.

192 x 13 mm

Molde de varetas (?)

Bronze Final
Objecto utilitário
Povoado dos Alegrios, Monsanto,
Idanha-a-Nova, Castelo Branco
Grés

Valva de molde em grés com contorno sub-rectangular e cantos arredondados; secção plano-convexa. Na superfície plana possui um sulco longitudinal.

100 x 45 x 25 mm

Escopro

Bronze Final
Objecto utilitário
Povoado dos Alegrios, Monsanto,
Idanha-a-Nova, Castelo Branco
Bronze

Escopro de bordos paralelos e gume biselado; secção rectangular.

87 x 9 x 8 mm

Furador ou punção

Bronze Final
Objecto utilitário
Povoado dos Alegrios, Monsanto,
Idanha-a-Nova, Castelo Branco
Bronze

Furador com as extremidades muito aguçadas e secção quadrangular.

43 mm

Virola

Bronze Final
Objecto utilitário
Povoado dos Alegros, Monsanto,
Idanha-a-Nova, Castelo Branco
Bronze

Virola sub-rectangular com contorno losângico. Nas duas faces principais possui duas perfurações circulares simétricas para fixação, com 3 mm de diâmetro.

41 x12 x 20 mm

Argola

Bronze Final
Objecto utilitário
Povoado dos Alegros, Monsanto,
Idanha-a-Nova, Castelo Branco
Bronze

Argola lisa, fechada, de contorno circular e secção losângica.

d. 25 mm

Botão

Bronze Final
Objecto utilitário
Povoado dos Alegros, Monsanto,
Idanha-a-Nova, Castelo Branco
Bronze

Botão com cabeça cónica, contorno circular, com sulco circular decorativo. Na face interior possui um dispositivo de fixação com forma subcircular.

d. m. 25 mm

Taça

Bronze Final
Objecto utilitário
Povoado dos Alegros, Monsanto,
Idanha-a-Nova, Castelo Branco
Cerâmica

Pequena taça carenada com asa em fita arrancado do lábio.

55 x ⌀a. 120 mm
Bibl.: Vilaça, R., 1994
Vilaça, R.

O Povoado da Santinha (Amares-Braga)

Localização

Localizado na bacia do curso médio do rio Cávado, margem direita, este povoado ocupa a plataforma superior e parte da encosta Sul de uma colina residual dos contrafortes da serra do Gerês, com boas condições de visibilidade e defesa natural e de acesso aos recursos do vale. Localizado na freguesia e concelho de Amares, situa-se a 41 38' 16" de Lat. N., 0 20' 41" de Long. W (Gr.), a 195m de altitude máxima, segundo a Carta Militar de Portugal, folha nº 56, esc. 1/25 000.

Contextos ocupacionais

Embora citado na bibliografia científica como povoado proto-histórico, novas prospecções, efectuadas em 1992, permitiram detectar cerâmicas enquadráveis no Calcolítico e na Idade do Bronze Final da região. O interesse científico dos materiais então descobertos e o avanço das pedreiras graníticas, que ameaçam a estação, levou a que a Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho promovesse escavações sistemáticas, em 1993 e 1994, para melhor avaliar da importância dos diferentes níveis de ocupação do povoado.

Estas campanhas incidiram na plataforma superior e na encosta Sul do monte.

A primeira ocupação, que não foi possível contextualizar nos três cortes efectuados, associa-se a cerâmicas metopadas de tipo "Penha" relativamente datáveis da primeira metade do III°milénio a. C.. A distribuição estratigráfica dos fragmentos encontrados: na camada humosa, dos cortes efectuados na encosta e no contacto com a areia granítica, nos quadrados a Este da plataforma superior, permitem pensar que esta ocupação estaria concentrada na zona mais alta do monte entre os afloramentos que aí se encontram.

A segunda ocupação corresponde ao Bronze Final, por comparação com espólio datado dos povoados de S. Julião e Barbudo, em Vila Verde.

Durante este período, o povoado estendeu-se por uma vasta área que englobava a acrópole e uma boa parte da encosta Sul, embora a distribuição espacial das estruturas internas indicie estratégias de ocupação diferenciadas ou especializadas. As fossas abertas no saibro inscritas no interior de um murete, grande número de sementes de cereais, crucíferas e leguminosas, profusão de potes de fabrico grosseiro e fragmentos de grandes moinhos manuais, são dados que distinguem a ocupação da plataforma superior daquela que caracterizava outras áreas do monte.

Nos dois cortes abertos na encosta Sul manifesta-se outro tipo de organização espacial com a presença de estruturas de habitação (pisos de saibro e buracos de poste); de tumulação (cista em pedra), em simultâneo com um número reduzido de fossas, que cremos terem sido de armazenamento. Estas estruturas parecem assentar em plataformas artificiais, contidas por muros de pedra, de construção grosseira.

Em relação ao espólio a principal diferença manifesta-se na maior profusão de cerâmicas finas e na exclusividade das taças carenadas, muito raras. Os poucos indícios de objectos em bronze, traduzem-se por um fragmento de caldeiro de rebites, entre outras peças de difícil identificação, serido maioritários desta zona do povoado.

A plataforma superior seria reservada a estruturas de carácter público, materializadas em fossas-silos, abertas no saibro e inseridas numa cabana de grandes dimensões, cuja base, constituída por pedras, suportaria paredes e tecto de materiais perecíveis, assentes em postes de madeira, cujos buracos se encontraram espalhados pelo recinto.

Os artefactos e os ecofactos aqui encontrados abonam a favor desta hipótese. São frequentes as sementes de várias espécies agrícolas, provenientes do interior das fossas ou de zonas contíguas. A própria "monotonia" da morfologia cerâmica, representada por exemplares de potes de grande e média dimensão, em cerâmica grosseira, poderão corresponder a vasos de provisões e representar um dado mais a favor de uma especialização do local. Assim sendo a plataforma superior constituiria uma área de armazenagem de excedentes de produção, a ser utilizada para diversos fins (consumo das populações deste ou de outros povoados subsidiários, reserva para sementeiras, elemento de troca, de oferta, etc.).

A zona da encosta seria preferencialmente um espaço habitacional, de desempenho das várias actividades domésticas, mas também um espaço dos mortos, sem que tal facto se possa generalizar. A existência de fossas abertas no saibro, não longe das estruturas de habitação, com restos de sementes e bolotas, poderá evidenciar estruturas de armazenagem mais particularizadas ou familiares, ligadas ao consumo imediato dos habitantes do povoado. Também aqui os artefactos e os ecofactos parecem corroborar esta hipótese. É na encosta que se detecta um dos vestígios relacionado com o que pensamos ser um dos rituais comunitários importantes –o banquete- implicando uma peça de prestígio, o caldeiro de rebites, em bronze, bem como as taças carenadas.

Apesar de não possuirmos grandes indicadores processuais para falarmos de hierarquia social, cremos que os vestígios de uma produção agrícola intensa e excedentária, bem como a presença de estruturas de armazenagem e a sua possível manutenção, poderá indiciar a presença, neste povoado, de uma elite cujo poder/prestígio se afirmou pela capacidade de manter a estabilidade económica do habitat e de se ligar a uma rede de interacções sociais que lhes permitiu trocar os excedentes agrícolas por outros bens necessários à subsistência da comunidade.

A própria especialização espacial, no interior do povoado, poderá relacionar-se com códigos de domínio social diferenciado, embora esta hipótese ofereça reservas.

Uma terceira ocupação, igualmente atribuível ao Bronze Final, aflorava à superfície da plataforma superior e numa área contígua, embora bastante destruída por terraplanagens e fenómenos de erosão, respectivamente. Dela, apenas detectámos três fossas, abertas na camada mais antiga, consideravelmente maiores do que as anteriores.

Problemas

Feita uma sinopse da ocupação do povoado importará identificar e estudar o seu núcleo Calcolítico e a sua relação com os períodos subsequentes, no sentido de se perceber a lógica que presidiu à ocupação diferenciada e funcional do espaço durante, pelo menos, a fase mais antiga do Bronze Final.

Seria igualmente importante perceber as especificidades deste povoado, em relação com outros da região, e os mecanismos de interacção desenvolvidos com as comunidades coetâneas, como a de S. Julião, bem como a sua inserção em sistemas de troca de âmbito supra-regional.

Bettencourt, A. M.

46
Potinho do Povoado da Santinha

Bronze Final
Objecto utilitário
Povoado da Santinha, Amares, Braga
Cerâmica

Exemplar de potinho, com vestígios de fuligem, representando uma das formas mais comuns da louça fina do Bronze Final da região. Foi encontrado no interior de uma pequena cista de pedra sem tampas, na zona habitacional do encosta Sul do povoado da Santinha. Constitui o único espólio metálico na estrutura sepulcral. Foi datado dos finais da Idade do Bronze, por comparação com materiais cerâmicos deste período, encontrados nos povoados de S. Julião e Bothelo e pelo contexto onde o vasinho se manifestou.

106 x 124 mm
Museu Regional de Arqueologia D. Diogo de Sousa
Bettencourt, A.

O Povoado do Cabeço do Castro de S. Romão

Localização e ambiente

O Cabeço do Castro de S. Romão constitui um esporão encaixado na confluência do rio Alva com a ribeira da Caniça, entre as povoações da Senhora do Desterro a norte e da Lapa dos Dinheiros a sul-sudoeste, em terrenos da Freguesia de São Romão, Concelho de Seia. As coordenadas centrais da sua elevação este, à cota máxima de 888m, são 236.850/380.250 GAUSS, na Folha 212 da Carta Militar de Portugal, escala 1:25000.

Situa-se na vertente noroeste da Serra da Estrela, no limite entre o seu andar basal e intermédio (SILVA & TELES, 1986: 19). O cabeço é, do ponto de vista geológico, maioritariamente constituído por granitos, parte integrante do complexo de granitos calco-alcalinos de duas micas biotíticos (granitos porfiróides de grão grosseiro, cf. TEIXEIRA, et alii., 1974: 26 sgs.) localizando-se no contacto destes com o Complexo Xisto-grauváquico das Beiras, sendo atravessado, na sua elevação este, por veios de grauvaque.

A região é periférica em relação ao que foi, no Plistocénico, a área glaciada da serra (DAVEAU, 1985: 65, fig.22), sendo constantemente recortada por nascentes e cursos de água, cuja circulação e infiltração (que as reservas hídricas resultantes das acumulações de neves alimentam) auxiliadas pelo estado do granito, geralmente alterado, permitem a abertura de poços e galerias. Recorde-se o caso do Buraco da Moura (SENNA-MARTINEZ, 1993b.; SENNA-MARTINEZ, et alii., 1995a.; VALERA, 1993.). O local detém um completo controle da paisagem envolvente, numa amplitude superior a 180º, com visibilidade que se estende, com bom tempo, ao longo da encosta noroeste do Maciço Central até à Lousã, dominando a quase totalidade da bacia do Mondego, chegando ao Maciço Marginal com os cumes do Buçaco, à serra do Caramulo e até às terras altas a norte e a oriente de Viseu.

"História" do sítio arqueológico

É Martins Sarmento quem, no âmbito da expedição científica à Serra da Estrela de 1883, pela primeira vez reconhece a importância deste sítio arqueológico que interpreta à luz das realidades arqueológicas do Noroeste, por si perfeitamente conhecidas (SARMENTO, 1933(1883): 132-5). Em particular, este investigador comparou este sítio com os da "cultura castreja" daquela região (Citânia de Briteiros e Sabroso, Idem, 132).

Martins Sarmento nunca chegou a efectuar escavações no local. Contudo, após a publicação do seu relatório, o Cabeço do Crasto torna-se numa das referências obrigatórias para a romanização da região, figurando em praticamente toda a bibliografia regional sobre a Serra da Estrela e, particularmente, na monografia do concelho de Seia (BIGOTTE, 1982: 24, 32, 331).

A partir de 1982, no âmbito dos trabalhos de cartografia arqueológica, que de há alguns anos a esta parte vimos realizando na bacia do Mondego, no âmbito do Programa PEABMAM (SENNA-MARTINEZ, 1993a.), procedemos a um primeiro reconhecimento do sítio, seguido de novas visitas em 1983 e 1984. Pudemos assim confirmar o essencial das observações produzidas por Martins Sarmento e, no particular que ora importa, verificar que os materiais cerâmicos de cariz mais antigo, que surgiam concentrados na elevação mais ocidental do cabeço, eram atribuíveis ao Bronze Final, sendo igualmente clara, sobretudo no espaço restante, uma ocupação de época romana imperial.

Como resultado das prospecções efectuadas, o Cabeço do Crasto constituía, à data de arranque da primeira das seis campanhas para aí programadas, o único sítio que conhecíamos no vale do Alva com potencialidades para documentar uma longa diacronia de ocupação num único povoado, fazendo naturalmente convergir para ali as atenções dos responsáveis pelos então dois projectos do Programa PEABMAM. Coube-nos assim dirigir o estudo da ocupação atribuível ao Bronze Final, tendo para o efeito procedido a três campanhas de escavação (1985) a 3(987).

A escavação: a estrutura do sítio e contexto dos materiais recolhidos

A planta esquemática que Martins Sarmento esboçou do sítio (SARMENTO, 1933(1893): 134, fig.1) contém diversas incorrecções. Contudo, identificou, no texto e no essencial de modo correcto, os dois conjuntos de estruturas defensivas que, sabemo-lo hoje, marcam dois momentos aparentemente extremos da ocupação humana do local: a muralha exterior "[...] uns 60 metros abaixo da cumeada [...]" e outra "[...] superior, no cabeço granítico, é de blocos de granito e formava um pequeno recinto [...]" (Idem, p. 10).

Museu Nacional de Arqueologia Biblioteca

Logo nos primeiros reconhecimentos efectuados, constatámos a existência, no "pequeno recinto" identificado por Martins Sarmento e que ocupa a elevação oeste do Cabeço do Crasto, de acções humanas reforçando as condições naturais de defesa do local. Em toda a sua periferia norte, nascente e sul, definindo uma área de cerca de 110m por 40m e aproveitando os afloramentos graníticos que o limitam, os intervalos entre estes apresentavam-se preenchidos por muretes e/ou empedrados com pedra de granito e grauvaque de grandes e médias dimensões, constituindo uma estrutura defensiva tão rude quanto eficaz dada a topografia do local.

No extremo sueste deste recinto, uma rampa algo íngreme, aparentemente integrada no sistema defensivo descrito, desce para uma área de cota menor, definindo uma pequena plataforma, local e tradicionalmente conhecida como a "sela do Crasto", com vertentes suaves a norte e sul, voltando a subir a oriente para outra pequena elevação. Na "sela" são visíveis diversos restos de muros à superfície e, em ambas as vertentes, assinalam-se socalcos construídos.

A segunda elevação é atravessada por diversos filões de grauvaque e apresenta uma vertente este em declive suave com alguns restos de construções visíveis. Cerca de 40m abaixo do seu topo, desenvolve-se a grande muralha identificada por Martins Sarmento, a qual envolve o cabeço pelos lados oriental, norte e sul delimitando uma área de aproximadamente 400m ¥ 200m e na qual se puderam constatar edificações em época romana imperial (sécs.III-IV ?).

Partindo da planta 1:5000, do cabeço e sua área envolvente, levantada pela Hidroeléctrica da Serra da Estrela, implantámos um sistema de eixos coordenados, metidos à rede com o apoio do GAT B11(Seia), que materializámos em marcos de cimento armado e a partir dos quais foram montadas as quadrículas de escavação.

Interessando-nos particularmente a ocupação mais antiga do local dirigimos os nossos esforços, nas três campanhas que efectuámos, para a elevação oeste do cabeço onde os vestígios de tal ocupação eram evidentes. Aí foram implantados três sectores de escavação: A, B e C.

O Sector A

Esta área, por onde iniciámos o nosso estudo deste sítio arqueológico, fica na faixa central da elevação oeste (SENNA-MARTINEZ, 1989: fig.2.157). Partindo dos marcos 4 e 5, demarcámos e abrimos uma área de 10 m ¥ 28 m, disposta transversalmente em relação à elevação oeste, da qual verificámos, posteriormente, que só a metade sul possuía contextos estratigráficos não remexidos. Esta foi, por duas vezes (1986 e 1987), alargada a ocidente dando um total de 136 m2 de área em que pudemos estudar a distribuição espacial de estruturas e materiais (SENNA-MARTINEZ, 1989: fig.2.158).

Uma vez retiradas as terras superficiais com raízes, húmus e abundantes carvões resultantes do incêndio que, em 1982, devastou o cabeço, eram visíveis as seguintes realidades:

Uma área, limitada a sul pela escarpa da elevação oeste do cabeço, em que se agrupavam fragas graníticas naturais, penedos graníticos artificialmente empilhados e dois pequenos troços de muro construídos em granito e grauvaque sem qualquer tipo de aparelho. Os espaços entre este conjunto de elementos encontravam-se preenchidos por terras escuras, com abundante areão de granito alterado e alguns fragmentos de olaria, formando uma série de plataformas alcandoradas sobre a escarpa, outras tantas excelentes posições defensivas para os ocupantes do local.

De facto, a continuação da escavação comprovou o carácter artificial destas plataformas. Sob aquelas unidades surgiram outras em que os materiais encontrados - essencialmente olaria fragmentada incluindo restos de pequenas taças carenadas brunidas, algumas com decoração incisa pós-cozedura no estilo do Grupo Baiões/Santa Luzia, provindo de duas delas fragmentos com decoração excisa cheia a pasta branca - apontam para uma cronologia do Bronze Final.

As unidades subjacentes constituem os enchimentos de fundo das plataformas em questão, formando socos ou bases de pavimento, formados por pedra de médias dimensões de granito, grauvaque e calhaus rolados de quartzo, alguns destes apresentando traços de utilização como percutores. Quer o grauvaque quer os seixos são estranhos ao ambiente geológico da elevação em que se situa este sector. O primeiro existe a cerca de 100m de distância, na outra elevação do cabeço, num filão que o atravessa e que é já referido por Martins Sarmento [1933(1893): 133]. Quanto aos seixos, a sua origem possível mais próxima é constituída pelos leitos do Alva ou da Caniça, cerca de 200 m mais abaixo na base do Cabeço do Crasto. A origem artificial destas plataformas está, assim, sobejamente comprovada, pois a presença de lajes de grauvaque a travarem alguns dos penedos graníticos artificialmente empilhados também constitui uma impossibilidade geológica.

Por outro lado, os materiais recuperados nas UEs. que se sobrepõem às bases destas plataformas permitem atribuir, com bastante segurança, este primeiro complexo defensivo do povoado, ao Bronze

Final, cronologia que é confirmada por outros dados.

Outra área, limitada a sul pelas plataformas anteriormente referidas e, a norte, por um conjunto de afloramentos graníticos, formava uma espécie de socalco, em que as áreas livres entre os afloramentos e penedos deslocados tinham sido, sou-bémo-lo posteriormente, agricultadas com centeio nos anos trinta e quarenta. Tal terá irremediavelmente afectado, como pudemos verificar, os níveis superiores do respectivo enchimento.

Felizmente que, uma vez removidas as terras superficiais e os níveis remexidos subjacentes, pudemos constatar a existência sob elas de um solo de habitat complexo e bem conservado, integrando um conjunto importante de estruturas.

Constituído por terras castanho-escuras (Munsell 7.5YR3/2) com zonas de tom mais avermelhado (5YR2.5/2), este solo integra e preenche uma série de estruturas em negativo, fossas e buracos de poste, de detecção por vezes só claramente legível ao nível dos granitos alterados de base, bem como um pavimento de barro cozido, com cerca de 75 cm de diâmetro e bastante degradado, provavelmente o que resta de uma lareira, que assentava directamente numa grande lage granítica que forma parte do subsolo local.

Este conjunto de estruturas define e preenche um espaço que parece configurar uma "cabana" de planta aproximadamente rectangular, limitada a norte por afloramentos graníticos, que formam um socalco, cerca de 2 m acima deste solo, interrompido a nordeste por uma passagem em rampa, de cerca de 1m de largo, ladeada por dois buracos de poste estruturados; o limite este é formado por um muro de que restam as fundações; a sul os seus limites são menos evidentes, mas a oeste, limitam-no uma enfiada de buracos de poste, em parte encostados a um afloramento granítico. No seu interior, além da lareira, aproximadamente central, dispõem-se, em

diagonal de nordeste para sudoeste, cinco buracos de poste e duas fossas. O espaço assim delimitado tem cerca de 5,5m x 5m.

Os materiais associados ao interior deste espaço são predominantemente constituídos por olaria fragmentada, de produção manual, pertencente a recipientes integráveis nas formas atribuíveis ao "Grupo Baões/Santa Luzia" (SENNA-MARTINEZ, 1993c.).

Da fossa maior provêm a base e os dois terços inferiores de um vaso de armazenagem, tendo ao lado parte de um pequeno "pucaro" (Forma 36.1, cf. op.cit.: 97, Est.I) com asa de fita e superfícies brunidas e cerca de metade de uma "panela globular de colo tronco-cónico fechado" (Forma 44.1, cf. op.cit.: 102, Est.III), com asa de fita arrancando do bordo, que é decorado com ungulações.

Próximo da extremidade oeste do muro de limite da "cabana" recolhemos uma enxó de fibrolite com polimento integral e com o gume denotando uso. Junto ao limite sul deste espaço, estavam dois fragmentos de um dormente de mó manual, enquanto próximo do seu ângulo sudeste, diversos pesos sobre seixos rolados achatados jaziam entre dois buracos de poste (um integrado no limite sul da "cabana" e outro afastado dele cerca de 1.20m) configurando a existência de um possível tear vertical.

Associado a este espaço, surgiu ainda um conjunto de artefactos, metálicos ou ligados com a produção metalúrgica (SENNA-MARTINEZ, 1989: fig.2.159; GIL, et alli., 1989): do ângulo noroeste e junto ao muro de limite norte, um fragmento de punção de bronze; já fora da estrutura de habitat em causa, embora junto a ela, recolhemos a cerca de 1m a este do seu ângulo sudeste, um machado de talão uniface e com uma só argola; próximo jazia parte de um molde de fundição em argila para pontas de lança de alvado; junto à plataforma defensiva a sudeste da "cabana" surgiu um cravo de escudo em cobre impuro. De entre a olaria recuperada nesta zona a sudoeste do habitat, convém destacar a presença de dois fragmentos com decoração em boquique.

No extremo ocidental da área inicialmente demarcada neste sector, abrindo a sudoeste para uma área então não-escavada, surgiu, em 1986, uma complexa estrutura de "lareira/fornalha?", o que levou a que decidíssemos, em 1987, alargar nesse sentido a área escavada deste sector em mais 4m X 5m.

Uma vez removidas as terras superficiais e as unidades remexidas subjacentes, era visível que o espaço então demarcado se dividia em três realidades de norte para sul: terras castanho escuras (Munsell 7.5YR3/2) com zonas de tom mais avermelhado (5YR3/2) ocupavam a metade norte e constituíam um solo de habitat complexo, o qual prolongava estratigraficamente o detectado, em 1986, na área do Sector.

A adjacente a oriente à que foi alvo de intervenção no ano seguinte, limitava a sul este solo, uma faixa de terras castanho-amareladas (2.5Y6/4) com pedra de granito e grauvaque de pequenas e médias dimensões que viemos a verificar ser o topo de um muro de pedra seca empilhada conservado em duas a três fiadas sobrepostas e com um grande derrube que se estendia para sul na restante área intervencionada, formado por pedra solta em matriz de terras castanho-acinzentadas (2.5Y3/2).

O espaço preenchido por este solo de habitat e limitado a sul pelo muro e a norte e ocidente por afloramentos articula-se a este com a "lareira/fornalha?", formando uma área de actividade claramente associada àquela estrutura, a qual é constituída por um piso ovalado de barro cozido com cerca de 1.40m X 1.25m, de que arrancavam paredes, com cerca de 20cm de espessura e mal conservadas, deixando uma abertura a sudoeste com cerca de 40 cm.

A desmontagem desta estrutura permitiu verificar que o seu piso de barro cozido fora obtido por colocação deste sobre um suporte de base constituído por cascalho e fragmentos de olaria que verificámos pertencerem a diversos recipientes. De entre eles destacamos a totalidade do bordo, parte da pança e da base e uma asa, de um grande vaso de armazenagem de fabrico manual com superfícies cuidadosamente brunidas e decorado na pança, ao nível do arranque superior da asa, com motivos incisos pós-cozedura (Forma 41.1, cf. op.cit.: 98, Est.II).

Sobre o piso da "lareira/fornalha?" recolhemos um fragmento de um punção de bronze, enquanto do solo de habitat adjacente provêm um fragmento de molde de fundição em argila para pontas de lança, diversos fragmentos de escória e, próximo do limite norte desta área mas já fora dela, parte de um molde de fundição para punções.

Sob esta estrutura surgiu outra, de idêntico fabrico, a qual optámos por não desmontar esperando poder moldá-la para reconstituição posterior em museu.

Os conjuntos cerâmicos recolhidos quer na base da "lareira/fornalha", quer no solo de habitat adjacente, são perfeitamente homogéneos e inserem-se sem problemas nos atribuídos ao Bronze Final nas restantes áreas escavadas no Sector A.

O Sector C

A área que designámos como Sector C fica, tal como as anteriores, na elevação oeste do Cabeço do Crasto, a oriente do Sector A, tendo sido demarcada a partir do Marco 6 e constituindo, inicialmente, uma faixa de 6m x 20m atravessando-a de sul a norte (SENNA-MARTINEZ, 1989: fig.2.157).

O prosseguimento dos trabalhos veio a demonstrar que somente na parte norte, no espaço que designámos Ambiente III (C.III), um socalco limitado a norte pelo "amuralhado" do Bronze Final e a oriente e sul por afloramentos graníticos, comunicando a ocidente com o Sector A, existia potência estratigráfica que justificasse a continuação e alargamento da escavação.

Aberta inicialmente uma área de 6m x 5m (dispôs-se aproximadamente no sentido este/oeste) foi esta, já em 1987, alargada em mais 5m x 4m a ocidente (SENNA-MARTINEZ, 1989: fig.2.160). Uma vez removida a manta morta e terras superficiais castanho-acinzentadas muito escuras (10YR3/2), com uma potência média de 30 a 40cm, eram visíveis diversas realidades.

Terras castanho-escuras (7.5YR3/2) preenchiam o espaço principal do socalco, constituindo um solo de habitat complexo, pouco espesso (potência média 15cm), recobrindo uma superfície (interface) que se dispõe em ligeiro declive de sul para norte (SENNA-MARTINEZ, 1989: fig.2.160) numa sucessão de áreas rebaixadas em ligeiros socalcos constituídos por outras tantas fossas suaves assentando, na metade sul, em areão de granito alterado e, no restante, em terras castanho-escuras amareladas (10YR4/6) mais compactas, sendo limitadas a sul por areão de granitos alterados o qual encosta às fragas que limitam o ângulo sudoeste da área escavada.

Encaixada e protegido por estas fragas, abre-se uma fossa no areão granítico, a qual se apresentou preenchida por terras negras (10YR1/1) e pedras quebradas por acção de fogo, com abundantes carvões, cinzas e bolotas descascadas e carbonizadas

Cravo de escudo

Bronze Final
Objecto utilitário
Povoado do Cabeço do Castro de S. Romão,
Seia, Guarda
Cobre impuro

Cravo decorativo para escudo em forma de calote com espigão para cravação.

25 x d. 21 mm
Bibl.: Senna-Martinez, 1989, 1994; Gil, et ali, 1989

Fragmento de molde de fundição

Bronze Final
Objecto utilitário
Povoado do Cabeço do Castro de S. Romão,
Seia, Guarda
Cerâmica

Fragmento de molde cerâmico de fundição, para pontas de lança de alvado de secção losângulica.

54 x 32; e. 13 mm
Bibl.: Senna-Martinez, 1989, 1994; Gil, et ali, 1989

Fragmento de molde de fundição

Bronze Final
Objecto utilitário
Povoado do Cabeço do Castro de S. Romão,
Seia, Guarda
Cerâmica

Fragmento de molde cerâmico de fundição, talvez destinado a pontas de lança.

69 x 28; e. 16 mm
Bibl.: Senna-Martinez, 1989, 1994; Gil, et ali, 1989

Fragmento de molde de fundição

Bronze Final
Objecto utilitário
Povoado do Cabeço do Castro de S. Romão,
Seia, Guarda
Arenito

Fragmento de molde de fundição para punções de secção semi-circular. Apresenta traços de rubefacção.

Bibl.: Senna-Martinez, 1989, 1994; Gil, et ali, 1989

Taça

Bronze Final
Objecto utilitário
Povoado do Cabeço do Castro de S. Romão,
Seia, Guarda
Cerâmica

Pequena taça de carena média, colo alto e base em umphalos, pasta fina de acabamento brunido. Apresenta decoração incisa pós-cozedura sobre o colo e um mamilo com perfuração dupla vertical sobre a carena.

70 x d.b. 124 mm
Bibl.: Senna-Martinez, 1989, 1993c, 1994;

Pote de armazenagem

Bronze Final
Objecto utilitário
Povoado do Cabeço do Castro de S. Romão,
Seia, Guarda
Cerâmica

Pote muito alto de colo envertido, com quatro asas sobre a junção do colo com a panca. Pasta grosseira com abundantes elementos não plásticos, superfícies esparuladas.

717 x d.b. 546 mm
Bibl.: Senna-Martinez, 1989, 1993c, 1994;

Enxó

Bronze Final
Objecto utilitário
Povoado do Cabeço do Castro de S. Romão,
Seia, Guarda
Fibrolite polida

Pequena enxó com gume evidenciando marcas de uso.

48 x 32; e.11 mm
Bibl.: Senna-Martinez, 1989, 1994

Goiva

Bronze Final
Objecto utilitário
Povoado do Cabeço do Castro de S. Romão,
Seia, Guarda
Anfibolito polido

Goiva com o gume evidenciando marcas de uso.

128 x 22; e.17 mm
Bibl.: Senna-Martinez, 1989, 1994

Punção

Bronze Final
Objecto utilitário
Povoado do Cabeço do Castro de S. Romão,
Seia, Guarda
Bronze

Punção de secção losângulica.

88 x 4; e. 4 mm
Bibl.: Senna-Martinez, 1989, 1994; Gil, et ali, 1989

Fíbula

Bronze Final
Objecto de adorno
Povoado do Cabeço do Castro de S. Romão,
Seia, Guarda
Bronze

Fíbula de enrolamento no arco a que falta o botão e parte do segundo enrolamento. Constitui um dos elementos caracterizadores da metalurgia do Grupo Baiões/Santa Luzia e um dos tipos de fíbula mais antigos conhecido em ambientes do Bronze Final Peninsular, hoje bem datado entre os sécs. XIV e XI a.C. a partir dos contextos escavados nos sítios de Santa Luzia e do Cabeço do Castro de S. Romão.

82 x 5; e. 2 mm
Bibl.: Senna-Martinez, 1989, 1994; Gil, et als. 1989

Fragmento e ponta de lança

Bronze Final
Arma
Povoado do Cabeço do Castro de S. Romão,
Seia, Guarda
Bronze

Fragmento distal de ponta de lança de alvado.

43 x 20; e. 4 mm
Bibl.: Senna-Martinez, 1989, 1994; Gil, et als. 1989

Lâmina

Bronze Final
Objecto utilitário
Povoado do Cabeço do Castro de S. Romão,
Seia, Guarda
Bronze

Lâmina foliforme.

89 x 11; e. 2 mm
Bibl.: Senna-Martinez, 1989, 1994; Gil, et als. 1989

Foice

Bronze Final
Objecto utilitário
Povoado do Cabeço do Castro de S. Romão,
Seia, Guarda
Bronze

Foice de encabamento transversal sobre lâmina de sílex cremo.

89 x 11; e. 2 mm
Bibl.: Senna-Martinez, 1989, 1994

Goiva

Bronze Final
Objecto utilitário
Povoado do Cabeço do Castro de S. Romão,
Seia, Guarda
Anfibolito polido

Pequena goiva.

45 x 15; e. 11 mm
Bibl.: Senna-Martinez, 1989, 1994

Dormente de mó manual

Bronze Final
Objecto utilitário
Povoado do Cabeço do Castro de S. Romão,
Seia, Guarda
Granito picado e polido

Dormente de mó manual "de sela", proveniente da área de margem escavada.

295x150; e. mm
Bibl.: Senna-Martinez, 1989, 1994

Cossoiro

Bronze Final
Objecto utilitário
Povoado do Cabeço do Castro de S. Romão,
Seia, Guarda
Cerâmica

Cossoiro discoidal com perfuração central, pasta grosseira com abundantes elementos não plásticos.

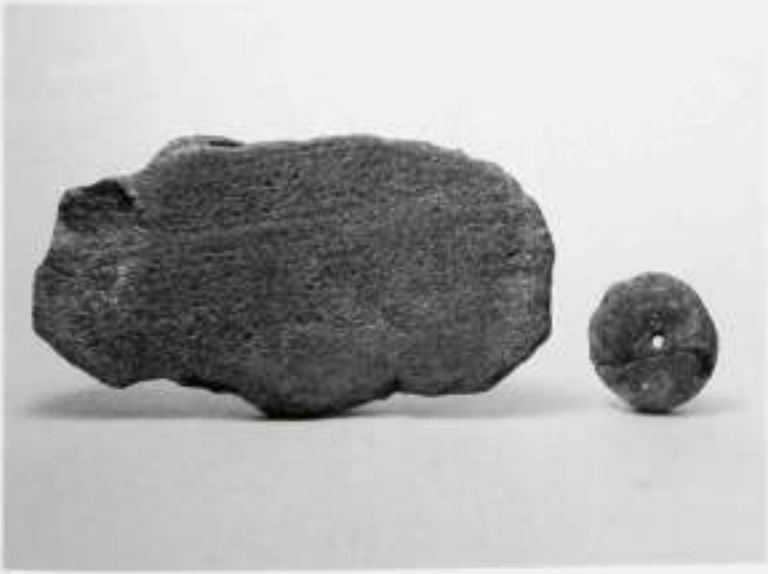
76; e. 40 mm
Bibl.: Senna-Martinez, 1989, 1994

Urna

Bronze Final
Objecto funerário
Povoado do Cabeço do Castro de S. Romão,
Seia, Guarda
Cerâmica

Urna de ombro, com colo sub-cilíndrico e base em umphalos largo. Pasta fina de acabamento brunido.
Apresenta decoração incisa pós-cozedura sublinhando a junção do colo com a pança.

125 x d.o. 196 mm
Bibl.: Senna-Martinez, 1989, 1993c, 1994
Senna-Martinez, J. C.



48
Punhal da Columbeira

Bronze Final
Arma
Curral das Cabras, Columbeira, Bombarral
Cobre arsenical (?)

Punhal de tipo "Porto de Mós". Apresenta três perfurações na base, uma das quais conserva um rebite. Possui a extremidade mutilada em dois troços.

201 x 28 mm
Museu Nacional de Arqueologia

O Povoado da Nossa Senhora da Guia, Baiões

Já em 1956, quando as três "xorcas de ouro" foram adquiridas pelo então Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, José Coelho, professor de liceu e dedicado estudioso de antiguidades viseenses, comunicara ao director do Museu, Manuel Heleno, que o sítio daquele achado fortuito seria um castro prerromano.

Entretanto, o castro da Nossa Senhora da Guia de Baiões, concelho de S.Pedro do Sul , é conhecido sobretudo, pela abundância de achados metálicos e cerâmicos, vindos à luz do dia por ocasião de trabalhos de terraplanagem e subsequente escavações arqueológicas. Em 1973, no 3º Congreso Nacional de Arqueologia no Porto, o cónego Celso Tavares da Silva, apresentou este rico espólio à comunidade científica. O material, nesta altura, consistia, entre outro, em dois machados de talão com duas asas,duas pontas de lança de alvado, um pé de lança, dois "tranchets", anéis de vários tamanhos, restos de um carro votivo (ou de vários), fragmentos de um caldeiro com rebites (ou de vários), tudo formas que, pela sua tipologia, pertenceriam ao chamado "Bronze Atlântico" (KALB1978). Assim, Baiões foi o primeiro povoado identificado para esta época na Beira Alta (KALB1980). Os restos de haste conservados dentro do alvado duma das pontas de lança forneceram uma data absoluta: GrN 7484 Castro de Baiões 2650+130BP (=700+130 a.C.). A cerâmica de Baiões, feita à mão e predominantemente de cor castanha, inclui cerâmica lisa e cerâmica decorada. Há vasos com fundo plano, bojo redondo e bordo exvertido, há tijelas carenadas com ou sem mamilos, às vezes com ônfalo no fundo. A decoração apresenta motivos geométricos incisos e pontilhados, e, mais raramente, estampilhados.

As escavações de 1977, na encosta noroeste do povoado, revelaram, em vários cortes, um único horizonte de ocupação, a julgar pela estratigrafia, corroborada pela uniformidade da cerâmica. Merece menção a abundância de restos e gotas de metal, indicadores de trabalhos metalúrgicos no sítio o que também veio a ser confirmado pela existência de moldes de fundição para pontas de lança, por exemplo.O grande número de moinhos manuais, encontrados à superfície, podem testemunhar um grande número de habitantes.

Um corte pela suposta muralha exterior mostrou grande número de blocos de pedra, sem, no entanto, permitir o reconhecimento de faces nítidas de tal muralha.

Em 1983, por ocasião da instalação de um poço artesiano e respectiva conduta de água, foram descobertos e escavados, não longe dos cortes da escavação de 1977, outros tantos objectos de bronze (SILVA/SILVA et al. 1984).

Apareceram, nesta ocasião, um molde de fundição, em bronze, para um machado de talão de uma só face, sete machados de talão, de duas asas, além dos dois já existentes, oito foices de alvado, em parte fragmentadas, cinco taças de bronze hemisféricas, dois braceletes de bronze, maciços e decorados, e outros quatro, lisos,assim como dois braceletes em chapa ondulada, com ornamentação.De grande interesse são os objectos culturais, como os fragmentos metálicos duma furcula, um tipo de esporão de alvado e os fragmentos do carro(s) votivo(s). Fica a dúvida, se se trata-como pretendem os arqueólogos responsáveis por esta última escavação-de um único grande depósito intencional.

De qualquer maneira, a grande quantidade de objectos de metal - anéis, gotas de fundição e moldes-, o tesouro de ouro e também o elevado número de recipientes cerâmicos não fragmentados atribuem ao povoado da Nossa Senhora da Guia um carácter excepcional. Será este castro um povoado normal, como tantos outros? Será que os habitantes o deixaram de repente, sem poder levar os seus haveres? Nesse caso porque não voltaram? Ou porque não foi saqueado por supostos assaltantes? Tratar-se-ía de um santuário, lugar de abundantes oferendas, sobretudo de recipientes cerâmicos inteiros e peças de metal?

KALB, P.

49
Baiões
Molde bivalve de machado

Bronze Final
Objecto utilitário
Senhora da Guia, Baiões, S. Pedro do Sul, Viseu
Bronze

Molde bivalve para machados de talão ovalizado e de um anel, com cone de fundição e dois anéis opostos, um a meio de cada parte proximal, um deles partido. Conserva o machado respectivo, com bolo de fundição já cortado, mas com rebarbas

266 x 57; ø 41 mm
Bibl.: SILVA et al. 1984: 76-78; Est.III, 1 a 3

Machado

Bronze Final
Objecto utilitário
Senhora da Guia, Baiões, S. Pedro do Sul, Viseu
Bronze

Machado de talão de duplo anel.

Bibl.: SILVA et al. 1984: 78; Est.IV, 1

Foices (7)

Bronze Final
Objecto utilitário
Senhora da Guia, Baiões, S. Pedro do Sul, Viseu
Bronze

Sete foices de alvado, uma completa as restantes fragmentadas e incompletas.
Foices de alvado tubular provido de espessamento no topo distal e de dois orifícios simetricamente opostos para fixação a um cabo; lâmina curva, de ponta direita, apresentando dois espessamentos ao longo do bordo distal.

Bibl.: SILVA et al. 1984: 80-81; Est. V, 1 a 7
Museu do Seminário Maior, Diocese de Viseu
Pereira, R.

50
Anel de Trindade

Bronze
Objecto de adorno
Trindade, Beja
Ouro

Anel decorado com uma saliência em meia cana ao longo de cada um dos lados e , na depressão entre elas, por uma linha de pontos salientes.
A estrutura irregular dos pontos da decoração demonstra alguma inabilidade do artífice ou complicações sentidas durante o processo de manufactura: com toda a probabilidade, os defeitos são resultado de dificuldades surgidas ao revestir se o modelo de cera com barro, tendo-se perdido um dos pontos. Este é o único anel conhecido para além dos dez anéis do tesouro de Villena.

5,4; d. 26mm; 43g
Bibl.: Ribeiro, 1960-61; Schubart,1975
Armbruster, 1993
Museu Regional Rainha D. Leonor
Armbruster, B. e Pereira, R.

Os Braceletes do Tipo Villena/Estremoz na Ourivesaria do Bronze Final da Península Ibérica

Em 1871, por ocasião de trabalhos agrícolas, nos arredores de Estremoz (Alvarez Ossorio 1941), foi achado fortuitamente um bracelete cilíndrico fechado, com quase um quilograma de metal nobre. Esta jóia, que se encontra no Museu Arqueológico Nacional, em Madrid (nº inv.º 35.651), constitui um dos mais impressionantes testemunhos da, altamente evoluída ourivesaria europeia do final da Idade do Bronze. A perfeita execução técnica e o óptimo estado de conservação fazem deste bracelete uma excepcional obra-prima. Conjuntamente com o tesouro de Villena (Alicante) (Soler 1965), esta peça dá nome a um tipo de jóia específico do chamado Bronze Final Atlântico. Os braceletes e anéis do tipo Villena/Estremoz (V/E) constituem, com um total de 59 exemplares até agora conhecidos, a forma mais abundantemente representada de jóias áureas do Bronze Final. A distribuição dos locais de achado mostra uma concentração no Ocidente da península Ibérica, apesar de, a Leste, se encontrarem três depósitos, contendo cerca de metade das peças (Villena e Cabezo Redondo, em alicante, e Abia de Obispalia, em Cuenca). Com base nas antigas tradições de ourivesaria do Ocidente peninsular e na concentração dos lugares de achado que ali se observa, tem mais peso a argumentação de que se trata de objectos de tipo atlântico (Armbruster e Perea 1994), se confrontada com a tese de estarmos perante um tipo mediterrânico (Ruiz Gálvez 1993: 46-49). O paralelismo, frequentemente sugerido, com as xorcas de chapa de ouro dos chamados «túmulos principescos» do Hallstatt ocidental (Cardozo 1959: fig. 2; Lenerz de Wilor 1991: 175-176), não pode ser sustentado, nem do ponto de vista tecnológico, nem do ponto de vista tipológico, ou sequer cronológico. Se algumas influências se fizeram sentir, então elas não terão sido, como tantas vezes se tem suposto, de norte para sul mas sim na direcção contrária.

Logo na primeira publicação do bracelete de Estremoz, S. Reinach se debruçava sobre a técnica empregue, encarregando um artesão de executar uma cópia em cobre. Este utilizou um torno moderno e uma fresa, para, a partir de um bloco maciço, obter um bracelete cilíndrico, soldando-lhe depois as puas, feitas à parte (Reinach 1912: 379, fig. 3). Apesar de não ter ficado esclarecido qual o método de trabalho pré-histórico, o artesão reconheceu que somente uma técnica que empregasse o movimento rotativo permitiria atingir o resultado que se desejava. A observação directa do bracelete de Estremoz, levou diversos investigadores a exprimir diversificadas opiniões técnicas a partir da mesma peça: montagem de diversos elementos individuais através de diferentes formas de soldagem (Russel 1954: 71-73; Blanco 1957: 8, fig. 3), modelação da forma através de cinzelagem com instrumentos de bronze, sem extracção do metal (Schüle 1976: 155-157) e extracção de limalha com um escopro, com um enorme desperdício de metal (Cardozo 1959: 24, pl. 1; Soler 1965: 19; Perea 1991: 98, 112).

O bracelete de Estremoz foi, no entanto, executado pela técnica de fundição em molde de cera perdida, utilizando instrumentos rotativos (torno e talado). Esta técnica específica foi pela primeira vez observada no bracelete de Estremoz em 1991 e, na sequência disso, também noutros exemplares achados em Portugal, sendo confirmada pela pesquisa efectuada em 39 peças dos depósitos de Villena e Cabezo Redondo (Alicante). Os vestígios deixados pelos instrumentos usados e a textura da superfície, a uniformidade das estrias, nervuras e séries de puas, assim como a forma cilíndrica perfeita do bracelete de Estremoz permitem reconhecer o processo de fabrico.

A fundição em molde de cera perdida é uma técnica de fundição evolucionada, pela qual o modelo em cera do objecto que se pretende obter é envolvido em barro. Quando este está seco, aquece-se o molde de barro e verte-se para fora a cera derretida. O espaço oco assim obtido é então cheio com metal fundido. Após a fundição, o molde é partido para retirar o objecto (Armbruster 1995a). Deste modo, não é possível qualquer produção em série mas apenas uma única moldagem. Em comparação com a fundição em molde bivalve para, por exemplo, obter machados ou espadas, o método da cera perdida permite com vantagem a fundição de objectos complexos, com recortes e pouca espessura. O modelo de cera pode ser, quer maciço, quer pouco espesso, em placas ou fio de cera, quer mesmo oco, trabalhado sobre um núcleo de barro. Uma vez provido o modelo com canais de fundição em cera, ele é envolvido várias vezes com camadas de barro, contendo matéria orgânica como desengordurante. Por exemplo, o esterco de cavalo ou o pó de carvão vegetal são adequados para amassar o barro. Depois de secas as camadas do barro, aquece-se o molde de barro endurecido e verte-se para fora a cera. O metal derretido no cadinho é vertido para dentro do molde aquecido. Depois de arrefecido, o molde é quebrado. Para esta técnica, o fundidor tem que dispor de uma fornalha com foles e combustível, um cadinho de fundição, uma torquês ou equivalente, barro e desengordurante orgânico para o molde e cera de abelha para o modelo. Além disso, são precisos instrumentos para dar forma à cera, escopro para retirar os canais de fundição e material de abrasão para os acabamentos. A fundição aberta, na qual molde e cadinho são separados, é distinta da fundição em sistema fechado, na qual molde e cadinho se encontram reunidos entre si.

A fundição em molde de cera perdida era uma técnica bem conhecida no chamado Bronze Final Atlântico na Península Ibérica. Por exemplo, entre os objectos do chamado «depósito de fundidor» do castro da Senhora da Guia (Baiões, Viseu) (Silva et al. 1984) encontram-se excelentes trabalhos de bronze, fabricados pelo método da cera perdida. No domínio do trabalho com metais nobres, tudo parece indiciar que o método já era conhecido em períodos anteriores. Assim, um exame técnico recentemente efectuado ao tesouro de Caldas de Reyes, Pontevedra, mostrou inequivocamente que o corpo dos três vasos com asa foram fundidos por esta técnica. Encontram-se actualmente em preparação publicações acerca destes e de outros aspectos tecnológicos dos bronzes de Baiões e dos ouros de Caldas de Reyes.

O emprego da fundição em cera perdida na manufactura de objectos de ouro é conhecido desde há milénios, tendo-se desenvolvido, de forma independente, em diferentes lugares (Hunt 1980). Ainda hoje se pode observar, entre os ourives tradicionais da África Ocidental, o modo como são fundidos objectos áureos de grande qualidade, com relevo complexo e espessura muito variável, recorrendo aos meios mais simples (Frohlich 1981).

O fabrico ao torno de formas de cera, para servir de modelo para fundição, é suficientemente conhecido através dos procedimentos análogos documentados no âmbito da etnografia e da história, como, por exemplo, a fundição de gongos ou sinos (Brepohl 1987: 257-268). Baseados no cotejo dos processos funcionais, procedemos a experiências para produzir ao torno modelos em cera para formas do tipo V/E, tendo também feito a reconstituição de um torno e talado empregues na ourivesaria do Bronze Atlântico (Armbruster 1995: fig. 4, 13-16).

Em oitenta anos de pesquisas, foram vários os investigadores que se debruçaram sobre o fabrico dos anéis e braceletes do tipo V/E. Procedeu-se a investigações com o auxílio de meios macroscópicos e recorrendo ao conselho de artífices especializados (Reinach 1912). As diversas hipóteses sobre a técnica utilizada abriram um intenso debate, sem que se encontrasse uma resposta satisfatória. As hipóteses

um desde diversas formas de soldagem (Russel 1954: 71-73; Blanco 1957: 8), passando pelo uso do escopro, que implicava um enorme desperdício de matéria (Cardozo 1959: 24), e indo até à cinzelagem, sem desperdício de metal, ou à fundição em moldes abertos (Soler 1965: 9; Schule 1976: 155-157; Perea 1991: 98). Nenhuma destas hipóteses é factível para a produção de aros do tipo V/E (Armbruster 1993b). Para poder reconstituir as técnicas de fundição pré-históricas tem que se entrar em consideração com as propriedades físicas e mecânicas do material utilizado, um ouro de elevada pureza, e com os vestígios deixados nas peças pelas ferramentas usadas. Todos os braceletes e anéis do tipo V/E foram feitos por uma variante específica do processo da cera perdida combinada com o emprego de instrumentos rotativos. Com base nos vestígios deixados pelos instrumentos e na textura superficial podem determinar-se quais os instrumentos usados e qual o método empregue. O emprego da cera perdida comprova-se pelos restos, claramente reconhecíveis, deixados pela superfície do molde de fundição, quer na face interna dos aros, quer nas puas e nas estrias. Estas últimas são tão regularmente dispostas que, para o seu fabrico, tem de pressupor-se o emprego de um suporte rotativo. Além disso, são, no geral, claramente visíveis nas caneluras os vestígios de abrasão periférica, que comprovam que os aros, após a fundição, foram acabados ao torno. Um outro indício de emprego do torno é a perfeita forma cilíndrica que apresentam os exemplares ainda conservados na forma original, fechada, como é o caso dos de Estremoz, La Torrecilla e «Orense». O torno necessário para produzir estas peças, temos que imaginá-lo como um instrumento simples, provido de um eixo horizontal, que era posto em rotação com uma corda, accionada, por exemplo, por um arco. Os vestígios de abrasão concêntrica que rodeiam as pontas cónicas, são além disso, indício da ponteira oca de um talado com eixo vertical, podendo este imaginar-se sob a forma de uma broca, accionada por uma corda, provida de uma ponteira oca, com a forma das puas em negativo. As partes rectangulares vazadas que oferecem alguns exemplares não são perfuradas mas sim obtidas logo no modelo em cera.

A forma básica dos modelos de cera — um cilindro oco, fechado — obtinha-se envolvendo com uma camada de cera um cilindro torneado em barro, que, no torno, actuava simultaneamente como parte do fuso. No torno, o ourives fazia rodar o cilindro de cera e aparava-o com instrumentos abrasivos, para nele depois entalhar as estrias regulares. O modelo, já provido de caneluras paralelas, podia então ser retirado do eixo conjuntamente com o seu núcleo de barro. A parte interna dos aros era, geralmente, mantida lisa.

Quanto às jóias que apresentam partes vazadas, estas obtinham-se aquecendo a ponta de instrumentos pontiagudos e perfurando com ela o modelo de cera cilíndrico, raspando e alisando posteriormente os lados dos orifícios. Para os objectos com puas, o ourives preparava-as no modelo, cortando transversalmente as nervuras com uma lâmina aquecida, a distâncias regulares, obtendo assim pontas piramidais de base rectangular. Com instrumentos cortantes e aquecidos, a cera pode, com facilidade, ser plasticamente afeiçoada. Uma vez aquecida, uma ponteira cónica cujo oco apresente, em negativo, a forma da ponta que se deseja obter, permite, por contacto, transformar as puas piramidais em saliências cónicas.

Por último, aplicavam-se no modelo os canais e o cone de fundição em cera. Infelizmente, nos objectos do tipo V/E conhecidos, não é possível determinar onde e que se situavam os canais de fundição, dado que eles se apresentam já limados.

O passo seguinte era a execução da forma de barro. O modelo em cera era recoberto por sucessivas camadas de barro amassado com desengordurante fino, de matéria orgânica. Depois de seco, o molde era aquecido, vertendo-se para fora a cera derretida. No oco assim obtido era então vazado o ouro derretido nos cadinhos de fundição. Uma vez arrefecido, o molde era partido e, no objecto em bruto, limpavam-se os restos de barro e cortavam-se os canais de fundição. Bolhas, restos do molde e rebarbas eram removidos, por meio de cinzel ou pedra de amolar. No torno, removiam-se as rugosidades da face exterior da peça, por meio de cordel e de abrasivos. A utilização de cordéis e fibras para aplicação de abrasivos sobre a peça em rotação, permite limar e polir o relevo, por vezes complexo, mesmo nas cavidades mais finas.

As pontas da peça em bruto eram limadas por meio de uma broca de arco com ponteira oca. Vestígios circulares destes instrumentos observam-se não apenas na superfície das saliências mas também na sua base. Para bolear os lados dos orifícios, estes eram «chuleados» com fios, passados, alternadamente, para dentro e para fora. Juntando abrasivo, imprimia-se a esses fios um movimento de vai-vem, limando a superfície metálica. Também a superfície interna dos aros era polida.

A Arqueologia Experimental ocupa-se sobretudo da reconstituição dos processos técnicos usados por culturas extintas. Seguindo as indicações do monge beneditino Teófilo, do século XII, e representações egípcias, foi reconstruído e posto em funcionamento um torno manual com movimento circular de vai-vem (Drescher 1980: fig. 1, 1). Fez-se experimentalmente o fabrico de modelos cilíndricos de braceletes do tipo V/E.

Pôde, até agora, identificar-se um total de 59 braceletes e anéis do tipo V/E na Península Ibérica. Ao inventário de 57 peças publicado em 1993 (Armbruster 1993b: 276) devem ser acrescentados dois outros exemplares. O bracelete fechado de «Orense» não é nenhuma imitação, como Pingel (1992: est 33, 2) supôs, mas sim uma peça excepcionalmente bem feita. Além disso, deve aduzir-se ao inventário o fecho do colar de Sintra (v. p. 103), uma vez que se trata do fragmento de um bracelete com caneluras e nervuras.

A invulgar técnica de V/E foi primeiramente identificada pela autora no bracelete de Estremoz, que graças à sua excelente execução e estado de conservação reúne em si todas as características técnicas deste processo. A técnica complexa testemunha o estado evolucionado e a especialização atingida pela ourivesaria do Bronze Final, que, entre finais do II e inícios do I milénio a.C., produziu objectos de uma tal qualidade artística e tecnológica.

ARMBRUSTER, B.

51
Bracelete de Aljustrel

Bronze Final
Jóia
Aljustrel, Beja
Ouro fundido em molde de cera perdida e perfurado.

Bracelete cilíndrico aberto,com as extremidades afuniladas, canelado horizontalmente: duas largas caneluras e três entrecaruas, estas marcadas a meio por duas linhas paralelas, profundamente incisas. A face externa é polida e brilhante, e a interna baça e ligeiramente texturada.

l. 24; d. 72 mm; 110,5 g
Bibl.: I.P.M., 1993
Museu Nacional de Arqueologia
Ambruster, B. , Pereira, R.

52
Depósito de Baiões
Carro votivo

Bronze Final
Objecto de culto
Senhora da Guia, Baiões, S. Pedro do Sul, Viseu
Bronze

Falta a parte superior, certamente uma taça em calote esférica. Conserva-se o suporte, fracturado e incompleto, formado por oito pernos, dispostos em tronco de pirâmide de base quadrangular e arestas levemente côncavas; os três pernos conservados que ocupam o centro das faces apresentam a forma de um arame largo, liso, de secção circular; os três pernos conservados das arestas apresentam uma estrutura de fita, composta pela união em paralelo de três filetes lisos, travando os oito pernos, a parte inferior da pirâmide é formada por quatro travessas em forma de arames de secção circular; os pernos das arestas prolongam-se para a base em quatro pés curvos de fita lisa, terminados em argolas de fita de dois filetes lisos unidos entre si, onde giravam os dois eixos do carro.

91 x 65 x 55 mm
Bibl.: SILVA, et alii. 1984: 86; Est. VII, 2, 2a

Carro votivo

Bronze Final
Objecto de culto
Senhora da Guia, Baiões, S. Pedro do Sul, Viseu
Bronze

Conjunto de quatro fragmentos da taça.
A parte superior inclui o bordo, de onde saem dois aros laterais opostos de secção circular. Bojo decorado por uma composição em bandas paralelas ao bordo. A banda superior apresenta uma decoração interna em cinco filetes dispostos horizontalmente, três lisos, respectivamente os periféricos e o central, que alternam com dois cordados; exteriormente, apresenta o centro ocupado por um filete cordado paralelo ao bordo, sendo no restante lisa; a banda imediatamente abaixo apresenta uma teoria de arames dispostos obliquamente, sendo o espaço entre eles vazado. A parte inferior, cuja posição relativamente à parte superior é imprecisa, apresenta uma composição em três bandas paralelas ao bordo; as bandas superior e inferior apresentam uma teoria de arames dispostos obliquamente, sendo o espaço entre eles vazado; a banda central apresenta uma decoração interna em três filetes dispostos horizontalmente, sendo lisa no exterior.

Parte superior: d. 97; a. 17 mm
Parte inferior: d. m. 63 mm
Bibl.: SILVA, et al. 1984: 86, Est VII, 6; Est. XIV, 3, dir.

Rodas de carros votivos (3)

Bronze Final
Objecto de culto
Senhora da Guia, Baiões, S. Pedro do Sul, Viseu
Bronze

Rodas com aro circular e quatro raios de fita, rectangulares, dispostos em cruz. Uma das rodas, com aro de secção quadrangular, conserva encaixado parte do eixo, de secção circular. Outra roda, com aro de secção quadrangular, apresenta apenas encaixado o arranque do eixo. A terceira roda, com aro em T, apresenta interiormente um encaixe tubular para o eixo, conservando o arranque deste.

Bibl.: SILVA, et alii. 1984: 86-87, Est VII, 3, 4 e 5

Taças (5)

Bronze Final
Objecto de culto
Senhora da Guia, Baiões, S. Pedro do Sul,
Viseu
Bronze

Taças hemisféricas de paredes finas.
Bordo espessado com lábio plano e horizontal por vezes com ribarba para o exterior. Fundo umbilicado nas taças 1-3, provavelmente, sem umbigo na taça 4 e provavelmente a taça 5. Taça 1 decorada na superfície externa abaixo do bordo com uma série de 27 triângulos finamente incisa com base numa linha paralela ao bordo, seis deles internamente preenchidos com linhas paralelas e oblíquas. A série é interrompida por uma metopa, definida por duas linhas verticais, preenchida por linhas cruzadas formando losangos e triângulos. A taça é estriada na superfície interna.

d. 120; a. 57,5 mm (taça 1) - 51 mm (taça 5)
Bibl.: SILVA, et alii, 1984: 81-82, Est. VI, 1-5

Braceletes (2)

Bronze Final
Adorno
Senhora da Guia, Baiões, S. Pedro do Sul,
Viseu
Bronze

Braceletes abertos canelados, um muito fragmentado.
Larga fita retangular de lados convexos, com os cantos arredondados. Superfície interna lisa e externa decorada com 16 canelures horizontais e paralelas entre duas zonas de topo, com 5, no outro exemplar 4, triângulos incisos, com a base nos topos e preenchidos por linhas paralelas a um dos lados.

d. 178 x 58; e. 1,5-3 mm
Bibl.: SILVA, et alii, 1984: 90, Est. X, 1 e 2

Braceletes (2)

Bronze Final
Adorno
Senhora da Guia, Baiões, S. Pedro do Sul,
Viseu
Bronze

Braceletes maciços abertos, decorados.
Aro maciço de secção circular, com espessura decrescente para as extremidades. Terminais em forma de pequeno botão, com o aro martelado nos planos laterais. Parte interna lisa, parte externa oferecendo decoração simétrica de motivos geométricos levemente incisos na zona central e laterais, formada nas extremidades por séries de incisões dispostas em espinha alternando com uma composição em de linhas paralelas com incisões oblíquas no interior.

Bibl.: SILVA, et alii, 1984: 91, Est. X, 3 e 4

Braceletes (4)

Bronze Final
Adorno
Senhora da Guia, Baiões, S. Pedro do Sul,
Viseu
Bronze

Braceletes maciços lisos.
Aro maciço de secção circular, com espessura decrescente para as extremidades. Terminais espessados, com o aro martelado nos planos laterais. Apresentam ribarba de fundição na parte interna do aro.

Bibl.: SILVA, et alii, 1984: 91, Est. X, 5 A a D

Fúrcula (3)

Bronze Final
Objecto de culto
Senhora da Guia, Baiões, S. Pedro do Sul, Viseu
Bronze

Forquilha com 3 dentes encurvados de secção quadrangular adelgaçada para as extremidades, colocados em paralelo e unidos a um tronco de pirâmide invertido, com base rectangular cingida por um arame espiralado, que envolve o arranque dos dentes, sendo as faces menores decoradas por duas espirais conexas e as maiores por três e de cujo topo menor arranca um tubo cilíndrico com nove caneluras de dorso carenado; fixo, junto ao arranque, apresenta um aro de fita nervurada, do qual pende uma argola. O elemento mesial conservado é um tubo cilíndrico, com três caneluras de bordos relevados em cada topo e uma protuberância anelar ao centro, na qual está fixo um aro nervurado do qual pende uma argola; nas zonas lisas, junto das caneluras, dois pares de orifícios opostos, para fixação a um cabo. O elemento proximal é uma ponteira em forma de tubo cilíndrico, adelgaçando para a base, que apresenta três caneluras carenadas de bordos relevados no topo distal e ao centro e cinco caneluras carenadas no topo proximal; na zona lisa, junto das caneluras do topo distal, um par de orifícios opostos, para fixação a um cabo, e um outro, mais largo e irregular, na zona canelada; extremidade proximal em forma de aro de fita, com três filetes, do qual pende uma argola.

30 x d. 148 + 108 + 102
Bibl.: SILVA, et alii. 1984: 87-88; Est. IX, 1, 3 e 4

Fúrcula (2)

Bronze Final
Objecto de culto
Senhora da Guia, Baiões, S. Pedro do Sul, Viseu
Bronze

Elementos de fúrcula, um deles muito fragmentado.
Elemento proximal (ponteira) em forma de tubo troncocónico com dois orifícios opostos na extremidade distal para fixação a um cabo de madeira; extremidade proximal em forma de espigão; na ligação ao alvado estão fixos, radialmente, três anéis lisos, de onde pendem argolas (conservam-se apenas duas).
Fragmento, com coroa de três filetes circulares, paralelos e concêntricos, com zona interna que apresenta uma coroa de pequenos círculos vazados, justapostos.

d. m. 87; e. m. 3,5 mm
Bibl.: SILVA, et alii. 1984: 89; Est. IX, 5 e Est.VIII, 7

Peças de arreio (3)

Bronze Final
Objecto utilitário
Senhora da Guia, Baiões, S. Pedro do Sul, Viseu
Bronze

Peças de arreio uma completa e dos fragmentos de outra.
Peça inteira: passador de arreio, de perfil arqueado, em forma de semicírculo vazado, cujo topo apresenta uma argola fixa no prolongamento do arco; base em barra alargada, polida no exterior e irregularmente côncava na face interior, perfurada transversalmente por oito orifícios irregularmente alinhados.

44,5 x 36; e. 7,5 mm
Bibl.: SILVA, et alii. 1984: 92; Est. XI, 1 a 3

Tranchets (2)

Bronze Final
Objecto utilitário
Senhora da Guia, Baiões, S. Pedro do Sul, Viseu
Bronze

Dois tranchets, um muito incompleto e fragmentado. Cabo vazado e lâmina curta.

Bibl.: SILVA,1986: 200 - nºs 256 e 257, Est.LXXXIX, 1 e 2

Pontas de lança (2)

Bronze Final
Arma
Senhora da Guia, Baiões, S. Pedro do Sul, Viseu
Bronze

Alvado com dois orifícios de fixação a um cabo, simetricamente opostos, colocados no arranque da lâmina. Esta é lanceolada, com nervura central circular.

Bibl.: SILVA, et alii. 1984: 83; Est. VII, 1 e2.

Peça compósita

Bronze Final
Objecto votivo (?)
Senhora da Guia, Baiões, S. Pedro do Sul, Viseu
Bronze/Ferro

Bibl.: SILVA, et alii. 1984: 83; Est. VII, 3

Peças de arreio (2)

Bronze Final
Objecto utilitário
Senhora da Guia, Baiões, S. Pedro do Sul, Viseu
Bronze

Par de passadores de arreio em forma de argola de secção circular, tendo fixa no dorso uma outra argola de menor diâmetro e secção igualmente circular.

Bibl.: SILVA, et alii. 1984: 92; Est. XI, 4 e 5

Argolas (7)

Bronze Final
Objecto utilitário
Senhora da Guia, Baiões, S. Pedro do Sul, Viseu
Bronze

Argolas de vários tamanhos.

Bibl.: SILVA, et alii. 1984: 92-93; Est. XI, 6, 7, 16, 17, 18, 21 e 30.

Argolas (35)

Bronze Final
Objecto utilitário
Senhora da Guia, Baiões, S. Pedro do Sul, Viseu
Bronze

Argolas de vários tamanhos.

Bibl.: SILVA, et alii. 1984: 92-93; Est. XI

Espeto

Bronze Final
Objecto ritual (?)
Senhora da Guia, Baiões, S. Pedro do Sul, Viseu
Bronze

Espeto com suporte rotativo.

Bibl.: SILVA, 1986 710, nº314, Est. XCVII, 7

Fragmentos de um caldeirão (3)

Bronze Final
Objecto utilitário
Senhora da Guia, Baiões, S. Pedro do Sul, Viseu
Bronze

Fragmentos de um caldeirão de rebites.

Placa recortada

Bronze Final
Objecto de uso indeterminado
Senhora da Guia, Baiões, S. Pedro do Sul, Viseu
Bronze

Peça de arreio

Bronze Final
Objecto utilitário
Senhora da Guia, Baiões, S. Pedro do Sul, Viseu
Bronze

Fragmento de um suporte

Bronze Final
Objecto utilitário
Senhora da Guia, Baiões, S. Pedro do Sul,
Viseu
Bronze

Fragmento de um suporte de peça de forma não identificável.

Elemento de Fúrcula (?)

Bronze Final
Objecto de culto
Senhora da Guia, Baiões, S. Pedro do Sul,
Viseu
Bronze

Elemento metal com alvado. Junto ao topo proximal espessamento anelar em umbela. Junto ao topo distal coroa radial composta de seis espigões encurvados, terminados por dois filetes agraçados sobrepostos, sendo a ponta externa contracurvada que apresenta, exteriormente e a meio, uma aplicação em pastilha; só um dos espigões conserva a ponta.

d. m. 74; a. m. 49,9 mm
Bibl.: SILVA et ali., 1984: 89, Est IX, 6

Elemento de Fúrcula (?)

Bronze Final
Objecto de culto
Senhora da Guia, Baiões, S. Pedro do Sul,
Viseu
Bronze

Fragmento, com coroa de três filetes circulares, paralelos e concêntricos, com zona interna que apresenta uma moldura de pequenos círculos vazados, justapostos.

d. m. 87; a. m. 3,5 mm
Bibl.: SILVA et ali., 1984: 89, Est VIII, 7

Vareta

Bronze Final
Objecto de uso indeterminado
Senhora da Guia, Baiões, S. Pedro do Sul,
Viseu
Bronze

Pequena vareta.

Museu do Seminário Maior, Diocese de Viseu
Pereira, R.

Mamoa 1 de Chã de Carvalhal

A Mamoa 1 de Chã de Carvalhal faz parte do conjunto de monumentos com tumulus da Serra da Aboboreira; situa-se no sector mais ocidental deste contraforte do Marão, em superfície de vertente, de declive suave, sobranceira ao vale do rio Ovil, na proximidade de outros tumuli do mesmo tipo; a construção, pelas suas dimensões, surge na paisagem com relativa monumentalidade, particularmente se observada de sul.

A intervenção arqueológica realizada no monumento, em 1982 e 1986, permitiu a definição das suas principais características construtivas: tumulus em terra, superficialmente protegido por uma estrutura pétrea de revestimento, muito densa, de planta circular, medindo 13 m de diâmetro e 1,30 m de altura máxima (não considerando as terras in situ do "solo" antigo enterrado, cuja espessura variava entre 0,40 e 0,60 m); assente directamente sobre esta estrutura, ou, em alguns casos, sobre uma camada de terra que se lhe sobrepunha, desenvolvia-se um círculo lítico, incompleto, formado por blocos e lajes de granito, de dimensões medianas, de formato algo regular, denotando afeiçoamento ou escolha criteriosa, sem funções de ordem técnica; na área central do monumento (e do círculo lítico), implantava-se a câmara funerária, de tipo cistóide, de planta sub-rectangular (1,50 x 1,00 m), fechada, constituída por seis esteios, cuja altura não ultrapassava 1,50 m, exteriormente sustentada por um contraforte; entre esta e o círculo lítico, no lado nascente, dispunha-se um monólito de granito, de textura e configuração distinta da dos blocos que constituíam aquele, pousado sobre a estrutura pétrea superficial.

A preparação do sítio, previamente limpo de vegetação, talvez através do fogo, a regularidade e simetria destas diferentes estruturas, apontam no sentido da existência de um plano previamente concebido e criteriosamente executado e, talvez mesmo, da ritualização do próprio acto de construir; o "edifício" tumular constituiria para a comunidade, em última instância, a oferenda colectiva de maior expressão.

A decapagem superficial e a escavação da câmara funerária e das terras do tumulus, através da abertura de duas valas de sondagem, permitiu a recolha de algum espólio: fragmentos cerâmicos pertencentes, talvez, a 10 vasos, lisos uns, por vezes de feitura mais grosseira, decorados, outros, no âmbito do vaso campaniforme, segundo os estilos "pontilhado de bandas" — var. internacional (Complexo Marítimo), "pontilhado geométrico" e inciso, integráveis nos complexos Palmela e Ciempozuelos; 2 punhais campaniformes e cinco pontas de lança, em cobre com elevado teor de arsénio, de diferente tipologia; dois "esferóides", em granito, mostrando claramente afeiçoamento através de piquetagem. Apenas os materiais metálicos foram recolhidos in situ, nas terras do tumulus, na proximidade da câmara funerária, distribuídos em dois grupos (punhais + pontas de lança), sob a estrutura pétrea de revestimento; a cerâmica proveio da câmara e das terras superficiais que cobriam aquela estrutura, embora as maiores concentrações, por vezes em conexão, tivessem sido recolhidas junto do monólito de granito, na área nascente e no interior do círculo lítico, admitindo-se, por isso, a existência de deposições rituais no exterior da câmara funerária, no espaço interno definido pelo círculo de pedras.

A Mamoa 1 de Chã de Carvalhal traduz, ao nível técnico, a simbiose de características arcaizantes, comuns às construções dolménicas da região, e soluções inovadoras, situando-se no culminar do movimento megalítico da região. O espólio é também tardio, evidenciando a mistura de diferentes elementos, de carácter local, uns, exógenos, outros, ora denotando ligações ao período Calcolítico, ou já da Idade do Bronze Antigo.

O monumento faz parte do conjunto de túmulos da Serra da Aboboreira. A utilização deste espaço, com fins funerários, terá começado a partir da 2ª metade do IV milénio a. C., com construções dolménicas fechadas, de reduzido espaço útil, providas de mamoa, de dimensões medianas; os monumentos mais amplos e abertos terão sido construídos mais tardiamente, na transição do IV para o III milénio a.C., ou nos seus inícios; o único dólmen de corredor, cujos esteios são pintados e gravados — fornecedor, também, das primeiras pontas de seta deste conjunto de monumentos —, inserir-se-á já na primeira metade do III milénio a. C.; a fase inicial do megalitismo da região parece traduzir um desenvolvimento no sentido de uma maior complexidade, dimensionamento e monumentalidade dos sepulcros.

Não é bem conhecida a utilização deste espaço durante a 2ª metade do III milénio a.C.; ainda que considerando a fragilidade dos elementos disponíveis, admite-se que um grupo de monumentos, de pequenas dimensões, quantitativamente significativo, cujas características técnicas, dimensões e situação no terreno o distingue claramente das construções dolménicas anteriores, corresponderá a momento, ou momentos, deste período, ou, talvez ainda, dos inícios do II milénio a. C. As construções de tipo "cairn" são da Idade do Bronze Inicial, embora um destes monumentos, sem estrutura interna, possa ter sido construído mais tardiamente, talvez já na 2ª metade do II milénio a. C.

A conjugação destes diferentes elementos com os fornecidos pela Mamoa 1 de Chã de Carvalhal autorizam a sua inserção, no contexto local e da Pré-história do Norte de Portugal, na transição do Calcolítico final para a Idade do Bronze, momento que poderá situar-se em torno de 1850 a. C. (cronologia convencional). São claros, por outro lado, os contactos exteriores, admitindo-se uma penetração do vaso campaniforme a partir do litoral português e no sentido sul-norte.

Por outro lado, os materiais campaniformes (cerâmicos e metálicos) fornecidos pelo monumento devem ser entendidos no âmbito das amplas relações inter-regionais que se registam na Península Ibérica nos finais do III e inícios do II milénios a. C.; penetrando em diferentes contextos culturais, são usados por distintas populações, enriquecendo o espólio tradicionalmente utilizado nos rituais funerários. A variação quanto ao tipo de monumentos — muitas vezes reutilizando antigos sepulcros — composição artefactual, ritual, etc., como é observável no próprio conjunto de tumuli da Serra da Aboboreira e em outros contextos do Norte de Portugal, não traduzirá mais que as diferentes tradições culturais e situações de desenvolvimento económico e de complexidade social das comunidades em que se insere, certamente ligado, localmente, ao estatuto de cada elemento dentro da sociedade, ou, eventualmente, participando já nos processos de diferenciação e de hieraquização social em curso em algumas destas comunidades

Cruz, D. J.

53
Chã de Carvalhal
Taça

Bronze Inicial
Objecto utilitário
Mamoa 1 de Chã de Carvalhal,
Serra da Aboboreira, Baião, Porto
Cerâmica

Taça em calote de esfera irregular, não decorada, de fundo espessado, plano-convexo, bordo extrovertido, arredondado, pasta compacta, com desengordurante de calibres fino e médio, com predominância do primeiro (palhetas de mica); superfícies polidas, variando entre o castanho-claro e o castanho-avermelhado, com algumas manchas negras de fumo; fracturas uniformes, vermelho-alaranjadas.

| 160 ; a 88 ; e 7-9 mm.
Bibl.: Cruz, D. J. ,1992

Taça

Bronze Inicial
Objecto utilitário
Mamoa 1 de Chã de Carvalhal,
Serra da Aboboreira, Baião, Porto
Cerâmica

Fragmentos de taça campaniforme, de tipo Palmela, com decoração impressa e incisa ("penteado geométrico"); pasta de textura compacta, com desengordurante constituído por grãos de quartzo e partículas de mica, de calibres médio e fino; superfícies polidas, castanho-claras; fractura de cor desigual: núcleo de cor cinza e periferia vermelho-alaranjada; bordo horizontal, medindo 9 mm de largura; decoração, segundo a técnica da impressão com matriz, concessa, desde o bordo até à parte média da pança, numa sequência alternada de 3 linhas paralelas horizontais e um friso, constituído por duas linhas em zigue-zague, delimitadas por duas linhas horizontais impressas, formando triângulos, preenchidos com incisões verticais; o bordo é decorado com duas linhas paralelas, em zigue-zague, também incisas.

Bibl.: Cruz, D. J. 1992

Punhais (2)

Bronze Inicial
Armas
Mamoa 1 de Chã de Carvalhal,
Serra da Aboboreira, Baião, Porto
Cobre arsenical

Punhais campaniformes, em cobre arsenical; nº 1 — lâmina triangular, de lados aproximadamente rectilíneos, secção lenticular, subelíptica, ponta fragmentada, lingueta larga, simétrica, mamo pouco destacada, de secção lenticular, subelíptica; nº 2 — lâmina triangular, com lados determinados, aproximadamente rectilíneos, secção lenticular, subelíptica, lingueta larga, simétrica, pouco destacada da lâmina, de ângulos arredondados, retocada, de secção lenticular, subelíptica.

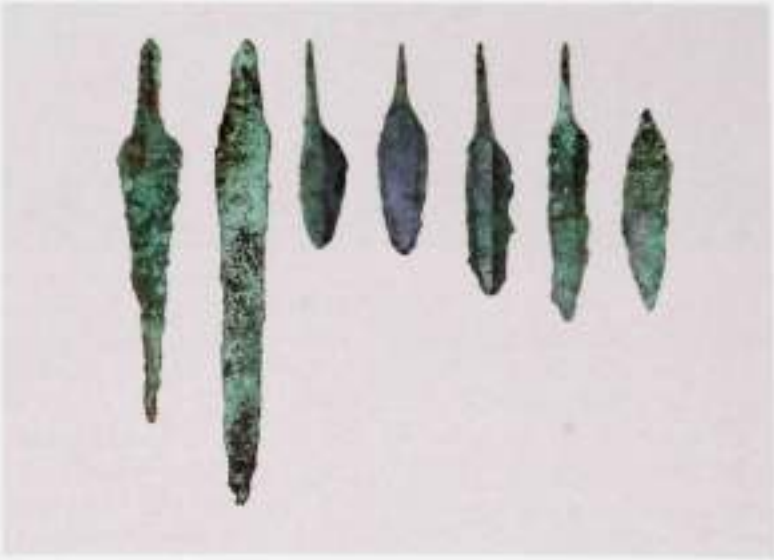
168 x 20 ; e 2-3 (lâmina) e 2 (lingueta);
139 x 24 ; e 1-2 (lâmina) e 1 mm (lingueta)
Bibl.: Cruz, D. J. , 1992; Cabral, J. M. P. ,1992

Pontas de lança (5)

Bronze Inicial
Armas
Mamoa 1 de Chã de Carvalhal,
Serra da Aboboreira, Baião, Porto
Cobre arsenical

Pontas de lança, de tipo Palmela; lâmina de forma oval, alongada, de secção lenticular, subelíptica ou subtrapezoidal, achatada; bordos deteriorados; espigão bem destacado, de secção rectangular ou quadrangular, com entalhes laterais num dos lados, ou em ambos; ao nível da base, fio de gume ribado por martelagem dos bordos, formando uma "mesa" central, ou seguindo dois planos, a partir de um eixo central.

nº 1: 78 x 19; e 2 (lâmina) e 3 (espigão);
nº 2: 78 x 18 ; e 3 (lâmina) e 4 (espigão);
nº 3: 92 x 18 ; e 3-4 (lâmina) e 4 (espigão);
nº 4: 104 x 17 ; e 2-3 (lâmina) e 4 (espigão);
nº 5: 74 x 18 ; e. 3 mm;
Bibl.: Cruz, D. J. ,1992; Cabral, J. M. P. ,1992
Museu Regional de Arqueologia D. Diogo de Sousa
Cruz, D. J.



54
Espiral da Mamoa de Outeiro de Gregos

Bronze Antigo
Objecto de adorno
Mamoa 1 de Outeiro de Gregos, Baião, Porto
Prata

Arame de prata, de secção elíptica, terminando em ponta fina em ambas as extremidades, em forma de espiral, achatado e até parcialmente dobrado.

47; e.1 mm; 2,10 g.
Bibl.: Jorge, V. O.,1981/2
Museu Municipal de Baião
Jorge, V. O.

55
Jóias da Ermegeira
Pendente (par)

Calcolítico
Jóia
Ermegeira, Maxial, Torres Vedras, Lisboa
Ouro laminado por martelagem. Decoração relevada a punção.

Pendentes laminar de forma ovalada, prolongado na parte superior, a meio, por uma haste dobrada sobre o reverso, formando gancho para suspensão. É orlado por duas linhas paralelas de pontilhado a punção.

53 x 34; 56 x 35 mm; 3,2; 3,4 g.

Conta (5)

Calcolítico
Elemento de adorno
Ermegeira, Maxial, Torres Vedras, Lisboa
Ouro laminado por martelagem.

Conta tubular lisa, formada por lâmina rectangular enrolada, sobrepondo-se e ajustando-se as extremidades opostas, sem aplicação de solda.

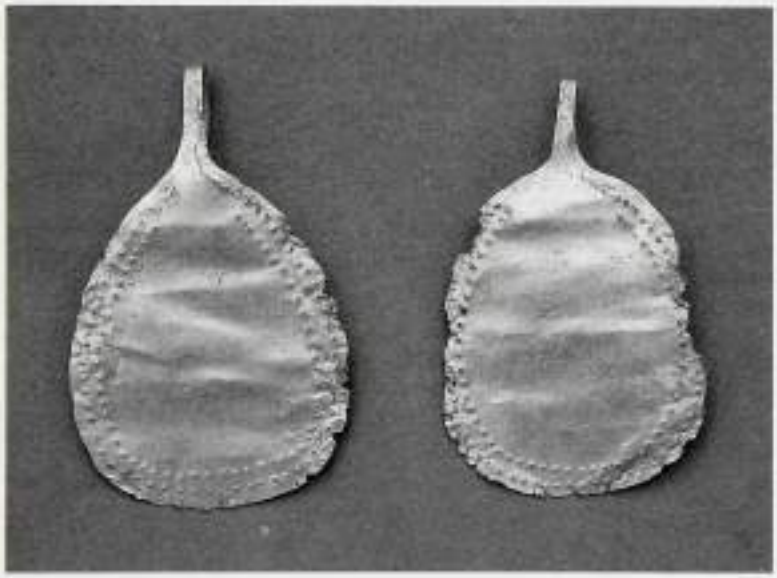
c. 20-24; d.4 mm; 0,8 g. Peso total 3,4 g.
Bibl.: I.P.M.,1993
Armbruster, B.; Pereira, R.

56
Necrópole da Atalaia
Vasos (19)

Bronze Inicial
Objectos rituais
Necrópole da Atalaia, Ourique, Beja
Contexto funerário
Cerâmica

Conjunto de 19 vasos de cerâmica modelada provenientes da necrópole

Bibl.: Schubart, V., 1965
Museu Regional Rainha D. Leonor
Pereira, R.



Alcaria,
um Complexo Tipo Atalaia

Caetano de Melo Beirão foi, em 1970, informado da existência de importantes vestígios arqueológicos perto do Monte da Alcaria. Eram, há bastante tempo, conhecidos da proprietária que, por receio de eventuais escavações nas suas terras, nunca deles informara Abel Viana ou Schubart, que por ali trabalharam, nomeadamente na necrópole da Atalaia (Beirão, 1973).

A deslocação ao sítio, veio revelar que se estava perante um conjunto de três elementos distintos; dois monumentos funerários semelhantes aos da Atalaia e, a alguns metros de um deles, uma estrutura que foi considerada como habitacional.

O processo de escavação deste conjunto é mal conhecido. Os trabalhos realizados logo naquele ano, visaram a delimitação dos diferentes e a abertura e escavação da única cista perceptível, ainda tapada por uma laje. O monumento foi sumariamente referido e posteriormente algo esquecido.

O espaço envolvente é marcado por três factores essenciais. Antes de mais o enrugado dos cabeços de xisto que, até perder de vista, se estendem para Sul; qualquer um deles parece particularmente estratégico, mas chegados ao seu topo e tal como numa miragem, a sensação é imediatamente desfeita pela permanencia do relevo e das cores. Mais a Norte e para o interior é a peneplanície, um espaço aberto à circulação de gente e de rebanhos, o Campo de Ourique em que invernavam, até à poucos séculos, os rebanhos vindos das terras altas e frias (Ribeiro, 1991). Por fim o rio Mira, que cavou fundo o vale que poderá também ser facilitado contactos com o litoral. A Alcaria está-lhe nas imediações, envolvida sobretudo por matagais, azinheiras e sobreiros. Os solos magros do xisto erodido, não permitem grandes culturas fora dos apertados vales.

Em 1994 realizámos, para o IPPAR, o levantamento planimétrico do conjunto formado por Alcaria I, Alcaria II e pela designada estrutura habitacional.

A necrópole, ou aquilo que dela conhecemos, destribui-se por dois monumentos implantados em cabeços, separados por pouco mais de cem metros. A fragilidade deste tipo de monumentos não permitiu mais do que uma limpeza superficial, pelo que não podemos detectar, com exactidão, o número de sepulturas existentes em cada tumulus.

O monumento I, formou-se a partir de uma das plataformas do cabeço em que se implanta, através da construção do grande tumulus que atinge 8.70m de diâmetro. A estrutura circular é marcada por um muro de lajes de xisto que delimitaria e sustentaria o enchimento pétreo. Este, constituído sobretudo por grauvaque formaria, possivelmente, uma mamoa. A p^artir dele desenvolve-se, para nordeste, uma sequência em favo típica dos monumentos da Atalaia, composta por mais sete tumulus. Neste conjunto funerário é notória, sobretudo no centro do tumulus inicial, uma quantidade apreciável de fragmentos de quartzo. Esta particularidade não é visível no monumento II nem referida para o caso da Atalaia. Tal como os outros materiais empregues na construção, também este é da região; no entanto, este facto sugere-nos a situação verificada na necrópole de Fonte da Malga (Viseu), em que uma das mamoas era em grande parte constituída por este material, o que contribuia para a destacar da paisagem (Kalb, 1979).

Aproximadamente dez metros a sul do monumento I, situa-se uma estrutura rectangular considerada como habitacional (Beirão, 1973). Tal como em relação aos núcleos da necrópole, também aqui a potência de terras é mínima, não foram indicados contextos, pelo que pressupomos que aquando da decapagem não foram recolhidos quaisquer materiais. Uma escavação poderia fornecer dados importantes para a sua compreensão e inserção neste ambiente funerário, já que, de momento, não dispomos de elementos relativos, nem à sua função, nem à relação cronológica com a necrópole.

Mais perto do Mira, situa-se o monumento II. Quase completamente construído em xisto, foi implantado no topo de um pequeno cabeço, ocupando quase que por completo a sua pequena plataforma. O tumulus circular inicial tem um diâmetro máximo de 4.40m, sendo notória ao centro uma cista. Estão-lhe associados dois tumulus sucessivos para nordeste e um, já muito destruído, para sudeste. É evidente a degradação das estruturas, sobretudo no enchimento dos tumulus.

A leitura possível relativa à orientação das cistas ou sepulturas, indica a predominância do sentido noroeste/sudoeste (Schubart, 1965), como acontecia na Atalaia e noutros contextos funerários do Bronze do Sudoeste. Apesar das evidentes semelhanças arquitectónicas dos dois conjuntos de monumentos, são também visíveis diferenças ao nível da utilização das matérias primas, facto que lhes confere fisionomias distintas. Na construção do monumento II não foram utilizados blocos de quartzo e o grauvaque está quase ausente; a preparação das lajes de contenção dos tumulus e a sua colocação parece mais cuidada no monumento I.

Apesar da proximidade entre as duas necrópoles e consequente inserção no mesmo espaço regional, a implantação dos núcleos de ambos os sítios é distinta. A Atalaia tem os seus monumentos dispersos por uma destacada área planáltica, enquanto os dois monumentos conhecidos da Alcaria se dispõem numa paisagem mais recortada e monótona.

Lamentavelmente a investigação relativa a estes contextos foi completamente interrompida na década de setenta.

Lago, M

A Necrópole da Ferradeira

Situada a Nordeste de Faro, a pouca distância da cidade, a necrópole foi referenciada em 1945, na sequência de trabalhos agrícolas. Lyster Franco e Abel Viana puderam então anotar a existência de três sepulturas, duas das quais (nºs 2 e 3) já destruídas. Aquela que parcialmente se conservava (sep.nº1) pôde ainda ser por eles registada em planta e alçado: tratava-se de uma câmara sepulcral, embebida na rocha de base, composta por dezoito lajes de calcário colocadas verticalmente, ligeiramente inclinadas para dentro e definindo um espaço sensivelmente oval, alongado no sentido norte-sul; desconhece-se a arquitectura exterior do sepulcro mas - segundo o esboço publicado - a câmara funerária continha um indivíduo, inumado em decúbitodorsal, com a cabeça para norte, acompanhado por uma tijela carenada colocada junto ao crânio, um "braçal de arqueiro" junto do antebraço esquerdo e uma curta lâmina de punhal junto da mão esquerda. As outras duas sepulturas, que Lyster Franco e Viana encontraram já destruídas, teriam idêntica forma e orientação norte-sul. A nº 2 continha restos ósseos e uma pequena taça em calote. A terceira continha igualmente restos ósseos e um vaso de cerâmica, que não pôde ser recuperado.

A necrópole da Ferradeira ocupa um lugar central na discussão do Bronze Inicial do Sudoeste, marcando a passagem do ritual de inumação colectiva para o da inumação em sepulcro individual e, aparentemente, de arquitectura discreta e escassa, ou nula, monumentalidade. Ela relaciona-se com um conjunto de sepulcros de cista, suficientemente grandes para conter um indivíduo inumado em decúbito dorsal, que foram referenciados no Ocidente da Península Ibérica, tendo sido estudados por Schubart (1971; 1975) e por Harrison (1974). Este conjunto apresenta a particularidade de as dádivas funerárias integrarem correntemente objectos associáveis ao conjunto campaniforme,embora a cerâmica campaniforme esteja frequentemente ausente. As armas - pontas de dardo e lâminas de punhal - estão em regra presentes, o que autoriza uma conotação destas sepulturas com inumações de guerreiros. Algumas delas ofereceram artefactos excepcionalmente ricos, nomeadamente adornos áureos.

PARREIRA, R.

57
Necrópole da Ferradeira
Tijela

Bronze Antigo
Objecto funerário
Necrópole da Ferradeira, Faro
Cerâmica

Pequena tijela de carena média. Bordo direito, inclinado para fora,com lábio arredondado. Bojo compósito com uma carena média-baixa. Parte superior côncava, ligeiramente inclinada para fora, parte interior convexa, integrando o fundo que é indiferenciado. Barro mediatamente depurado, de textura compacta e cor negra. Superfície espatulada, de cor vermelha acastanhada.

71; d.m.132 mm

Taça

Bronze Antigo
Objecto funerário
Necrópole da Ferradeira, Faro
Cerâmica

Taça em calote, com o bordo levemente revirado para cima, lábio estreito arredondado. Bojo regularmente convexo, integrando a base, que é indiferenciada. Barro mediatamente depurado, de cor cinzenta acastanhada e superfície vermelha acastanhada. Superfície espatulada.

46; d.m. 103 mm

Lâmina de punhal

Bronze Antigo
Arma
Necrópole da Ferradeira, Faro
Cobre fundido em molde e forjado

Punhal de lingueta com lâmina curta. Não se conservou a extremidade proximal da lingueta, cujos rebordos são espessados. A lâmina de secção oval muito achatada, apresenta forma subtriangular, destacando-se da lingueta em ângulo pronunciado.

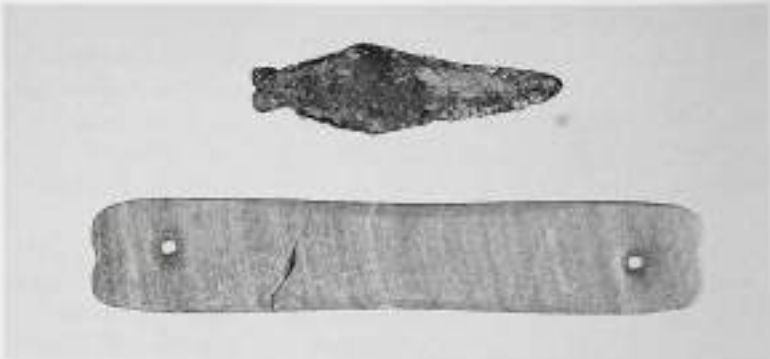
760 x 22 mm

Braçal de arqueiro

Bronze Antigo
Objecto utilitário
Necrópole da Ferradeira, Faro
Xisto

Braçal de arqueiro estreito, de forma subrectangular e uma perfuração bicónica em cada uma das extremidades, secção em meia cana achatada lados levemente côncavos.

148 x 29; e 7 mm
Bibl.: Schubart, 1975
Museu Arqueológico e Lapidar do Infante D. Henrique
Parreira, R.



58
Necrópole de Sines
Vaso

Bronze Antigo
Objecto ritual
Necrópole de Sines, Setúbal
Cerâmica

Pequeno vaso tipo Santa Vitória. Forma globular; bojada, estrias verticais, colo estrangulado, bordo extrovertido. Fundo esférico. Proveniente da sepultura 12.

80 x d.a.70 x d.m.12 mm

Taça

Bronze Antigo
Objecto ritual
Necrópole de Sines, Setúbal
Cerâmica

Pequena taça baixa. Proveniente da sepultura 12.

43 x d.m.78 mm

Punhal

Bronze Antigo
Arma
Necrópole de Sines, Setúbal
Cerâmica

Punhal de ribbon em cobre. Proveniente da sepultura 12.

13 x 36 mm
Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal
Soares, J. e Silva, C. T.

59
Necrópole da Salvada
Vaso

Bronze Antigo
Objecto funerário
Necrópole da Salvada, Beja
Cerâmica

Vaso de perfil sinuoso, com o bordo ligeiramente inclinado para fora, com lábio convexo. Apresenta dois furos (de suspensão?) diametralmente opostos, logo abaixo do bordo. Bojo com uma carena pouco acentuada. Parte superior levemente convexa, quase direita, inclinada para dentro; parte inferior convexa, inclinada para fora. Base recta, integrada no corpo do vaso, definida por uma linha de intersecção. Sem decoração. Barro medianamente depurado, de textura compacta e superfície alisada.

77 d.m. 100 mm

Vaso

Bronze Antigo
Objecto funerário
Necrópole da Salvada, Beja
Cerâmica

Vaso de perfil sinuoso, com o bordo ligeiramente inclinado para fora, com lábio convexo. Apresenta dois furos (de suspensão?) diametralmente opostos, logo abaixo do bordo. Bojo com uma carena pouco acentuada. Parte superior levemente convexa, quase direita, inclinada para dentro; parte inferior convexa, inclinada para fora. Base recta, integrada no corpo do vaso, definida por uma linha de intersecção. Sem decoração. Barro medianamente depurado, de textura compacta e superfície alisada. Cor negra, com engobe exterior castanho escuro e aguada cinzento escuro, com manchas castanhas.
A sepultura 1 continha um esqueleto em posição fetal, deitado sobre o lado esquerdo, com a cabeça por W, acompanhado por um vaso. Era uma cista de xisto de formato rectangular, implantada numa cova aberta no calço, constituída por dois esteios laterais, dois de topo e uma tampa. O vaso foi encontrado junto ao crânio, no canto NW da cista, com a boca para cima.

77; d. 100 mm

Tijela

Bronze Antigo
Objecto funerário
Necrópole da Salvada, Beja
Cerâmica

Tijela do tipo Atalaia, forma alta. Bordo ligeiramente convexo e espessado, virado para fora, com lábio redondo. Bojo com uma carena ligeiramente entrada para fora. Parte superior côncava, vertical; parte inferior convexa, integrando o fundo, que é indiferenciado. Barro medianamente depurado, de textura pouco compacta e superfície espatulada. Cor castanha avermelhada, com aguada negra com manchas castanhas.
A sepultura 5 continha um esqueleto e um vaso. Era uma cista de xisto de formato rectangular, implantada numa cova aberta no calço, que foi alisada antes de se efectuar qualquer registo. Não se conhece a posição do vaso nem do esqueleto.

51; d.m. 190 mm

Tijela (2)

Bronze Antigo
Objecto funerário
Necrópole da Salvada, Beja
Cerâmica

Duas tijelas do tipo Atalaia, forma alta.
A-Bordo ligeiramente convexo e espessado, virado para fora, com lábio redondo. Bojo com uma carena tomba. Parte superior côncava, ligeiramente inclinada para dentro; parte inferior convexa, integrando o fundo, que é indiferenciado. Barro finamente depurado, de textura compacta e superfície espatulada. Cor negra, com engobe exterior castanho escuro e aguada negra, com manchas castanhas escuras.
B-bordo ligeiramente côncavo, inclinado para fora, com lábio redondo. Bojo com uma carena. Parte superior côncava, ligeiramente inclinada para dentro; parte inferior convexa, integrando o fundo, que é indiferenciado. Barro finamente depurado, de textura compacta e superfície espatulada. Cor negra com engobe castanho e aguada negra com manchas castanhas avermelhadas escuras na superfície.
A sepultura 2 continha um esqueleto e entre dois vasos. Era uma cista de xisto de formato rectangular, implantada numa cova aberta no calço, constituída por dois esteios laterais, dois de topo e uma tampa, e orientada sensivelmente na direcção E-O. O vaso foi encontrado junto ao canto NE da cista, o vaso B junto ao canto SW, ambos com a boca para cima.

50; d.m. 91; 55; d.m. 98 mm
Bibl.: Parreira, R., 1983
IPPAR, Direcção Regional de Évora
Parreira, R.

A Necrópole de Corte Cabreira

Localização

A necrópole de corte Cabreira situa-se sobre o cabeço da Igrejinha, tal como é conhecido pelos habitantes locais, na herdade do Sr. António Costa, a cerca de 7 km de Aljezur, localizando-se na Carta Militar de Portugal, Folha 576, na escala de 1:25.000, a uma altitude de 183m e com as coordenadas hectométricas de M-146,200/P-146,300. Trata-se de uma zona de xistos argilosos negros e argilitos vermelhos, como aliás é a formação geológica da região. É uma elevação suave, bastante erodida, dominando a vasta planície ondulada que se estende mais além, para Noroeste, até à costa e o pequeno vale de Corte Cabreira, imediatamente a Norte, que dá acesso às terras do interior. A cerca de 50m para Nordeste, sobre um pequeno esporão na encosta, encontra-se a tholos calcolítica por nós detectada em 1990, completamente inédita e cujo estudo se iniciou também em 1990. A fotografia aérea da zona da escavação permite uma apreciação mais clara da sua situação geográfica. No sopé do monte, na direcção Noroeste, encontram-se os vestígios de uma pedreira de lousas de xisto, exploração muito antiga, que poderia ter sido iniciada pelos constructores desta necrópole da Idade do Bronze, que aí teriam ido buscar as pedras que necessitavam para construirem as suas cistas. O vale que se estende a nordeste da necrópole é de extrema fertilidade, atravessado por um pequeno riacho que nunca se esgota no verão, mesmo em anos de seca prolongada. Outra possível razão económica para a fixação dos habitantes desta região e neste período da evolução das populações do Sudoeste poderia ter sido a exploração mineira, e na verdade, a mina de ferro de Corte do Sobro, encontra-se relativamente perto, na direcção Norte, tendo sido explorada até ao século passado. Este tipo de mineração apresenta normalmente os habituais "chapéus de ferro" ou "gossans" que eram explorados desde o Calcolítico pela sua extraordinária riqueza em minérios de ouro e prata, como já referimos em outra publicação, e que também se observam na região mineira de Rio Tinto.

A necrópole estende-se ao longo da curva de nível dos 180m, na vertente da encosta a nordeste, e talvez essa seja uma das razões da sua orientação um pouco distorcida.

A limpeza da área da escavação, de cerca de 150m2, revelou a existiência de duas fieiras de cistas já abertas por escavadores clandestinos em épocas recuadas: uma fieira de 6 cistas na zona mais baixa e outra de 4 cistas na zona mais alta, que, aparentemente, não apresentavam quaisquer sinais de possuirem estruturas tumulares, verdadeiros tumuli, como se verificou posteriormente ser o hábito dos construtores da necrópole. O levantamento topográfico da zona, executado pelo topógrafo da CM de Aljezur revelou uma acentuada distorção da necrópole em relação ao N magnético, por certo devido à configuração do relevo. A limpeza da superfície não revelou imediatamente quaisquer sinais dignos de registo, além das cistas já à vista mas, a pouco e pouco, começou a delinear-se a complexidade dos tumuli e da própria necrópole, verificando-se que toda a zona estava coberta por tumuli encaixados uns nos outros ou construídos de modo a aproveitar todos os espaços disponíveis e que apresentassem profundidade suficiente para construir as caixas onde seriam instaladas as cistas.

Notou-se a existência de uma zona central, que inicialmente pensamos tratar-se de um túmulo, o nº10,formando um quadrado com cerca de 4mx4m, bem delineado por uma moldura de lajes colocadas horizontalmente constituindo uma espécie de murete envolvente, ao qual se encostava o túmulo nº11, com idêntica configuração mas com as pedras laterais grandes e fincadas, com as dimensões de, aproximadamente, 3,5mx3,5m. O grande peso da estrutura interna deverá ter contribuído para uma pressão excessiva sobre o limite N deste túmulo. Esta zona central destacava-se, em relação às demais áreas tumulares da necrópole, exactamente por apresentar os seus limites em murete construído por lajes horizontais, enquanto todos os outros túmulos apresentavam o limite das suas áreas em muretes de pedras fincadas. Aqui observa-se que os construtores desta necrópole aproveitaram o lado SE da moldura do "túmulo 10" para delimitarem o túmulo 11 a NE, mas nos restantes três lados a moldura é constituída por grandes blocos fincados, o que conferiu grande robustez a este túmulo, e que referiremos no seu estudo específico. A necrópole ter-se-á desenvolvido em torno desta área central, ocupando gradualmente os espaços que iam restando, como se pode observar na Planta 1 e de que o túmulo 4, é exemplo claro.

As cistas preenchidas a cinzento na Planta geral da necrópole, são as que já tinham sido escavadas clandestinamente e que nos limitamos a limpar e escavar até à base, crivando a terra recolhida. As cistas alinhadas n.os 14, 15, 16, 17, 18 e 19, exactamente por apresentarem um alinhamento quase perfeito, podem indicar constituirem o limite NE da necrópole, sendo possível que esta se prolongue ainda longitudinalmente para NW, como a sepultura nº 8 parece indicar, e para SE, como outras duas sepulturas violadas e isoladas parecem também sugerir. Só futuros trabalhos poderão esclarecer estes aspectos.

Sepulturas escavadas em 1990

N.2 - Esta sepultura encontrava-se fechada e coberta por uma laje ligeiramente fracturada com uma figura insculpida, que, pela sua forma, julgamos ser intencional: na realidade parece tratar-se de uma figura mítica, de forma fálica, dotada com membros traseiros de quadrupe. Não conheço, neste momento, paralelos para esta representação, muito embora o Prof. Anthony Snodgrass, que visitou a escavação neste mesmo ano, me tivesse afirmado ter visto figuras semelhantes, esculpidas na pedra, em necrópoles na Grécia.

Não continha qualquer depósito funerário.

N.3 - Esta sepultura assomava um pouco à superfície do terreno, mas a laje de cobertura estava profundamente encaixada pelo que foi bastante difícil a sua remoção. Uma vez removida a laje de cobertura observou-se que a sepultura estava intacta.

Continha um pequeno vaso carenado, de tipo Sta Vitória, e o fragmento de um bordo de tigela, também de barro sobre o qual se encontrava o vaso. Notou-se uma pequena zona impregnada de óxido de cobre, pelo que deveria ali ter estado qualquer pequeno objecto de cobre,talvez uma ponta de seta, agora completamente desaparecido.

N.4 - Pequena sepultura completamente camuflada pelo empedrado dos tumuli, encaixada no pequeno espaço entre as sepulturas n.os 3 e 6, e que se pensa tratar-se talvez de uma sepultura de criança, pelo seu tamanho diminuto. Continha duas pequenas taças carenadas, uma de tipo Atalaia, a outra de tipo Sta. Vitória.

N.8 - Esta sepultura estava também perfeitamente camuflada no empedrado superficial, surgindo o seu delineamento na fase mais profunda da limpeza da superfície da área de escavações. Encontrava-se intacta.

Não continha qualquer dádiva funerária.

N.13 - Esta sepultura era a que apresentava menos vestígios de penetração de terras

superficiais para o seu interior, na verdade continha apenas uma pequena camada de barro fino com cerca de 10cm de altura.

Continha duas pequenas taças carenados, igualmente uma de tipo Atalaia, a outra de tipo Sta. Vitória.

Pseudo "túmulo" 10 - Esta área apresentava uma diferenciação na coloração e contextura superficial pelo que pensamos que poderia ter havido uma violação remota naquela zona ou existido uma árvore ou arbusto com raízes profundas. A sua superfície encontrava-se coberta de uma pequena camada de pedras soltas sob a qual se notava existir uma espessa camada de barro misturado com algumas pedras pequenas. Fizemos aí uma pequena sondagem de 1mx0,50 e parece ter sido de facto uma zona remexida ou uma zona com outra finalidade que não a dos enterramentos que encontramos nos outros túmulos. Não se encontrou qualquer vestígio de cista, que, no caso de ter havido ali um enterramento, ou mesmo que este tivesse sido violado, lá se encontraria, como é o caso das demais sepulturas escavadas por clandestinos e que se observam na necrópole. As escavações efectuadas em 1991, vieram esclarecer um pouco mais esta zona central da necrópole. De facto, uma vez removidas as pedras superficiais, que também não eram tão abundantes como nos outros túmulos, verificou-se que o enchimento era essencialmente constituído por terras e barros, e algumas pedras miúdas.

Esta zona central constituía uma área diferente e totalmente acabada em si própria, isto é, fora intencionalmente construída para ter uma função especial e central, em redor da qual toda a necrópole se terá desenvolvido, aspecto que é salientado pela moldura quadrangular em lajes horizontais, perfeitamente acabada. Na verdade, as paredes que constituem os seus lados foram cuidadosamente construídas com lajes de xisto, relativamente pequenas e colocadas como um murete, sobrepostas umas às outras horizontalmente, num sistema de construção muito semelhante às molduras dos túmulos da necrópole da Atalaia. No entanto, contrariamente a estes túmulos, que são circulares, no caso presente a moldura é quadrangular, mas igual e cuidadosamente construída em lajes justapostas horizontalmente.

O facto de a zona central apresentar uma forte componente de terras e cinzas, e mesmo alguns carvões (que não são no entanto em tamanho suficiente para serem datados nos laboratórios do LNETI), e uma espécie de pequeno murete, constituído por duas fiadas de pedras, que parecia delimitar a zona central. Verificou-se em 1991 que este murete não tinha continuidade, nem profundidade, pelo que teria talvez apenas delimitado uma zona de uso.

Como todos os túmulos parecem ter sido de incinerações, julgamos poder sugerir que esta zona central seria uma zona sagrada, destinada aos rituais de pre-enterramento, onde eventualmente se procedia à cremação dos cadáveres, cujas cinzas eram depois depositadas nas cistas. Não foram encontrados dentro desta estrutura, quaisquer vestígios de cistas, pelo que também não se deveriam aqui encontrar enterramentos laterais. Recolheu-se um fragmento de fundo de vaso de cerâmica.Sepulturas escavadas em 1991.

N. 5 - O túmulo 5 encontra-se no pequeno espaço entre o túmulo 3 e o túmulo 6 prolongando-se sob este túmulo, pelo deveria ter sido construído num momento anterior ao do túmulo 6. Após a remoção das pedras que cobriam a superfície da pequena área (vide Planta 1), observou-se que uma laje tumular se estendia por debaixo do murete de limite do túmulo 6 (Planta 2). Houve assim que retirar essas pedras para pôr totalmente a descoberto a laje do túmulo 5. Este túmulo apresentava-se também sem ser violado, com bastantes sinais de carvões e cinzas como todos os outros, e com uma espessa camada de terras quase até à sua superfície.

Recolheu-se uma pequena taça carenada, tipo Atalaia, única oferta votiva que acompanhava o defunto.

Zona 9 - Observou-se que aqui o afloramento rochoso se encontrava muito à superfície, por vezes induzindo no erro de que se tratasse de uma pedra tumular, como chegamos a pensar. No entanto pode observar-se, que sem sombra de dúvida nenhum túmulo poderia ali ter sido construído pois o afloramento rochoso encontrava-se logo à superfície formando como que uma larga laje. Sobre este fundo rochoso encontrou-se um fragmento de mó neolítica que terá sido utilizada apenas como pedra de enchimento.

N.11 - O túmulo 11 apresenta uma construção extremamente robusta. Encosta o lado NW ao lado SE do recinto quadrangular central, que referimos atrás, não necessitando aí de muro próprio. Os restantes lados da moldura quadrangular são construídos por largos blocos de pedra fincados no solo. O enchimento é, também ele, feito com grandes blocos de pedras e outras pedras menores colocadas de modo muito compacto, pelo que o peso e pressão de todas estas pedras sobre o lado N da moldura, que se encontra em zona de declive, terão causado a distorção das pedras que a constituem. A sepultura encontrava-se profundamente implantada e escorada por grandes blocos circundantes, que praticamente a selavam, tal como a grande quantidade de pedras que a cobria, entre elas um fragmento de uma grande mó de tipo neolítico, em diorito de Silves, bem polida e usada. Sobre a pedra tumular encontrava-se um fragmento de moente de mó neolítica em sienito de Monchique, com a face virada sobre a laje. Seria intencional? Praticar-se-iam oferendas sob a forma de cereais moídos e que o seriam no momento do enterramento? Foram recolhidos diversos carvões para datação pelo radiocarbono e amostras de terras ali sedimentadas, para possível datação por termoluminescência.

No interior da cista encontrou-se um pequeno punhal de bronze, de lâmina bastante fina e frágil, extremamente oxidada com cerca de 11 cm de comprimento, que se fragmentou e uma pequena taça carenada, de tipo parecido com o de Atalaia, mas de fundo praticamente plano. Entre as terras crivadas encontraram-se vários pequenos fragmentos de cerâmica informe, de feitura manual.

Todas as terras do interior dos túmulos foram criteriosamente crivadas, tendo-se recolhido para análise amostras das terras do interior das sepulturas.

Rituais Funerários

Apesar de se terem crivado todas as terras do interior das sepulturas não foram encontrados nenhum vestígio de esqueletos ou mesmo de ossos, nem sequer um único dente, que, como se sabe, são extremamente resistentes à corrosão. Encontramos apenas vários pequenos carvões e terras acinzentadas, o que nos leva a crer já se terem, praticado ali incinerações. Os depósitos funerários, acompanhando os enterramentos, são relativamente escassos: alguns dos enterramentos completamente selados que escavamos continham oferendas ou depósitos mortuários (sepulturas 3, 4 e 13), outros não (sepulturas 2 e 8).

Observou-se que a necrópole teria um lugar central possivelmente destinado a rituais, que antecediam o enterramento propriamente dito, e onde se procedia, possivelmente, à cremação dos defuntos, e foi em volta deste lugar central, que a

necrópole se foi desenvolvendo. Imediatamente encostado ao lado SE, e de aspecto mais imponente, encontra-se o túmulo principal da necrópole, quer pelas suas dimensões, quer pelo trabalho e esforço implicado na sua construção. As oferendas que o acompanhavam denotam também a sua importância: é o único que apresenta uma faca, ou um pequeno punhal de bronze, entre as dádivas funerárias, além da tradicional pequena taça carenada. Os outros túmulos secundários, encaixados nos lugares disponíveis, sugerem um ordenamento hierarquizado dentro do mesmo agregado familiar, dentro do mesmo clã.

Esta necrópole apresenta características muito próprias e diferentes das que encontramos nas necrópoles do tipo Atalaia. Na verdade, os túmulos aqui observados parecem ser todos individuais, isto é, destinados a apenas um individuo. No mesmo túmulo apenas se encontrava uma cista, e dentro dela as oferendas depostas apontavam também para um único individuo: uma taça, raramente duas.

Conclusões

A necrópole da Idade do Bronze de Corte Cabreira parece situar-se em de cerca de 1200 a. C., não devendo ultrapassar o milénio. Os túmulos com cistas são geralmente rectangulares dispondo-se em torno dos dois grandes recintos quadrangulares centrais, um o lugar dos rituais funerários o outro a possível sepultura do chefe, sugerindo uma acentuada hierarquização social.

Os rituais funerários sugerem terem aqueles povos adoptado a incineração, o que os aproxima dos rituais umpouco mais tardios dos campos de urnas e da Idade do Ferro, mas, por outro lado, as taças encontradas apontam para um certo conservadorismo nas formas, de tipo Atalaia, embora apareçam, simultaneamente, taças mais tardias de tipo Sta. Vitória e o fragmento de tigela aberta e de fundo direito do Bronze Final (Schubart 1971, Figs. 1 e 2, Mapa 4; 1975, 136-150). De salientar o facto de que nos dois casos em que a dádiva funerária é constituída por duas taças, uma é do tipo Atalaia e a outra de tipo Sta. Vitória, que vem reforçar a idéia daquele conservadorismo atrás referido numa época mais tardia.

Gamito, T. J.

60
Necrópole de Corte Cabreira
Taça

I.Bronze II
Oferenda funerária
Necrópole de Corte Cabreira, Aljezur, Faro
Cerâmica

Taça carenada de tipo Atalaia, oriunda do túmulo 13 desta necrópole; côr beje claro com engobe da mesma cor; carena baixa pouco acentuada.

55 x d.m. 92 mm

Taça

I.Bronze II
Oferenda funerária
Necrópole de Corte Cabreira, Aljezur, Faro
Cerâmica

Taça carenada do tipo Srª Vitória, oriunda do túmulo 13 desta necrópole; côr beje claro, deveria ter tido engobe da mesma côr, carena baixa e acentuada.

40 x 95 mm

Taça

I.Bronze II
Oferenda funerária
Necrópole de Corte Cabreira, Aljezur, Faro
Cerâmica

Taça carenada do tipo Srª Vitória, côr castanho acinzentada escura, possivelmente com engobe da mesma côr de textura pouco cuidada; carena baixa e acentuada.

40 x d.m. 120 mm

Taça

I.Bronze II
Oferenda funerária
Necrópole de Corte Cabreira, Aljezur, Faro
Cerâmica

Pequena taça carenada do tipo Atalaia, côr beje alaranjado vestígios de engobe da mesma côr; carena baixa pouco acentuada.

43 x d.m. 85 mm

Taça

I.Bronze II
Oferenda funerária
Necrópole de Corte Cabreira, Aljezur, Faro
Cerâmica

Taça carenada de fundo quase achatado, côr castanha com engobe beje claro, muito perfeita.

36 x d.m. 82 mm

Taça

I.Bronze II
Oferenda funerária
Necrópole de Corte Cabreira, Aljezur, Faro
Cerâmica

Pequena taça carenada (do tipo Atalaia?) de fundo pouco acentuado, côr de barro avermelhado, com vestígios de engobe da mesma côr.

40 x d.m. 78 mm
Gamito, T. J.

61
Necrópole de Santa Vitória
Vaso

Bronze Antigo
Objecto funerário
Necrópole de Sta Vitória de Ervidel, Aljustrel,
Beja
Cerâmica

Vaso com fundo côncavo, boca estreita, bordo recto com inclinação para o exterior, decoração no bojo com incisões e impressões.
Pasta castanha.

74 x 71 x 110; e. 36 mm
Museu Nacional de Arqueologia

Taça (2)

Bronze Antigo
Objecto funerário
Necrópole de Sta Vitória de Ervidel, Aljustrel,
Beja
Cerâmica

Taça do tipo "Santa Vitória" de cor negra ou castanho escura, com a superfície muito polida. Barro com desengordurante muito fino. Interior do fundo com um listão e decoração radial em estrela de quatro pontas, com braços foliformes preenchidos a tracejado de linhas paralelas, perpendiculares ao eixo dos braços. Entre cada uma das pontas da estrela há duas bandas estreitas, paralelas entre si e oblíquas aos braços, preenchidas a tracejado de linhas oblíquas paralelas entre si.

a 45; d. 135 mm

Taça do tipo "Santa Vitória" de cor negra ou castanho escura, com a superfície muito polida. Barro com desengordurante muito fino. Interior do fundo com decoração radial em estrela de cinco pontas preenchida a tracejado oblíquo de linhas paralelas. De uma em cada duas pontas da estrela parte uma decoração em estrela de quatro pontas, entre esta e o flanco do fundo a superfície está preenchida por um tracejado oblíquo de linhas paralelas.

a 43; d 155 mm
Bibl.: Schubart, 1975
Museu Regional Rainha D. Leonor
Ferreira, R.

62
Necrópole de Folha da Serra (2)
Vaso

Bronze Inicial
Objecto funerário
Herdade da Zambujeira, Ferreira do Alentejo,
Beja
Vaso de tipo "Oliveiras".
Cerâmica

Bordo côncavo virado para fora, lábio recilíneo. Bojo com uma carena. Parte superior côncava. Parte inferior convexa, com base integrada e acentuadamente espessada. Barro finamente depurado. Superfície espatulada no sentido horizontal, de cor negra, com manchas castanho-avermelhadas na superfície externa.
Segundo informação do achador tratava-se da única dádiva de uma cista.

53 x ø b 95 x ø m 100 mm

Vaso

Bronze Inicial
Objecto funerário
Herdade da Zambujeira, Ferreira do Alentejo,
Beja
Cerâmica

Bordo levemente côncavo, muito inclinado para fora, com lábio recilíneo. Bojo piriforme. Base convexa indefinida, integrada no corpo do vaso. Decoração de sulcos largos incisos, com padrão de gomos, alternadamente grandes e pequenos, preenchidos por linhas paralelas. Barro finamente depurado, de textura compacta. Superfície polida, por vezes com vestígios de espatulamento horizontal. Cor castanha avermelhada viva, com manchas cinzentas escuras na superfície.
Segundo informação do achador tratava-se da única dádiva de uma cista.

130; ø m. 116 mm
Museu Regional Rainha D. Leonor
Ferreira, R.

63
Necrópole de Ervidel 3
Taça

Bronze Final
Objecto funerário
Necrópole de Ervidel, Aljustrel, Beja
Cerâmica

Taça carenada, de pasta rija, com pouco desengordurante, de núcleo cinzento claro e superfície interna e externa cinzenta muito escura. No exterior, a parte côncava, acima da linha de carena, apresenta-se brunida, com vestígios de espatulado horizontal; a parte convexa, abaixo da linha de carena, apresenta-se também brunida, mas com vestígios de fino espatulado radial, convergindo para o centro do vaso. No interior da taça, igualmente polido, além do ônfalos, encontra-se um interessante e bem executado padrão decorativo brunido, cujo motivo central se assemelha a uma estrela do mar, com sete braços, sendo as zonas circundantes preenchidas por feixes de linhas paralelas envolvendo superfícies triângulares.

62; d.m. 168 mm

Vaso

Bronze Final
Objecto funerário
Necrópole de Ervidel, Aljustrel, Beja
Cerâmica

Pequeno vaso de bojo esferoidal, pouco acentuado e bordo saliente. Encontra-se praticamente inteiro. A sua pasta tem o núcleo castanho e a superfície polida, cinzenta escura, com manchas acastanhadas, orlada com canelures estreitas e pouco profundas.

102; d.m. 113 mm

Vaso

Bronze Final
Objecto funerário
Necrópole de Ervidel, Aljustrel, Beja
Cerâmica

Vaso de corpo esferoidal achatado, colo pouco acentuado e bordo saliente. Apresenta uma decoração constituída originalmente por oito nervuras em relevo, moldadas por pressão da pasta ainda mole a partir do interior, delimitados por canelures, que convergem no fundo do vaso. A sua pasta tem o núcleo castanho e a superfície polida, cinzenta escura, com manchas acastanhadas.

101; d.dm 143 mm

Vaso

Bronze Final
Objecto funerário
Necrópole de Ervidel, Aljustrel, Beja
Cerâmica

Vaso de corpo esferoidal achatado, colo pouco acentuado e bordo saliente. Apresenta uma decoração constituída por numerosas nervuras verticais em relevo, moldadas por pressão da pasta ainda mole a partir do interior, delimitadas por canelures, as quais não chegam a atingir o fundo do vaso. As nervuras verticais estavam agrupadas em quatro conjuntos, separados por nervuras mais alongadas, em forma de arco de círculo. A sua pasta tem o núcleo cinzento acastanhado e a superfície negra, bem polida.

114; d.m. 167 mm
Bibl.: Arnaud, J. M., 1992
Amaro, C.

Fonte da Malga

Fonte da Malga é o nome de um conjunto de mamoas no Norte do concelho de Viseu, situado num colo entre a Serra de Arada e a Serra da Lapa, aqui divisória entre as bacias do Douro, a norte, e do Vouga, a sul. Numerosos vestígios de velhos caminhos entre as mamoas indicam que o sítio serviu, durante muito tempo, como ponto de orientação para o trânsito de carroças.

A necrópole está formada por um conjunto de oito mamoas, das quais as duas maiores - à distância de 20 m uma da outra - incluem construções megalíticas; a cerca de 200 m existe um outro megalito, este já destruído e sem mamoa.

A mamoa de maiores dimensões (Monumento 3), com um diâmetro de 17.50 m, continha, originalmente, uma anta com corredor, cujos esteios, em 1978, já não existiam. As duas a seguir, Monumento 2 e Monumento 1, com diâmetros de 9 e 6 m respectivamente, e alturas conservadas de 1 e 0.60 m, ficaram bem visíveis após o corte do denso mato que cobria o terreno. Os restantes túmulos, todos bastante atacados pela erosão, só podiam ser localizados e identificados através do levantamento topográfico à escala 1:100. Neles não efectuámos qualquer escavação.

A mamoa de Fonte da Malga 2 tem um diâmetro de 9 m e uma altura conservada de 1 m. A escavação revelou que se trata duma mamoa de terra, coberta por uma camada de pedras, que continha, originalmente, uma pequena câmara megalítica sem corredor. Dos esteios 4 podem, ainda ser localizados, medindo entre 1.75 de altura e de 0.75 m de largura. Estes esteios são de um tipo de xisto que nas imediações não aflora; a sua pátina indica, que foram extraídos, a certa profundidade, de uma pedreira. Na mamoa encontraram-se restos de tumulações secundárias: lajes de xisto, que, provavelmente, pertenciam a uma pequena cista.

A mamoa de Fonte da Malga 1 evidenciou um diâmetro de 6.50 m e uma altura conservada de 0.60 m. Cobriu um círculo de grandes blocos, em várias camadas, de brechas, conglomerados, quartzos, e poucos xistos, de um diâmetro de 5m, e uma altura de 0.50 m na parte inferior do terreno inclinado, e de 0.25 m na respectiva parte superior. Sensivelmente ao centro foi descoberta uma pequena cista em lajes de xisto, cuja abertura média é de 0.25 x 0.30 m e que, provavelmente, serviu para receber uma urna com cinzas. Não foi encontrada a tampa, mas apenas fragmentos de xisto que, talvez, sejam restos dela. Um fragmento de cerâmica com asa, tipologicamente datável do Bronze Final, que foi encontrado ao pé do círculo de pedras, antes da sua cobertura ter erodido, pode servir como indício de uma destruição antiga tanto da cista como da urna.

Será lícito considerar o Monumento 3 o mais antigo da necrópole, mesmo sem dispormos de achados ou outros dados, para além da forma como se conservou e a notícia oral da existência de uma estrutura megalítica com corredor? Ele ocupa um sítio central na necrópole. Para uma cronologia mais tardia do Monumento 2 aponta a observação de que os esteios foram extraídos duma pedreira em profundidade e não de um afloramento à superfície, o que faz supor um conhecimento da forma de extracção dos recursos minerais por parte de quem construiu o monumento. De qualquer maneira, a tumulação secundária do Monumento 2, é posterior à câmara deste monumento. A datação de Bronze Final para o círculo de pedras com cista central, (Monumento 1), é sugerida pelo fragmento cerâmico encontrado imediatamente ao lado dele, e por paralelos tipológicos da construção, tanto em Portugal (necrópole de Parânho, concelho de Tondela) como na Catalunha (campo de urnas de Seros, província de Lérida). A necrópole de Fonte da Malga é um bom exemplo da importância da reutilização constante de necrópoles megalíticas desde o "Neolítico" até, pelo menos, ao Bronze Final.

KALIL P.

As Cerâmicas de Ornatos Brunidos da Lapa do Fumo

Entre 1958 e 1978, E. da Cunha Serrão dedicou parte importante da sua actividade como arqueólogo à caracterização de um grupo de cerâmicas de características muito nítidas, não obstante até então desconhecidas, que ele próprio exumou na Lapa do Fumo, cavidade natural situada nos calcários do Jurássico dominando, de 190 m da altitude, a escarpada encosta meridional do prolongamento ocidental do maciço da Arrábida, cerca de 3km a WSW de Sesimbra (SERRÃO, 1958, 1959, 1960, 1962, 1964, 1968, 1970, 1975, 1978).

A exploração metódica da cavidade, iniciada em 1957, prolongou-se, embora intermitentemente, pelos anos seguintes. As observações estratigráficas então efectuadas, conquanto com limitações reconhecidas pelo escavador, permitiram, desde logo, situar tais cerâmicas com maior probabilidade na Idade do Bronze (SERRÃO, 1959, p. 343, 344). A importância desta descoberta justificou, difusão internacional adequada (SERRÃO, 1958).

Os fragmentos exumados na Lapa do Fumo são, na larga maioria, de diminutas dimensões, impossibilitando a reconstituição exacta dos recipientes, especialmente dos maiores. Trata-se de vasos de aprovisionamento, em geral de bojos bastante pronunciados e abertura larga, ou com carenas altas, isolando, por vezes de maneira pouco acentuada, bocais cilíndricos. Os fundos são planos. Possuem bons paralelos no sepulcro da Roça do Casal do Meio (SPINDLER et al., 1973/74, fig. 11). Os recipientes de pequenas dimensões correspondem, sobretudo, a taças carenadas, com bons paralelos no povoado de altura do Cabeço dos Moinhos - Mafra (VICENTE e ANDRADE, 1971). Uma forma muito rara é a de recipiente constituído por duas taças carenadas geminadas, cujo paralelo mais próximo provém do povoado do Bronze Final de Senhora da Guia - Baiões (FABIÃO, 1992, p. 94).

As pastas cerâmicas são predominantemente de textura fina a média, raramente grosseiras nos recipientes maiores. Como elementos não plásticos, avultam grãos de quartzo e de feldspato, excepcionalmente, ocorre a moscovite. Predominam colorações negras no núcleo e castanho-chocolate ou negras nas superfícies interna e externa.

Contudo, o elemento mais característico é a decoração. A técnica utilizada foi correctamente descrita, logo nos primeiros estudos (SERRÃO, 1958, 1959); consistiu na aplicação de uma ponta romba sobre as superfícies externa dos recipientes, depois de secas (talvez após uma pré-cozedura, como certas cerâmicas artesanais do Norte de Portugal), antes da cozedura final, produzindo-se assim pequenos sulcos, com brilho mais acentuado e de coloração mais escura do que a superfície primitiva sobre a qual foram efectuados. Assim, por exemplo, se a coloração da superfície primitiva se apresenta cinzenta, os sulcos produzidos são negros; se é castanho-clara, os sulcos apresentam-se castanho-escuros. As próprias superfícies eram previamente preparadas, através de cuidadoso alisamento e brunimento, recorrendo-se por vezes a seixos, cujas marcas são particularmente evidentes nos recipientes mais finos. É hoje incontroversa a integração das cerâmicas com ornatos brunidos no Bronze Final da Estremadura (SERRÃO, 1970). Qual a sua posição dentro deste período cultural, profundamente marcado pelas diversidades regionais observadas no nosso País? Na Tapada da Ajuda, o único povoado da baixa Estremadura suficientemente conhecido e publicado (CARDOSO et al., 1986) não se recolheu, entre milhares de fragmentos, um único destas cerâmicas. Sendo este arqueossítio situável, com máxima probabilidade, no século XIII a.C., como indicam as cinco análises radiocarbónicas efectuadas, depois de calibradas (CARDOSO, 1994), é de aceitar a existência de uma fase inicial do Bronze Final onde tais cerâmicas eram desconhecidas, hipótese já antes formulada (CARDOSO, 1990; GOMES, 1992). A ser assim, as cerâmicas com ornatos brunidos teriam aparecido mais tarde, prolongando-se até à generalização das cerâmicas feitas ao torno rápido, de origem oriental, a partir do século VIII a.C.. Tal sucessão tem, aliás, equivalente na Andaluzia, não obstante aqui os recipientes serem decorados no interior (TEJERA-GASPAR, 1980; BELÉN et al., 1982). Esta diferença, não dispicienda, leva-nos a considerar os exemplares estremenhos como pertencendo a um círculo cultural específico, como específicas desta região eram, também, as condicionantes económicas e sociais subjacentes à própria existência de qualquer identidade cultural.

Esta técnica decorativa, conquanto fosse já conhecida na Estremadura no decurso do Calcolítico inicial terá, talvez, na Idade do Bronze, origem sarda, cujas produções se situam entre os séculos XIII e X a.C. (FABIÃO, 1992, p.105). As cerâmicas de ornatos brunidos da Lapa do Fumo, o primeiro e mais significativo conjunto até ao presente conhecido em Portugal, seriam, assim, expressão material do equivalente cultural estremenho do período proto-orientalizante da Andaluzia.

Qual o significado paletnológico da ocorrência de tais cerâmicas nesta gruta natural? Julgamos que a hipótese mais provável é a de lhes atribuir um significado ritual, correspondendo a deposições em santuário rupestre. Com efeito, tal hipótese parece ser a mais adequada aos elementos recolhidos, onde abundam tais fragmentos em detrimento de restos humanos, tornando pouco credível hipótese alternativa, a de corresponderem a oferendas fúnebres. Em outras grutas naturais da região, como a do Correio-Mor, Loures (CARDOSO et al., no prelo), é também esta a situação observada: aos abundantes fragmentos de cerâmicas de ornatos brunidos, contrapõe-se ausência de materiais antropológicos, afastando a hipótese de se tratar de necrópole, a menos que estas fossem de incineração, em urna, hipótese que, embora carecendo de demonstração, não é de todo improvável.

CARDOSO, J. L.

64
Lapa do Fumo
Fragmentos de cerâmica de ornatos brunidos

Bronze Final
Lapa do Fumo, Sesimbra, Setúbal

Fragmento de taça carenada, de carena alta, de tamanho médio e paredes muito finas. Brunida nas faces interna e externa, esta com decoração de ornatos brunidos, raro acima como abaixo da carena, sublinhada por resalto proeminente, também decorado pela mesma técnica.

52 x 55 mm

Fragmento de grande vaso de colo carenado (vaso de armazenamento) com decoração de ornatos brunidos na face externa, correspondente à parte superior do bojo.

98 x 104 mm

Taça dupla, obtida pela geminação de duas taças carenadas; carena externa adoçada, inexistente do lado interno. Decoração de ornatos brunidos na face externa, acima e abaixo da carena.

111 x 79 mm

Fragmento de grande vaso (de armazenagem) de colo adoçado com decoração de ornatos brunidos na face externa, correspondente a parte superior do bojo.

111 x 96 mm

Fragmento de grande vaso (de armazenagem) com decoração de ornatos brunidos na face externa, correspondente à porção do bojo.

140 x 147 mm

Fragmento de grande vaso (de armazenagem) com decoração de ornatos brunidos na face externa, correspondente à porção do bojo.

76 x 104 mm

Fragmento de vaso de colo alto, vertical, correspondendo à porção deste, incluindo parte do bordo, com decoração de ornatos brunidos na face externa. Bordo simples sem espessamento. Desconhece-se o desenvolvimento do bojo, pelo que a forma não é reconstituível.

67 x 37 mm

Fragmento de vaso de colo alto, com decoração de ornatos brunidos na face externa.

80 x 54 mm

Fragmento de grande taça de carena alta, muito pronunciada na face externa, quase inexistente na interna, ostentando decoração de ornatos brunidos abaixo da carena. O espaço acima desta, e até ao bordo, encontra-se totalmente brunido conferindo brilho metálico àquela superfície.

110 x 54 mm

Bibl.: Serrão 1968, 1969, 1970, 1978, 1994; Cardoso, 1994
Museu Municipal de Sesimbra
Cardoso, J. L.

65
Arcos de Valdevez
Vasos (2)

Bronze Final
Objecto funerário (?)
Arcos de Valdevez, Viana do Castelo
Cerâmica

Vasos esféricos, com asa, de largo bordo horizontal decorado com incisões.

75 x 102; d.163; 78 x 111; d.180 mm
Museu Nacional de Arqueologia

Alpiarça

Alpiarça está conhecida, arqueológicamente, em primeiro lugar pelos abundantes achados paleolíticos procedentes dos terraços antigos do Vale do Tejo (Zbyszewski 1946), e, em segundo lugar pelas duas necrópoles Meijão e Tancboal, atribuídas à Idade do Ferro, cujo espólio foi descoberto, no princípio do século e nos anos 30, por ocasião da renovação de vinhas. Entrou este espólio na bibliografia arqueológica, em 1936, como os "Urnenfelder de Alpiarça" (Corrêa 1936). Em 1971, G.Marques dedica aos achados procedentes das necrópoles de Alpiarça um estudo monográfico e, mais tarde, embora nunca se tenham feito escavações, agrupa à volta deles materiais de outros sítios, que denomina "Cerâmica" ou "Cultura" de Alpiarça.

A região de Alpiarça onde se situaria a cidade de Moron, é conhecida, desde a antiguidade (Estrabão), como sendo uma planície fértil (Kalb/Höck 1984). Está habitada,-pelo menos desde o Calcolítico. Nesta época, o mar chegou ainda mais para montante no leito do actual rio, talvez mesmo ultrapassando Alpiarça (Daveau 1980, 26 fig 6). Duas sondagens palinológicas aqui realizads (Leeuwaarden/Janssen 1985) indicam, para a primeira metade do 3º milénio a.C. nesta região a quase total redução da floresta de pinheiros/carvalhos e o aumento de plantas antropogéneas, indício certo de intromissão activa do homem na natureza.

Nos lugares do Cabeço da Bruxa e do Alto do Castelo, ambos situados, na margem Sul do Tejo, a Sudoeste, perto de Alpiarça, há vestígios arqueológicos deste povoamento. O Cabeço da Bruxa é uma elevação arenosa na própria planície, enquanto o Alto do Castelo aproveita o terraço terciário deste lado do rio para o assentamento calcolítico. No Cabeço da Bruxa foram efectuadas escavações por G. Marques e G. Miguéis Andrade, em 1971, embora sem serem publicadas, e outros, por nós, em 1978-1980 (Kalb/Höck 1980 e 1983); as escavações no Alto do Castelo foram efectuadas entre 1981 e 1985. Estas investigações permitem construir um modelo do desenvolvimento do povoamento destes sítios, relativamente complexo. Provavelmente devido à subida das cheias regulares do rio Tejo para cotas mais elevadas, causada pela sedimentação crescente com o progresso da desflorestação e consequente erosão mais a montante, o povoado calcolítico do Cabeço da Bruxa cedo foi abandonado: os poucos achados de carácter campaniforme (bordo de uma taça de tipo Palmela, fragmento de uma taça incisa, uma ponta de Palmela de bronze) talvez se possam interpretar como restos de uma utilização daquele cabeço, já nesta época, apenas como necrópole.

Os contextos arqueológicos, sem dúvida mais importantes, do Cabeço da Bruxa, são três urnas do Bronze Final, encontradas in situ .

A primeira (CB 362-1) tinha como achados acompanhantes uma tijela carenada com mamilo (CB 362-2), e o fragmento de um bracelete de bronze (CB 362-3), como oferenda.

A segunda urna (CB 771-1), tipológicamente algo diferente da primeira, tinha ao lado uma tijela carenada sem mamilos (CB 771-2), sem outro espólio.

Na terceira urna (CB 854) trata-se de um vaso com 6 protuberâncias de tipo de mamilos, sem tijela acompanhante, mais tarde foram encontrados, imeditamente ao lado, cinco braceletes de bronze que provàvelmente pertencem ao mesmo depósito funerário.

Depois do Bronze Final, o Cabeço da Bruxa volta a evidenciar um forte povoamento ou utilização apenas para a época tardo-romana (séc. 4/5 d.C.).

Também no Alto do Castelo, o povoamento começa no Calcolítico. Mais tarde, no Bronze Final, surge aí uma fortificação com aterro de terra batida e vala de planta irregular, abrangendo cerca de 5 ha. Tal como no Cabeço da Bruxa, os achados ente o Calcolítico e o Bronze Final, ou seja do Bronze Antigo e Médio, são escassos e pouco característicos; o campaniforme, até agora, não foi ainda verificado. Nos perfis palinológicos acima mencionados, que foram tirados a Norte e a Sul do Alto do Castelo, nos vales de dois confluentes da Vala de Alpiarça, Paúl dos Patudos e Vale da Atela respectivamente, isto está reflectido pela nova regressão de pólenes arbóreos por um lado, e pela dispersão mais forte de pólenes não-arbóreos, a partir de 1300 a.C. (datas não calibradas). Além de abundante cerâmica fragmentada, com o desgaste característico de material encontrado em povoados, provém da zona da fortificação- mas dos níveis superiores e sem contexto estratigráfico- um punhal de bronze.

A conhecida fortificação de 28 ha e com aterro conservado até a altura de 2m, no Alto do Castelo que, na bibliografia é designada como "oppidum" do Bronze Final ou dos Celtas, tem que ser interpretado segundo o levantamento topográfico e as escavações como sendo uma construção da época romana.

KALB.P.

66
Alpiarça
Taça

Bronze Final
Oferenda funerária (?)
Tanchoal, Alpiarça, Santarém
Cerâmica

Taça pequena com colo vertical e bojo de carena viva.

a.53; d.m. 87; e.3 mm
Bibl.: Marques, G., 1972

Urna

Bronze Final
Objecto funerário
Mejão, Alpiarça, Santarém

Urna média com asa, bojo carenado e fundo côncavo.

a.150; d.m. 150; e.4 mm
Bibl.: Marques, G., 1972

Taça

Bronze Final
Oferenda funerária (?)
Castelo de Alpiarça, Santarém
Cerâmica

Grande fragmento de taça baixa, de fundo redondo e bordo aplanado. Decorado junto ao bordo por uma faixa larga com triângulos preenchidos com linhas oblíquas e paralelas, impressas a roleta denteada.

Bibl.: Marques, G., 1972

Vaso

Bronze Final
Oferenda funerária (?)
Tanchoal de Alpiarça, Santarém
Cerâmica

Pequeno vaso globular com o bordo aplanado.

a.60; d.m. 80; e.6,4 mm
Bibl.: Marques, G., 1972

Vaso

Bronze Final
Oferenda funerária (?)
Tanchoal de Alpiarça, Santarém
Cerâmica

Fragmento de vaso de forma tipa, com o bojo com forma de taça cónica achatada e três bocas dispostas em triângulo.

a.9,5; d.m. 120; e. 3-6 mm
Bibl.: Marques, G., 1972

Taça

Bronze Final
Oferenda funerária (?)
Tanchoal de Alpiarça, Santarém
Cerâmica

Taça hemisférica com pé troncocónico.

a. 150; d.m. 240; e.9,5 mm
Bibl.: Marques, G., 1972

Urna

Bronze Final
Objecto funerário
Tanchoal de Alpiarça, Santarém
Cerâmica

Grande urna de colo baixo cilíndrico, bordo arredondado e com ligeira carena.

a.350; d.m. 270; e.8,3 mm
Bibl.: Marques, G., 1972

Lâmpada

Bronze Final
Oferenda funerária (?)
Tanchoal de Alpiarça, Santarém
Cerâmica

Lâmpada com bico alongado perfurado, oblíquo.

a.80; d.m. 105; e.4,5 mm
Bibl.: Marques, G., 1972

Taça

Bronze Final
Oferenda funerária (?)
Tanchoal de Alpiarça, Santarém
Cerâmica

Taça pequena com asa, colo cilíndrico e bojo cónico com carena.

a.55; d.85; e.4 mm
Bibl.: Marques, G., 1972

Urna

Bronze Final
Objecto funerário
Tanchoal de Alpiarça, Santarém
Cerâmica

Pequena urna de colo vertical, bojo com carena e quatro saliências mamilares alongadas.

a. 80; d.m. 102; e. 3 mm
Bibl.: Marques, G., 1972

Taça

Bronze Final
Oferenda funerária (?)
Tanchoal de Alpiarça, Santarém
Cerâmica

Taça com asa, colo cilíndrico e bojo carenado.

a. 140; d.m. 215; e. 5 mm
Bibl.: Marques, G., 1972

Urna

Bronze Final
Objecto funerário
Tanchoal de Alpiarça, Santarém
Cerâmica

Pequena urna com asa, colo cilíndrico e bojo carenado.

a. 75; d.m. 85; e. 3 mm
Bibl.: Marques, G., 1972

Machado

Bronze Final
Objecto utilitário
Tanchoal de Alpiarça, Santarém
Bronze

Machado chato de gume curvo.

145 x 90 mm; e. 11; 565 g.
Bibl.: Marques, G., 1972

Urna

Bronze Final
Objecto funerário
Tanchoal de Alpiarça, Santarém
Cerâmica

Urna com colo alto cilíndrico, bojo ovoide e fundo convexo.

a. 335; d.m. 270; e.10 mm
Bibl.: Marques, G., 1972

Braceletes

Bronze Final
Objectos de adorno
Tanchoal de Alpiarça, Santarém
Bronze

24 aros inteiros pertencentes a braceletes múltiplos.

d.m. 83
Bibl.: Marques, G., 1972

Urna

Bronze Final
Objecto funerário
Meijão de Alpiarça, Santarém
Cerâmica

Grande urna com colo baixo cilíndrico, bojo carenado e fundo plano.

a. 285; d.m. 270; e. 9 mm
Bibl.: Marques, G., 1972

Urna

Bronze Final
Objecto funerário
Meijão de Alpiarça, Santarém
Cerâmica

Urna média com colo baixo cilíndrico, bojo carenado e com mamilos.

a. 205; d.m. 190; e. 5,5 mm
Bibl.: Marques, G., 1972

Urna

Bronze Final
Objecto funerário
Meijão de Alpiarça, Santarém
Cerâmica

Urna pequena com asa, bojo carenado e fundo côncavo.

a. 75; d.m. 90; e. 2,5 mm
Bibl.: Marques, G., 1972

Taça

Bronze Final
Oferenda funerária (?)
Meijão, Alpiarça, Santarém
Cerâmica

Taça carenada com dois mamilos alongados e perfurados verticalmente. Decoração em forma de estrela de cinco braços.

a. 55; d.b. 90; e. 4,8 mm
Bibl.: Marques, G., 1972

Braceletes

Bronze Final
Objecto de adorno
Meijão, Alpiarça, Santarém
Bronze

5 aros inteiros pertencentes a braceletes múltiplos.

d.m. 84 mm
Bibl.: Marques, G., 1972
Museu do Instituto de Antropologia Prof. Mendes Correia, Faculdade de Ciências, Universidade do Porto.

Urna

Bronze Final
Objecto funerário
Cabeço da Bruxa, Alpiarça, Santarém
Cerâmica

Urna funerária, com fundo aplanado. Engobe exterior brunido.

Bibl.: Kalb e Hock, 1985

Taça

Bronze Final
Objecto funerário
Cabeço da Bruxa, Alpiarça, Santarém
Cerâmica

Taça carenada com fundo plano. Engobe exterior brunido.

Bibl.: Kalb e Hock, 1985
Casa dos Patudos, Alpiarça.

67
Tapado da Caldeira
Vaso

Bronze Final
Objecto funerário
Tapado da Caldeira, Baião, Porto
Cerâmica

Vaso proveniente da sepultura 1 (de inumação). Recipiente aberto de forma aproximadamente troncocónica, com carena alta e fundo plano; apresenta uma pequena pega longitudinal aplicada na superfície exterior do vaso, entre o bordo e a carena.

130 x d.a. 160 mm

Vaso

Bronze Final
Objecto funerário
Tapado da Caldeira, Baião, Porto
Cerâmica

Vaso proveniente da sepultura 2 (de inumação). Vaso aberto, com uma forma entre o sub-cilíndrico e o troncocónico, de perfil sinuoso, bordo horizontal estreito e fundo plano ou côncavo. Asa de preensão horizontal inserida abaixo do bordo, decorada com três pequenos mamilos, aproximadamente circulares, situados abaixo do bordo, apresentando na parte média do vaso três cordões lisos horizontais.

125 x d.a. 125 mm

Vaso

Bronze Final
Objecto funerário
Tapado da Caldeira, Baião, Porto
Cerâmica

Vaso proveniente da sepultura 3 (de inumação). Vaso aberto de fundo plano, aproximando-se grosseiramente do grupo de vasos troncocónicos com carena, ainda que o perfil, muito sinuoso, reflecta o carácter pouco marcado daquela, decoração clara a que associa a excisão, a técnica de boquique e a incisão; o bordo, na sua face interior, tem uma decoração incisa constituída por uma linha em zigue-zague, exteriormente e contornando, verifica-se uma linha constituída por losangos excisos, sobre a parte média do vaso, a seguir a uma linha incisa paralela ao bordo, desenham-se triângulos irregulares, definidos igualmente por uma linha incisa e decorados alternadamente com espaços vazios e linhas horizontais com a técnica de boquique. Esta decoração seguinte, em torno do pequeno fundo, sugere uma estrela de sete pontas constituída por os triângulos não decorados.

100 x d.a. 195 mm

Vaso

Bronze Final
Objecto funerário
Tapado da Caldeira, Baião, Porto
Cerâmica

Vaso proveniente da sepultura 4 (de inumação). Pequeno vaso, de perfil levemente sinuoso, com a pança pronunciada e o fundo, de pequeno diâmetro, plano. Apresenta uma pequena asa, de preensão horizontal que sai directamente do bordo para a pança.

72 x d.m. 101 mm

Vaso

Bronze Final
Objecto funerário
Tapado da Caldeira, Baião, Porto
Cerâmica

Vaso proveniente da fossa aberta sobre a sepultura 5 (valva de incineração).
Vaso muito fechado, de pança globular, acentuado estrangulamento no colo, bordo levemente extrovertido e fundo plano, pequena asa lateral, de preensão horizontal, abaixo do bordo.

147 x d.m. 165 mm
Bibl.: Jorge, S., 1980a
Museu Municipal de Baião
Jorge, S.

68
S. Paio de Antas
Vasos cerâmicos

Bronze Final
Objecto funerário (?)
S. Paio de Antas, Esposende, Braga
Cerâmica

Conjunto de sete vasos cerâmicos. Seis com fundo esférico, bordo largo e horizontal, decorado com incisões e impressões. Um pequeno pote cilíndrico com um bordo pequeno e extrovertido.

d. máx. 192 x 90; d. mín. 140 x 75 ; 80 x 67 mm
Museu do Instituto de Antropologia, Prof. Mendes Correia, Faculdade de Ciências, Universidade do Porto
Museu do Abade de Baçal

69
Granjinhos
Vasos

Bronze Final
Urnas sepulcrais
Granjinhos, Braga
Cerâmica

Conjunto de vasos detectados durante uma escavação de emergência realizada na zona dos Granjinhos, em Braga. Apesar de encontrados na base de uma camada de revolvimento, a disposição dos fragmentos, que colavam entre si, em associação com quatro fundos de vasos, aparentemente "in situ", permitem pensar na existência de resquícios de uma camada lenticular, anterior à camada de revolvimento. Muito embora a dispersão de parte dos fragmentos fosse grande, a camada de revolvimento não forneceu vestígios de outras peças tecnologicamente semelhantes, pelo que cremos estar perante uma deposição intencional de quatro vasos que se inserem na mesma família tipológica. A presença de vestígios internos de gordura, na parte inferior dos recipientes e o resultado das análises das substâncias encontradas no seu interior, sugerem-nos a sua função como urnas sepulcrais. As análises do conteúdo dos restos associados às paredes dos vasos, efectuadas pela Doutora Teresa Taboada Castro, do Laboratório de Edafologia da Fac. de Farmácia da Univ. de Santiago de Compostela, através dos métodos HCl 0,1N e do Bray II, deram altíssimas concentrações de fósforo, pelo que esta investigadora subscreve a hipótese por nós colocada.
A tipologia dos vasos permitem-nos situá-los, hipotericamente, desde a segunda metade do IIº milénio até aos inícios do Iº milénio a.C.
As informações estratigráficas e de campo foram-nos fornecidas pelo Drº Armandino Cunha, do Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Braga.

210 x 275; 210 x 234; 254 x 249; 269 x 356 mm
Museu Regional de Arqueologia D. Diogo de Sousa
Bettencourt, A. M.

A Sepultura da Roça do Casal do Meio

Raro monumento, construído em calcário local, formado por câmara, com planta subcircular (d. 3,30m) coberta por falsa-cúpula, e corredor de acesso, em túnel (*dromos*), orientado para sudeste. O conjunto foi protegido por grande *tumulus* hemisférico (d. 11,50m), de terra e pedras, delimitado na base por grandes ortóstatos. Tanto as paredes da câmara, como as do corredor, eram revestidas por argila. O chão da câmara mostrava camada de terra, de cor amarela, enquanto que o do corredor aproveitava a superfície do substrato rochoso.

Ali se aguardavam as inumações de dois indivíduos, do sexo masculino, ao que parece contemporâneas; uma delas em *decubitus* dorsal, orientada no sentido sudoeste-noroeste, e a outra em *decubitus* lateral, ligeiramente flectida e disposta no sentido nascente-poente. Os pés de ambos ficaram próximos, e junto aos do referido em primeiro lugar, exumaram-se peças osteológicas de duas cabras e de dois carneiros, constituindo possíveis oferendas funerárias.

Perto da cabeça daquele mesmo indivíduo jaziam os fragmentos de um grande recipiente, de cerâmica brunida, com aspecto bitroncocónico, assim como um pente, de marfim, uma pinça e uma argolinha, ambas de bronze.

O segundo enterramento era acompanhado por fíbula de cotovelo e dupla mola, de bronze, encontrada próxima ao ombro esquerdo e não longe de uma pinça do mesmo metal, assim como por um elemento de fecho de cinturão, descoberto perto dos ossos da bacia.

À entrada da câmara (*stomion*) jazia, colocada de cutelo, uma taça, com carena alta e quatro mamilos, perfurados, unindo a carena ao bordo. Restos de outra taça, provindos do interior do *tumulus*, mostram forma semelhante, embora exiba os pequenos mamilos sobre a carena.

A arquitectura desta construção encontra paralelos próximos do Mediterrâneo Oriental, nomeadamente nas pequenas *tholoi* de época micénica tardia e do período protogeométrico, ou seja dos finais do IIº milénio a.C.

O espólio referido confirma aquela necrologia, permitindo que datemos esta edificação, e os dois enterramentos, nela contidos, nos finais do século X a.C. ou nos inícios da centúria seguinte.

A este sepulcro deve corresponder importante povoado, residência da elite, detentora do poder económico e político, responsável pela sua existência. Aquela disporia de bens sumptuários, como o pente e a fíbula, provenientes do Mediterrâneo Oriental, em época imediatamente anterior à dos primeiros assentamentos fenícios no Ocidente Peninsular.

Gomes, M.V.

70
Roça do Casal do Meio
Fíbula

Bronze Final
Roça do Casal do Meio (Calhariz), Sesimbra, Setúbal
Bronze

Fíbula de arco ensilado em cotovelo e dupla mola, com braços rectos e com volta em espiral no local do enrolamento.

84 x 22 x 6 mm

Pinça

Bronze Final
Roça do Casal do Meio (Calhariz), Sesimbra, Setúbal
Bronze

Pequena pinça de cabeça oval e hastes rectas, mas oblíquas entre si, encurvadas na área terminal.

55 x 15.10 mm

Pinça

Bronze Final
Roça do Casal do Meio (Calhariz), Sesimbra, Setúbal
Bronze

Pinça de maiores dimensões que a anterior. Cabo rectangular, terminando numa pequena argola. Hastes rectas, muito ligeiramente oblíquas entre si, encurvadas na área terminal.

155 x 10 x 7.5 mm

Pente

Bronze Final
Roça do Casal do Meio (Calhariz), Sesimbra, Setúbal
Marfim

Pente de cabo decorado com motivos geométricos.

92 x 46 mm

Vaso

Bronze Final
Roça do Casal do Meio (Calhariz),Sesimbra, Setúbal
Cerâmica

Grande vaso carenado de forma biconica, com colo cilíndrico. O fundo é plano e o bordo é direito, sem espessamento. A superfície externa é brunida e apresenta se decorada com "rede da brunida", de traços finos.

a. 392; d.b. 228 mm

Vaso

Bronze Final
Roça do Casal do Meio (Calhariz), Sesimbra, Setúbal
Cerâmica

Vaso com carena de ombro e fundo côncavo. Entre o bordo e a carena está presente uma asa vertical, perfurada horizontalmente.

a. 139; d.b. 238 mm
Bibl.: Spindler, Castelo Branco, Zbyszewsky e Ferreira, 1973-74 L.C.E.C., 1994
Museu do Instituto Geológico e Mineiro
Arruda, A. M.

71
Montes Claros de Baixo
Espirais (cadeia)

Bronze Antigo
Elemento de adorno
Herdade do Montes Claros de Baixo, Vimieiro, Arraiolos, Évora
Ouro maciço

Cadeia de seis espirais de arame de secção circular, rectangular e plano-convexa.

c. 123; d. m. 33 mm; 103 g
Bibl.: I.P.M., 1993 a
Museu de Évora

72
Alfarrobeira
Taça

1ª Idade do Bronze do Sudoeste Peninsular
Sítio Religioso
Necrópole de Alfarrobeira, Sep. 7 (Ext.), S. Bartolomeu de Messines, Silves
Cerâmica

Taça hemisférica, com bordo de secção semicircular, fabricada com pasta de cor castanha (2.5YR 4/6), pouco homogénea e pouco compacta, contendo abundantes elementos não plásticos, feldspáticos, de grão fino a médio.

a. 48; d.b. 83 mm; capacidade 100 ml

Vaso

1ª Idade do Bronze do Sudoeste Peninsular
Sítio Religioso
Necrópole de Alfarrobeira, Sep. 7, S. Bartolomeu de Messines, Silves
Cerâmica

Vaso globular, de colo alto, ligeiramente estrangulado, e bordo vertical com lábio de secção semicircular. Mostra, sobre o colo, quatro pequenos mamilos.
Foi fabricado com pasta de cor castanha (5YR 4/4), pouco homogénea contendo abundantes elementos não plásticos, feldspáticos, de grão médio.

a. 172; d.m. 157; d.b. 92 mm; capacidade 1850 ml
Bibl.: Gomes, M. V., 1990a, 1991, 1994
Museu Municipal de Arqueologia de Silves
Gomes, M. V.

As Gravuras Rupestres do Monte da Laje (Valença)

O conhecimento desta estação de arte rupestre de ar livre resultou de um trabalho de prospecção, realizado pelos autores, que permitiu dilatar o conhecimento deste tipo de monumentos no Concelho de Valença de duas para nove rochas insculturadas.

Estas gravuras foram, pela primeira vez, dadas a conhecer, pelos autores, numa notícia preliminar apresentada ao Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular (Guimarães, 1979). Mais tarde, seria ampliada esta informação através de uma comunicação apresentada no IV Congresso Nacional de Arqueologia (Faro, 1980).

Todas as gravuras se inscrevem em suportes graníticos, encontrando-se, na maioria dos casos, bastante erosionadas. Os motivos predominantes são os círculos concêntricos e as linhas onduladas. O conjunto das 9 rochas (Monte de Fortes-Taião I, II e III; Regata I e II; Ozão I, II e III e Monte da Laje) se situa na margem esquerda do rio Minho, em áreas que se integram no Monte do Faro. Encontram-se relativamente próximas umas das outras, sendo de referir, como contexto arqueológico pré-histórico, a existência de 3 núcleos de túmulos megalíticos (mamoas).

Administrativamente, a estação do Monte da Laje encontra-se na freguesia de Gandra, concelho de Valença, distrito de Viana do Castelo. Tem como coordenadas: Lat.: 42° 00' 15,4" N; Long.: 0° 32' 2,8" E. Orientadas para NE, as gravuras encontram-se distribuídas pela superfície de um afloramento granítico, a uma altitude de 300 metros.

A rocha tem as dimensões aproximadas de 11,30 m x 5,00 m.

Os motivos são pouco perceptíveis, pois que se apresentam muito erosionados. A área insculturada revelou o seguinte tipo de motivos: círculos concêntricos, linhas, idoliformes e armas (punhais). São justamente os grupos de idoliformes e punhais que conferem a esta rocha uma relevância particular, pois que é a primeira, até agora conhecida em Portugal, que evidencia este tipo de associação, de resto já de si pouco vulgar no contexto da arte rupestre peninsular. Estes motivos estendem-se pela rocha, em forma de painel, ficando o grupo dos círculos concêntricos numa posição inferior, periférica, enquanto as covinhas se distribuem um pouco por toda a superfície gravada, surgindo agrupadas em 3 conjuntos, rodeando um deles o motivo nº. 24.

A técnica de gravação utilizada foi a picoragem, seguida de alisamento por abrasão.

A distribuição genérica dos motivos é a seguinte: os círculos concêntricos encontram-se mais na zona periférica, especialmente a Este, onde surgem como que agrupados. Os sulcos mais nítidos aparecem quase a bordejar a rocha. As armas encontram-se aproximadamente no centro e os idoliformes desenvolvem-se de ambos os lados das mesmas. Um reticulado, de difícil percepção, localiza-se na extremidade inferior da rocha. Distribuídas, como se referiu, um pouco por toda a rocha, as covinhas apresentam diâmetros e profundidades variáveis, com uma configuração, quase sempre, irregular, com algumas a pontuarem o centro de alguns círculos. Vêem-se, também, no interior dos punhais e idoliformes (motivo nº. 25, por exemplo).

Os principais motivos, considerados como idoliformes, correspondem aos nºs. 25 e 26, que se apresentam lado a lado, quase paralelos. São constituídos, essencialmente, por linhas quase verticais ou ligeiramente curvas, com o espaço interior segmentado por sulcos dispostos horizontalmente. A figura correspondente ao motivo nº. 25 apresenta o comprimento de 1,45 m e uma largura média de 0,47 m. A 0,70 m para W desta figura, situa-se o motivo nº. 26. O comprimento é de 1,40 m, com uma largura média de 0,38 m. O motivo é atravessado por uma linha vertical, central, cortada, de forma quase regular, por três linhas horizontais.

Outras gravuras foram incluídas no grupo dos idoliformes. O motivo nº. 19 surge a 0,33 m acima do motivo nº. 25. Com menores dimensões (0,70 m x 0,26 m), liga-se, pela extremidade esquerda, a um sulco, de grande extensão, que termina sensivelmente no centro da rocha. O motivo nº. 3, localizado na extremidade superior esquerda, apresenta semelhanças tipológicas com os outros motivos sumariamente descritos. Alguns centímetros à esquerda desta gravura, uma outra (nº.4), bastante erosionada, é perceptível, disposta de forma paralela ao motivo adjacente, que é o mais longo de todo o painel.

As armas (punhais) encontram-se em posição proeminente da rocha. O punhal maior (nº. 10) apresenta um comprimento de 1,15 m e 0,35 m de largura máxima. Inscreve-se quase na vertical, em relação ao eixo maior da laje. É constituído por um único sulco, de secção em U. O punhal mais pequeno (nº.11) tem um comprimento de 0,60 m e uma largura máxima de 0,24 m. Mostra a extremidade inferior ligeiramente recurvada. É definido, também, por uma linha fechada. A lâmina é sub-triangular. Ambos os punhos são globulares.

A leitura do todo historiado deve fazer-se segundo o eixo ENE-WSW. A preferência operativa determinou a ocupação da superfície mais larga da laje, surgindo os idoliformes na periferia, a ladear as figuras centrais (punhais). Poder-se-á conferir a este conjunto um certo carácter narrativo, pelo que será de aceitar o carácter religioso deste painel.

Para os idoliformes, o único paralelo conhecido no Norte de Portugal (mais de índole ideológica que tipológica) é o da Bouça do Colado. Tem, porém, que se atender à multiplicidade de motivos patenteada no Monte da Laje. Aqui, não obstante as diferenças de tamanhos, é evidente a comum organização conceptual e inscultórica das figuras. A dupla de idoliformes aproxima-nos da ideia de par divino, a que se refere Anati.

Cronologicamente, esta estação poderá situar-se num período situado entre o Eneolítico e a Primeira Idade do Bronze, podendo algumas figuras mais tardias pertencerem ao Bronze Médio. Os punhais do Monte da Laje podem integrar-se no grupo dos punhais de folha triangular lisa ou subtriangular, com punho arredondado.

Os ídolos poderão estar na tradição das estátuas-menires e estelas monumentais antropomórficas. A rocha do Monte da Laje, com a sua grande superfície gravada, revela motivos que parecem possuir uma ligação lógica entre si, agrupando-se, pois, como uma cena, isto é, uma representação com significado mítico-religioso. Estamos, assim, perante um raro e notável exemplo de simbolismo figurativo, incluído numa composição, o que corresponde a uma fase que testemunha, já, uma evolução ideológica.

Cunha, A. M. L.
Silva, E. J. L.

O Santuário Rupestre da Bouça do Colado

No Noroeste Peninsular , ao longo da pré-história recente, são insculturadas ou, mais raramente, pintadas, inúmeras rochas, com motivos cobrindo, na sua generalidade, uma gramática figurativa de tipos geométrico-simbólicos e abstractos, ao lado de outros de características aparentemente menos abstractas, como antropomorfos, zoomorfos e mais raramente armas, estas representando tipos atribuíveis ao Calcolítico e à Idade do Bronze. Arte carregada de simbolismo, de formas muito elaboradas embora conjugando uma iconografia aparentemente pobre porque repetitiva, nela são raríssimas as "cenas descritivas" (mitológicas?). Arte "Atlântica" por excelência, com uma distribuição muito costeira no NW, mas formalmente ultrapassando em muito as costas do noroeste, as suas influências chegam até às Ilhas Britânicas e Escandinávia indo mesmo até às Canárias, uma evidência que, encarando-se inicialmente toda esta arte como pertencendo ao Bronze, levou alguns autores a defenderem a tese da existência de acentuadas "relações atlânticas" durante a Idade do Bronze entre todas estas regiões (MacWHITE, 1951).

O abstraccionismo dominante neste tipo de manifestações artísticas que a bibliografia arqueológica entre nós simplificou sob o epíteto de "arte do NW peninsular" ou "petróglifos galaico-portugueses", de difícil interpretação e cronologia, e raramente contextualizadas arqueologicamente, não tem ajudado ao seu estudo, faltando-nos ainda hoje o trabalho de conjunto que se impõe.

No entanto, em especial a partir da divulgação da tese de E. Anati (1968), todas estas manifestações artísticas do NW passaram a ser encaradas como integráveis num longo ciclo temporal e cultural, com uma evolução algo linear que a evidência arqueológica não demonstrava.

No início dos anos 80, procurámos realizar em algumas das estações do norte de Portugal um primeiro "corte estratigráfico",estudando mais profundamente algumas rochas que então considerámos como podendo fornecer algumas chaves para uma melhor compreensão desta problemática. Trabalho apenas esboçado, das conclusões que então retirámos, deduzimos não ser possível continuar a manter a tese de um longo ciclo para todas as manifestações artísticas daquilo a que vulgarmente se chamava o "ciclo do Noroeste". Considerámos então, numa primeira hipótese de trabalho ainda algo redutora, mas buscando sempre a prova da evidência, trabalhando a análise endógica e sem desprezar os "paralelos essenciais", uma divisão em dois "grupos", opinião que, com algumas reservas ainda mantemos.

A Bouça do Colado (lugar de Parada, freguesia de Lindoso, concelho de Ponte da Barca) é, em território nacional, uma das estações-chave para a necessária compreensão do grupo I do NW português, de acordo com a sistematização então apresentada (BAPTISTA, 1983-1984:73-75).

Localizada nas franjas ocidentais da Serra Amarela, num pequeno plateau de meia encosta perto da margem direita do rio de Mulas ou rio de Parada, este notável santuário rupestre distribui-se por 8 rochas de um pequeno grupo de afloramentos graníticos (de duas micas, no que segue a generalidade do tipo de suportes escolhidos para os santuários do grupo I). Este tipo e suporte, sua morfologia e localização, claramente intencionais na operacionalidade espacial das estações clássicas deste grupo, bem como a técnica e tipologia dos motivos gravados e a sua distribuição nos conjuntos historiados, são aliás, as principais pistas a pesquisar para uma melhor compreensão do(s) significado(s) destas estações da arte rupestre, na sua generalidade sem outro contexto arqueológico.

Topograficamente, o santuário da Bouça do Colado é constituído por um grande afloramento central, orientado a poente (fazendo assim mais facilmente ressaltar as suas gravuras ao nascer ou ao pôr do sol), sendo esta rocha, o chamado "Penedo do Encanto" ou "Penedo das Sete Cabeças" a mais importante, quer por ser a mais ricamente historiada, quer pela posição dominante que ocupa no conjunto. À sua volta distribuem-se outros afloramentos de menores dimensões, 7 dos quais também com algumas gravuras. No conjunto, pode considerar-se que há uma rocha principal e sete subalternas.

Na rocha de maiores dimensões, com gravuras de grande qualidade técnica e estilística, há uma intencional estruturação do espaço gravado, sendo o painel dominado por uma figura central (a maior do conjunto e exactamente no ponto de confluência dos eixos maior e menor da rocha, como se pode observar no desenho),um "idoliforme" feminino, cuja conceptualização planimétrica e volumétrica o parece ligar à influência micénica das estátuas-menires. À sua volta distribuem-se os restantes motivos, cuja gramática figurativa à base de círculos concêntricos, formas espiraladas e proto-labirínticas, linhas meândricas e covinhas, como que envolve e se adossa no seu todo ao grande antropomorfo. Uma análise mais minuciosa deste conjunto, desmontando o espaço historiado pelo princípio da precedência e preferência operativa, demonstra ser o idoliforme a primeira figura a ser gravada, sendo também clara a intencional ordenação estruturada das restantes figurações, como que dela subsidiárias. É a esta primeira fase que pertencem a maioria das gravuras da Bouça do Colado, devendo enquadrar-se cronologicamente num estádio indeterminado entre o Calcolítico e o Bronze Médio, eventualmente no Bronze Antigo, num momento de clara expansão e predomínio das combinações circulares do Noroeste.

Posteriormente em momento indeterminado, são gravadas duas formas reticuladas, marginais ao conjunto, uma das quais no penedo central, ao lado de um polidor rupestre sobreposto a dois círculos, e outra num dos afloramentos laterais. Finalmente o grande penedo central, ao qual ainda hoje estão ligadas algumas lendas de mouros (que aliás, nos conduziram à sua descoberta em 1979), foi cristianizado (ou utilizado como marca de termo?) com três cruciformes apostos na face vertical da rocha.No seu conjunto, este painel forma assim uma composição muito equilibrada, cujo significado simbólico nos escapa, constituindo um dos momentos altos da nossa arte rupestre.

Nas restantes rochas distribuídas ao redor deste painel não se detecta já o mesmo sentido compositivo, nem uma tal riqueza de motivos, que aqui surgem esparsos, como que delimitando o penedo principal.

De destacar a presença numa destas rochas de um largo polidor rupestre, assinalando muito provavelmente o local do afeiçoamento dos instrumentos incisores utilizados na elaboração das gravuras rupestres, percutores, que uma escavação (até hoje nunca realizada) talvez um dia possa reencontrar.

Moldagem em latex de painéis com gravuras rupestres

A técnica de moldagem pelo latex (borracha líquida) de um painel com gravuras, que foi uma novidade nos anos 50 quando começou a ser utilizada pelas missões arqueológicas francesas em África, é ainda hoje um dos métodos mais fiáveis para a recolha de cópias em negativo das insculturas, inscrições lapidares e baixos relevos e seu posterior estudo ou consulta em laboratório. É um método que substitui vantajosamente as clássicas folhas de papel

mataborrão (DIEGO CUSCOY, 1962), menos resistentes e duráveis. A objectividade dos moldes em latex deve, porém ser encarada como um complemento da restante metodologia de campo em arte rupestre, como sejam o decalque directo, a fotografia à escala, de perferência na vertical dos motivos e sempre com luz rasante, o levantamento topográfico das rochas historiadas e sua relação com a própria morfologia do terreno circundante e ainda a fichagem analítica das rochas, onde figurarão obrigatoriamente a cor do suporte e dos motivos, a análise das pátinas ou graus de desgate, a descrição dos motivos e suas sobreposições, etc.

A borracha líquida utilizada nestas moldagens, mais não é do que um "latex" prévulcanizado (assim conhecido na indústria onde tem imensas aplicações), com uma consistência e coloração leitosa, contendo cerca de 70% de borracha seca em suspensão, diluída em água e numa pequena percentagem de amoníaco para impedir a coagulação. É pela evaporação destes diluentes que se forma a película de borracha do molde, muito aderente a qualquer superfície. Durante a fase líquida, podem ser-lhe acrescentados alguns aditivos anti-oxidantes que retardarão o envelhecimento precoce dos negativos (BRÉZILLON, 1965: CIX). Deve ser transportado em recipientes fechados de plástico e não pode ser conservado muito tempo no estado líquido.

O método de moldagem pelo latex, que é particularmente utilizado para a realização de cópias para museus ou exposições e até em níveis arqueológicos de solos de ocupação (como Pincevent), é antes de mais, precioso para a recolha de cópias em situações de emergência, quando, por exemplo, falta o tempo necesário para o estudo "in situ" dos painéis historiados, quer devido à sua hipotética destruição por qualquer obra ou efeitos erosivos naturais, quer devido à sua submersão forçada pelas águas de uma barragem. Foi este precisamente o caso dos complexos de arte rupestre do Vale do Tejo, onde, nos meses que antecederam o encerramento das comportas da barragem de Fratel (meados de 1974), no Alto Tejo português, foram sendo sucessivamente descobertas dezenas de milhares de gravuras feitas por picotagem em centenas de painéis xistoso-grauváquicos de ambas as margens do rio. Numa notável operação de salvamento arqueológico, muito publicitada na imprensa da época, a equipa responsável aperfeiçoou a técnica de moldagem pelo latex que utilizou na realização de cópias das rochas historiadas (ANGELES QUEROL et al. , 1975), tendo realizado em várias campanhas entre 1973-1975 cerca de 1.600 moldes.

A moldagem pelo latex é, em linha gerais, muito simples de utilizar. Após uma limpeza cuidada dos líquenes e poeiras da superfície gravada (como é evidente, não é possível a realização de moldagens de superfícies pintadas, pois o molde, em negativo, apenas pode ser feito em painéis com figurações em baixo ou alto relevo), vão sendo sucessivamente aplicadas por pincelagem várias camadas de latex até o molde atingir uma espessura conveniente, que poderá ser cerca de 1 cm. Oito a dez camadas de latex são suficientes para a realização de um molde, manuseável e de qualidade, que permita futuramente o estudo e desenos dos motivos insculpidos. É fundamental, em especial nas primeiras camadas a aplicar, que estas sejam dadas sempre na superfície bem seca, por forma a não criar bolhas ou quaisquer imperfeições que inviabilizem uma boa leitura posterior dos negativos e contribuam para a degradação precoce do molde. É assim importante que a elaboração de um molde de gravuras rupestres seja realizado em condições de tempo seco, de perferência soleado, o que facilita o tempo de secagem.

Na penúltima ou antepenúltima camada de latex, esta deve ser aplicada conjuntamente e em simultâneo com um pano do tipo tarlatana (infelizmente quase desaparecido do mercado, mas facilmente substituído por um outro tecido fino e poroso). A aplicação deste tecido, para além de dar mais consistência ao molde, ajuda-lo-á a manter sempre a escala real da superfície gravada. Após a secagem final, o molde ficará com uma coloração amarelo-escuro, momento em que pode ser arrancado.

O molde assim obtido, de qualquer tamanho e cobrindo qualquer tipo de superfície, mesmo rugosa, é uma cópia fiel da rocha historiada e é facilmente transportável e estudável em laboratório, sendo os negativos das gravuras facilmente visualizáveis com luz rasante artificial.

São as rochas de xisto, mais lisas, por exemplo, do que o granito, as ideais para a feitura deste tipo de moldes. No entanto, o granito, desde que tenha um grão fino a médio, não impede que também nele se consigam obter bons moldes.

Um molde em latex de um qualquer painel historiado, pode posteriormente ser positivado em gesso, poliester ou resina, sendo possível então a realização de cópias dos originais em materiais sintéticos. Se o painel tiver uma superfície lisa, como os xistos, não se exige qualquer técnica especial para esta positivização. Mas se a superfície moldada for muito irregular, deve realizar-se uma contraformagem do molde antes deste ser arrancado, com um material do tipo resina sintética ou gesso, de forma a que a cópia mantenha rigorosamente o mesmo tipo de inclinação, orientação das diaclases e rugosidade da rocha a duplicar.

BAPTISTA, A. M.

73
Gravuras rupestres da Bouça do Colado (molde)

Antiga Idade do Bronze (?)
Santuário rupestre
Bouça do Colado, Parada (Serra Amarela), Lindoso, Ponte da Barca, Viana do Castelo

Afloramentos graníticos (maciço da serra Amarela) num planalto de meia encosta na margem direita do rio de Mulas ou rio de Parada, bacia do Lima.
Gravuras obtidas por picotagem e fricção.
Granito de grão grosso a médio, de duas micas.
Gravuras distribuídas por uns rochas de um grupo de afloramentos graníticos. O conjunto mais importante localiza-se no afloramento central (o Penedo do Encanto ou Penedo das Sete Cabeças, segundo o lendário local), orientado a poente, que é também a rocha de maiores dimensões.
Aqui se concentra uma composição perfeitamente estruturada com gravuras constituídas basicamente por combinações circulares, formas espiraladas e pseudo-labirínticas, linhas meandricas e cordiformes, distribuídas e adaptadas ao redor da figura central, um idiliforme feminino, cuja conceptualização lembra a imagística das estátuas-menhires.
Santuário rupestre relativamente bem conservado.

5,30 x 3,80 m, o penedo de maiores dimensões.
Bib.: Baptista, A. M., 1981, 1983-1984, 1985, 1986.
Nunca foi objecto de qualquer exploração.
Os afloramentos limitam pequenos minifúndios de vários proprietários dos lugares de Parada, Lindoso e Cidadelhe.
A guarda do Parque Nacional da Peneda-Gerês, que desenvolve presentemente um projecto de musealização do sítio.
Baptista, A. M.

74
Laje de xisto de Vale de Juncal

Calcolítico-Bronze Antigo, cerca de 2600/2200-1700 a.C.
Vale de Juncal, Abrantes, Mirandela, Bragança.
É possível que tenha sido extraído de um dólmen do local de "Antas".
Xisto-quartítico gravado pela técnica de picotado.

Laje de forma subretangular, gravada por picotagem numa das faces. As gravuras encontram-se muito delidas pois a laje pavimentava o chão de uma casa de habitação e situava-se num local de intensa passagem quotidiana, sendo, por questões de limpeza, também intensamente esfregada. Apesar do desgaste, foram identificados três momentos de gravação: os dois mais antigos realizados em época pré-histórica, e o mais recente, já após a laje ter sido colocada no piso da casa onde foi identificada. Estas últimas gravações consistem em picotados alongados, realizados com pico metálico, concentrados nalgumas áreas da rocha, e em letras do alfabeto.
Das gravuras pré-históricas, a mais pertence ao momento mais antigo de gravação, onde, além de nuvens de picotados, se definem motivos correntes na denominada arte esquemática holocénica peninsular. Destaca-se uma figura emblemática que pode ser interpretada como uma representação antropomórfica em 6 grupos (seis anos), e ainda dois arboriformes. Alguns destes motivos são parcialmente regravados num segundo momento de gravação, e é ainda neste momento que é delineada uma alabarda encabada cuja figuração é similar às alabardas de tipo Carnaparas e ainda uma figura subretangular ou "reticulado". Refira-se que os protótipos metálicos daquele tipo de alabardas foram, na sua maioria, exumados nesta região de Trás-os-Montes oriental (e particularmente na bacia de Mirandela). A inclusão da laje no Bronze Antigo baseia-se na tipologia da alabarda, podendo as restantes figuras do primeiro momento de gravação serem bastante mais antigas.

2,10 x 1, e 0,15 m.
Clemente Nieves, Mirandela.
Museu Municipal de Mirandela.
Sanchez, M. J.

75
Estela decorada de Ourique

Bronze Médio
Bronze II do Sudoeste - 1700-1200 a.C.
Sócio-religiosa
Necrópole do Cerro dos Mouriscos (Ourique)
Xisto grauvaquico esculpido

Encontrada à superfície no local onde existe uma necrópole da I Idade do Ferro.
Estela de forma subtrapezoidal alongada e estreita, adelgaçando para a base. Apresenta insculturado na face anterior um objecto anicónico.

1,08 x 0,26 e 0,9 m
Bib.: Beirão, C. A.
IPPAR, Direcção Regional de Évora.
Parreira, R.

76
Estela decorada de Alfarrobeira

II° Idade do Bronze do Sudoeste Peninsular
Sócio-religiosa
Necrópole de Alfarrobeira, S. Bartolomeu de Messines, Silves
Arenito vermelho

Monólito, de forma sub-paralelepipédica, com topos arredondados. Realiza um menir que foi aplanado, de modo a obterem-se duas faces paralelas. Uma destas mostra a representação, em relevo e gravada, de um "objecto ancoriforme", com 0,68 m de altura, pendendo, na vertical, de uma correia segmentada que sugere envolver a extremidade distal do monumento.

1,70 x 0,44 x 0,32 m, segundo dois eixos ortogonais, na sua maior espessura (extremidade proximal).
Bibl.: Gomes, M. V., 1994, pp.27-30, 116-131; Gomes, M. V. e Monteiro, J.P., 1976-77, pp.305-310
Museu Municipal de Arqueologia de Silves
Gomes, M. V.

A Estela Decorada da Tapada da Moita

Esta importante estela foi descoberta em 1977 quando se procediam a trabalhos agrícolas na Tapada da Moita, no concelho de Castelo de Vide. Identificada por Maria da Conceição Rodrigues e por Diamantino Trindade, foi posteriormente transportada para a povoação da Ameira do Tejo, no concelho de Nisa, onde viria a ser fracturada. Em 1981 a Câmara Municipal de Castelo de Vide promoveu a sua recolha para uma das áreas cobertas da Praça d'Armas onde ainda hoje se encontra.

Embora se desconheça o local exacto da descoberta da peça, sabe-se que é proveniente da Tapada da Moita. Situa-se esta propriedade a sete quilómetros a Norte de Castelo de Vide, na margem direita da Ribeira de S. João em terrenos predominantemente planos. Do ponto de vista geológico, o local insere-se num vasto conjunto de granitos alcalinos, porfiróides, de grão médio ou fino, recortados por abundantes filões de quartzo, com orientação geral Norte-Sul.

A Tapada da Moita localiza-se a 2000 metros para NW do ponto trignométrico Picoto e a 1400 metros para N do ponto Olheiros, possuindo a zona central desta propriedade as seguintes coordenadas hectométricas GAUSS, obtidas sobre a Carta Militar de Portugal 1/25000, folha n°355 de 1977: X-258 8; Y-279 1.

A estela da Tapada da Moita foi talhada numa laje de granito porfiróide de grão médio, apenas esculpida numa das faces. Possui um comprimento de 2,14 m, por uma largura máxima de 0,70 m e uma espessura média de 0,13 m. Pelo seu recorte podemos facilmente verificar que foi intensionalmente talhada de modo a apresentar um recorte antropomórfico e destinada a ser implantada verticalmente no solo.

A face decorada, ao contrário do verso, foi cuidadosamente regularizada e os elementos decorativos mostram-se em relevo. A base do monumento, para além de apresentar um contorno irregular em relação à parte superior da peça, mostra sinais de um rude desbaste muito idêntico ao tratamento dado ao verso.

Tal como na maior parte das estelas/tampas do Tipo I ou Alentejano (Gomes e Monteiro, 1977), uma enigmática figura ancoriforme ou bi-ancoriforme ocupa o centro funcional do suporte, conservando à sua direita uma espada. Esta, suspensa de uma correia, pende do ombro esquerdo, situando-se o punho na altura da cintura. Se a espada é facilmente correlacionável com alguns exemplares já identificados, sobretudo, em sepulturas da Idade do Bronze, a compreensão da figura bi-ancoriforme é muito mais problemática. Todos os autores que estudaram monumentos com esta representação, propõem diferentes interpretações. Leite de Vasconcelos (1908) considera-as como machados de gume largo, para Abel Viana (1962) ou Fernando Nunes Ribeiro (1965) seriam armas defensivas sem precisarem o tipo. H. Breuil associa-as a ídolos megalíticos, enquanto que para Martín Almagro (1966) poderiam representar a alma do defunto ou o deus que acolheria o morto. Varela Gomes e Pinho Monteiro (1977) consideram-nas como símbolos de autoridade e poder, enquanto que Caetano Beirão (1973), mais prudente, limita-se a denominá-las de "objectos não identificados". No que à espada diz respeito é possível incluí-la no tipo das de lâmina de bordos rectos da tipologia proposta por M. Almagro (1966).

Difícil se torna inserir a estela de Castelo de Vide num dos tipos apresentados, quer por Gomes e Monteiro (1977), quer por Almagro-Gorbea (1977). Contudo, no que diz respeito à composição gráfica desta estela poder-se-à inserir no Tipo I ou Alentejano e, mais propriamente no sub-tipo I A. No que se reporta à forma antropomórfica do suporte, esta peça poder-se-à, ainda que com alguma dificuldade, paralelizar com as estátuas-menires até agora não identificadas no Nordeste Alentejano.

Relacionar a estela da Tapada da Moita com as chamadas estelas decoradas da Extremadura (Tipo II), parece-nos ser bastante difícil, sobretudo atendendo à diversidade da mensagem gráfica, embora a maior parte delas desenvolvam uma ideia geral de antropomorfismo.

Pela sua localização espacial, pelo recorte claramente antropomórfico e sobretudo pela mensagem gráfica, a estela decorada da Tapada da Moita, monumento único nesta região da Península Ibérica, deverá ter sido talhada durante o Bronze Pleno, cronologia também já sugerida por Juan Barceló (1989)

Oliveira, J.

77
Estela funerária (?) de Tapada da Moita

Idade do Bronze - 1000 a 800 a.C.(?)
Sócio-religiosa
Tapada da Moita, St.ª Maria da Devesa, Carreiro de Vide, Portalegre
Provável necrópole
Granito em alto relevo

Laje de granito porfiróide de grão médio de recorte antropomórfico, decorada numa das faces. A face decorada, ao contrário do verso, foi preparada de modo a criar relevo aos elementos componentes. As figuras representadas espada, figura bi-anciforme e contas de fixação, ou pouco se elevam acima da face da estela, sendo a parte superior da figura bi-anciforme e o botão da espada as que mais sobressaem, mas nunca ultrapassando os cinco milímetros.
As figuras após o seu talhe foram ligeiramente polidas e bolsadas, criando superfícies e contornos suaves, conferindo à peça sinais dum tratamento intencionalmente cuidado. A parte inferior, menos cuidada e mais grossa, parece destinar-se à emparamento no solo.

2,14 x 0,70 x 0,13 m
Bibl.: Oliveira, J., 1986
Câmara Municipal de Carreiro de Vide
Oliveira, J.

O Tesouro de Baiões

As três "torcas" de ouro de Baiões, dois torques ornamentados e um bracelete liso, apareceram, em Janeiro de 1948, a uma profundidade de 20 a 30 cm abaixo do solo, durante os trabalhos de abertura de um caminho para a capela da Nossa Senhora da Guia em Baiões, concelho de S. Pedro do Sul, Viseu.

Este tesouro provém de um povoado fortificado, do castro da Nossa Senhora da Guia, conhecido, igualmente, pelos ricos achados de bronze da época do Bronze Final, apresentando também, no entanto, vestígios de épocas anteriores: machados de pedra polida, utensílios de sílex, um braçal de arqueiro. Para a datação do tesouro não existe contexto directo, e, por isso, é preciso argumentar com achados comparáveis de outros sítios e com deduções genéricas.

Para os torques de Baiões existem uma série de paralelos que têm a sua distribuição no ocidente da Península Ibérica. Estão a ser datados, grosso modo, na época do Bronze Final. Para os torques, semelhantes, de Berzocana (também dois exemplares decorados, também um mais ricamente decorado do que o outro, também um com rombos e o outro não) propõe Almagro as seguintes cronologias: para o mais simples uma data do século 9 ou 12 a.C. (ALMAGRO 1974 e 1977), para o mais ricamente decorado uma data do século 8 ou 10 a.C..

Parece-nos pouco provável, que tanto os dois torques de Baiões como os dois de Berzocana difiram 200 anos entre si. Parece-nos mais verosímil que, em ambos os casos, aos conjuntos pretendidos pertençam um torques mais decorado e outro mais simples.

Silva propõe uma datação dos torques de Baiões entre 900 e 700 a.C. (SILVA 1986, 66). Schauer para os Berzocana 13-12 séc. a.C. e Kalb (1991) toma em consideração uma cronologia ainda mais elevada, chamando a atenção para paralelos tipológicos em bronze, mais antigos, procedentes de Pomerânia (Polónia), República Checa e Hungria, ali datados como sendo do Bronze Médio. Assim coloca os achados numa relação muito vasta e paneuropeia da Península Ibérica, através da costa atlântica até ao mar Báltico e ao Leste da Europa.

Kalb, P.

78
Tesouro de Baiões

Bronze Final
Senhora da Guia, Baiões, S.Pedro do Sul, Viseu

Colar

Jóia
Ouro martelado a partir de um lingote fundido.
Decoração incisa.

Colar de aro elipsoidal aberto, maciço e de secção biconvexa. Extremidades afastadas e rematadas por terminais em forma de botão convexo com as arestas boleadas. Decoração geométrica incisa.

d.141, e.14 mm; 583 g.

Colar

Jóia
Ouro martelado a partir de um lingote fundido.
Decoração incisa.

Colar de aro elipsoidal aberto, maciço e de secção biconvexa. Extremidades afastadas e rematadas por terminais em forma de botão convexo com as arestas boleadas. Decoração geométrica incisa.

d.135, e.14 mm; 591 g.

Bracelete

Jóia
Ouro martelado a partir de um lingote fundido.

Bracelete de aro elipsoidal aberto, maciço, liso e de secção circular. Extremidades afastadas e rematadas por terminais em forma de botão cónico com as arestas boleadas.

d.87, e.13 mm; 385,3 g.
Bibl.: I.P.M., 1993
Museu Nacional de Arqueologia
Ambrustel, B., Pereira, R.

O Colar de Sintra

O colar maciço composto, que figura hoje no British Museum com o nº. inv°. 1900-7-27, e do qual o MNALV conserva uma cópia, foi recolhido como achado ocasional em 1895 na propriedade denominada Casal de Santo Amaro, em Sintra (VASCONCELOS 1895; 1896; 1902). A jóia é constituída por três aros, um fecho e quatro remates. Pela sua aparência, o triplo colar troncocónico é relacionável com o torques duplo do tesouro de Sagrajas, Badajoz (ALMAGRO GORBEA 1974) e com o colar triplo do tesouro do Alamo, Moura (I. P. M. 1993: 74-84). No entanto, são distintas a composição, os fechos e a técnica de fabrico destes três objectos. Se bem que, tomada na sua globalidade, a jóia de Sintra seja uma peça única, ela pode no entanto ser comparada, nos seus pormenores, com outras peças de ourivesaria da Idade do Bronze peninsular. Fora deste âmbito geográfico, identificam-se algumas peças de tipologia apenas vagamente análoga, tais como colares («Halskragen») de bronze, braceletes de bronze maciços e braceletes de ouro maciços, de outros tipos (para paralelos v. HAWKES 1971). O que é invulgar nesta pesada jóia é o facto de nela estarem reunidos diferentes estilos e técnicas, tendo os diversos elementos sido combinados numa única composição. O corpo da peça é constituído por três aros maciços abertos, com decoração geométrica do tipo Sagrajas/Berzocana (S/B), apresentando tamanhos diferentes e espessura decrescente para as extremidades, cujos terminais estão unidos entre si por fusão adicional. Encontrados sobretudo em depósitos, os colares deste tipo, de aro aberto, têm sido por diversas vezes registados na Península Ibérica: Baiões (KALB 1991; I. P. M. 1993: 64-67), Berzocana (ALMAGRO BASCH 1969), Sagrajas (ALMAGRO BASCH 1974), Valedeobispo (ENRÍQUEZ 1991), Penela e Portel (REINACH 1925). O aro central apresenta quatro remates rebitados em campânula, comparáveis na forma aos terminais dos braceletes de Torre Vã, Grândola (I. P. M. 1993: 144-147). O fecho, funcional, foi executado a partir de um bracelete do tipo Villena/Estremoz (V/E) decorado com estrias. Esta combinação de elementos, tipológica e tecnicamente diferenciados, encontra paralelo no bracelete de Cantonha (v. cat. 80) mas constitui novidade a constatação de que o fecho foi fabricado a partir de um fragmento de um bracelete do tipo V/E, extremamente regular (ARMBRUSTER 1995). Este aspecto, que até agora tinha passado despercebido, vem reforçar a opinião de que as tradições de ourivesaria presentes nos braceletes maciços do tipo V/E e nos colares maciços do tipo S/B se sobrepõem no tempo (ARMBRUSTER E PEREA 1994, fig. 6).

Para a datação do colar de Sintra invocaram-se desde logo influências fenícias e orientalisantes (HAWKES 1971: 40), sendo os braceletes do tipo V/E encarados como mais antigos (Id. 1971, nota 4). Graças aos paralelos apresentados para os três elementos que o compõem, o colar de Sintra, tal como o bracelete da Cantonha, pode ser colocado no fim da Idade do Bronze Final ou na transição para a Idade do Ferro.

Os aros maciços abertos foram forjados a partir de elementos fundidos. Só após a decoração ter sido executada, é que os terminais foram unidos entre si por fusão adicional (DRESCHER 1958), providenciando-se, nessa altura, os orifícios para enfiar os dois ganchos da placa do fecho. Foi já opinado (ELUÈRE 1990: 163) que estaria aqui representada uma das soldagens mais antigas. Porém, a observação do material adicionado, permite reconhecer facilmente que a união dos aros se obteve por fusão adicional. A decoração geométrica que os três aros apresentam na face externa é puncionada. Os quatro remates são fundidos em cera perdida, sendo fundido conjuntamente o respectivo espigão de rebitagem. Os furos para aplicação dos rebites foram obtidos por percussão com um furador. Na placa de fecho, a decoração de linhas oblíquas cinzeladas, invulgar nos braceletes do tipo V/E, foi executada adicionalmente sobre três das cinco nervuras.

ARMBRUSTER, B.

79
Colar de Santo Amaro (cópia)

Bronze Final
Jóia
Cobre (?) dourado
Santo Amaro, Sintra, Lisboa

Colar composto por três aros que se fundem lateralmente, apresentando decoração geométrica incisa e aplicação de quatro remates em forma de campânula.

135 mm; 1262g
Bibl.: Vasconcelos,1895: 160; id. 1896: 17-24; Reinach 1925: 123-134, fig.3; Almagro 1969: 280, fig. 2, est. III, 1; Hawkes 1971: 38-50, fig. 1, 2; Coffyn, 1985, nº 322; Eluère 1990: 163, fig.188, 189; Kalb 1991: 187; Perea 1991: 306; Pingel 1992, nº 382, est. 55.5; Armbruster 1995
Museu Nacional de Arqueologia
Armbruster, B.

O Bracelete de Cantonha, Guimarães

Tal como o colar triplo de Sintra, o bracelete da Cantonha é uma excepcional obra-prima da arte da ourivesaria do Bronze Final. Não é possível assegurar o exacto local onde foi achado o bracelete, que M. Heleno adquiriu em 1934 a um ourives do Porto com uma indicação de proveniência dos «arredores de Guimarães» (I. M. P. 1993: 140-143).

O bracelete aberto tem um perfil oval e é composto por diversos elementos de adorno da Idade do Bronze, que um ourives fundiu entre si. Os dois aros com decoração geométrica pertencem ao tipo de braceletes e colares maciços definido por Almagro Gorbea (1974) como de Sagrajas/Berzocana (S/B). O elemento mesial é constituído pelo fragmento de um bracelete do tipo Villena/Estremoz (V/E) com estrias, nervuras e puas (SOLER 1969; ARMBRUSTER 1993b: 376 E.2). Um outro elemento são os seis arames torcidos de secção rectangular, para os quais se encontram paralelos nos fragmentos de arame do tesouro de Sagrajas, Badajoz, e no fecho de arame do torques de «Coimbra» (I. P. M. 1993: 72-73). Ainda que o tipo S/B se considere como mais antigo e como tendo sobrevivido ao tipo V/E, as duas tradições de ourivesaria sobrepõem-se cronologicamente (ARMBRUSTER E PEREA 1994: fig. 6). Ambos os tipos devem considerar-se entre os trabalhos de ourivesaria do chamado Bronze Atlântico.

Tal como a cronologia dos colares maciços (séculos XIII-III a.C.), a datação do bracelete da Cantonha ainda é, no geral, discutível. Têm sido avançadas propostas desde o século VII ao I a.C. (KALB 1991: 188). Os mencionados elementos tipológicos e tecnológicos foram unidos por meio de «fusão por contacto», um antecedente primitivo da soldagem. Esta técnica foi igualmente empregue para união das diferentes partes dos torques de Sagrajas e de Sintra. Deste modo, advoga-se uma posição cronológica do bracelete da Cantonha, tal como a do torques de Sintra, no fim do Bronze Final ou na transição para a Idade do Ferro.

A decoração incisa com losangos preenchidos e séries de linhas paralelas foi obtida com um cinzel na superfície externa dos dois aros, sem extracção de metal. No contacto dos aros com a parte mesial houve, depois da fusão, uma tentativa para prolongar a decoração dos aros maciços, através da espessa «sutura», para a placa central. Para obter um melhor acabamento dos terminais abertos, foi aplicado um remate maciço por fusão adicional, o qual também trava os arames torcidos. Também os terminais adelgaçados dos dois aros maciços foram reforçados por fusão adicional.

Os braceletes maciços são habitualmente forjados a partir de um lingote (TAYLOR 1980: est. 54a). O bracelete de Monte Airoso, Penedono, Viseu (I. P. M. 1993: 120-121) é uma peça inacabada que pode ser vista como representando uma fase no fabrico de braceletes maciços.

A parte mesial do bracelete da Cantonha foi fundida como todos os braceletes do tipo V/E. Sobre o complexo processo de fundição dos aros V/E, em cera perdida e empregando instrumentos rotativos, v. texto específico, no presente volume.

ARMBRUSTER, B.

80
Bracelete de Cantonha

Bronze Final
Jóia
Cantonha, Costa, Guimarães, Braga
Ouro fundido em molde e forjado; fundido em cera perdida; fusão adicional; decoração cinzelada

Bracelete aberto de perfil oval, composto por diversos elementos fundidos entre si. Os dois aros pertencem ao tipo de braceletes e colares maciços de Sagrajas/Berzocana e apresentam na superfície externa uma decoração incisa com losangos preenchidos e séries de linhas paralelas, obtida com um cinzel, sem extracção de metal. O elemento mesial é constituído pelo fragmento de um bracelete do tipo Villena/Estremoz com estrias, nervuras e puas. Apresenta seis arames torcidos de secção rectangular, aplicados nas estrias da placa mesial. Os diferentes elementos foram unidos por meio de "fusão por contacto", um antecedente primitivo da soldadura. No contacto dos aros com a parte mesial houve, depois da fusão, uma tentativa para prolongar a decoração dos aros maciços, através da espessa "sutura", para a placa central. Para obter um melhor acabamento dos terminais abertos, foi aplicado um remate maciço por fusão adicional, o qual também trava os arames torcidos. Também os terminais adelgaçados dos dois aros maciços foram reforçados por fusão adicional.

I. 34, d.70, e. aros laterais 7 mm; 230,9 g.
Bibl.: Heleno 1935: 252-254, fig. 12, est. 8; Lopez Cuevillas 1951: 64-65, fig. 45; Almagro Basch 1969, fig.5, est.5; Cardoso 1936: 89-94; Almagro Gorbea 1977: 32-34; Tdap 1980: nº 64; Hartmann 1982: Au 2737; Coffyn 1985: 68, nº 5; Silva 1986: 240, 256, nº 518, est. 116, 9, 9A-C; Pingel 1992: nº 233, est.100, 4; I.P.M. 1993: 140-143; Armbruster 1994 fig. 21, 1-5
Museu Nacional de Arqueologia
Armbruster, B.

81
Esconderijo de Fiéis de Deus
Machado

Bronze Final
Objecto utilitário
Fiéis de Deus, Bombarral
Bronze

Machado mutilado. Apresenta num dos flancos vestígios do arranque de uma argola de suspensão.

82 x 34 x26 mm

Espada

Bronze Final
Arma
Fiéis de Deus, Bombarral
Bronze

Espada tipo Vimes. Apresenta uma nervura longitudinal delimitada por duas nervuras incisas.Empunhadura maciça rebitada, com a extremidade em botão.

572 x 34 mm

Braceletes

Bronze Final
Objecto de adorno
Fiéis de Deus, Bombarral
Bronze

Seis braceletes subelípticos, abertos, decorados com linhas quebradas desenvolvidas longitudinalmente.
Secções entre o retangular e subcircular.

d. 71-51 mm

Ponta de lança

Bronze Final
Arma
Fiéis de Deus, Bombarral
Bronze

Ponta de lança incompleta e fragmentada.

14 x 21 mm

Fragmentos de espada

Bronze Final
Arma
Fiéis de Deus, Bombarral
Bronze

Fragmento de lâmina de espada.

133 x 27 mm

Fragmentos de espada

Bronze Final
Arma
Fiéis de Deus, Bombarral
Bronze

Fragmento de espada. Apresenta nervura central longitudinal delimitada por duas nervuras incisas.

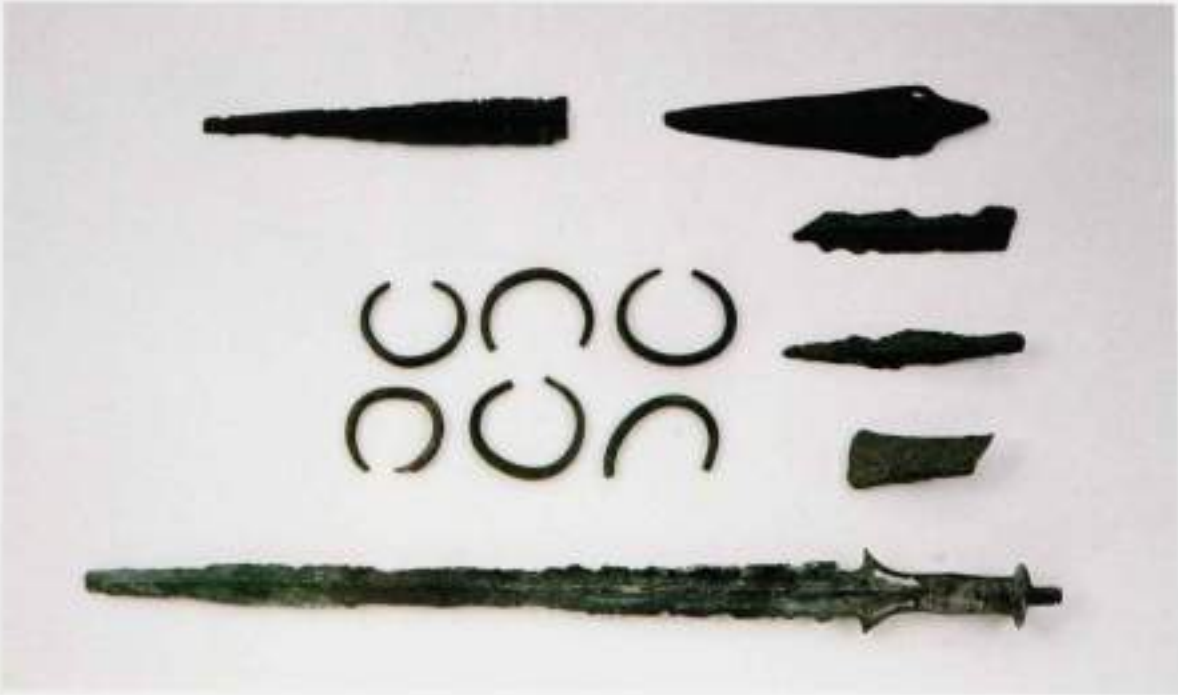
218 x 30 mm

Punhal

Bronze Final
Arma
Fiéis de Deus, Bombarral
Bronze/Cobre

Lâmina de punhal de lingueta com dois rebites. Folha subtriangular. Lingueta triangular com duas perfurações na área de transição para a folha.

195 x 33 mm
Bibl.: Coffyn, 1985; Vasconcelos, 1919-20; L.C.E.C., 1994
Museu Nacional de Arqueologia



82
Esconderijo de Paredes de Coura Machados

Bronze Final
Objecto utilitário
Paredes de Coura, Viana do Castelo
Bronze

Conjunto de nove machados de talão e aletha dupla. Secção mediana sextavada.

275 x 55 x 38 a 247 x 55 x 35 mm
Museu Nacional de Arqueologia

83
Estela decorada de Fóios

Bronze Final
Sócio-religiosa
Eiras, Fóios, Sabugal
Xisto

Monólito, de aspecto lajiforme, fracturado em ambas extremidades, mostrando, em uma das faces, as representações, gravadas, de um escudo redondo, com escoradura em V, rodeado por lança e espada.

0,93 x 0,65 x 0,09 m
Bibl.: Curado, F.P., 1986; Silva, A.C.F. da, e Gomes, M. V., 1992, pp.115-117, 246.
Junta de Freguesia de Fóios
Gomes, M.V.

84
Estela decorada de Baraçal

Bronze Final
Sócio-religiosa
Piçarreiras, Baraçal, Sabugal
Granito

Monólito, de aspecto bififorme, mostrando, em uma das faces, as representações, em relevo, de um escudo redondo, com escotadura em V, rodeado por lança e espada, de tipo parifórme.

1,55 × 0,83 × 0,29 m
Bibl.: Cunado, F.F., 1984; Silva, A.C.F. da, e Gomes, M. V., 1992, pp.115-117, 246.
Junta de Freguesia de Baraçal
Gomes, M. V.

85
Estela decorada de Ervidel 2

Bronze Final
Sócio-religiosa
Herdade do Pomar, Ervidel
Xisto-grauváquico

Monólito, de aspecto bififorme, mostrando, em uma das faces, uma composição, gravada, centrada pela representação de um escudo redondo, com escotadura em V, sobre o qual se observa uma figura antropomórfica, masculina, nua e atlética, com espada à cintura, rodeada por lança, punça, espelho, pente, um cão e uma fíbula de cotovelo. Sob o escudo encontra-se um par de personagens antropomórficas nuas, rodeadas por quatro covinhas.

1,75 × 0,59 × 0,23 m
Bibl.: Gomes, M. V., 1990, pp.58-82; Gomes, M. V., e Monteiro, J. P., 1976-77, pp. 297-304; 1977, 174-178; Silva, A.C.F. da, e Gomes, M. V., 1992, pp.115-117, 246.
Mário Varela Gomes (em depósito no Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal)
Gomes, M. V.

Sínteses regionais

Dos Inícios aos Finais da Idade do Bronze no Norte de Portugal

Ana M. S. Bettencourt

Considerações preliminares

A variedade dos contextos geográficos do Norte de Portugal (províncias do Minho, Douro Litoral, Trás-os-Montes e Alto Douro), a escassez/fragmentação dos dados arqueológicos para a Idade do Bronze e o pressuposto da existência de assimetrias sócio-económicas, adentro de cada fase cronológica, arqueologicamente construída, torna impossível assumir este discurso como uma sistematização de meta-regularidades do comportamento das comunidades em estudo. Este texto deve ser pois, encarado, como uma das muitas leituras possíveis do passado.

As dificuldades em enquadrar a periodização tradicional e as suas marcações rígidas, que pareciam enunciar arrumações forçadas e vazias de sentido, levou-nos a fugir às subdivisões cronológicas vigentes, sistematizadas numa percepção evolucionista da realidade cultural da nossa Pré-História.

De igual modo, as novas descobertas, as questões que sobre elas levantámos e a utilização de datas calibradas, não nos permitiram continuar a usar a terminologia tradicional, pouco explícita no que toca à realidade regional.

Optámos assim por dividir a Idade do Bronze em dois grandes blocos cronológicos, também eles, naturalmente problemáticos.

O primeiro, habitualmente designado por Bronze Antigo, compreende um período entre os meados do III° milénio e os inícios do II° milénio a.C. pautando-se por um registo arqueológico, relativamente conhecido, e por uma dinâmica que consideramos mais perto do que se designa por Calcolítico. O segundo, que engloba a antiga periodização de Bronze Médio e Final, inicia-se, algures, na primeira metade do II° milénio a.C. perdurando até aos inícios do I° milénio a.C.[1]. Ao longo deste período manifestam-se, nalgumas zonas, processos de crescimento e desenvolvimento sócio-económico que atingem uma fase de maturidade, nos finais da Idade do Bronze.

Esboçada uma nova tentativa taxonómica para o período compreendido entre os meados do III° e os inícios do I° milénio a.C., vimo-nos imediatamente confrontados com o problema da sua generalização, pois as assimetrias regionais que o registo arqueológico acusa, aconselham-nos a subverter os dados e começar por trabalhos à escala regional ou "micro-regional", a partir dos quais deveríamos estabelecer, não uma, mas várias taxonomias.

Foi nossa preocupação, ao longo deste texto, afastar-mo-nos de formas de raciocínio dogmáticas e acríticas, quer através da recusa de um evolucionismo endógeno, quer de um difusionismo rígido, procurando a compatibilidade que ambas autorizam e preconizando uma atitude mental de abertura a novas sugestões que nos proporcionassem uma construção ou leitura do passado mais conforme o nosso código de ideias.

Dos meados do III° milénio ao início do II° milénio a.C.: uma Idade do Bronze Antiga?

Mesmo admitindo que desde os inícios do III° milénio a.C., as comunidades do Norte de Portugal, foram estimuladas por novos conhecimentos e tecnologias, comprovadas no registo arqueológico, parece ter sido só a partir dos **meados do III° milénio a.C.**, com a introdução de novos imputs, designadamente o fenómeno campaniforme meridional, e outros, de origem atlântica, que, lentamente, e num processo de longa duração (cerca de 500 anos) se criaram as condições que levarão a alterações da estrutura conceptual das comunidades, a uma maior afirmação territorial[2] e ao aumento de prestígio por parte de um grupo social restrito.

A sua existência insinua-se no povoado, eventualmente murado, de Cemitério de Mouros I e II, na base do qual apareceram as alabardas de Abreiro[3], na mudança progressiva do ritual e do espólio dos enterramentos, que passam a ser "individuais" e mais ricos, respectivamente, no aparecimento de alguns "depósitos" metalúrgicos, de contexto impreciso e nas representações artísticas onde se gravam alabardas e outros indicadores de prestígio, como a Lage de Vale de Juncal[4], Trás-os-Montes e a estela de Longroiva/Meda, no Alto Douro.

Se numa primeira fase dos imputs (inícios do III° milénio a.C.), as comunidades reutilizaram os monumentos megalíticos de tradição neolítica, como os dólmens de corredor de Chã de Parada-I[5] e da Portela do Pau-I[6], na região do Minho; o dólmen de corredor de Madorras[7] e de vestíbulo de Zedes[8], na região transmontana; os dólmens simples da Mina do Simão[9], Outeiro de Ante-II[10] e Carvalho

Mau[11], no Douro Litoral, na segunda metade do III° milénio a.C., parecem ter construído, embora numa tradição anterior, sepulcros mais pequenos, como a câmara cistóide, com tumulus de Meninas do Crasto-IV[12], no Douro Litoral. Provavelmente, já na **passagem do III°, para o II° milénio**, o processo de diferenciação social ter-se-á intensificado e dado azo ao aparecimento de cistas, com ou sem tumulus, acompanhadas de um espólio funerário mais rico, cujo significado talvez se possa atribuir a uma maior concentração de prestígio, em determinadas comunidades. Colocaríamos nesta fase as estações de Chã do Carvalhal-I[13] e Outeiro de Gregos-I[14], no Douro Litoral; Estante[15], no Alto Douro; Lomba de Coimbró e Portela do Gorgulão16, em Trás-os-Montes ocidental e as cistas de Anha[17], Chã de Arefe[18], Quinta da Água Branca[19], S. Bento de Balugães[20], no Minho, sem que possamos excluir a continuidade de utilização de monumentos megalíticos de construção anterior, como parece ser o caso do dólmen de corredor do Monte da Cerca[21] e da mamoa de câmara poligonal do Rápido III[22], no Minho. Nesta fase as evidências de povoados são escassas, podendo-se, com reservas, referir os casos de Arcias Altas[23] e do Tapado da Caldeira[24], no Douro Litoral.

Se datarmos os vasos tronco-cónicos e as espirais de prata, desde os finais do III° milénio até aos meados do II° milénio a.C.[25], talvez possamos incluir neste período o esconderijo de Sequeade[26], no Minho, com um vaso de tipologia afim e espirais de ouro, bem como a lúnula e os dois discos de ouro de Cabeceiras de Basto[27], Minho, por comparação com peças irlandesas similares[28].

Feita uma das várias leituras para o período, entre os meados do III° e inícios do II° milénio a.C., não podemos deixar de questionar algumas premissas, por nós assumidas, ao longo do texto. Aceitámos que os estímulos que acompanharam o fenómeno campaniforme tardio e os eventuais laços com a Europa temperada, iniciados ou incentivados a partir daquele momento cronológico, caracterizariam **a primeira etapa da Idade do Bronze no Norte de Portugal**, e representariam o início de um processo de intensificação/especialização económica e social e de uma apropriação territorial de longa duração, que atingiria uma fase de grande expansão em épocas mais recentes.

Que dados possuímos para aderir a esta taxonomia?

Se adoptarmos critérios tecnológicos verificamos que a metalurgia do bronze só é conhecida e fabricada em contextos do II° milénio e que os primeiros objectos deste metal são formalmente distintos dos da fase anterior[29].

Se adoptarmos critérios sócio-económicos associados a fenómenos abrangentes de apropriação territorial[30], intensificação económica, especialização social e investimentos na estabilidade do povoamento, manifestação do prestígio adquirido e de "auto-propaganda", verificamos que o registo arqueológico não suporta esta hipótese. Os povoados são escassos e as suas características não indiciam tal desenvolvimento. Embora aceitemos que, a partir dos meados do III° milénio a.C., existem indicadores de uma maior intensificação económica e que alguns túmulos, com espólio mais rico, possam indicar maior diferenciação social, não podemos falar de uma dinâmica de apropriação e circunscrição territorial abrangente, nem de processos de hierarquia social alargados, como parece verificar-se nos finais da Idade do Bronze.

As alterações enunciadas para este período, parecem-nos fenómenos pontuais e os processos que permitiram o seu desenvolvimento, afiguram-se-nos distintos daqueles que estão na base do desenvolvimento das comunidades dos finais do II°, inícios do I° milénio a.C.. Por esta ordem de ideias admitimos que o espaço cronológico em que assistimos à difusão e assimilação desses novos estímulos, não é mais do que um período, em que algumas comunidades, em interacção com os novos conhecimentos, desenvolvem, a diferentes ritmos temporais, um processo de intensificação sócio-económico, descrito no cenário anterior, que, em variados aspectos, parece perpetuar tradições do Calcolítico Pleno da nossa Pré-História.

Se assim o considerarmos, que sentido fará relacionarmos directamente este período com os processos que se desenvolverão, posteriormente, durante parte do II° milénio?

São problemas que uma investigação futura terá forçosamente que abarcar.

A inserção do Norte de Portugal nos mecanismos de interacção com os centros da economia-mundo (II° milénio e inícios do I° milénio a.C.: Bronze Médio e Final ?).

O registo arqueológico para **a primeira metade do II° milénio a.C.** é escasso e fragmentário. Os poucos indícios de povoados datados deste período, Bouça do Frade I[31], no Douro Litoral ou Castelo Velho III[32], no Alto Douro, não permitem generalizações para esta fase, muito embora sejam extremamente importantes pela diversidade de padrões de assentamento que demonstram. A Bouça do Frade I, representa um tipo de povoado aberto, sem estruturas visíveis de monumentalização ou de demarcação do território na paisagem, perpetuando, provavelmente, um tipo de ocupação do espaço, frequente no III° milénio a.C., e que se manterá até aos inícios do I° milénio a.C.. Tal conexão talvez se possa fazer com o vizinho povoado do Tapado da Caldeira, onde ocorreram cerâmicas campaniformes, de tradição Ciempozuelos[33]. Por outro lado, Castelo Velho III, parece perpetuar um outro tipo de padrão de povoamento, também estabelecido no III° milénio a.C., que é o da ocupação de locais altos, com condições naturais e artificiais de defesa. Mesmo considerando a falta de indícios artefactuais ou de ecofactos que justifiquem a vinculação desta fase, com preocupações de protecção ou de ostentação[34], pensamos que o povoado, durante este período, continuou a manifestar intenções de visibilidade exterior, por razões ainda desconhecidas, que cremos apreender através do maior "encerramento" da acrópole, e nas preocupações de manutenção da torre central. Ao aceitarmos esta hipótese como válida, estaríamos perante indicadores da continuação ou renovação do fenómeno de demarcação/vinculação territorial[35] e da perpetuação de unidades sócio-económicas, já adquiridas, que tenderão a aumentar nos finais do II°, inícios do I° milénio a.C.

Se a articulação entre a primeira metade do II° milénio a.C. e os períodos subsequentes parece possível, em povoados de encosta, como se verifica na Bouça do Frade, cuja estabilidade crescente se poderá materializar através da sua fase II[36] e da necrópole de inumação do Tapado da Caldeira[37], contígua ao povoado, e datada dos **meados do II° milénio a.C.**, tal poderá ser igualmente aceitável para uma série de povoados de altura, com boas condições naturais de defesa, detectados em trabalhos de prospecção[38] e de escavação, no Norte de Portugal e onde se manifestam cerâmicas de tipo Cogeces-Cogotas I. Encontram-se nesta situação os povoados de Castelo de Adegarinha[39], Castelo de Anciães e Castelo de Urros[40], em Trás-o-Montes oriental; Monte Padrão41 e Monte da Insua[42], no Minho. A Lorga de Dine[43], de difícil determinação funcional, igualmente situada na região oriental transmontana, também apresenta cerâmicas deste tipo. É curioso verificar que estes materiais, com uma larga perduração por todo o II° milénio[44], se distribuem por vários tipos de assentamentos. Tal como na Meseta Norte, ocorrem em povoados abertos, em povoados de altura e em grutas e parecem anunciar os padrões dos finais do II°, inícios do I° milénio a.C.

Ainda a propósito das manifestações sepulcrais, voltamos à necrópole do Tapado da Caldeira para salientar o achado de uma sepultura de criança, com espólio semelhante ao dos adultos, o que poderá representar a manutenção hereditária de um

estatuto social elevado[45] e implicar até um reforço de uma posição já adquirida[46]. Tal pressuposto implicaria a perpetuação de um tipo de sociedade hierarquizada, igualmente manifestada no III° milénio e na primeira metade do II° milénio a.C.

Deste modo, os vestígios arqueológicos para este período, denominado de Bronze Médio, não são escassos ao nível do povoamento, ao contrário do que se pensava, e parecem até demonstrar uma variada ocupação do espaço, que importa investigar através de projectos de trabalho que precisem cronológica e contextualmente os dados em questão.

Os primeiros objectos metálicos, em bronze[47], de filiação atlântica, como os cerca de trinta machados planos de tipo "Barcelo/ Bujões"[48], a espada de rebites da Cova da Bouça/Belinho[49], no Minho; o depósito de Valbom[50], Trás-os-Montes oriental e os poucos machados de talão, sem anéis, de Fontoura[51], Retortas[52], Serzedelo[53], no Minho, embora descontextualizados, deverão datar-se de um **período tardio, adentro do II° milénio a.C.** Talvez se associem às condições que conduziram a processos de identidade territorial alargados[54], bem como a fenómenos de interacção social a grande escala, entre as sociedades do Norte de Portugal e as regiões periféricas da "economia-mundo" europeia.

Estes novos items , para os quais desconhecemos quaisquer moldes que nos indiciem fabrico local, poderão testemunhar um intercâmbio supra-regional, de cariz ultra-pirinaico, inicialmente caracterizado por viagens de prospecção esporádicas ao Noroeste peninsular, na busca de estanho e ouro. Os artefactos de bronze que conhecemos (muitos deles de tipologia única, raros, cujos paralelos são extra peninsulares) poderiam ter funcionado como oferendas que selassem pactos sociais para a abertura das vias de intercâmbio[55]. Ao lermos os dados deste modo inferimos a existência do fenómeno de territorialização e a existência de uma elite social, ainda incipiente, que salvaguardava a identidade e o território dos grupos que "dirigia", recebendo em troca dos pactos efectuados, objectos que manipulava de forma prestigiante. Por esta ordem de ideias, durante a **segunda metade do II° milénio a.C.**, o Norte de Portugal, seria ainda uma região extremamente marginalizada em relação aos circuitos europeus de extração, transformação e circulação de minérios e outros bens, situados nas ilhas Britânicas, Bretanha francesa, Europa Central, mais próximos dos centros de "economia-mundo" nuclearizados no mediterrâneo central[56].

A segunda metade do II° milénio a.C. representaria o momento inicial da inclusão desta região em sistemas mais alargados de intercâmbio europeu, ainda que de forma esporádica ligados, na fase inicial, à Europa temperada e sem grandes modificações estruturais.

A continuidade destes imputs, nos finais do II° milénio a.C., em comunidades que não serão meros agentes receptores, provocará, a longo prazo, transformações e impulsos de desenvolvimento regionais, que caracterizarão a **transição do II° para o I° milénio a.C.**, momento em que os contactos interactivos com o mediterrâneo e com o atlântico se tornam mais intensos e a faixa litoral da Península Ibérica, se transforma numa área cada vez mais próxima da periférica do centro de "economia-mundo"[57]. Esta área tornar-se-á extractora de minério, produtora de artefactos especializados, inovadora, exportadora, consumidora de novos objectos e conhecimentos, intensificadora da produção dos recursos básicos e geradora de maiores assimetrias intra-regionais. Esta hipótese parece concordar com o registo arqueológico de que dispomos para o período em questão.

Os finais do II° milénio, inícios do I° a.C. caracterizam-se, em algumas zonas, por uma grande diversidade de estratégias de povoamento com fortes indicadores de estabilidade territorial. Esta estabilidade parece conectar-se com processos de intensificação económica e sócio-política, materializados, em parte, por indicadores crescentes de uma agricultura rotativa e excedentária, pela especialização da metalurgia do bronze, pelo incremento dos processos de interacção social à escala supra-regional, pelo reaparecimento de povoados fortificados, pelo desenvolvimento de fenómenos de atesouramento e pela intensificação de uma proto-estatuária de iconografia masculina.

Pensamos que **algumas comunidades** deste período estariam organizadas em unidades territoriais físicas e simbólicas, com processos de interacção sócio-económicos internos, onde se inscreveria um povoamento hierarquizado, com funções complementares entre si. Nessa hierarquia caberiam povoados centrais, em posição estratégica na paisagem, evidenciando símbolos, de demarcação territorial, de ostentação e de "intimidação", como muralhas, fossos, objectos raros e exóticos, estruturas domésticas mais elaboradas, e uma grande diversidade topográfica de habitats, em forte conexão com os primeiros. Os povoados centrais seriam residência de um grupo social prestigiado que se afirmaria perante as comunidades que controlavam, através de uma complexa rede de ligações simbólicas, (quer se manifestem em termos de relações de amizade, de parentesco ou de uma estrutura conceptual comum), mas, também, pela capacidade de manter um território economicamente estável e de controlar o intercâmbio supra-regional, manifestado pela acumulação de objectos raros, pelo acesso, exploração e transformação dos recursos mineiros e pela troca de conhecimentos, através de pactos e alianças. Povoados como Alto de Stª Ana[58], Trás-os-Montes ocidental; S. Juzenda[59], Trás-os-Montes oriental; Castelo de Matos[60], Douro Litoral; Coto da Pena[61], Falperra (?)[62] e S. Julião[63], Minho, seriam exemplo deste tipo de habitat.

Os restantes povoados inscritos em unidades territoriais, em relação interactiva com os povoados centrais, parecem revelar uma maior dispersão e disseminação do povoamento no espaço, o que deve relacionar-se com a necessidade de uma maior produtividade e especialização económica das referidas unidades. Estes apresentariam particularidades no registo arqueológico que se poderiam explicar pelo estatuto social dos seus ocupantes e pela diferenciação económica, no seio da comunidade em que se inseriam.

Alguns dos povoados sem investimentos de grande "visibilidade", frequência de estruturas de armazenagem em fossas, presença de moinhos dormentes de grandes dimensões, inexistência ou raridade de determinadas formas de louça fina, predominância de cerâmicas grosseiras, grande quantidade de restos paleocarpológicos de cereais, leguminosas, cruciferas, bolotas, frutos selvagens, entre outros, poderiam incluir-se neste grupo.

Se bem que sejam conhecidas muitas jazidas que caberiam dentro destas características, como Bouça do Frade, nos seus últimos momentos de ocupação[64], Curro de S. João de Ovil[65], Lavra II66, Monte Calvo[67], Vale da Quintela[68], no Douro Litoral; Beinz[69], Castro de S. João de Rei[70], Castro de Talhoz[71], Colina de Maximinos[72], Pedroso[73], Penacova[74], Santinha[75], Sola II[76], no Minho, tal não significa que tivessem todas integradas em cenários fortemente hierarquizados.

Parece-nos lícito aceitar outras formas de integração territorial com um povoamento menos hierarquizado do que o descrito no cenário anterior, ou mesmo não hierarquizado. Deste modo a diversidade de povoados, existentes nesta fase (de altura, com ou sem muralhas, em colinas de vale, em zonas abertas de planaltos, em encostas de pequenas bacias de recepção), que em muito ultrapassa a tradicional dicotomia de habitats de altura e de encosta, deve ser encarada como o resultado de assimetrias regionais, reveladoras dos diferentes graus a que se verificaram os processos de territorialização e de desenvolvimento sócio-económico.

A maior admissibilidade de algumas destas proposições passa pelo estudo do povoamento à escala micro-regional.

Talvez possamos descodificar as estátuas-menires da Bouça, Chaves, Faiões e S. João de

Ver?)[77], localizadas ao longo dos corredores naturais dos vales do Douro e Tâmega e com alguns elementos iconográficos comuns, por vezes de simbologia masculina[78], como "marcos territoriais" de algumas destas unidades sócio-económicas. Constituiriam formas de propaganda e de auto-promoção por parte das elites locais e funcionariam também como "sinais de trânsito", reconhecíveis por grupos, com os mesmos códigos conceptuais, ao longo das vias de circulação de pessoas e bens[79].

Um dos assuntos que gostaríamos de abordar é o da articulação do fenómeno sepulcral no contexto das sociedades dos finais da Idade do Bronze. Se aceitarmos a cronologia dos meados da segunda metade dos finais do II°, inícios do I° milénio a.C., para os vasos de largo bordo horizontal[80], verificamos que a tão difundida escassez de enterramentos ou sua inexistência[81] poderá ser um falso problema. O registo arqueológico demonstra-nos a existência destes recipientes em monumentos megalíticos, provavelmente reutilizados, como Chã das Arcas e Chafe, necrópole de cistas indeterminadas de Belinho e subtrapezoidais de Agra das Antas, nas possíveis sepulturas abertas no saibro de Barqueiros/S. Cláudio do Barco[82], no Minho.

Sem que possamos tecer grandes considerações sobre o ritual que acompanhava estes enterramentos, com excepção das cistas de Agra das Antas, onde as ossadas indiciam a perpetuação da inumação, podemos verificar que algumas delas se parecem relacionar com povoados, à semelhança do que ocorre nos meados do II° milénio a.C. É o caso das sepulturas de Belinho, que não distam do povoado da Cova da Bouça, onde se detectaram objectos de bronze, enquadráveis nesta fase, e de Agra das Antas, a cerca de 200m do Castro de Talhoz[83], onde apareceram recipientes cerâmicos de largo bordo horizontal.

A pequena cista de pedra, do povoado da Santinha, datável, relativamente, dos finais do II°, inícios do I° milénio a.C., contendo apenas um potinho[84] e as hipotéticas fossas sepulcrais, uma delas coberta por pedras e contendo um vaso de tipo urna[85], no interior do povoado de S. Julião, datáveis dos inícios do I° milénio a.C. - poderão representar soluções distintas dentro da mesma época, ou serem um pouco mais tardias. Parecem demonstrar já o ritual de cremação, embora as características de "invisibilidade" arquitectónica[86], da simplicidade do espólio, quase exclusivamente cerâmico, bem como a fraca diferenciação espacial entre o espaço dos vivos e o dos mortos, sejam indicadores de continuidade com momentos a partir dos meados do II° milénio a.C.

Gostaríamos de levantar o problema da introdução do ritual de incineração, que não terá forçosamente que relacionar-se com o horizonte dos Campos de Urnas, embora este data, no Vale do Ebro, da segunda metade do II° milénio a.C.[87]. A título de hipótese académica, pois o registo arqueológico não a comprova, pensamos que a ideia da cremação, poderá ter entrado, no Noroeste Peninsular, por via marítima, no momento em que se notam os primeiros artefactos, de bronze, de filiação atlântica, isto é, na segunda metade do II° milénio a.C. e poderá corresponder a estímulos do Sul de Inglaterra ou da França atlântica, onde estes rituais são praticados desde os meados daquele milénio[88]. Deste modo, não excluímos a contemporaneidade da inumação e da incineração, durante um período relativamente longo até que, lenta e gradualmente, a cremação se terá imposto, nos inícios do I° milénio a.C. Esta hipótese necessita evidentemente de ser testada e foi elaborada como ponto de partida para novas investigações.

Deste conjunto de considerações gostaríamos de nos deter nas características relacionadas com a simplicidade do mobiliário funerário e com a inexistência de monumentalidade das estruturas de enterramento. Como explicar este fenómeno no seio de uma sociedade que cremos mais hierarquizada do que as anteriores? Através da atenuação a nível conceptual do papel dos monumentos funerários como marcos territoriais, substituídos por outros sinais simbólicos de territorialização e prestígio como o povoado permanente, as estátuas-menires, os investimentos urbanísticos e os depósitos[89].

Elaborada uma das sínteses possíveis, para os finais do II°, inícios do I° milénio a.C., interessaria perceber os **mecanismos de intensificação/especialização económica e social que sustentaram a formação de fenómenos de territorialização**, bem como a sua interacção com os mais variados cosmos.

Embora este tema passe pelo desenvolvimento de variadíssimos estudos à escala regional ou micro-regional, os dados disponíveis indicam, para algumas zonas, "territórios de semelhança artefactual", cuja natureza cultural é difícil de explicar, mas que tentaremos abordar em termos sócio-económicos.

Em certas áreas, com trabalhos de escavação sistematizados, como na bacia do médio Cávado, Minho e na serra da Abobreira, Douro Litoral, os vestígios de fabrico de uma metalurgia do bronze são escassos, ao contrário de uma intensa exploração agrícola e talvez pastoril, bem documentada por dados paleocarpológicos, polínicos, antracológicos[90] e pela cultura material. Nestes casos os processos de hierarquização social e de territorialização parecem suportar-se, em grande medida, por uma intensa especialização económica de carácter agrícola e pastoril, baseada numa vasta combinação dos recursos naturais.

Noutras zonas, como em toda a bacia do rio Minho, no curso superior do Douro, no baixo Lima, no baixo/médio Ave, no Minho e no alto Tâmega, Trás-os-Montes ocidental, é extremamente elevada a quantidade de achados metálicos[91], o que sugere estarmos em presença de comunidades, em que uma das vertentes importantes de intensificação e especialização económica seria, por um lado, o acesso e a transformação dos recursos mineiros, que de facto parecem existir nas áreas em questão[92] e por outro, a difusão supra-regional, por via marítima e fluvial[93] dos metais. A região transmontana regista muito menos achados metálicos de superfície do que as regiões ocidentais. Que significado devemos atribuir a esta ocorrência? Como mera hipótese de trabalho, a comprovar por estudos que urge empreender, a hierarquização social prestigiar-se-ia através da intensificação agro-pastoril, mas também pela sua capacidade em controlar as vias de intercâmbio de produtos exóticos, entre o Litoral e a Meseta Norte. Esse controlo manifestar-se-ia pela posse de alguns artefactos de bronze, que poderiam funcionar como valor social e emblemático[94], de uma elite que evidenciava o seu prestígio em critérios e parâmetros distintos dos de outro local[95].

O fenómeno do "elitismo" e da formação de unidades sócio-económicas, autónomas, observável durante os finais do II°, inícios do I° milénio a.C., deverá ter obedecido a uma multiplicidade de factores e advir da evolução endógena das comunidades através de maiores ou menores estímulos intra ou supra-regionais, em forte interacção com o meio local e com a tradição simbólica de cada grupo. Neste caso, não poderíamos estabelecer meta-regularidades para o Norte de Portugal durante os finais da Idade do Bronze, nem considerar que há zonas económicamente periféricas em relação a outras. Todas seriam centrais ou periféricas consoante os itens económicos que valorizassemos. As unidades territoriais sustentar-se-iam por uma multiplicidade e complexidade de estratégias de povoamento e de aproveitamento dos vários recursos económicos do território, de uma forma intensiva, e pela integração em cadeias de trocas regionais, quer através da produção de excedentes, quer pela sua posição estratégica na passagem. Os mecanismos de interacção com os centros de economia - mundo no Mediterrâneo central e ocidental, seriam ainda esporádicos, embora crescentes, nos inícios do I° milénio a.C., o que talvez possa explicar a intensificação da produção de matérias-primas e de produtos artesanais em determinadas áreas do Noroeste, principalmente no litoral, com vistas ao sistema de trocas externas, bem como a vita-

lidade de algumas áreas interiores, com capacidade de resposta aos estímulos criados pelas assimetrias de desenvolvimento regional.

Feita uma das interpretações possíveis para o período, entre a primeira metade do II° milénio e os inícios do I° milénio a.C., convencionalmente denominado de Bronze Médio e Final, obtivemos uma leitura de continuidade, a vários níveis.

Verificámos uma sequência nos diversos padrões de povoamento, em algumas características sepulcrais (proximidade dos povoados, invisibilidade estrutural, escassez de espólio), bem como nas soluções tecnológicas associadas à armazenagem de excedentes agrícolas, à metalurgia e a algumas formas cerâmicas. Esta sequência, que não interpretamos apenas como artefectual, deve indiciar continuidades sócio-económicas e simbólicas pelo que, em nosso entender, se torna cada vez mais difícil sustentar uma terminología tripartida para a Idade do Bronze do Norte de Portugal.

Notas

[1] Estamos de acordo com Lull et ali 1992: 106 quando defende que "...la edad del bronce alude a realidades y "tiempos" diferentes según escuelas y autores/as. Así pues, creemos más conveniente habituarnos a pensar en términos estrictamente cronológicos (p. e. II milenio a.C. en Europa), que designen sincronismos libres de ambigüedades..."

[2] Nesta fase entendemos território como uma diferenciação simbólica do espaço, associada a uma exploração das diferentes combinações dos recursos. A apropriação da topografia do espaço pela estrutura dos sentidos, (no seio de uma sociedade), processa-se através da atribuição de valores públicos que lhe são imputados e do estabelecimento de direções e fronteiras de tal modo que o território possa ser representado graficamente, cognitivamente ou ritualmente como uma imagem coerente e duradoura (Thomas 1980: 19, em Ingold, 1986: 145-6).

[3] Sanches, no prelo a. Este povoado, datado pelo C.14 , em posição dominante sobre os vales adjacentes da bacia do Tua, parece ter sido muralhado. Apresenta louça essencialmente lisa, de tipologia arcaica. É igualmente importante pela quantidade de sementes de cereais e de moinhos que revelou. As alabardas de cobre de Abreiro, depositadas no Museu do Abade de Baçal, em Bragança, foram encontradas na base da encosta Sul desta estação. Agradecemos estas informações, inéditas, a Maria de Jesus Sanches. São conhecidas mais sete alabardas na região transmontana oriental cuja tipologia e composição metálica é tão semelhante que não se pode excluir um fabrico local (Sanches, no prelo b). Se estes dados podem justificar uma mesma oficina de fabrico, tal não significa que não possam ser peças de importação, introduzidas na região num mesmo momento, provavelmente como oferendas para a celebração de pactos sociais, ou outros, ligados com a exploração de jazidas de cobre, da zona do Tuela e de Vimioso.

[4] Sanches, 1992c, descreve esta laje, encontrada também em Morandela, de contexto desconhecido. A alabarda de tipo Carrapatas parece associar-se a um arco ou a um grande antropomorfo em β.

[5] Jorge V. & Berrencourt, A. M., 1988: 111.

[6] Jorge, V. et ali 1995. Foram exumados, neste monumento, do planalto de Castro Laboreiro, caracterizado por um corredor curto, indiferenciado em planta , vários fragmentos de cerâmica campaniforme, com decoração à base de pontilhado geométrico.

[7] Jorge, S. 1986 vol. I-B: 835.

[8] Sanches, no prelo b.

[9] Jorge, V. 1984:17 e 20.

[10] Gonçalves, 1984.

[11] Silva, E. 1995: 35 e segs. No lado Este do monumento, fora da câmara o autor localizou cerâmica campaniforme e uma espiral presumivelmente de prata. O local onde este espólio foi encontrado indicia reutilização tardia do monumento.

[12] Jorge, V. 1983: 182-185. Monumento datado, pelo C.14, da segunda metade do III° milénio a.C.

[13] Cruz 1992: 54. Este monumento forneceu cerâmica campaniforme de vários tipos entre os quais o de Ciempozuelos. O autor data relativamente a construção deste monumento dos inícios do II° milénio a.C.

[14] Jorge, V. & Alonso, 1988: 95-99. Monumento datado, pelo C.14, dos finais do III°, inícios do II° milénio a.C. Forneceu cerâmicas lisas, entre os quais um vaso tronco-cónico e uma espiral de prata.

[15] Sanches, 1980: 18. Monumento onde ocorreu um vaso tronco-cónico.

[16] Sanches, 1980. Trata-se de duas cistas, a primeira provida de tumulus, onde o espólio cerâmico revelou vários vasos da família dos tronco-cónicos.

[17] Jorge, S. 1986 fb: nota 84; 1990: 222. Monumento onde o espólio cerâmico revelou a forma tronco-cónica.

[18] Silva et ali 1983. O espólio de duas cistas, uma delas quadrangular, inscritas num recinto de características megalíticas, forneceu uma ponta de lança em cobre, um fragal de arpacho e um vaso tronco-cónico liso.

[19] Jorge, S. 1986: 862. Nesta cista, aparentemente sem tumulus, de V. N. de Cerveira, foram descobertos artefactos em cobre de tipologia campaniforme e em ouro de filiação discutível.

[20] Jorge, S. 1998: 221. Nesta cista / foram detectadas pontas de tipo Palmela e um diadema de ouro.

[21] Jorge, V. 1982: 444-445. Monumento onde se exumou uma espiral de prata.

[22] Sanches, 1981: 88-89; Jorge, V. 1982: 444-445; Almeida, 1985: 47. Apareceu no interior da câmara deste monumento, uma deposição secundária contendo um vaso tronco-cónico.

[23] Cortez, 1952: 210, 229, 230, 232; Sanches, 1980: 18. Povoado onde apareceram vasos tronco-cónicos, alguns com decoração mamilar, paralela ao bordo, vasos de perfil oviide (?), moinhos e "moles" de fundição. Pela bibliografia depreende-se que não se detectaram formas hemisféricas.

[24] Jorge, S. 1980b e 1986 : 935. Trata-se de um povoado de encosta, com campaniformes de tipo Ciempozuelos em associação com cerâmicas predominantemente lisas.

[25] Ver nota 27. Apesar desta forma ocorrer em contextos dos finais do III° milénio a.C. deve ter perdurado pela primeira metade do II° milénio, associada a outras louças, predominantemente lisas ou com decoração plástica. Recordamos o vaso da família dos tronco-cónicos, já evolucionado, da necrópole do Tapado da Caldeira, datado dos séc. XVI - XV a.C., que poderá, hipoteticamente, corresponder a um momento em que a tipologia desta forma se começa a modificar.

[26] Soeiro, 1982.

[27] Cardoso, 1929-30.

[28] Entre 2250 e 1600 a.C. a Irlanda e o Sul da Inglaterra (Wessex) são zonas de grande produção aurífera. Da Irlanda são típicos os colares de tipo lunular, que parecem expandir-se para a Escócia, Gales e Cornualha (Lull et ali 1992:178-179). Podem ter chegado ao Norte de Portugal, não directamente da Irlanda, mas através de outras influências atlânticas, o que concordaria com a sua tipologia algo discrepante das lúnulas daquela região.

[29] Problema igualmente levantado para a Galiza por B. Comendador Rey (1991-92: 202).

[30] Ver nota 2.

[31] Jorge, S., no prelo b. O povoado situa-se numa encosta suave de um vale aberto e caracteriza-se por fossas abertas no saibro. A plataforma inferior foi datada, pelo C. 14, dos meados da primeira metade do II° milénio a.C.

[32] Jorge, S. 1993, no prelo a, b. Ocupado durante a primeira metade do III° milénio a.C., Castelo Velho, sofreu uma ocupação posterior, na primeira metade do II° milénio a.C. Nesta fase parece ter ocorrido um processo de "fechamento" através da diminuição do número de entradas na muralha superior e remodelações na torre central que permitem pensar numa continuidade de utilização.

[33] Jorge, S. 1980: 48, 49. Estas cerâmicas datam-se, na Meseta Norte, dos finais do III°, inícios do II° milénio a.C.

[34] Hipótese manifestada por S. Jorge (1993, no prelo a, b.

[35] Reforçados pela presença de uma série de animais domésticos que implicam normalmente sedentarização, como o porco e o boi. Também foram encontrados vestígios de cabra, de carneiro, de coelho e de burro, o que revela uma dieta alimentar variada. Parece significativa a ausência de caça. (Arnaud, 1995).

[36] Bouça do Frade II corresponde à plataforma intermédia com cerâmicas de tipo Cogotas I e largos bordos horizontais (Jorge S.1988).

[28] Jorge 1986a, 1987; 1990: 240-246, no prelo b. Embora esta necrópole mantenha a permanência de um ritual inaugurado nos finais do III° milénio a.C., início do II° milénio a.C., o da inumação individual, parece ter-se introduzido um novo código de distribuição espacial dos enterramentos em relação aos habitats. O espaço das mortas e aquela contígua à área de habitação. O próprio mobiliário também manifesta uma mudança, no sentido de uma maior simplicidade. As datas calibradas para esta estação situam-se, para o intervalo de 2°sigma, entre 1539-1439 e 1640-1560 a.C. (Lull et als 1992: 271.)

[29] Lemos 1993: 160, 163, 171-172.

[30] Sanches 1992:154.

[31] Lemos 1993: 172, refere que todas estas estações são povoados de altura em posição estratégica na paisagem em relação aos corredores naturais que conectam os vales dos rios. No Castelo de Ancães, P. S. Lemos detectou, em 1987, cerâmicas com decoração em espiga, pontilhadas e incisas, que permitem ao horizonte Cogotas/Cogotas I.

[32] Martins, M. 1985b.

[33] Jorge, S. 1988: 71.

[34] Harpster et al 1985; Lemos 1993, vol.Ia 160. Esta gruta, com vestígios de cerâmicas pintadas, vasos tronco-cónicos e do tipo Cogotas I, poderá ter sido ocupada desde a segunda metade do III° milénio até a segunda metade do II°milénio a.C., embora não seja possível determinar a continuidade da ocupação, pela falta de datas estratigráficas contínuas.

[35] A calibração efectuada para cerca de trinta e três datas de C14, extraídas de duas estações, do horizonte Cogotas/Cogotas I, revelou uma amplitude cronológica, desde os séculos XIX/XVIII a XIII a.C., embora com uma maior percentagem (64%) para datas em torno do séc. XVII a XV (Lull et als 1992: 261-271).

[36] Jorge, S. 1986a.

[37] Díaz Andreu, 1993: 254.

[38] Segundo as análises efectuadas por S. Junghans et al (1968).

[39] Uma lista, bastante completa, poderá consultar-se em Monteagudo (1977).

[40] Almeida, 1987: 93. Gruta da Bouça é um povoado com cerâmicas do tipo "Penha" e da Idade do Ferro.

[41] Compostos por seis braceletes e um machado de talão. (Berrocoso et al. Ambrosio, no prelo) publicam de forma integral o conjunto, parcialmente estudado por Hück e Coffyn (1972: 243, 245 e 246). Estes autores colocam as peças no Bronze Final embora as outras preferam incluí-las, por comparação com paralelos ultrapirenaicos, numa fase mais antiga.

[42] Silva, 1986, grif.8. Este autor coloca esta peça no Bronze Final.

[43] Berrocoso 1988:9 e segs.

[44] Berrocoso 1988: 14 e Coffyn,1985: 195, 208 e 195.

[45] Nesta fase, estamos mais próximos da definição de Godelier. Entendemos território como uma porção do espaço reclamada por uma sociedade que garante aos seus membros, direitos exclusivos de controlo e uso, de parte ou de todos, os recursos que é capaz de explorar (Ingold, 1986: 136).

[46] Ruiz-Galvez no prelo.

[47] Sherratt,1994.

[48] Sherratt, 1994, fig. 13, prefigura o período entre 1500 a.C. e 600 a.C., como o momento em que toda a fachada ocidental da Península Ibérica se engloba na periferia.

[49] Santos, 1993 (neste volume).

[50] Hück, 1980.

[51] Figueiral et al 1988.

[52] Silva, A.C. 1986: 33 e segs.

[53] Martins 1990: 119, refere uma ocupação do Bronze Final na plataforma superior do povoado com fundos de cabanas em argila e buracos de poste. Embora não se detectassem vestígios de muralhas, na outra intervenção ao cho rasado, a posição topográfica deste povoado, em situação de controlo sobre o vale do rio Este, e a aparente circunscrição dos vestígios, na zona mais elevada do monte, indicam estar-se de um povoado central.

[54] Martins 1985a; 1986; 1988: 132 e segs. ; 1990: 111-114, 203 e segs.

[55] Jorge, S. 1988a; 1990, 243 e segs; no prelo b. Povoado de fossas.

[56] Jorge, V. et als 1980:7-11.

[57] Sanches, 1995 (neste volume). Povoado de fossas.

[58] Gonçalves, 1981. Povoado de fossas.

[59] Gonçalves et als. 1979; Cruz 1992: 102 e 116. Povoado de fossas.

[60] Silva, 1991: 261, 286. Estação arqueológica com fossas revestidas abertas no saibro.

[61] Dados inéditos recolhidos em escavações realizadas pela autora, em 1993. Povoado com covachos delimitadas por pedras.

[62] Almeida 1986: 47-48. Provável povoado de fossas onde apareceram vasos de largo bordo horizontal e outras cerâmicas que o autor associa ao Bronze Final.

[63] Jorge, S. 1988: 91. Possível povoado de fossas.

[64] Jorge, S. 1988a: 73-74, 79, 81; 1990: 246; Lemos et als 1991: 52-56. Povoado de fossas com largos bordos horizontais.

[65] Eventual povoado de fossas (Soares 1988; Jorge, S. 1990: 246).

[66] Berrocoso no prelo b. 1995 (neste volume). Povoado de fossas em colina residual com largos bordos.

[67] Dados recolhidos em escavações, realizadas pela autora, em 1991 e 1992. Povoado de fossas em colina residual.

[68] Apesar desta estatua manter ser considerada, preferencialmente, da Idade do Ferro (Jorge, S. 1990: 248; Jorge, V. & S. 1990: 41), preferimos incluí-la na Idade do Bronze, ou num momento de transição, por comparação do pendente, que encontra ao verso, com os encontrados no Castro de Terroso, Pontevedra, Galiza, em forma de machado, de bronze, datados do séc. VIII/VII a.C. (Peña Santos, 1991b: 25-26, 45, fig. 67 e est. 51; Carballo Arceo et al. 1991: 255, 261). Apesar da esquematização do desenho da estátua e do perigo que as comparações acarretam, recordamos que os objectos de Terroso foram feitos em metal e para serem suspensos, pelo que deverão inscrever-se no conjunto de objectos cuja simbologia se associa ao prestígio social.

[69] Uma síntese actualizada das estátuas-menires e estelas antropomórficas do Norte de Portugal poderá ser consultada em Jorge, V. & S. 1990.

[70] Tal hipótese interpretativa foi elaborada por Galan Domingo (1995) para as estelas do Sudoeste peninsular.

[71] Jorge, S. 1988.

[72] Ruiz-Galvez 1991; Belen et als 1993.

[73] Almeida 1992; Jorge, S. 1988:77-79, 1990: 246; Soares 1988.

[74] Almeida 1986: 47-48.

[75] Berrocoso 1994b (no prelo; 1995 (neste volume).

[76] Martins, 1988: 133-136.

[77] Jorge, S. 1995b (no prelo).

[78] Lull et al 1992: 261-271.

[79] Lull et al 1992: 203.

[80] Bradley, R. 1995b.

[81] Figueiral, 1994: 419, a partir dos estudos de Castelo de Matos, Bouça do Frade e Lavra, testemunha uma intensa actividade antrópica e revelados de campos de cultivo deixados ao abandono, pastagens e exploração da floresta.

[82] Silva, A. C. 1983: est. IV.

[83] Com excepção do alto Tâmega, rico em cobre, todas as demais zonas estão perto de jazidas de estanho aluvias (Coffyn 1996). O povoado do Couto da Pena, no curso inferior do rio Minho, apesar de fornecer inúmeros dados associados a actividades agro-pastoris e de recolecção, forneceu um molde de fundição e um considerável número de artefactos metálicos (Silva, A. 1986: 33 e segs.).

[84] Ruiz-Galvez no prelo.

[85] Bradley 1990.

[86] Não queremos com estas hipóteses entrar num discurso histórico-culturalista onde o objectivo é criar unidades culturais mas tão só analisar fenómenos de eventual excentricidade económica que poderão evidenciar-se em realidades culturalmente distintas.

O Povoado da Lavra, Serra da Aboboreira

Maria de Jesus Sanches

O povoado da Lavra situa-se no lugar da Lavra, freguesia de Soalhães, concelho de Marco de Canaveses. Inclui-se na Serra da Aboboreira e ocupa uma das suas plataformas de encosta, na periferia SW, à altitude média de 650 m. Desta plataforma, protegida dos ventos N e NW por uma pequena elevação, tem-se um bom domínio visual de toda a paisagem envolvente, a qual inclui os acessos quer à parte mais elevada da Serra (pelo vale do Frogueirão), quer às áreas situadas a cotas muito mais baixas, contíguas aos vales dos rios Ovil, Douro e Galinhas.

De um modo necessariamente sucinto, passamos a apresentar os resultados da escavação e que permitem fazer a caracterização genérica do povoado.

A Lavra apresenta dois níveis de ocupação. Um, mais antigo, datável do Neolítico médio/final, e que denominamos de Lavra I, identifica-se com a camada 5 (c. 5), somente conservada nas áreas do povoado que contêm uma grande potência estratigráfica. Aqui a c. 5 aparece intercalada entre um possível paleossolo (c. 4) e a camada correspondente a Lavra II — camada 2 —, esta cronologicamente situada no Bronze Final. O raro espólio arqueológico recolhido na c. 5 — essencialmente cerâmica decorada segundo técnicas e padrões "meridionais" (normalmente atribuíveis à "cultura das grutas" andaluza), assim como algumas lascas maioritariamente sem retoque e fundamentalmente de quartzo — indica uma ocupação pouco intensa do local, correspondendo provavelmente a um povoado temporário, ou então a um povoado ocupado por um período de tempo bastante curto.

O povoado Lavra II, após a campanha de escavações de 1988 revelou estruturas habitacionais — fossas de formas e dimensões variadas, buracos de poste, lareiras e ainda um piso — distribuídas por uma zona aplanada com uma área superior a 2 ha. Antes da descrição de Lavra II convém fazer notar que, nas áreas onde a c. 2 se sobrepõe directamente ao saibro da base, é possível que os vestígios da ocupação correspondente a Lavra I se tivessem destruído e/ou misturado com aquelas da ocupação posterior. Realmente, nestas zonas, a distinção estratigráfica entre ambas as camadas não foi possível, tendo aí registado somente uma camada arqueológica, a c.2 (Lavra II), com a qual relacionámos em publicação anterior (Sanches, 1988) todas as estruturas habitacionais do povoado. Ainda nessa publicação interpretávamos os vestígios correspondentes a Lavra I como sendo possivelmente do IIº/transição para o Iº mil. a.C. Porém, reflectindo quer na antiguidade das datas absolutas obtidas para a base das 4 grandes estruturas de combustão circulares abertas no saibro de base — E. C. 1, 2, 3 e 4 —, quer nas decorações cerâmicas, quer ainda na particular concentração de material lítico talhado, pouco comum na maioria dos povoados do Bronze Final — percutores, lascas resíduais e outras lascas retocadas ou somente com vestígios de utilização —, aqui registada na c. 2 em torno da estrutura de combustão 2 e da lareira 1 (esta aberta na c. 5), julgamos que é provável que as 4 grandes estruturas de combustão tenham sido realizadas e utilizadas durante a ocupação de Lavra I. O espólio de ambas as ocupações apareceu misturado na mesma camada estratigráfica em torno destas estruturas habitacionais.

Deste modo é possível que, onde a potência de sedimentos é menor, nem todas as estruturas habitacionais detectadas em negativo no solo de base e anteriormente relacionadas com a ocupação do Bronze Final pertençam realmente a este período. A exposição detalhada deste problema, assim como a descrição das estruturas habitacionais, far-se-á proximamente numa monografia já em elaboração. Por agora interessa referir que o povoado do Bronze Final integrava cabanas feitas com materiais perecíveis — troncos de árvore e barro —, de que restam vários buracos de poste por vezes alinhados, formando paliçada e barro de revestimento. Durante esta ocupação foram utilizadas, e eventualmente abertas em primeira mão, fossas de dimensões variadas (a prof. varia entre 30/40 cm e 1 m), de boca subcircular ou ovóide, situadas na periferia N e S das concentrações de buracos de poste. De entre aquelas, as fossas nº 1 e 5 — F.1 e F.5 — parecem ter sido utilizadas, em algum momento, como locais de armazenamento ou silos. As restantes — F.2, 3, 4 e 6 — podem ter tido funções variadas mas o seu enchimento não permite qualquer ilação de tipo funcional. Além destas estruturas surgem lareiras "domésticas". Se excluímos aquelas realizadas sobre as Estruturas de Combustão 2 e 3, as quais poderão eventualmente relacionar-se com Lavra I, e a lareira 2 situada sobre o saibro e coberta de terra vegetal, restam 2 inequivocamente relacionadas com Lavra II — L.1 e L.3.

Do espólio atribuível a Lavra II constam fragmentos cerâmicos de dois tipos: um de pasta grosseira, mal cozida e de superfícies alisadas, de cor castanha escura ou negra (constituem a maioria); os restantes têm pasta mais fina, são internamente polidos no exterior e as cores vão do castanho escuro a castanho avermelhado. As formas reconstituídas (com ambos os tipos de pasta) revelam-se monótonas e parecem pertencer quase todas a recipientes de colo muito pouco ou medianamente marcado — que correspondem genericamente às formas 2, 3 e 4 dos povoados do Bronze Final da bacia média do Côvado (Martins, 1990) —, sendo de particularizar ainda uma taça brunida, inserível na forma 5 da tipologia atrás indicada. A decoração está quase ausente, sendo de registar alguns recipientes com mamilos e um fragmento com finas incisões provavelmente de tipo Baiões. Do material lítico polido constam essencialmente machados e machadas polidos. O material metálico, em bronze, fará parte desta exposição, sendo de destacar dois braceletes lisos de extremidades espatuladas, cuja tipologia indica filiações atlânticas, e duas possíveis pontas de punhais, tudo em bronze. Dois objectos de adorno — uma conta de colar de arenito e um pendente em quartzito cinzento, dado o seu contexto de recolha, podem relacionar-se com Lavra I.

O estudo antracológico dos carvões de Lavra II (Figueiral, 1990) mostra ter sido dominante a vegetação caducifólia (com grande % de *Quercus*, à semelhança doutros povoados do Bronze Final da Serra da Aboboreira. Da identificação de sementes carbonizadas merece destaque o trigo (*T. turgidum* e *aestivum*), a cevada (*Hordeum vulgare*) e de fava (*Vicia faba*), existindo em razoável quantidade em torno e no seio da lareira 5.

Relativamente à cronologia, existem, para Lavra II, além de outras datas de difícil interpretação, duas amostras retiradas da lareira 5 e datadas de entre 1400-990 cal AC (ICEN- 414), uma, e 920-770 cal AC (CSIC-824), a outra. Ambas situam o povoado no Bronze Final — com a qual concordam as tipologias dos braceletes metálicos, similares aos do depósito de Baiões (Silva, 1986) — e das cerâmicas, mas uma maior precisão cronológica poderá ser brevemente obtida com a datação de sementes desta mesma lareira 5.

A imprecisão cronológica impede certo tipo de considerações, embora as datas calibradas permitam sugerir que o povoado de Lavra II possa ter sido contemporâneo da fase final de ocupação do povoado da Bouça do Frade (Jorge, 1988 a), situado numa zona um pouco mais alta da Serra (no início do vale do Frogueirão), e também caracterizado por grandes fossas interpretadas como estruturas de armazenamento. Tal como aquele, trata-se, a nosso ver de um povoado aberto, de vocação agrícola (e provavelmente pastoril).

O Povoado do Alto de Stª Ana, Chaves

Paula Mota Santos

A estratigrafia da estação pré-histórica do Alto de Stª Ana (freguesia de Outeiro Seco-Chaves) era conhecida através de intervenções de carácter arnaldo, realizadas pontualmente desde a década de 40, resultantes num conjunto de objectos, principalmente cerâmicos, que fazem parte do espólio do Museu da Região Flaviense, Chaves. Aliás, a estação encontra-se sinalizada por uma placa turística denominando esta por outro.

A decisão de intervenção levada a cabo em 1991 no povoado em causa pautou-se pelos seguintes imperativos: 1) o facto de as intervenções arnaldas na estação terem aparentemente fornecido material cerâmico do chamado "tipo Penha" que é distintivo da ocupação calcolítica dos povoados já estudados na região; 2) a duvidosa posição topográfica da estação (na veiga do Tâmega) em relação a outros povoados calcolíticos da região. Estes situam-se todos nas encostas adjacentes à veiga e a uma altitude média ou elevada, i. e. entre 400 e 700 m (Jorge, S.O.-1986:822). Como se pode verificar pela fig.1, o local em questão individualiza-se na paisagem circundante como uma elevação relativamente pronunciada (500 m) e situada nos terrenos baixos da veiga de Tâmega, distando deste curso de água cerca de 750 m em linha recta; 3) o facto de o espólio presente no Museu da Região Flaviense indicar pela sua tipologia uma ocupação da estação em períodos posteriores, possivelmente da Idade do Ferro, quase romanizada. Esta prolongar da ocupação de uma estação calcolítica em épocas posteriores era desconhecida noutros povoados deste período já estudados na região.

As áreas abertas (e a profundidade a que se chegou) revelaram o que parece ser essencialmente uma só ocupação. Esta parece ter intensivamente perturbado a possível ocupação do muro em épocas anteriores, nomeadamente do Calcolítico, já que os poucos e muito fragmentados restos cerâmicos do chamado "tipo Penha" se encontravam sempre em posição estratigráfica invertida, isto é, encontravam-se sempre nas camadas superiores e superficiais (C.1) das quadrículas em que surgia (principalmente no S.III).

A estação a nível de estruturas nas áreas abertas, apresenta no S. I (principalmente quadrículas B1, C2, B5, E2, F2, E1, F1) vestígios de fossas que variavam na sua profundidade e estruturação, desde profundidade de apenas um centímetros até outras de cerca de 1 metro. A terra recolhida do interior dessas fossas foi sempre peneirada e depois flotada. Não se recuperaram quaisquer sementes e os carvões recolhidos foram enviados para análise antracológica (esperam-se ainda os resultados).

A cerâmica ocorreu nas quadrículas A2 e B2 (S. I) surge principalmente ao nível das camadas 3 e 4, tendo por vezes fragmentos grandes de bordos e uma ou outra carena. São sempre bons os fragmentos cerâmicos e de superfícies bem tratadas. Os fragmentos de objectos (quanjos e braceletes) metálicos também surgiram a este nível.

As áreas abertas que correspondem às quadrículas B6, A8, A9, B9, C9, D 8, E8, F8, revelaram uma estrutura pétrea de sustentação de terras, possivelmente de fins defensivos tendo em conta a sua escala. Onde não se encontram pedras soltas, foi o alinhamento cortado "em degraus" para dar seguimento a estrutura pétrea. A estrutura não foi desmontada, tendo sido escavada até ao seu pétreo nível de pedras, não porque foi descoberta nos últimos dias da campanha. Tal torna difícil uma análise estratigráfica totalmente explicativa desta estrutura. O que se pode ver é que a estrutura em questão será anterior aos momentos representados pelas camadas 2 e 3 (e respectivamente sub-variantes).

A estação não forneceu qualquer objecto lítico, à excepção de uma possível ponta de seta encontrada no c.1 do sector III, e alguns seixos rolados que poderão ter sido utilizados como polidores. Foram os fragmentos cerâmicos em relativa abundância e quantidades enormes de "barro de revestimento", quantidades estas superiores às de fragmentos cerâmicos. Este barro de revestimento era quase sempre muito alisado e pintado na face oposta à que apresenta as impressões de ramos. Esta estação forneceu ainda poucos fragmentos líticos e alguns carvões.

Cinco amostras (uma perdeu-se de sentido datadas por C14 foram enviadas ao LNETI tendo-se obtido um conjunto bastante coerente de datas já que todas elas apontam para um período de tempo entre as finais do séc. XIV e finais do séc. IX BC (de B2: 4. ICEN:1016: 2770+80 BP/cal 2 sigma:1120-800; de B6: 2. ICEN:1017: 2720+80 BP/cal 2 sigma:1020-780; de B1: 3. ICEN:1018: 2900+80 BP/cal 2 sigma:1310-840; de A8: 5. ICEN:1019: 2780+80 BP/cal 2 sigma:1130-800).

O tipo de estruturas e materiais encontrados são únicos para a região referenciada, mas ao avaliar-se uma contextualização mais abrangente, nomeadamente a nível do NO de Portugal, é interessante notar certas similitudes formais (comprovadas pelas cronologias) entre este povoado e aqueles estudados por Manuela Martins na bacia média do Cávado. O povoado de S. Julião (ver *infra terminus post quem* para a construção do valado que aponta para uma baliza cronológica de meados do séc. XIII, meados do séc. IX BC[1]). Acertando-se esta comparação, o povoado de Santa Ana é um elemento que permite levantar questões quanto ao alargamento (em termos geográficos) do modelo testemunhado em termos gerais) proposto por Manuela Martins (1990) para o sistema de povoamento e implantação de povoados proto-históricos (Bronze Final e Idade do Ferro) na bacia média do Cávado. No que respeita a região de Chaves os resultados da intervenção no povoado de Stª Ana levantam assim a necessidade de uma reanálise dos muitos povoados de altura que na zona se conhecem, e que são vulgarmente identificados como castros, isto é, como pertencendo a uma Idade do Ferro.

[1] LJB-0995: 2840+80 BP/cal 2 sigma:1350-820; ICEN:28: 2830+40 BP/cal 2 sigma:1050-850; ICEN:27: 2890+45 BP/cal 2 sigma:1250-920 (Martins, M.M.-1998:216). Calibração segundo a curva de Stuiver e Pearson.

Entre Atlântico e Mediterrâneo: Algumas Reflexões Sobre o Grupo Baiões/Santa Luzia e o Desenvolvimento do Bronze Final Peninsular

João Carlos de Senna-Martinez

Área de trânsito quase obrigatória entre o Centro/Sul e o Norte Portugal, por um lado, e a Meseta Norte Espanhola, por outro, a parte central das Beiras constitui uma região charneira fundamental para a compreensão dos processos de interacção e integração inter-regional ocorridos em diversos momentos históricos (no mais lato sentido do termo).

O conjunto dos trabalhos desenvolvidos regionalmente nas últimas décadas[1] permitem começar a perspectivar algumas questões relacionadas com a emergência e desenvolvimento local das comunidades do Bronze Final e sobre qual o papel por estas desempenhado no âmbito da origem, desenvolvimento e inter-relações dos "Grupos" do Bronze Final Peninsular das áreas envolventes.

Os dados resultantes dos trabalhos efectuados nos últimos anos e, nomeadamente, as novas datas de radiocarbono (Quadro I) obtidas a partir dos contextos habitacionais escavados no Cabeço do Crasto (CSR - cf. Senna-Martinez, 1989) e Buraco da Moura de São Romão (BMSR - cf. Senna-Martinez, et alii., 1993a) e, ainda, no Castro de Santa Luzia de Viseu (CSL - cf. Vaz, no prelo)[2], mostram, no final do II milénio a.C. (c. 1400-1000 cal a.C.), a emergência na Beira Alta - nomeadamente na parte correspondente às Bacias Médias e Altas do Mondego e Vouga - de uma rede de sítios de habitat com excelentes posições defensivas que lhes permitem controlar largas áreas e/ou pontos de passagem

Quadro I **- Grupo Baiões/Santa Luzia - Datas 14C**

Sítio	Referência	Data BP	Data cal AC a 2 sigma
B [16]	ICEN - 197	2910 ± 35	1270 - 900
C.C.S. Romão B [25]	ICEN - 824	2680 ± 80	910 - 801
C [105]	ICEN - 198	2970 ± 35	1370 - 925
B. Moura S. Romão	ICEN - 600	2770 ± 90	1022 - 828
	ICEN - 489	2960 ± 50	1371 - 1005
Castro de	ICEN - 486	2960 ± 60	1382 - 993
Santa Luzia2	ICEN - 485	2920 ± 180	1322 - 784
	ICEN - 487	2810 ± 100	1259 - 799
C.S°. da Guia	GrN - 7484	2650 ± 130	1215 - 420

Quadro II **- Grupo Baiões /Santa Luzia - Áreas dos Sítios de Habitat**

Sítio	Dimensões aproximada	Área útil aproximadas
C. S°. Guia	165m x 95m	15675 m2
C. Santa Luzia	160m x 90m	14400 m2
C.C.S. Romão	125m x 40m	5000 m2
C. S°. B. Sucesso	130m x 40m	5200 m2
C. São Cosme	140m x 40m	5600 m2
O. Castelos Beijós	140m x 45m	6300 m2
B.Moura S. Romão	(3 "salas")	40 m2
Cabeço do Cucão	2 x 5m x 5m	50 m2
Malcata	círculo c/ r = = 4m	50 m2

importantes nos sistemas montanhosos e fluviais desta região.

As áreas úteis estimadas para os sítios conhecidos permitem agrupá-los segundo três categorias (Quadro II): dois sítios de maiores dimensões, os Castros da Sª. da Guia (Baiões) e de Santa Luzia (Viseu), com cerca de 1,5 ha; quatro de dimensões mais restritas, Cabeço do Castro de São Romão (Seia), Castro da Sª. do Bom Sucesso (Chãs de Tavares), Castro de S. Cosme (Ervedal da Beira) e Outeiro dos Castelos (Beijós), ocupando cerca de meio hectare; por último, sítios com menos de 50 m2, como a Malcata (Sobral de Papizos), o Cabeço do Cucão da Pedra Cavaleira (Silgueiros) e o Buraco da Moura de S. Romão (Seia).

Todos os locais mais importantes que foram alvo de escavação moderna, além das posições defensivas que ocupam, revelaram a existência de construções que as completam, quer se trate de simples muros - como na Senhora da Guia (Kalb, 1978) e Santa Luzia (Silva, Correia & Vaz, 1984) - quer de plataformas defensivas por vezes amuralhadas - como as de São Romão (Senna-Martinez, 1989), São Cosme (Senna-Martinez & Coelho, 1994) e, talvez, Outeiro dos Castelos de Beijós (Senna-Martinez, 1994c ; Senna-Martinez & Nunes, 1993).

O Bronze Final é o primeiro momento em que, na área que estudamos, existe alguma evidência no sentido da emergência de uma malha de "locais centrais", todos eles com excelente implantação defensiva e regularmente distribuídos no espaço, completada por locais secundários (cf. Senna-Martinez, 1989: 690-91 e figs.3.3 e 3.4). No primeiro caso incluímos:

Sítios de "montanha" (com excepcional domínio da paisagem envolvente a curta, média e longa distância, controlando o acesso a "portelas" e vias tradicionais de passagem de gentes e animais. Será o caso do Cabeço do Castro de S. Romão e, eventualmente, do Castro do Cabeço Redondo de Gouveia (Senna-Martinez, 1989).

Sítios implantados em relevos bem destacados das superfícies em que se inserem, com controle da paisagem envolvente a curta e média distâncias e dominando antigas vias de passagem. Casos dos sítios da Senhora da Guia (Baiões, cf. Kalb, 1978; Silva, 1979), Santa Luzia (Viseu, Silva, Correia & Vaz, 1984), Senhora do Castelo (Mangualde) e Senhora do Bom Sucesso (Chãs de Tavares, Vasconcelos, 1917: 116; Coelho, 1947).

Sítios implantados em relevos encaixados nos vales dos rios importantes, controlando pontos de travessia tradicionais (vaus). Casos do Outeiro dos Castelos (Beijós, Senna-Martinez & Nunes, 1993; Senna-Martinez, 1994c) e do Castro de São Cosme (Senna-Martinez & Coelho, 1994).

No segundo caso estão sítios que, como vimos atrás, apresentam dimensões muito menores, quer se trate de:

Pequenos relevos localizados em pontos elevados e funcionando, provavelmente, como "atalaias" dos de tipo anterior. Será o caso do Cabeço do Cucão (Pedra Cavaleira, Senna-Martinez, et alii., 1993b) em relação ao Outeiro dos Castelos e, eventualmente, da Penha do Vieiro (Senna-Martinez, 1989) em relação a S. Cosme.

Ou de sítios provavelmente destinados a actividades complementares dos de maiores dimensões e suportando pequenos grupos de indivíduos, por vezes até com padrões de estabelecimento não-permanentes, caso da Malcata em relação com o Outeiro dos Castelos (Senna-Martinez, Rocha & Ramos, 1993) e do Buraco da Moura de S. Romão em relação com o Cabeço do Castro de S. Romão (Senna-Martinez, et alii., 1993a).

Num primeiro ensaio de distribuição espacial que efectuámos (Senna-Martinez, 1989: 690-91 e figs.3.3 e 3.4) considerámos equivalentes o primeiro grupo de sítios atrás citados. A malha obtida quer pelo traçado de polígonos de Thyssen (cf. Haggett, 1965: 247-8), quer pelo traçado das áreas teóricas de exploração imediata de recursos (cf. Senna-Martinez, 1989: figs.3.4; Vita-Finzi, 1978: 22-31), aproxima-se de forma clara e lógica aos limites geográficos prováveis dos respectivos "territórios" o que torna o modelo proposto bastante credível, pese embora o seu carácter necessariamente exploratório e preliminar.

Além do que parecem ser preocupações de natureza defensiva e domínio da paisagem envolvente, o padrão de implantação dos sítios de maior dimensão parece ter implícita uma intenção de controle de vias de circulação e passagem, particularmente evidente nas localizações do Castro de S.Cosme e do Outeiro dos Castelos de Beijós, mas a que não escapa nenhum dos restantes sítios considerados (Senna-Martinez, 1989: 189-220).

As casas no interior destes sítios de habitat, normalmente de plantas sub-circulares ou ovaladas[1] e, raramente, rectangulares[2], são feitas com superestruturas em materiais perecíveis, apoiadas por postes de madeira, por vezes com fundações em pedra[3]. As lareiras são em fossa ou sobre simples chapa de barro, colocada ou não sobre um lastro de cacos e pequenas pedras ou aproveitando mesmo uma laje de afloramento dos granitos de base. Áreas complementares de actividade surgem definidas quer por associações de pesos de tear sobre seixo, situados entre buracos de poste e interpretáveis como vestígios de um tear vertical, quer por elementos ligados à metalurgia do bronze (fornalhas, moldes, escórias e artefactos ou seus fragmentos), quer por espaços de armazenagem, quer ainda, no caso do Sector C.III do Cabeço do Castro de S. Romão, por uma "fossa—forno" (para torrar bolota) associada a uma área de moagem e armazenagem.

A produção local de artefactos em bronze encontra-se hoje bem documentada nos sítios da Senhora da Guia (Silva, 1986; Silva, Silva & Lopes, 1984), Santa Luzia (Silva, 1986.; Ponte & Vaz, 1989) e S. Romão (Gil, et alii, 1989), através da presença dos próprios artefactos, quer com aspecto "fresco" quer utilizados, associados a moldes de fundição ou seus fragmentos, escórias e pingos de fundição. É provável que a recorrente associação regional de machados de talão bifaciais e de duplo anel (Tipo 35A - Monteagudo, 1977), unifaciais e de um só anel[4] (Tipo 36A - Monteagudo, 1977), foices de alvado, diras de tipo irlandês, e as "fíbulas de enrolamento no arco", constituía um conjunto identificador do "mundo Baiões/Santa Luzia"[7].

Quadro III **- Cronologia do impacto antrópico na Serra da Estrela, correlacionável com o Bronze Final regional, de acordo com os perfis polínicos obtidos nas turfeiras de altitude[8]**

Sítio	Data BP	Data cal AC a 2 sigma
Charco 1 [7/8]	2780 ± 55	1000-850
Lapa do Fetal [4/5]	2725 ± 55	921-800
Lapa Comprida	2680 ± 100	1025-555
Lapa Comprida	2680 ± 80	994-765
Candieira [E5/E4]	2525 ± 20	790-541
Lapa das Salgadeiras [6/7]	2460 ± 70	797-332
Charco dos Cães [5/6]	2430 ± 55	759-390

A olaria é sub-divisível em dois grandes grupos de formas (Senna-Martinez, 1989, 1993c; Silva, 1986; Lopes, 1993):

[1] aquelas que designaremos como "olaria fina", de "serviço" ou de "mesa" - de pastas finas, bem depuradas, com escassos elementos não-plásticos além das micas, acabamento maioritariamente brunido e por vezes sobre engobe - representando cerca de 40% das produções e onde predominam pequenas taças de tipologia variada, embora com uma ou outra forma de maiores dimensões;

[2] recipientes de acabamento menos cuidado, com predomínio de simples alisamentos, por vezes pela técnica do "escovado" ou "cepillo", pastas mais grosseiras e com abundantes elementos não-plásticos grosseiros (predominantemente em quartzo e atingindo por vezes dimensões superiores a 11 mm), os quais poderemos dividir entre "recipientes de armazenagem" de médias a grandes dimensões e não muito abundantes, conquanto presentes em todos os contextos domésticos que conhecemos, e "recipientes de cozinha", entre eles as formas que designámos como "panelas" por apresentarem marcas evidentes de terem ido ao fogo.

As análises palinológicas efectuadas a partir das turfeiras da Serra da Estrela revelaram, para um momento correlacionável com o Bronze Final regional (cf. Quadro III), um renovado impacto antrópico na paisagem, quer a nível das áreas altas quer das zonas baixas envolventes (Janssen & Woldringh, 1981; Janssen, 1985; Van den Brink & Janssen, 1985; Knaap & Janssen, 1991). Este parece traduzir um processo de intensificação da produção onde a um maior impacto da transumância se junta uma maior componente agrícola: hortícolas e cereais, nomeadamente, na plataforma do Mondego e até aos andares médios da serra, o cultivo de centeio. Contudo, os dados de S. Romão (Senna-Martinez, 1989) e Senhora da Guia (Silva, 1979) permitem afirmar que a recolecção de bolota continua a desempenhar um importante papel na subsistência, pelo menos nos sítios de montanha, além de poder ser um útil complemento dietético noutros.

Esta continuidade de utilização alimentar da bolota, atestada regionalmente desde meados do IV milénio a.C. (Senna-Martinez, 1994a), correlaciona-se bem com a tradição clássica que atribui aos Lusitanos a sua utilização para o fabrico de pão (Estrabão, De Geographia, III, 3, 7, in: Garcia y Bellido, 1978: 120).

Os dados hoje disponíveis para os restos de fauna provenientes da ocupação do Buraco da Moura de S. Romão durante o Bronze Pleno (Cardoso, Senna-Martinez & Valera, no prelo) os quais, à falta de evidência directa para o Bronze Final e tendo em atenção os dados palinológicos acima referidos, poderemos extrapolar a título indicativo para o período que aqui nos interessa, parecem indiciar:

A predominância no espectro faunístico das espécies domésticas, com a maior importância alimentar cabendo aos bovinos - o que sugere já então uma certa estabilidade do povoamento das comunidades que ocupavam a região - seguidos dos ovinos que constituem a espécie mais numerosa.

O consumo da carne das espécies domésticas efectuar-se-ia, frequentemente, logo que os animais atingiam o seu peso óptimo para o abate, apenas uma parte sendo reservada para a produção de lacticínios, o que sugere um certo desafogo em termos de proteínas disponíveis na alimentação.

A caça seria pouco relevante e atestada por uma presença vestigial de veado e, um pouco mais importante, do javali.

Parece-nos possível, assim, estabelecer de modo credível a estrutura produtiva que, ao nível da subsistência alimentar, terá servido de suporte ao desenvolvimento destas comunidades. Contudo e neste particular, a inexistência de elementos novos, em relação ao que, a crer nos dados da estratigrafia do Buraco da Moura de S. Romão, serão os antecedentes regionais no Bronze Pleno (Senna-Martinez, 1993b), implica alguma reflexão na procura das dinâmicas subjacentes ao surgimento regional das comunidades do Bronze Final.

O Bronze Final é o primeiro momento em que dispomos, nesta área, de evidência segura para a produção local de artefactos metálicos (Senna-Martinez, 1989: 645; Gil, et alii., 1989), evidência esta que provém de todos os sítios de habitat de maior dimensão escavados modernamente.

Por outro lado é já significativa a evidência disponível no sentido da continuidade de utilização de artefactos cortantes em pedra lascada ("foices" e lâminas) e polida (machados, enxós e goivas), nos sítios de habitat estudados. Inicialmente interpretados como elementos de ocupações anteriores (Kalb, 1978: 126), a sua clara contextualização nos "solos" e "pisos" de habitat de S. Romão, Beijós e S. Luzia não permite grandes dúvidas quanto à sua funcionalidade em ambientes do Bronze Final.

Poderemos, deste modo, interrogar-nos sobre o papel desempenhado pelos artefactos metálicos na estrutura sócio-económica destas comunidades?

Se a região é inegavelmente rica em minérios de estanho e ouro (cf. Garcia, 1963.; Senna-Martinez, Garcia & Rosa, 1984: 117, 118 e fig. 1) com laboração mineira antiga[9], já o mesmo não pode dizer-se do cobre, o outro elemento indispensável à produção de bronzes. A conclusão, quanto a nós inescapável, é que o desenvolvimento regionalmente generalizado da metalurgia do bronze passou necessariamente pelo estabelecimento de uma rede de trocas inter-regionais. Rede esta já indiciada, aliás, pela origem exterior à região de vários dos modelos metálicos produzidos e/ou utilizados, na sequência do verificado em momentos crono-culturalmente antecedentes (Senna-Martinez, 1993b. e 1994a).

De facto, o grosso dos elementos metálicos conhecidos obedece a modelos que se enquadram sem dificuldade na tradição metalúrgica do Bronze Final Atlântico. Porém, as cronologias e fazeamentos correntemente propostos para determinados elementos, nomeadamente por Coffyn (1985: 189-240), exigem alguma revisão, face à evidência cronométrica produzida no último decénio para os conjuntos entretanto surgidos na Beira-Alta (veja-se o Quadro-I), mesmo tendo em conta algumas revisões recentemente produzidas (Coffyn & Sion, 1993).

Assim, os machados de talão unifaciais e de uma só argola, ditos do Tipo 36A por Monteagudo, podendo embora ter a sua maior difusão no Bronze Final II (950-750 a.C.?), parecem poder ter a sua origem em fase anterior, uma vez que o exemplar do Cabeço do Castro de S.Romão (Senna-Martinez, 1989: 618-619) aparece contextualmente integrado na primeira etapa de ocupação daquele habitat, com datas de radiocarbono que a situam (em calibragem a 2 sigma, portanto para uma probabilidade de 95%) entre os séculos XIV e X a.C.

Na mesma etapa de ocupação surgiram ainda: a parte distal de uma metade de um molde de fundição em argila para pontas de lança de alvado com este de secção lozângica (Senna-Martinez, 1989: 619-620); um cravo de escudo (Id., 611-612) e uma fíbula de enrolamento no arco (Id., 620-621). Para esta última peça, o exemplar proveniente dos níveis mais antigos do Castro de Santa Luzia (balizados por datas radiocarbónicas estatisticamente equivalentes às de CSR - cf. Silva, Correia & Vaz, 1985: 145; Ponte & Vaz, 1989.; Vaz, no prelo) fornece uma confirmação independente para a cronologia obtida para S. Romão, substanciando observações por nós já anteriormente produzidas (Id., Ibid.) e a maior antiguidade destes artefactos em relação às "fíbulas de dupla mola helicoidal"[10].

As observações cronológicas e tipológicas produzidas por Spindler (Spindler, et alii., 1973-4) a propósito do primeiro exemplar descoberto em Portugal, o do monumento funerário estremenho da Roça do Casal do Meio, na Arrábida, ganham, assim, maior credibilidade face a esta nova evidência.

Além dos exemplares portugueses[11], à excepção do de Sesimbra[12] centrados na Beira Alta, a distribuição deste tipo de fíbulas inclui na Península a de Getafe[13], virtualmente idêntica a aqueles (Blasco Bosqued, 1987), além das frequentemente citadas do povoado salmantino de Cancho Enamorado (Berrueco, Salamanca, cf. Maluquer de Motes, 1958: 89) e do exemplar de La Mercadera (Soria, cf. Schüle, 1969: Taf. 47-1). Estas últimas, contudo, fazem provavelmente parte de peças idênticas à outra fíbula da colecção Morán proveniente do Berrueco (Id., Lám. XX) sendo, em consequência, embora situáveis na mesma tradição das restantes, muito mais elaboradas e tardias que os exemplares portugueses[14].

A extrema simplicidade formal das peças portuguesas encontra melhor paralelo nos exemplares franceses de Amiens e Vieille-Toulouse, produzidos também a partir de um único arame de secção cilíndrico-ovalada (Coffyn, 1985: fig. 56), enquanto o outro exemplar francês, o de Venat, parece algo mais elaborado (Coffyn, Gomez & Mohen, 1981: 128-129).

O mais importante conjunto de bronzes até à data encontrado em ambiente cultural Baiões/Santa Luzia é, sem dúvida, o proveniente do depósito de fundidor do sítio da S.ª da Guia de Baiões (Silva, Silva & Lopes, 1984). Independentemente de preferirmos considerá-lo em termos de influências predominantemente atlânticas (Coffyn & Sion, 1993) - mundo em que indubitavelmente se situam os machados de talão uni e bifaciais e o molde dos primeiros, as foices de alvado, as pontas e o cotto de lança, os tranchets e o espeto articulado - ou, pelo contrário, enfatizarmos as suas relações mediterrânicas (Silva, 1990) - a partir das possíveis origens das fíbulas e dos objectos ditos "culturais" como as furculas, as tacinhas e os carros[15] - importa aqui tê-lo em conta como indicador da complexidade socio-cultural atingida pelas populações do Bronze Final do Centro de Portugal.

Com uma economia de subsistência reflectindo, como vimos, essencialmente os elementos oriundos da etapa precedente, o elemento económico novo, trazido a primeiro plano pelo desenvolvimento do Bronze Final da Beira Alta, consiste na valorização dos recursos mineiros regionais em ouro e estanho.

O carácter de excepção dos materiais metálicos e a sua aparente não repercussão directa na produção de subsistências, a par da manutenção de utilização de diversos modelos artefactuais em pedra polida e talhada, conduz-nos a considerar aqueles como "sinais exteriores de riqueza", indicadores sobretudo do status do seu possuidor/utilizador.

A origem "atlântica" dos modelos produzidos e/ou absorvidos torna o florescimento do mundo Baiões/Santa Luzia indissociável do estabelecimento da rede atlântica de comércio de metais e, eventualmente, outros produtos. Como consequência, tal fazia do controle da produção e circulação dos metais e artefactos deles derivados o elemento chave para o surgimento de elites locais, para quem a pública exibição de "símbolos associados com elites estrangeiras já estabelecidas" (Brumfiel & Earle, 1987: 3) o atribuíria para afirmar a respectiva posição.

Os objectos "culturais" do depósito de fundidor de Baiões constituíram, assim, o exemplo acabado do significado da importação destes modelos a um tempo artefactuais e de comportamento.

A análise da rede principal de povoamento detectada parece indicar, como vimos, uma preocupação com o controle do espaço e das vias de circulação regionais e inter-regionais em tudo consentânea com esta interpretação. A que poderemos associar outros indicadores, como a extrema variabilidade e cuidado no acabamento, quase que diríamos uma personalização, das pequenas taças de olaria fina e brunida destinadas ao consumo de bebidas[16] (de que as taças metálicas da Senhora da Guia constituem exemplo extremo), que nos mostra a importância social de uma actividade que teria o seu culminar no banquete ritual ou symposium que apenas alguns estariam em condições de oferecer ou participar.

Contudo, se por um lado o controle da produção e circulação de metais fundamentaria um certo crescimento económico, possibilitando o surgimento de elites, por outro, a inexistência de capacidades produtivas de base capazes de sustentarem um processo de acumulação e crescimento a longo prazo colocaria um limiar relativamente baixo à capacidade de concentração de riqueza.

Existiria, assim, um impedimento real para que qualquer dos sítios principais estudados se sobrepusesse aos restantes em importância. O que, de facto, não parece ter sucedido uma vez que, quer do ponto de vista da sua implantação e estruturas defensivas, quer dos restantes dados estruturais e componentes artefactuais neles recolhidos, estes se apresentam como basicamente equivalentes.

Estes sítios de habitat constituíram, deste modo e antes de tudo, nodos na rede regional de circulação de bens e pessoas (quer a nível da produção metalúrgica, quer da transumância de ovinos, etc.), cuja cooperação se tornaria fundamental para a total realização dos processos envolvidos.

Deste modo, mais do que reflectir um estado de "guerra total" entre comunidades, o carácter defensivo e de controle da passagem de que se reveste a sua implantação geográfica e estruturas associadas, bem como o papel das armas de bronze, traduziriam antes a necessidade de manutenção de um status quo, como que uma "paz armada" garante da plena realização dos processos de produção, circulação e consumo dos bens essenciais à vida das comunidades que neles se albergavam e à reprodução das elites que os controlavam.

Iniciado o processo no âmbito da formação e expansão da rede de contactos do Bronze Final atlântico[17], a gradual interferência desta com a rede mediterrânica, intensificada a partir da expansão fenícia para ocidente, reforça-lo-á. Disso dará testemunho, se aceitarmos a cronologia do séc. VIII a.C. que lhe é proposta (Coffyn & Sion, 1993), o depósito de Baiões.

A implantação fenícia nas "rias" do Tejo e, sobretudo, do Mondego, entende-se, deste modo, como a criação de um interface para o escoamento da produção metalúrgica das áreas interiores, através dos excelentes portos que estas duas embocaduras fluviais proporcionam.

Transformada em encruzilhada de rotas de circulação de bens e produtos com o interior beirão e a parte hoje espanhola da bacia do Tejo, a Estremadura Atlântica conhecerá então enorme florescimento, de que a qualidade e quantidade dos achados metálicos dão eloquente testemunho (Kalb, 1980a, e 1980b; Coffyn, 1985), só assim explicável uma vez que, para além dos aluviões auríferos do Tejo, não possui quaisquer outros recursos metálicos significativos.

Mas não só com a plataforma litoral existem evidências de contactos por parte do Grupo Baiões/Santa Luzia. A penetração de elementos metálicos atlânticos na Meseta Norte espanhola (Fernández Manzano, 1986; Hernando Grande, 1992) tem como contrapartida a presença a ocidente de olaria típica do "mundo Cogotas I", com fragmentos em S.Romão (Senra-Martinez, 1993c: 116-117) e Baiões[18].

Por outro lado, as ligações com a Andaluzia e baixo Tejo, indiciadas pela presença de olaria com ornatos brunidos em S. Romão (Ibid., 116) e de fragmentos com decoração incisa pós-cozedura no povoado do Carambolo, Sevilha (Mata Carriazo, 1973: figs.393, 394, 417 e 418), parecem substanciar-se face à distribuição das estelas decoradas extremenhas (Almagro, 1966) e, noticiadamente, dos dois novos exemplares descobertos na Beira Interior (Carado, 1984 e 1986) que parecem dar razão à hipótese de Castro Nunes de um corredor comercial ligando as áreas produtoras de estanho e prata do Centro e Noroeste de Portugal e Galiza com esta região do Sul, fulcro do desenvolvimento do mundo tartéssico (Nunes, 1960; Nunes & Rodrigues, 1957).

A dependência das elites que controlariam os "lugares centrais" do "mundo Baiões/ /Santa Luzia" em relação ao controlo da produção e circulação de materiais metálicos e o tipo de organização política, baseada num sistema de "Wealth Finance" (Brumfiel & Earle, 1987: 6), que propomos para estas comunidades, tornam-nas vulneráveis a alterações nos sistemas de troca em que se integram e que permitem a sua manutenção.

É assim que o colapso generalizado destes sítios de habitat da Beira Alta, que pensamos poder colocar a partir da segunda metade do século VI a. C., poderá eventualmente relacionar-se, por um lado com a queda de Tiro em 572 a. C. e a subsequente redefinição de equilíbrios no Ocidente Mediterrânico (Aubet, 1987), por outro com as movimentações de populações que por essa altura marcam o início da segunda Idade do Ferro na Meseta Norte (Benet, Jiménez & Rodríguez, 1991; Martín Valls, Benet & Macarro Alcalde, 1991; Romero Carnicero, 1991; Sacristán de Lama, 1986). De notar que esta é a cronologia hoje de algum modo consensual para o fim da presença fenício-oriental em Santa Olaia (Pereira, 1993: 299-300) e Conimbriga (Correia, 1993: 282-283), bem como para a crise generalizada que parece atingir as feitorias fenícias do sul peninsular, pelo que não cremos que seja mera coincidência a relação apontada.

Por outro lado as cerâmicas estampilhadas que surgiram no Castro da Senhora da Guia de Baiões apenas nos níveis superficiais da escavação de Monsenhor Celso Tavares da Silva[19], poderão estar associadas à destruição do sítio e ser expressão local das movimentações populacionais atrás referidas (Silva, 1986: 124).

Confrontadas com o colapso das redes de comércio que sustentavam o sistema, substituído gradualmente o bronze pelo ferro na produção de armas e outros objectos de prestígio, desmoronava-se o sistema de *wealth finance* que, quanto a nós, suportara o desenvolvimento destes sítios de habitat do Bronze Final. Até ao momento e com a excepção do referido conjunto de cerâmicas estampilhadas de Baiões, não conhecemos reocupação de nenhum dos sítios estudados em momento anterior à romanização da região.

Contudo, a falta de investigação adequada dos castros atribuíveis regionalmente à Idade do Ferro (Alarcão, 1995) impede-nos de perspectivar a sua origem e desenvolvimento, questão que, aliás, ultrapassa o âmbito destas reflexões.

[1] Nomeadamente e desde 1985, no âmbito do Programa de Estudo Arqueológico da Bacia do Médio e Alto Mondego (PEABMAM), dirigido pelo autor (cf. Senna-Martinez, 1993a).

[2] Agradecemos ao Doutor Inês Vaz a autorização para utilizar estes dados, por si apresentados em Viseu em 1990 e ainda não publicados.

[3] Casos de uma cabana do Sector A de S. Romão (Senna-Martinez, 1989), das cabanas de Santa Luzia (Silva, Correia & Vaz, 1984 e 1985) e da "cabana" do Outeiro dos Castelos.

[4] Como no caso doutra "cabana" do Sector A de S. Romão.

[5] Evidência que é clara nos poucos casos escavados em termos modernos, ou seja, segundo os dados do Cabeço do Castro de S. Romão (cf. Senna-Martinez, 1989), S. Luzia de Viseu (Silva, Correia & Vaz, 1984 e 1985), S^a. da Guia de Baiões (Silva, 1979) e Outeiro dos Castelos de Beijós (Senna-Martinez, 1994c).

[6] Para os quais é igualmente possível uma leitura funcional contraguió.

[7] No que parece ser de fazer justiça às propostas iniciais de Castro Nunes (Nunes, 1957), a quem se deve a primeira demonstração da coexistência contextual dos três primeiros tipos citados, feita a partir do achado do depósito da Moura da Serra, Arganil.

[8] cf. Kruuq & Janssen, 1991.

[9] Por exemplo, o punhal de tipo "Porto de Mós" proveniente de S. Martinho (Organs, Vouga) foi encontrado ao reactivar uma antiga exploração de cassiterite (Correia, Silva & Vaz, 1979).

[10] Estas últimas parecem ser posteriores e, com a excepção de um exemplar em ambiente contextual algo tardio do Outeiro dos Castelos de Beijós, estão ausentes dos restantes sítios atribuíveis ao Grupo Baiões/Santa Luzia.

[11] Além dos exemplares de S. Romão (Gil, et. ali., 1989; Senna-Martinez, 1989) e Santa Luzia (Silva, Correia & Vaz, 1985: 145; Ponte & Vaz, 1989) conhecem-se outros dois provenientes da Senhora da Guia de Baiões (Kalb, 1978: Abb. 8 e 10).

[12] Não podemos deixar de estranhar que em textos recentes se continue a insistir, a propósito deste exemplar, na designação de "fíbula de cotovelo" para uma peça que nada tem a ver com este tipo, bem como a paralelizá-la por um lado com as fíbulas do depósito da Ria de Huelva (Calado, 1993: 355) ou, por outro, com o exemplar do Bernesco e os do ocidente de França (Arruda, 1994: 53 e nota a p. 195), "esquecendo" os únicos exemplares portugueses datados e contextualizados que se encontram publicados.

[13] Pelas mesmas razões apontadas para os exemplares portugueses, não podemos concordar com a designação de "fíbula de codo -ad occhio-" atribuída a este exemplar pela sua desobediera (Blasco Bosqued, 1987).

[14] Inserindo-se num outro conjunto de fíbulas já atribuíveis à Idade do Ferro da Meseta, como as de Valdenovillos e Aguilar de Anguita (Guadalajara - cf. Argente Oliver, 1986-97: 143-145).

[15] Pessoalmente inclinamo-nos a concordar com Coffyn no sentido de pensar estes materiais como o resultado da corrente de retorno do "comércio atlântico" de metais com o Mediterrâneo Ocidental, nomeadamente com a Sardenha, Sicília e Itália (Coffyn & Sion, 1993: 291), sendo, assim, indicadores da absorção local de práticas simbólicas de origem mediterrânica, em que o banquete ritual ou symposium desempenhava um importante papel na pública ostentação daqueles que o promoviam e dele participavam.

[16] Veja-se o grande número de sub-tipos das mesas Formas 51 a 53 (cf. Senna-Martinez, 1995c: 96 e 99) e a sua variabilidade interna.

[17] No que a Beira Alta do Bronze Final mais não fez do que continuar a tradição de relações privilegiadas com a Estremadura Atlântica que vem de etapas históricas anteriores (Senna-Martinez, 1993d, 1994a e 1994b).

[18] Informação pessoal do Prof. Doutor Armando Coelho Ferreira da Silva que agradecemos.

[19] Informação pessoal do Dr. António Baptista Lopes que agradecemos.

O Povoado de S. Julião (Branca, Albergaria-a-Velha, Aveiro)

Antonio Manuel S. P. Silva
Fernando A. Pereira da Silva

O povoado de S. Julião situa-se num cerro aplanado, de contorno aproximadamente oval, com cota máxima na ordem dos 330 metros. A sua implantação altaneira e a circunstância de se achar na primeira condilheira de relevos significativos que marcam a transição entre as planícies litorais do Baixo-Vouga e os contraforts da Serra do Arestal permitem que do povoado se domine visualmente uma área vastíssima, especialmente para Oeste, até ao Atlântico, de que se distancia cerca de 20 km.

Vários autores apontaram a existência, neste local, de um castro, com indícios de muralhas e noticiando achados de superfície correspondentes a um povoado pré-histórico fortificado (Almeida 1956: 80-2); outros, mais cépticos, negando a veracidade de tais informes (Gonçalves 1981: 50); outros ainda, em tom mais prudente, confirmando a presença de estruturas defensivas, mas confessando não serem visíveis restos de habitações nem outros vestígios superficiais (Soares 1942: 51).

A confirmação desta estação arqueológica, se bem que com carácter algo diverso daquele que Ibe era apontado, coincidiu com a destruição recente de uma parte muito significativa do povoado por acção de trabalhos de florestação com eucaliptos, o que levou à realização em 1993 e 1994 de duas curtas campanhas de sondagens e reconhecimento da área arqueológica (Silva, A.M. & Silva, F.A.P. 1992, 1993, em preparação).

O povoado, que ocupa uma extensão de cerca de um hectare, é defendido por uma muralha pétrea com alicerce, de blocos de xisto e granito, de pequena e média dimensão foi já detectado em duas sondagens no rebordo Oeste do plateau.

Os dados das sondagens efectuadas apontam para a existência de áreas domésticas constituídas por cabanas de materiais perecíveis com a base delineada por blocos de pedra ou talhada no afloramento original. Foram encontrados fragmentos de barro com impressões vegetais, destinados por certo a colaterar e a dar consistência às paredes das habitações, bem como um buraco de poste e um espaço habitacional definido por pedras dispostas grosseiramente em arco de círculo, sector em que igualmente se localizou o fragmento de uma mó manual.

O espólio recolhido caracteriza-se pela grande abundância e uniformidade dos materiais cerâmicos, estando praticamente ausentes os artefactos líticos e sendo inexistentes, até ao momento, quaisquer restos metálicos. A observação da cerâmica de S. Julião permite, numa primeira análise, apreender um espólio bastante homogéneo de obras comuns, manuais, de pastas mal cozidas e superfícies com alisamento grosseiro, na sua quase totalidade sem qualquer decoração, à excepção de uma peça em que linhas esparsadas dão à superfície um aspecto ondulado, ou ainda de algumas bordas destacadas ou com golpeamentos. Um grupo bastante minoritário é composto por fragmentos cerâmicos de pastas mais cuidadas e superfícies polidas, surgindo peças afins aos tipos conhecidos na linguagem arqueológica como Bases/Sta. Luzia.

A apreciação global do espólio e das condições do sítio possibilitam enquadrar esta estação no vasto quadro de povoados do Bronze Final que por todo o Noroeste peninsular marcou, na transição do II para o I milénio a.C., a emergência de novas estratégias de ocupação de espaço, de selecção da área do habitar e certamente de novos modelos sócio-económicos, como estes recentes têm salientado (Silva, A.C.F. 1986; Martins 1990).

A existência de um único nível estratigráfico de ocupação, de pouca espessura, e a homogeneidade do espólio cerâmico, associados à ausência de um corte arcaísmo das matrizes arqueológicas permitem propor para S. Julião uma cronologia relativamente curta e antiga nos povoados deste contexto, talvez em torno de 1100/900 a.C., o que apenas a prosseguimento dos trabalhos arqueológicos ou a eventual possibilidade de datações absolutas poderão obter mais convenientemente.

A Idade do Bronze na Estremadura

M. Kunst

A antiga província da Estremadura ocupa, segundo Lautensach, a área dos distritos actuais de Leiria, Santarém, Lisboa e Setúbal[1]. É bastante difícil escrever uma história da Idade do Bronze desta região, porque os dados que se conhecem são relativamente escassos. O trabalho mais recente sobre este tema é a tese da arqueóloga americana Katina Lillios, que menciona só 20 estações com origem na Idade do Bronze, das quais nove são povoados, seis são necrópoles e cinco são achados isolados. Além disso conhecem-se mais 44 estações do Calcolítico que também oferecem achados da Idade do Bronze (20 povoados e 24 necrópoles). Contudo, 89 estações detectadas são exclusivamente calcolíticas (45 povoados e 42 necrópoles e 2 outras), não tendo revelado qualquer ocupação da Idade do Bronze.

Das seis necrópoles referidas, com início na Idade do Bronze, duas podem ser classificadas como pertencentes à "Cultura do Bronze do Sudoeste", (as necrópoles de cistas de Provença e do Pessegueiro no Sul do distrito de Setúbal), uma é um enterramento de dois indivíduos numa estrutura com cúpula (Roça do Casal do Meio) e outra é a Gruta da Marmota. As duas que faltam, Gruta da Avecasta, e Lapa dos Furos, do meu ponto da vista, não podem ser identificadas, com toda a segurança, como sendo necrópoles, porque os investigadores dessas grutas publicaram notícias contraditórias. Sobre a gruta da Avecasta, José Mateus e Paula Queirós escreveram: "Aparentemente, o que observámos na gruta da Avecasta é uma presença humana intensa durante a Idade do Bronze com localização da actividade artesanal de metalurgia (é possível que parte do povoado se encontre algures no interior da cavidade)"[2]. No caso da Lapa dos Furos pode-se ler uma notícia da autoria de Susana Correia: "O espólio recolhido, quer no nível de remeximento, quer em recolhas de superfície no resto da cavidade, não é ainda significativo - podemos, porém, desde já apontar uma balização cronológica compreendida entre o Calcolítico (III° milénio a.C.) e a época Medieval..."[3]; e mais tarde escreveu João Zilhão: "A Lapa dos Furos contém vestígios de tumulações calcolíticas ou da Idade do Bronze..."[4]. Além disso K. Lillios indica que uma datação radiocarbónica dum esqueleto exumado nesta gruta pertence à época visigótica.

Resumindo, pode dizer-se que, pelo menos até agora, no centro da Estremadura (fundamentalmente no distrito de Lisboa), não se conhecem necrópoles da Idade do Bronze, como a mencionada Gruta da Marmota - já no distrito de Santarém, que também pode ser excluído da Estremadura, porque se integra no Ribatejo - e as referidas necrópoles da "Cultura do Bronze do Sudoeste" (Provença e Pessegueiro, no Sul do distrito de Setúbal), que podemos já considerar como pertencentes ao Alentejo. De facto, a única excepção é o monumento da Roça do Casal do Meio, também no distrito de Setúbal, na Serra da Arrábida (Península de Setúbal); mas esta necrópole insere-se já no final da Idade do Bronze. Konrad Spindler e Octávio da Veiga Ferreira comparam uma fíbula, parte do traje do indivíduo da sepultura 2, com tipos de fíbulas da Sicília, que aqui se inserem numa época entre 1100 e 900 a.C.. Contudo no caso da Roça do Casal do Meio, os mencionados autores admitem uma datação em torno do século X ou IX a.C.

A distribuição dos nove povoados, acima mencionados, é muito parecida. Os povoados Agroal (Vila Nova de Ourém), Enxofreira (Vila Nova de Ourém), Porto Velho (Vila Nova de Ourém) e Castelo Velho do Carrão (Mação) encontram-se na parte Norte-oriental dos distritos de Leiria e Santarém que, sendo zonas montanhosas, podem ser consideradas como fazendo já parte da Beira Litoral e da Beira Baixa. Do outro lado, Castelejos (Alcácer do Sal), Cerradinha (Santiago de Cacém), Pessegueiro (Sines) e Quitéria (Sines) no Sul do distrito de Setúbal, pertencem ao Baixo Alentejo. Assim, só nos resta a Tapada da Ajuda (Lisboa) e o Monte da Pena (Torres Vedras) como possíveis povoados da Idade do Bronze da Estremadura.

Na Tapada da Ajuda foram recolhidos muitos elementos de foices, indicando a existência dum povoado agrícola, enquanto que relativamente ao Monte da Pena ainda não é seguro, se se trata dum povoado ou duma necrópole, porque neste caso lidamos com vários achados mais ou menos superficiais e provenientes duma pequena sondagem arqueológica que não revelou estruturas habitacionais, situada nas proximidades duma "tholos" calcolítica. Além dos povoados e das necrópoles foram reconhecidos também cinco achados isolados, todos da fase mais recente da Idade do Bronze: Almoster (Santarém), Porto do Concelho (Mação), Alvaiázere (Alvaiázere), Fiéis de Deus (Bombarral) e Porto de Mós. Também destes só dois se integram na Estremadura no sentido estrito: Fiéis de Deus e Porto de Mós.

Das 44 estações mencionadas, que começam no Calcolítico, mas também oferecem uma

ocupação da Idade do Bronze, só 50 se encontram na Estremadura em sentido estrito. Trata-se de 16 povoados e 14 necrópoles. Povoados: Pragança (Cadaval); São Martede de Óbidos (Óbidos); Columbeira (Bombarral); Cabeço do Jardo, Penedo, Zambujal (Torres Vedras); Otu, Pedra do Ouro (Alenquer); Cabeço dos Moinhos, Penedo de Lexim (Mafra); Funchal (Sintra); Carnaxide, Leceia, Moinho da Atalaia (Oeiras); Montes Claros (Lisboa); Chibanes (Palmela); necrópoles: Carvalhal (Alcobaça)/Casa da Moura (Peniche), Pai Mogo (Lourinhã), Lapa do Suão (Bombarral), Barro-Monte da Pena, Cova da Moura, Ermegeira, Grutas de Porncheira (Torres Vedras), Foja dos Morcegos, Monge, São Martinho de Sintra (Sintra), Poço Velho (Cascais), Ponte da Laje (Oeiras), Lapa do Fumo (Sesimbra). Nas regiões adjacentes ao Ribatejo, nos concelhos de Azambuja e Rio Maior, pode-se acrescentar os dois povoados de Vila Nova de São Pedro e Monte de São Martinho e as duas necrópoles de Boicas Sul B e Buraca dos Mouros.

Face a este desequilíbrio entre o povoamento relativamente denso do Calcolítico e o escasso povoamento da Idade do Bronze na região em questão, surge em primeiro lugar, a seguinte pergunta: o que é que diferencia o Calcolítico da Idade do Bronze?

O Calcolítico (grego: *calkos* = cobre e *lítos* = pedra) é tradicionalmente definido pelo uso do metal "cobre", e a Idade do Bronze pelo uso duma liga deste metal com estanho. Contudo, em ambas as épocas, os achados de metal são ainda raros. A maioria das ferramentas usadas é ainda de pedra. Todavia, é de acentuar que a metalurgia começou no Calcolítico e, assim, em sociedades relacionadas com essa nova tecnologia terá surgido uma divisão de trabalho, que ao longo do tempo, se tornou cada vez mais intensa. Como também fica demonstrado pela presença de fortificações do tipo 'Vila Nova de São Pedro' pode-se imaginar, nesta fase, a emergência duma sociedade com grandes diferenças sociais.

Nos finais do terceiro milénio antes de Cristo pode-se supor um aumento do povoamento, indicado pela extensão de estações com achados do Calcolítico recente, e, especialmente, pela presença dum tipo de cerâmica chamada «campaniforme». Na Estremadura a evolução de povoados calcolíticos tem sido recentemente reavaliada por investigações realizadas nos povoados do Zambujal (Torres Vedras) e de Leceia (Oeiras). Por exemplo, no chamado 'Castro do Zambujal' foi verificado um incremento do amuralhamento durante toda a época calcolítica, parecendo que, na última fase da ocupação deste lugar, a fortificação terá diminuído de dimensão. Esta última ocupação já é da Idade do Bronze, definida, nos achados metalúrgicos, pela liga do cobre com estanho.

E. Sangmeister demonstrou, pelas análises dos achados metálicos, que a percentagem do estanho nos objectos de cobre do Zambujal aumentou na época campaniforme, tendo atingido o seu máximo na última fase da ocupação deste lugar. Por isso, esta última fase pode ser integrada na chamada «Idade do Bronze». Em comparação com outros povoados sobressaem, durante a última ocupação do Zambujal, semelhanças entre as das formas cerâmicas da última fase e formas cerâmicas do Agroal (Vila Nova de Ourém), que é o povoado da Idade do Bronze melhor estudado nos 'arredores' da Estremadura.

Duas datas radiocarbónicas de Agroal (GX-15390-G 3560 ± 145 BP e GX-15390-A 3570 ± 205 BP) indicam que este povoado foi ocupado algures durante a metade do segundo milénio antes de Cristo. Mas também surgem algumas formas cerâmicas do Zambujal que podem ser mais recentes, e, além disso, na última campanha de escavações, em Outubro de 1994, encontrou-se nas sondagens em baixo da rocha, sobre a qual se encontra a fortificação, uma fíbula de bronze, que pertence supostamente ao Bronze final.

Nesta ordem de ideias, como se pode explicar o pequeno número de estações identificadas da Idade do Bronze na Estremadura em comparação com o grande número de estações calcolíticas? Ainda que esta questão se mantenha em aberto, de momento podem-se imaginar os seguintes cenários alternativos:

- tendo em conta o aumento de achados metálicos, que indicam ligas de cobre com estanho, já na época campaniforme, e o grande número de estações desta mesma época, pode-se colocar a hipótese de que na Estremadura tenha subsistido uma cultura com cerâmica campaniforme, enquanto que no Sul de Portugal se tenha desenvolvido a chamada "cultura do Bronze do Sudoeste".

- uma outra possibilidade será pensar numa "involução", ou seja, numa diminuição demográfica e num despovoamento de algumas zonas da Estremadura durante a mesma época, causados, por exemplo, pela competição no "mercado" de bens e matérias-primas metálicas com as culturas do Sul ou de outras regiões peninsulares.

- também podemos imaginar que, nesta época, não tenham ainda sido encontrados outros locais ocupados. Por exemplo pode-se colocar a hipótese que as fortificações tenham perdido importância e que a maioria dos povoados se tenha instalado junto aos rios, encontrando-se hoje em dia debaixo de várias camadas de sedimentos.

Do meu ponto de vista, ainda não é possível decidir qual destas três hipóteses é a mais razoável, mas é evidente, que se nota uma continuidade desde o Calcolítico até à Idade do Bronze em vários sítios, tanto em povoados como em necrópoles. Só nos finais da Idade do Bronze e nos princípios da Idade do Ferro aumentam os achados, e, especialmente na Idade do Ferro, ocorrem muitas estações em sítios onde não havia uma ocupação calcolítica anterior. Isto implica uma grande transformação económico-social.

Pode-se explicar talvez a redução dos povoados fortificados do Calcolítico durante a Idade do Bronze e a mudança do povoamento no final desta época através dum modelo, que foi proposto pelo autor deste artigo a partir das suas investigações geoarqueológicas no vale do rio Sizandro: durante o Calcolítico terá aumentado o povoamento em torno das fortificações, tendo sido crescente a influência do homem na natureza. Lembremo-nos que a prática de metalurgia requeria a manipulação de muita madeira. As sucessivas desarborizações determinaram grandes erosões de solos que colmatavam os rios, os quais, recordemo-nos, eram os mais antigos e importantes caminhos de transporte, destas épocas. Assim, durante a Idade do Bronze estes caminhos terão desaparecido o que provocou uma crise económica-social ou/e, pelo menos, uma nova orientação económica que, no final, desembocou numa mudança cultural.

[1] Leuthercach (1964) 488
[2] Mateus - Guerra (1984) 93
[3] Correia (1985) 123.
[4] Zêzere (1994) 79-80

Os Povoados do Bronze Final a Norte do Estuário do Tejo

João Luís Cardoso

A etapa cultural correspondente ao Bronze Final abarca, na Estremadura portuguesa, o último quartel do segundo milénio a.C. e o primeiro do milénio seguinte. Na baixa península de Lisboa, mercê de condições propícias à fixação humana, são abundantes os testemunhos, denunciando denso povoamento, conquanto disperso, que então caracterizou a região. Tal situação demográfica tem antecedentes no final do Calcolítico época em que, na região, se multiplicam pequenos povoados abertos. Porém, desconhecemos se no Bronze inicial e pleno tal modelo de povoamento se manteve, certamente que os sítios de altura continuaram a ser procurados por populações fortemente influenciadas por elementos do Bronze II do Sudoeste, como se evidencia pelos materiais recolhidos em Catujal - Loures, pronunciado promontório calcário dominando o estuário do Tejo (Cardoso & Carreira, 1995). A datação ali obtida, indica o primeiro quartel do segundo milénio a.C. (ICEN 843: 3570 (+, -) 45 BP, data que, para um nível de confiança de dois sigma, corresponde ao intervalo de 2028-1752 Cal. a.C.). Aliás, a existência de influências culturais, ao nível da cerâmica, do Bronze II do Sudoeste, eram já conhecidas (Schubart, 1971; Jorge, 1993, p. 233), sendo, porém, surpreendente datação tão recuada, não obstante confirmada por outras recentemente obtidas para a necrópole do Fonar - Ervidel, Beja, as quais "resultan incomprensibles dentro de la explicación tradicional del "Bronce del Sudoeste" (Barceló, 1991, p. 21, 22), no qual aquele arqueossítio se inscreve.

Clima ameno, excelente insolação, solos férteis, particularmente os correspondentes ao Complexo Basáltico de Lisboa, cujos afloramentos ocupam boa parte da área em causa, e abundância de água explicam o sucesso da fixação sedentária verificada no Bronze Final. Não menos importante que as referidas, é de salientar a excelente posição geográfica deste território, entre o Sul e o Norte, dominando a primordial via de penetração para o interior que é o curso do Tejo, favorável ao acesso, exploração e escoamento das suas riquezas mineiras ali existentes (estanho e ouro, especialmente); deste ponto de vista, não se poderia pretender melhor situação estratégica, aliás já devidamente valorizada (Kalb, 1980). Razões favoráveis de ordem local e regional foram, pois, determinantes na aludida densidade populacional aqui verificada, justificando comunidades cujo poder económico possibilitaria a compra de artefactos de bronze, oriundos de comércio trans-regional, ou do próprio território, com o qual fabricariam artefactos do quotidiano, como expressamente nos prova o molde de foices do Castel de Rocanes - Cacém, Sintra (Fontes, 1916). Não espanta, pois, entrevermos nos numerosos "casas agrícolas", na adequada designação de Marques & Andrade (1974), amplamente ainda em encostas suaves, uma laboriosa população agrária, voltada para o cultivo intensivo e extensivo da terra. Prova disso são os elementos de foice denticulados de sílex, por vezes recolhidos às centenas, como na Tapada da Ajuda, o único arqueossítio satisfatoriamente conhecido desta região (ver artigo crítico do autor neste volume) os quais, pela sua eficiência e baixo custo, substituíram sem grande perda de funcionalidade as foices metálicas. Os escassos elementos disponíveis configuram a existência de três principais grupos de recipientes: os destinados ao armazenamento de produtos (cereais, leguminosas, água, carnes de conserva, sal, etc.), grandes vasos de fundo plano, bojudos, com pegas salientes de cerâmicas de colorações predominantemente castanhas, tanto nas superfícies como nos núcleos, possuindo pastas em geral grosseiras, alisadas superficialmente; os recipientes de índole culinária, representados por um conjunto pouco diversificado de formas, incluindo taças e vasos de paredes verticais, de dimensões médias; e, ainda, os recipientes de beber, sobretudo representados por taças carenadas de fino acabamento. As observações mineralógicas efectuadas em materiais cerâmicos dos pequenos povoados ou casas agrícolas do Bronze Final da região a Norte de Lisboa, permitiram identificar, além de grãos de quartzo e de feldspato, minerais ferromagnesianos, entre os quais cristais de augite. A presença de tal mineral é indicadora de fabricos locais, visto ser mineral essencial das rochas basálticas do Complexo Basáltico (ou Vulcânico) de Lisboa, as quais, por alteração meteórica, dão origem a depósitos argilosos fornecedores da matéria-prima utilizada. Tal era já a situação observada anteriormente nalguns cerâmicas campaniformes da mesma região. A única estrutura habitacional escavada é uma casa de planta oval, tem equivalentes no Norte e no Sul do País, respectivamente na citânia de S. Julião - Caldelas e em Neves II - Castro Verde (Cardoso, 1994a). Além dos cereais, as bases económicas e de subsistência consistiam no pastoreio - por ordem de importância alimentar bovinos, ovinos e caprinos, e suínos, sendo a caça excepcional (veado e coelho), a recolecção de moluscos e a pesca, no estuário adjacente, complementavam as bases alimentares.

A cronologia absoluta desta jazida encontra-se bem definida pelas cinco datações radiocarbónicas efectuadas no INETI - ICEN, a que correspondem as seguintes datas calibradas médias: 1264, 1235, 1365, 1269 e 1222 cal. a.C. Estamos, por conseguinte, em momento precoce do Bronze Final; assim se compreende que, deste conceito, estejam ausentes as cerâmicas de ornatos brunidos, as quais surjem, em especial, em povoados de altura, como o Castelo dos Mouros - Sintra (Cardoso, em publicação) e o Cabeço dos Moinhos - Mafra (Vicente & Andrade, 1971). De facto, a possibilidade da intensificação da ocupação de sítios de cumeada, por populações portadoras de tais cerâmicas foi antes sugerida (Jorge, 1990), mas apenas sugerida, por faltarem elementos que só através de escavações metódicas poderiam ser obtidos.

Tem-se discutido sobre a origem destas cerâmicas estremenhas com ornatos brunidos (ver contributo do autor neste Catálogo a propósito das cerâmicas com ornatos brunidos da Lapa do Fumo). Não obstante se conhecer a tal técnica decorativa no Calcolítico inicial da Estremadura, no decurso das fases média e final aquela entra em declínio até ao total desaparecimento, a sua re-introdução, no final do Bronze Final, parece dever-se a influxos exógenos, do Mediterrâneo central, especialmente da Sardenha. Tal hipótese, defendida por Schubart (1971), foi ulteriormente reforçada pela recolha, no monumento coevo da Roça do Casal do Meio, que também forneceu tais cerâmicas, de uma fíbula de espiral simples, atendendo a que tal modelo é característico da fase Pantalica II, dos séculos XI-X a.C. (Spindler et al., 1973/74). Actualmente, parece consensual (Jorge, 1990; Fabião, 1992).

A dicotomia entre povoados ou "casas agrícolas" de encosta e povoados de altura foi antes salientada (Cardoso, 1987, 1990, 1994a). A explicação de tal coexistência residira na crescente hierarquização social que caracterizou a evolução da sociedade no decurso do Bronze Final. Assim sendo, os locais naturalmente defendidos abrigaram a "elite" detentora do poder sobre determinado território, configurando modelo de administração proto-estatal. Trata-se, afinal, de "modelo" preconizado, na mesma época, para a região alentejana, ao admitir-se que o desenvolvimento de povoados de altura "como centros - políticos e económicos - de uma população dispersa em pequenos povoados nos arredores, parece ter-se dado, no entanto, no final da Idade do Bronze" (Parreira, 1985, p. 167). A figura do "chefe" seria, agora, incontornável, podendo, mesmo, ser objecto de heroicização, para o final do Bronze Final (assim o indicam as estelas funerárias estremenhas). Porém, ao nível da cultura material, e designadamente do espólio cerâmico, tal evolução social está longe de se encontrar confirmada. A já aludida ausência de escavações sistemáticas, impede que conheçamos em detalhe o espectro tipológico dos recipientes de arqueossítios dos dois tipos referidos. As comparações entre tais conjuntos, seriam certamente interessantes no reconhecimento de diferenças, ao nível social e económico, entre as respectivas comunidades, sendo como que os pequenos povoados abertos corresponderam a formas especializadas de exploração -no caso, as culturas cerealíferas- coordenadas por normas emanadas de "lugares centrais" (Jorge, 1990, p. 231), onde a tipologia da cerâmica utilizada, talvez revele, quando se dispuserem de conjuntos representativos, hábitos de comunidades socialmente distintas das anteriores. Esta é, quanto a nós, a prioridade que deveria ser adoptada no estudo do Bronze final da região que nos ocupa: a escavação criteriosa de povoados característicos de um e outro tipo, sucedida da análise metódica dos materiais exumados, única forma de se ultrapassarem as grandes lacunas de conhecimentos com que presentemente nos deflontamos, tendo em vista a reconstituição de modo integrado, da formação económico-social correspondente ao Bronze Final da baixa Estremadura. Trata-se, afinal, da caracterização de uma época das mais ricas em transformações culturais de toda a nossa Pré-história, decorrentes em parte da chegada dos primeiros influxos orientalizantes, cujo impacto na sociedade pré-existente estão, outrossim, longe de suficientemente conhecidos.

A Idade do Bronze na Beira Baixa

Raquel Vilaça

1. Na Beira Baixa enquadram-se diversas regiões e sub-regiões com características geomorfológicas e ecológicas muito distintas, que justificariam abordagens independentes para cada uma delas. Liga-as, porém, a posição conjunta e peculiar que ocupam no extremo centro-ocidental peninsular. Sendo interior, esta vasta região não foi, no passado, marginal, antes foco de atracção, quer pelas suas próprias riquezas, em particular metalíferas, quer por nelas se cruzarem importantes vias de comunicação. Devemos, por isso, outorgar-lhe o duplo papel de fixar e de conduzir a outros lugares.

Entre os acidentes naturais mais importantes da região, conta-se o rio Tejo, que a delimita a sul. Este importante eixo fluvio-marítimo une as terras continentais mais interiores da Península ao Atlântico. A sua rede hidrográfica da margem norte, com orientação nordeste-sudoeste, penetra num mundo dominado pelas planícies que o Alentejo e a Extremadura espanhola naturalmente prolongam.

Os relevos, que os há, são, com excepção da franja setentrional, circunscritos e pouco desenvolvidos em extensão, pelo que nunca constituíram verdadeiros obstáculos. Naquela, materializada pelas montanhas da Cordilheira Central, encontramos alguns "corredores naturais" de passagem, como o que se forma ao longo de cerca de 10 km entre as serras xistosas da Gardunha e da Malcata/Mesas, ou alguns outros caminhos ancestrais que as rotas da transumância definiram ao longo dos tempos. Assim, também a circulação entre o Planalto Beirão, de grande riqueza estanífera, e o Sul da Península, onde se encontravam as grandes jazidas de cobre e o acesso ao mundo mediterrânico, encontrava aqui um palco privilegiado de passagem.

Com excepção de determinadas sub-regiões, como a Cova da Beira, não se registam na Beira Baixa áreas de significativa aptidão agrícola. Pelo contrário, o gado bovino, nas terras baixas, e o ovicaprino, nos penedos, encontram condições favoráveis a um bom desenvolvimento.

Mas esta vasta região distinguiu-se, outrora, pela riqueza relativa e diversidade dos seus recursos minerais, muito em particular, pelas areias auríferas e estaníferas dos seus rios. Catulo, Plínio e Estrabão não deixaram de as assinalar no Tejo, no Erges, no Ponsul, no médio Zêzere e afluentes.

Este quadro genérico, onde apenas sublinhámos os aspectos que nos parecem ter sido de alguma forma condicionantes, ajudar-nos-ão a entender algumas das linhas de força que marcaram o povoamento da Idade do Bronze da Beira Baixa, particularmente no seu final.

2. A Arqueologia da Beira Baixa deve quase tudo à actividade pioneira de Francisco Tavares Proença, desenvolvida nos inícios deste século e prematuramente interrompida com a sua morte em 1916. Do seu trabalho, interessa-nos aqui assinalar os estudos que desenvolveu no Monte de São Martinho (Castelo Branco), importante povoado do Bronze Final, com o achado de duas das três "estelas" que tornariam internacionalmente célebre a estação.

Nas décadas que se seguiram à sua morte, a riqueza arqueológica da Beira Baixa, designadamente a respeitante à Idade do Bronze, não deixaria mais de se revelar.

Em 1934 é publicada a espada de Teixoso (Covilhã) e em 1944 e 1947 os depósitos do Porto do Concelho (Mação) e do Ervedal (Fundão), respectivamente.

A década de 50 respeitará às aquisições, por parte do Museu Nacional de Arqueologia, de duas das principais joias do nosso Bronze Final: em 1953, a bráctea de Nisibo do Açor (Castelo Branco) e, em 1957, o bracelete de Soalheira (Fundão). Ainda nesta década será divulgada a "estela" de Meimão (Penamacor), cuja importância vê-se hoje acrescida pelos achados próximos, entretanto efectuados, de novas "estelas" no Baraçal e em Foios (Sabugal), já na Beira Alta.

Os anos 60 não foram prodigos em achados mas, no seu final, Almagro Basch dará a conhecer a terceira "estela" do Monte de São Martinho.

Os inícios da década seguinte revelariam, na Beira Baixa, e para o mundo, a Arte do Vale do Tejo que, no seu longo ciclo evolutivo, integra, no final, diversos motivos imputáveis à Idade do Bronze.

A partir da segunda metade dos anos 80 iniciamos as nossas próprias pesquisas na Beira Baixa. A revisão dos materiais e as informações disponíveis indicaram-nos a absoluta necessidade e urgência da realização simultânea de prospecções e de escavações. Aquelas encontravam-se, na sua quase totalidade, desinsendos dos respectivos contextos de achado. Por outro lado, uma outra lacuna residia no total desconhecimento da organização interna e do funcionamento dos povoados coevos das entidades arqueológicas catalogadas. Faltava, pois, definir um

fio condutor que articulasse, de forma coerente, os dados soltos e encontrar uma explicação verosímil para todos eles. A nossa investigação foi, desta forma, particularmente orientada para o estudo do povoamento regional, mediante a realização de escavações em quatro povoados inéditos -Cachouça, Monte do Frade, Alegrios e Moreirinha -, os três últimos com os seus resultados já divulgados.

3. Os conhecimentos que hoje temos da Idade do Bronze da Beira Baixa reportam-se, quase em exclusivo, à sua fase final. Com efeito, a Pré-História Recente desta região regista um incomodativo vazio ao longo do II milénio a.C., que contrasta com o período anterior, bem como com o da fase seguinte. Ainda que não exista qualquer estudo sistemático e aprofundado, são múltiplos e diversificados os achados atribuíveis aos IV e III milénios a.C., quer na vertente do megalitismo (antas, mamoas, menires e cromeleques), quer na de alguns povoados dados a conhecer nos últimos anos. Em determinadas áreas, designadamente na parte sul da Beira Baixa, sobressai uma sugestiva correlação entre povoados, monumentos megalíticos e Arte do Vale do Tejo, como já foi sublinhado.

Além de escassos, os materiais que, eventualmente, poderemos integrar no Bronze Inicial e Médio da região oferecem cronologia imprecisa. Porque se encontram descontextualizados e porque as características técnico-morfológicas nem sempre são suficientemente informativas em termos cronológicos, é com alguma contingência que aqui os apontamos.

Ao debruçarmo-nos sobre o Bronze Inicial da Beira Baixa, a primeira questão que se nos coloca é a de sabermos se entre os cerca de 200 monumentos megalíticos recenseados não se encontrarão alguns utilizados e/ou construídos nos inícios do II milénio a.C.. Evidentemente que a resposta só será encontrada mediante a realização de escavações naqueles que, heroicamente, ainda resistem aos eucaliptos.

É igualmente sintomática a total ausência de cerâmica campaniforme, inicial ou tardia, em toda a Beira Baixa. Mesmo os dois enterramentos de âmbito campaniforme da anta da Foz do Rio Frio (Mação), exumados no nível superior da entrada do corredor, estavam acompanhados por cerâmica lisa.

Desconhecidos os locais de habitação e as sepulturas, com ou sem tumulus , do Bronze Inicial e Médio, resta-nos o comentário de alguns achados soltos e dispersos.

Os primeiros artefactos metálicos que circularam na região poderão corresponder à primeira metade do II milénio a.C. Referimo-nos aos machados planos, de cobre ou de bronze, provenientes ou atribuídos a Escalos de Baixo (Castelo Branco), Vila Velha de Ródão, Monsanto (2 exemplares), S. Judia (3 exemplares) e Corgos (Idanha-a-Nova). De alguns desconhece-se o paradeiro. Uma das peças de S. Judia, local que, infelizmente, não conseguimos identificar, foi alvo, na década de 60, de uma análise da responsabilidade da equipa de Junghans; o seu resultado revelou tratar-se de cobre com pequenas percentagens ou impurezas de arsénio, prata, níquel e bismuto. Em relação ao machado de Corgos, chegamos a informação de que teria sido encontrado perto da mamoa com o mesmo nome, monumento de câmara e corredor indiferenciado, sem espólio conhecido, e escavado na década de 50.

Pela sua morfologia e composição metalográfica, uma das pontas de seta de Medelim (Idanha-a-Nova) poderá também enquadrar-se na primeira metade do II milénio a.C. Trata-se de uma peça com folha lanceolada e pedúnculo longo, próxima do tipo A3 de Delibes de Castro. É de cobre, com percentagens mínimas ou vestígios de estanho, arsénio, prata, níquel e bismuto.

As argolas de ouro encadeadas, hoje perdidas, de Gibaltar (Covilhã) foram recolhidas perto de uma linha de água, já no século passado. Sem quaisquer outras informações, não poderemos deixar de colocar a hipótese de testemunharem uma prática ritual de oferta de metal precioso a divindades aquáticas, dificilmente recuperável, ou, simplesmente, o de entesouramento de metal com valor permutável. A sua cronologia, embora recuável aos inícios do II milénio a.C., pode avançar por todo ele, até à sua transição com o seguinte.

O estado actual dos nossos conhecimentos relativos ao Bronze Inicial e Médio da Beira Baixa não nos permite ir mais além do mero enunciado de testemunhos que acabámos de comentar. Trata-se, por conseguinte, de um período em relação ao qual ignoramos praticamente tudo, constituindo, por isso mesmo, um desafio à futura investigação arqueológica na região.

As entidades arqueológicas inscríveis no Bronze Final da Beira Baixa podem apartar-se, em função das suas condições de achado, em dois grandes grupos: por um lado, os achados casuais e isolados, quase todos metálicos, e, na sua maioria, circunstanciadamente estudados sob o ponto de vista técnico-morfológico nos anos 70 e 80; por outro, aqueles que, resultantes de escavações sistemáticas em alguns povoados, a partir da segunda metade da década de 80, não só permitiram diversificar a natureza dos dados arqueológicos, como, fundamentalmente, possibilitaram a sua análise conjunta e interrelacionada com diversas estruturas habitacionais, mediante a determinação dos respectivos contextos de produção e de uso. Por outro lado, a exumação e posterior análise de restos orgânicos forneceram as primeiras datações absolutas relativas à ocupação daqueles povoados. Os seus resultados apontam para uma ocupação que poderá remontar ao século X a.C. (datas convencionais) ou ao XII a.C. (datas calibradas). Simultaneamente, as escavações permitiram-nos recolher vários dados respeitantes à organização sócio-económica dessas comunidades.

Realizaram-se escavações nos povoados do Monte do Frade (Penamacor), Alegrios e Moreirinha (Idanha-a-Nova) e todos eles, com excepção do primeiro, foram fundados de raiz. Integram-se todos no mesmo tipo -povoados de altura-, pois ocupam as plataformas mais elevadas dos típicos "montes-ilhas" que caracterizam a paisagem desta área da Plataforma de Castelo Branco. Mais do que a altitude absoluta de cada um, respectivamente, 576 m, 598 m e 679 m, importa referir os desníveis dos seus pendentes, cerca de 120 m, 130 m e 200 m, seguindo a mesma ordem, que lhes conferem o estatuto de verdadeiras fortalezas naturais.

Além desta situação privilegiada, a posição relativa de cada um deles, seja entre si, seja em conexão com outros conhecidos, evidencia um claro relacionamento com o controlo e vigilância estratégica do espaço imediato ou longínquo. A verosimilhança de um padrão de povoamento baseado na visibilidade e intervisibilidade é, assim, defensável.

Todos eles são povoados de dimensões modestas, o que, aliás, se enquadra bem no padrão típico da generalidade dos povoados do Bronze Final do ocidente peninsular. Se algum comentário de pormenor há a registar, reporta-se à dimensão exageradamente exígua do Monte do Frade. O seu espaço foi estimado em cerca de 126 m2, o que põe automaticamente em causa a sua classificação como povoado, na medida em que aquela área não albergaria mais do que 8 a 20 habitantes, isto é, uma ou duas famílias em sentido lato. Podemos, pois, estar perante uma residência rural que, em virtude dos materiais exumados, terá de se relacionar com alguém que detinha uma posição privilegiada na sociedade. Escavações futuras neste sítio deverão atender à resolução deste problema. A dimensão dos Alegrios foi calculada em 2.392 m2 e a da Moreirinha em 2.850 m2, ambas capazes de abarcar um número máximo de cerca de 200 indivíduos. Estas estimativas, decorrentes da aplicação de propostas de Narroll e de Hassan, são corroboradas por cálculos baseados na capacidade sustentadora dos respectivos territórios potencialmente explorados.

No que respeita à organização e funcionamento interno de cada um destes povoados, são

ainda muito parciais os dados disponíveis. Sabemos, contudo, que os espaços habitacionais são de construção muito rudimentar, envolvendo estruturas de madeira, de que restaram os negativos dos postes, sapatas de pedra vã e muretes de pedra não afeiçoada que, por vezes, aproveitaram ou se apoiaram em afloramentos naturais. Estas áreas domésticas são sempre polarizadas por estruturas de combustão (construídas com argila, fragmentos cerâmicos e pedras) que, pela sua situação e pelas concentrações e associações espaciais dos artefactos e restos orgânicos, deverão ter constituído verdadeiros pólos aglutinadores das actividades domésticas desenvolvidas e mesmo espaços de coesão social destas comunidades.

Uma das principais conclusões proporcionada pelo nosso estudo indica que os mesmos espaços suportavam e eram compartilhados (obviamente com "décalages" temporais) por distintas actividades: preparação e consumo de alimentos, moagem e tecelagem, tratamento de peles e produção metalúrgica. Esta situação é compatível com um fraco desenvolvimento das forças produtivas, que se limitariam à órbita doméstica e familiar.

Se é certo que não dispomos de elementos concludentes relativos ao fabrico da cerâmica nos próprios povoados, é suposto um fabrico local para a esmagadora maioria da cerâmica doméstica, nomeadamente pela acentuada heterogeneidade que revela a nível interno de cada sítio. Porém, alguns dos tipos, como sejam as taças carenadas, pelas formas, fabricos e padrões estereotipados, denunciam um nível de especialização e maiores custos de produção, os quais poderão ser encarados como testemunhos de eventuais produções regionais dirigidas.

Como é visível em alguns dos materiais cerâmicos expostos, encontramos certas características morfológicas e/ou estilísticas que repercutem filiações ou afinidades culturais com o mundo beirão mais setentrional, com a área meseteenha, com o Baixo Tejo ou com o próprio Sul da Península. Esta situação retrata dois vectores culturais da época e da região: uma franca abertura da Beira Baixa às regiões vizinhas ou mais longínquas, bem como a assinalável homogeneidade de determinados itens, não só cerâmicos, em áreas e contextos substancialmente diferentes.

Uma das revelações mais surpreendentes das escavações destes povoados residiu na presença sistemática de elementos ligados à produção metalúrgica do bronze. Aliás, esta imagem parece aplicar-se a outros povoados regionais, como o Monte de São Martinho ou o Castelo Velho do Caratão (Mação). Se alguns dos materiais evidenciam indiscutíveis modelos alógenos ou representam, inclusivé, importações, outros são inquestionavelmente de fabrico local. Seja como for, é de sublinhar a domesticidade generalizada da prática metalúrgica do Bronze Final da Beira Baixa.

Também neste campo o espírito cosmopolita de certa Europa de inícios do I milénio a.C. é reconhecível. A permeabilidade cultural desta região permitiu-lhe a adopção daquela postura. A metalurgia atlântica, na qual se enquadram os materiais metálicos em análise, pode contemplar, como é bem sabido, tipos de filiação cultural mediterrânica e mesmo alguns "continentalizados".

Uma outra nota de inefutável importância reside na precoce circulação de artefactos de ferro neste contexto interior do ocidente peninsular. As lâminas de ferro do Monte do Frade e da Moresinha devem ser encaradas como um dos itens de prestígio e de alto valor sócio-simbólico que circularam na época e que nesta região foram pacificamente incorporados no seio de comunidades dominadas por uma pujante metalurgia do bronze.

Apesar de tecnicamente evoluídas e de determinados indivíduos terem acesso à posse de certos elementos, que aos outros só lhes era permitido ver, estas comunidades beirãs não se libertam de um cunho de marcada ruralidade e rusticidade, de perfil pastoril. Além das actividades domésticas já assinaladas, a agricultura de subsistência e, muito particularmente a pastorícia, preencheriam o leque das actividades quotidianas ou sazonais.

A compreensão do funcionamento da sociedade do Bronze Final da Beira Baixa não pode dispensar o papel que os minérios (de cobre e de estanho) e o metal (bronze e ouro) desempenharam. Terra de recursos minerais diversos e complementares, e terra de passagem com rotas que conduziam a outras fontes de matérias-primas mais ricas, produtoras e/ou vocacionadas para o escoamento "internacional" de produtos, esta região teria necessariamente coordenadores na regência dessa exploração e desse "tráfico", que poderiam ser apelidados de "agentes de circulação do metal". A sua existência e o papel de destaque que terão desempenhado são ainda patenteados pelas joias (bracelete de ouro maciço de Soalheira e de Monforte da Beira, e bráctea de Ninho de Açor) e pelas "estelas" (Monte de São Martinho e Meimão, além das outras da Beira Alta referidas).

Os motivos que conduziram ao colapso da ordem social vigente destas comunidades são difíceis de determinar e a sua discussão não tem lugar neste texto. Se as respostas a esta questão deverão passar pelo prosseguimento dos estudos regionais, também é certo que deveremos estar atentos à problemática geral do funcionamento e da desintegração da sociedade peninsular e europeia do final da Idade do Bronze.

Os povoados estudados deixam de funcionar ao mesmo tempo que se conclui o longo ciclo evolutivo da Arte do Vale do Tejo. Os dois últimos períodos deste santuário, o "período atlântico" e o "período dos círculos e linhas", devem ser atribuídos à Idade do Bronze. O primeiro caracteriza-se pela presença de grandes espirais, círculos concêntricos, labirínticos e ondulados. São desta fase (Bronze Pleno?) as raras representações de armas deste santuário: uma alabarda encabada, na rocha 72 de Fratel, e um antropomorfo com os braços erguidos e uma espada atravessada à cintura, na rocha 1 de Fratel. O segundo contempla grandes quantidades de círculos, serpentiformes, ferraduras e podomorfos. Aos finais da Idade do Bronze são ainda atribuídas as gravuras de duas espadas, da rocha 53 do Cachão do Algarve, e o escudo com escutadura em V, da rocha 29 desta última estação.

Esta clara associação simbólica de armas ao rio deverá inserir-se na prática ritual de lançamento de armas às águas, que caracterizou a Europa da Idade do Bronze, e que aqui se expressou pela representação iconográfica daquelas.

As Estelas Funerárias, da Idade do Bronze Final, no Centro e Sul de Portugal

Mário Varela Gomes

Nas últimas centúrias do segundo milénio a.C., o desenvolvimento interno das sociedades autóctones, baseado na intensificação das actividades agro-pastoris e na exploração mineira, beneficiou, com o comércio dai derivado, da interacção provocada pelo encontro com duas fortes componentes culturais: uma europeia, de facies continental ou atlântica, e a outra mediterrânica e oriental. Esta, é anterior à fundação dos primeiros estabelecimentos comerciais fenícios, nas orlas meridional e ocidental, da Península Ibérica.

Aqueles estímulos encontram-se bem patentes em um conjunto de estelas "decoradas", de uso funerário, contendo as representações gravadas de diferentes motivos, sobretudo de armas. Tais monumentos são bem conhecidos nas províncias espanholas da Estremadura e Andaluzia Ocidental, tendo sido descobertos, por ora, seis exemplares em território hoje português. O primeiro foi identificado, nos inícios do presente século, nos arredores de Castelo Branco (S. Martinho II); região onde, ultimamente, três outros foram detectados (Meimão, Baraçal, Fóios). A sul do Tejo registam-se, apenas, dois daqueles monólitos, um no Baixo-Alentejo (Ervidel II) e outro no Litoral Algarvio (Figueira).

As mais de meia centena de estelas, da Idade do Bronze Final, dispersas pelo Sudoeste Peninsular, reflectem a sua inserção em uma progressão temporal, com forte dinâmica de transformações histórico-culturais, situada entre o século XII a.C. e o século VIII a.C., integrando evolução cronó-estilística que baseamos em quatro sub-tipos.

As estelas mais antigas (sub-tipo A), ascendendo aos séculos XII-XI a.C., encontram-se distribuídas pela região de Cáceres - Badajoz, delas fazendo parte a de Meimão, no concelho de Penamacor, e as de Baraçal e Fóios, não longe, no de Sabugal. Mostram, centralmente, a representação de um escudo redondo, com escotadura em V, rodeado, em cima, por lança, de encabamento tubular, e, em baixo, por espada de modelo continental.

Os monumentos do sub-tipo seguinte (B), que alcançam o século X a.C., oferecem dispersão com tendência mais meridional e às representações de armas, acima referidas que, em geral, mantêm a mesma disposição, associaram-se as figurações de arcos, capacetes, carros, espelhos, pentes e fíbulas de cotovelo, reflectindo, estes últimos artefactos, a presença do comércio mediterrânico.

O terceiro sub-tipo (C), algo mais tardio (séculos X-IX a.C.), mostra profundas alterações na concepção ideológica e artística, em relação às composições precedentes, em consequência da inclusão da figuração humana, ou seja, da própria imagem do guerreiro sepultado. Ela passa a dominar, centrando o repertório formal e congregando todos os motivos (armas e outros objectos), como seu equipamento pessoal. Oferece tais características a estela de Figueira (Vila do Bispo), com o escudo em posição central, embora possa ser considerada, dada a preponderância figurativa daquela arma, na transição do sub-tipo anterior para este.

Finalmente, surgiram monumentos não só com estrutura compositiva revelando elevado nível técnico e plástico, como contendo complexas concepções cosmológicas de carácter narrativo. As estelas de S. Martinho II e de Ervidel II, são bons exemplos deste último sub-tipo (D), onde as representações dos guerreiros defuntos centram, de modo bem evidente, as composições. Tais personagens surgem exaltadas ou heroicizadas, em atitude idealizada, semelhante à dos *ovong gods*, ou "deuses da tormenta", do mundo próximo-oriental. Estas estelas sugerem concepção, artística e ideológica, sob a esfera comercial e cultural fenício-tartéssica, desenvolvendo-se no século IX a.C. e podendo atingir, os inícios da centúria seguinte.

A ênfase dada às armas, nos dois primeiros sub-tipos de monumentos (A e B), onde a figura humana esta ausente, demonstra uma maior importância concedida às funções sociais desempenhadas pelos personagens cujos túmulos assinalavam, que aos indivíduos em si. Nos restantes, tanto as armas como os outros artefactos, alguns de carácter suntuário e de origem oriental, contribuem para a caracterização ético-social dos guerreiros neles representados, mas deixam de monopolizar a estrutura conceptual figurativa, para passarem a ser referenciados aqueles personagens concretos. Repare-se, até, no desdobramento, operado no tempo, do sujeito figurativo observado na estela de S. Martinho II, pois é a mesma imagem que intervém tanto na dimensão do tempo real, a do vivido na caça, como na da glorificação heróica. Pelo contrário, o cão participa na cena cinegética e integra os artefactos que constituíam o equipamento do guerreiro.

As estelas referidas desempenharam função memorialista, no seio dos chamados "ritos de sobrevivência", tendo como principal objectivo integrar a morte dos grandes chefes-guerreiros, de forma a permitir que a cultura e a organização social se reproduzissem no seio da memória colectiva, recuperando o traumatismo social e a descontinuidade sentidos com o desaparecimento físico de tão importantes elementos da comunidade. Esta ruptura seria, assim, recuperada e sublimada na imutabilidade do tempo mítico, pela heroicização dos personagens patentes nas estelas, com características próximas dos "deuses ameaçadores" e, portanto, com dimensão sagrada. Tais monumentos revelam, ainda, sociedades com hierarquização desenvolvida, a partir da divisão social do trabalho e dos estratos de comando, verdadeira elite dos heróis civilizadores e das gerações herdeiras do poder, onde emerge a esfera política, com áreas de influência geográfica precisas, e as primeiras sociedades de feição proto-estatal.

Aspectos da Idade do Bronze no Alentejo Interior

Rui Parreira

O quadro biofísico

A área cuja ocupação na Idade do Bronze aqui é abordada corresponde ao Alentejo, tal como delimitado na carta de Regiões Naturais do Atlas do Ambiente (Albuquerque 1984). É uma vasta região natural (v. Ribeiro 1987:44) essencialmente de campinas e montados, que se estende no interior português confinando, a norte, com a Serra de S. Mamede (1025 m) e, a sul, com as serranias do Caldeirão, no Alto Algarve Oriental. O relevo tem uma marcante fisionomia de peneplanície, drenada, na parte norte, pelos afluentes do Tejo e, na parte meridional, pelo sistema hidrográfico do Guadiana. Correndo em vales encaixados, esses cursos de água, impróprios para a navegação e caudalosos no Inverno, dificultaram, tradicionalmente, as comunicações. O Guadiana, porém, navegável para sul do Pulo do Lobo, constituiu a grande porta de acesso ao mar desde o Alentejo interior. Apesar da aparente monotonia, ocorrem complexos geológicos, e solos deles derivados, de idade e natureza diversa, e o relevo é entrecortado por acidentes orográficos, definindo unidades de paisagem bem demarcadas e condicionando os sistemas de povoamento e a natureza do coberto vegetal, que alterna entre o mato de estevas, os campos de cereal e o montado de sobro e azinho (v. p. ex. Lautensach 1967:577-588; Silbert 1978:80-91; Feio 1983; Torres 1992). O Norte Alentejano confina, a leste, com as charnecas do Ribatejo e estende-se, a sul da linha montanhosa Castelo de Vide-Marvão-Portalegre-Alegrete, até à Serra d'Ossa (668 m). Esta serra, a nordeste de Évora, delimita, pelo norte, o Alentejo Central. Pelo sul, a Serra de Portel, ou do Mendro, com 20 km de largura, corre uns 50 km na direcção este-oeste; apesar da sua baixa altitude (420 m), destaca-se nitidamente da peneplanície circundante e domina o limite natural do Baixo Alentejo. A sul do Mendro, na zona campaniça, sobrelevam, pela sua fertilidade, os barros de Serpa e Beja. Contrastando com estes, as terras xistosas do Baixo Alentejo fazem também parte da faixa mineira de pintes, com numerosos chapéus-de-ferro ricos em ferro e cobre e, muito particularmente, em prata e ouro. Mais plana a sudoeste, nos campos de pastagens de Ourique e Castro Verde, esta paisagem xistosa - que albergou grupos humanos ligados à pastorícia e votados, também, aos trabalhos de mineração - é delimitada a leste e a sul por uma zona de serranias, que desde os picos de Aroche e a Serra de Ficalho (518 m), correm para oeste, pela Alcaria Ruiva (571 m) e pelos relevos da Serra do Caldeirão (578 m, no pico do Maio).

O registo arqueológico

Testemunhada por achados isolados e pelos vestígios de necrópoles e de alguns povoados, a chamada Cultura da Idade do Bronze do Sudoeste da Península Ibérica só tardiamente foi reconhecida como entidade autónoma relativamente a El Argar e dentro do mosaico de culturas que, entre os finais do III milénio e o século VIII a.C., se desenvolveram no Sul da Península Ibérica. Para isso contribuíram decisivamente os estudos de F. Nunes Ribeiro (1965) e de H.Schubart (1975). Embora, mais recentemente, se efectuassem trabalhos pontuais (p. ex. Arnaud 1992), são escassos os projectos de pesquisa de âmbito regional, os quais se limitam praticamente aos estudos de C.T.Silva e J. Soares para a área de Sines (p. ex. 1981) e as investigações de A. Monge Soares para a Margem Esquerda do Guadiana (p. ex. 1994).

Contemporaneidade e sequência

Foi o estudo empírico dos contextos funerários que permitiu a Shubart (1971, 1975) caracterizar e traçar um quadro evolutivo do Bronze inicial e médio do Sudoeste da Península Ibérica. Dado que a s necrópoles não apresentam uma ocupação temporal contínua que tenha permitido uma periodização com base em estratigrafias horizontais, o estudo baseou-se numa tipologia dos objectos, no seu estudo comparado e na ocorrência destes tipos nos cemitérios, aferido por critérios simples, de ausência/presença, identificando, paralelamente, variações nos rituais funerários.

De então para cá, as óbvias diferenças morfológicas entre as cerâmicas foram explicadas, essencialmente, de um ponto de vista cronológico, sem o apoio de métodos laboratoriais que permitisse inferir de locais de extracção de matéria-prima, predominância de tipos ou redes de distribuição. As análises químicas do metal - que constituem já uma razoável base de dados - não tiveram um tratamento taxonómico adequado. Também não foi satisfatória-

mente resolvido o relacionamento entre as necrópoles e povoados, pesem os trabalhos feitos nesse âmbito, que sobre os povoados abertos da área de Sines (Silva e Soares 1981), quer sobre os povoados de altura (Parreira e Soares 1980; Calado 1993). O esquema cronológico elaborado por Schubart foi, genericamente, aceite (v.p.ex. Silva e Soares 1981: 174-5; Gomes et al. 1986:61-3; contra: Barcelo 1991:16) ao «horizonte de Ferradeira» -colocado em paralelo com o campaniforme tardio e com El Argar A (seg. Blance 1971:121-154)- sucede um «Bronze Sudoeste», com uma época antiga, o período I -num momento cronologicamente paralelo a El Argar B (Id. ibid.)-, e uma época recente, o período II. Ao final da Idade do Bronze no Sudoeste, menos reconhecido e por isso tratado por Schubart, de uma forma vaga, como «de transição para a época do ferro», tem-se aplicado a designação de período III (v. Almagro Gorbea 1976:415).

Um tal esquema tem vindo, porém, a ser contrastado, quer no que diz respeito às matrizes regionais, quer, sobretudo, nos seus parâmetros cronométricos (v. Almagro Gorbea 1976; Ruiz-Galvez 1984:330-333; Barcelo 1991; Soares 1994:182). Por outro lado, a insuficiente delimitação cronológica dada por Schubart nos períodos II e III tem propiciado tratamentos nem sempre nítidos do Bronze Final (v.Fabião 1992). Mas se, retendo a periodização de Schubart, procurarmos ajustar-lhe os escassos contextos da Idade do Bronze datados por radiocarbono no Baixo Alentejo e no Alentejo Central (v. Soares e Cabral 1993; Soares 1994), obtemos, com datas calibradas, os parâmetros cronológicos seguintes:

2200-2000	Horizonte de Ferradeira	Bronze inicial
2000-1700	Bronze do SW I	Bronze médio antigo
1700-1200	Bronze do SW II	Bronze médio recente
1200-700	Bronze do SW III	Bronze final

As estratégias de povoamento e a estrutura do espaço habitacional

Por finais do III milénio a.C., a sequência inicial da Idade do Bronze evidencia uma continuidade na estratégia de povoamento do Calcolítico, pelo uso da cerâmica campaniforme de padrões elaborados em povoados situados em locais com defesas naturais (ex.: S.Brás, Algares, Outeiro de S. Bernardo). Por escassez da pesquisa, desconhece-se se há um progressivo abandono ou recessão da área habitada dos povoados de altura em favor da ocupação de locais abertos, num processo idêntico ao que se verifica na Estremadura (Parreira 1976; Senna-Martinez 1994).

O modelo de povoamento que corresponde ao Bronze Médio evidencia-se em povoados de carácter aberto, localizados junto a recursos naturais importantes. Nos Barros pretos a ocidente de Beja os contextos são mais esclarecedores. Zona relativamente bem prospectada, com achados que correspondem a todos os períodos cronológicos da Idade do Bronze, efectuados com regularidade desde há muitos anos e que incluem necrópoles com espólios particularmente ricos (v. Schubart 1975; Arnaud 1991), alguns povoados abertos e um povoado de altura de apreciáveis dimensões (Outeiro do Circo - v. Parreira e Soares 1980), esta região apresenta áreas de elevada capacidade agrícola, possuindo acesso a zonas mineiras. Tal contribuiu para um desenvolvimento diferenciado das zonas exclusivamente mineiras, uma vez que nestas os condicionalismos da exploração dos chapéus-de-ferro em áreas de fraco potencial agrícola e baixa pluviosidade pressupunham uma área de captação de recursos restrita. Pelo contrário, nos Barros de Beja, as áreas de captação são mais alargadas e a ocupação do solo deve ter proporcionado a existência de um sistema de lugares com uma diferenciação e hierarquia de funções. Foram também esses solos carbonatados que permitiram uma conservação, por vezes excelente, dos restos osteológicos, a possibilitar estudos antropológicos e um projecto de datações. Ironicamente, e de igual modo essa riqueza agrícola que, com a utilização de meios mecânicos na lavoura, conduz a uma acelerada destruição de todos os elementos patrimoniais. Dos testemunhos conhecidos, infere-se que a população que sepultava os seus mortos em cemitérios familiares, vivia da terra, dispersa em casais agrícolas, e praticava uma metalurgia de pequena escala (v. Parreira e Soares 1980). Com efeito, se tomarmos por regra uma correspondência necrópole = povoado de planície, torna-se interessante a posição ali ocupada pelos cemitérios da Idade do Bronze: eles aproximam-se dos principais cursos de água, em zonas baixas, juntas à curva de nível dos 50m, zonas essas que supomos menos densamente cobertas de matagal e mais facilmente agricultáveis. Na zona de Ourique, Schubart (1965; 1975) supôs um povoamento disperso, em redor da Atalaia, por comunidades que valorizavam o investimento nas estruturas sepulcrais, em contraste com a precaridade das construções habitacionais, mas Alcaria testemunha a existência de estruturas de habitação, com planta subrectangular, junto a um monumento funerário «em cacho» ainda utilizado numa fase evolucionada do bronze Médio (Schubart 1974).

Só no final da Idade do Bronze (período III) ocorre a formação de povoados de altura fortificados (v. Parreira e Soares 1980; Calado 1993:351), quando algumas comunidades se instalam no topo de cabeços elevados, com aptidões naturais de ocupação e defesa reforçadas por cinturas de muralhas e, num caso, por um sistema de «pedras fincadas» que aumentava a capacidade defensiva (Soares 1988). Foram já realizadas escavações nalguns destes povoados - v.g. Mangancha (Domergue e Andrade 1971) Giraldo (Schubart 1975: 269; Whittle e Arnaud 1975), Coroa do Frade (Arnaud 1979), São Brás I (Parreira 1983) - mas respeitam a superfícies reduzidas e os dados não foram suficientemente explorados. Na região da Serra d'Ossa, M. Calado (21993: 351) identificou uma rede de povoamentos do Bronze Final na qual o povoado do Castelo se prefigura no topo de uma hierarquia de lugares fortificados, com funções diferenciadas, implantados quer nos pontos mais elevados da Serra, quer em cabeços menos destacados mas dominando as terras de maior potencial agrícola ou as minas (casos de Fonte Ferrenha ou Pero Lobo, com importantes vestígios de actividade mineira e metalúrgica). Nos Barros de Beja, o grande povoado do Outeiro do Circo (não escavado) ocupa, nos Barros de Beja, uma posição de charneira entre dois agrupamentos de cemitérios/povoados abertos do Bronze pleno: o da Ribeira do Roxo, a sul, e o da Ribeira da Figueira, a norte. Nalguns casos (ex.: Outeiro do Circo, Coroa do Frade), os povoados fortificados do final da Idade do Bronze evidenciam uma área central melhor defendida, que deverá corresponder à área residencial, servindo a restante área fortificada para estabular o gado (cf. Arnaud, 1979). Estes povoados terão funcionado como lugares-centrais em áreas já anteriormente ocupadas, como uma espécie de centros económicos e políticos, desempenhando um importante papel organizador na exploração do solo agrícola e dos recursos mineiros, e no controlo das rotas terrestres - corredores de acesso ao *hinterland*, por vezes formados na base dos caminhos da transumância, eventualmente privilegiados para a implantação de estelas (Ruiz-Galvez e Galan 1991), como a da Tapada da Moita (Oliveira 1986) ou a do Pomar/Ervidel II (Gomes e Monteiro 1976-77), esta última localizada na principal rota de circulação entre o Outeiro do Circo e a Mangancha (v. Parreira e Berrocal 1992).

Contextos sepulcrais e estrutura do espaço funerário

Se há traço comum às necrópoles da Idade do Bronze do Alentejo interior é o polimorfismo da arquitectura sepulcral e dos rituais funerários.

O início da chamada Idade do Bronze é, ali, marcado por uma mudança nos rituais funerários, referenciada num grupo de tumulações individualizadas onde estão presentes punhais de lingueta, pontas de Palmela e braçais-de-arqueiro, artefactos metálicos com afinidades atlânticas que, noutras áreas, podem aparecer associados ao vaso campaniforme (v. Harrison 1974; Spindler 1981). Esse grupo é representado por deposições intrusivas que reutilizam edifícios sepulcrais colectivos mais antigos e de carácter monumental, as quais se integram numa «entidade arqueológica» a que Schubart (1971; 1975) atribuiu a designação de «horizonte de Ferradeira». Alguns contextos mal registados - como os dos arredores de Évora e de Estremoz (Armbruster e Parreira 1993a) - indiciam a presença no Alentejo Central de inumações em sepulcro individual, eventualmente cistas, exibindo bens de prestígio (adornos áureos).

Na fase seguinte, do Bronze Médio, as sepulturas são de dimensões reduzidas, à justa para a colocação de um indivíduo, inumado em posição fetal, acompanhado ou não de espólio detectável pelo registo arqueológico. Na zona de Ourique, predominantemente pastoril e marinha, situa-se a mais espectacular necrópole do Bronze do Sudoeste escavada no Sul de Portugal: a do Monte Atalaia, nos arredores de Aldeia de Palheiros (Ourique), ocupada nos períodos antigo e recente do Bronze médio (Schubart 1965; 1975). Para além de fossas de inumação individual, foram ali explorados vários conjuntos de sepulturas que apresentam uma estrutura idêntica: numa cista de xisto, embebida no subsolo xistoso e tapada com uma laje horizontal, era inumado um indivíduo, provavelmente um membro mais destacado na hierarquia de uma pequena comunidade. A forma cerâmica mais frequentemente associada a este contexto é uma pequena tigela de carena baixa. A cista era recoberta por uma mamoa circular de pedras e terra, com uns seis metros de diâmetro, que se destacava no terreno circundante, delimitada por um muro baixo. A esse túmulo, que ocupava uma posição central e mais elevada eram, então, sucessivamente justapostos outros túmulos mais pequenos, dando ao conjunto o aspecto de um cacho de mamoas, encostadas umas às outras. Esta estrutura tumular complexa repete-se na necrópole de Alcaria, situada a escassos quilómetros, com dois monumentos já identificados e cuja fase mais recente se integra no período II (Schubart 1974: 85, fig. 5g).

Já no campo de Beja, os cemitérios do período I apresentam-se mais dispersos, com sepulturas em cista distanciadas entre si algumas dezenas de metros, embora se verifique igualmente o costume de colocar junto ao morto uma, ou mais, tigelas de carena baixa (v. g. Salvada). Na margem esquerda, referencia-se também este modelo (Santa Justa, Carapetal, Barranco Salto) mas as cistas surgem por vezes destacadas, inseridas em mamoas que estão na tradição megalítica local (Talho do Chaparinho, Herdade do Montinho - v. Soares 1994). Em parte do Alentejo Central e no Norte Alentejano, a evidência arqueológica apresenta-se mais dificilmente reconhecível, faltando as necrópoles de cistas. Numa longa duração, que haverá de manter-se na fase seguinte, prolonga-se a prática da inumação em sepulcro monumental de carácter colectivo (v. Spindler e Ferreira 1974; Oliveira 1988), aparentemente privilegiando, como espaço funerário, alguns sepulcros megalíticos construídos no IV e III milénios.

Na fase recente do Bronze Médio (período II de Schubart), as elites locais evidenciam-se pela presença de estelas inscculturadas com a representação de armas e insígnias (Almagro Gorbea 1966; Gomes e Monteiro 1976-77; Jorge 1990: 233-235), utilizadas também como tampas de sepulturas, diferenciadoras do estatuto do inumado. A diversidade no grau de riqueza das dádivas é igualmente indício de uma maior ostentação dos poderes à escala local. A cerâmica utilizada nas dádivas funerárias imita, na cor e na forma, recipientes metálicos, com protótipos mediterrânicos. No campo de Beja os cemitérios são polinucleados, com agrupamentos de cistas onde, porém, não se detecta a existência de recintos, mamoas ou monumentos complexos. Em contrapartida, os espólios oferecem ali frequentemente mais do que um vaso. Na Herdade do Pomar, onde se explorou um destes agrupamentos de cistas, integrado num vasto cemitério polinucleado, referenciou-se uma inumação infantil (sep.2), para a qual se obteve a data ICEN-85 3320+140 BP (1950-1270 cal. AC 2 sigma) (Soares e Cabral 1993 est.III); esta inumação era acompanhada por uma tigela de carena média e por um pequeno vaso do tipo «Odivelas» (Gomes et al. 1986 fig.83 n° 15), indício da importância crescente atribuída aos laços de parentesco e à sucessão. No mesmo núcleo, a sep.1 continha a inumação de uma mulher jovem, para a qual se obteve a data ICEN-87 3510 +45 BP (1958-1688 cal.AC 2 sigma) (Soares e Cabral 1993 est.III), a qual era acompanhada por um vaso alto de perfil sinuoso e por uma taça baixa de carena acentuada (Gomes e Monteiro 1976-77: 286-292). Fazia ainda parte do mesmo núcleo uma estrutura, não sepulcral mas de significado indefinido, com a forma de uma cova aberta no "calço", com cerca de 0,6 m de profundidade, no fundo da qual fora colocado um punhal de rebites, depois recoberto por lajetas de xisto e por um empedrado. Igualmente atribuíveis a esta fase II, os achados de Belmeque (Schubart 1975: 257, est. 59; Soares 1994) e da Herdade do Sardoninho (Armbruster e Parreira 1993b: 44-46), aparentemente de uma etapa evolucionada, constituem, por outro lado, flagrantes exemplos de tumulações de carácter excepcional. As práticas funerárias da Idade do Bronze Final são praticamente desconhecidas no Alentejo Interior. Os contextos identificados em Serro das Antas (Schubart 1975), em Nora Velha (Id. ibid.) e em Vale de Rodrigo 2 (Kalb 1994) apontam para um reuso dos espaços megalíticos preexistentes.

O sagrado e o simbólico

Nos rituais funerários, um dos aspectos mais interessantes da fase mais recente do Bronze Médio é a utilização das estelas inscculturadas de "tipo alentejano" que, através da representação de insígnias, armas e mesmo de pegadas - que simbolizam uma presença tutelar - exibem a posição social privilegiada de alguns indivíduos (Almagro Gorbea 1966; Calado 1993: 343, 356) ou a existência de rituais de antepassados conotados com heróis-fundadores. A utilização destes monumentos como tampas sepulcrais denota que desempenharam um papel de relevo nas práticas funerárias.

As covinhas, gravadas em afloramentos ou em abrigos sob rocha, são indício da sacralização de alguns lugares, na maioria sem contexto arqueológico conhecido mas que Calado (1993: 344), aliás corroborado por ocorrências datáveis (Gomes et al. 1986: 68), integra na Idade do Bronze. A ocultação de conjuntos de espirais encadeados (v. Pingel 1992: 49-55, 94-98), como o de Vale de Viegas, pode também atribuir-se ao Bronze Médio, possuindo, julga-se, um significado ritual.

Quanto ao Bronze Final, fica a impressão de que os sinais de ostentação se transferem das cerimónias fúnebres, exteriorizando-se em ritos de outro tipo, menos efémeros, onde a exibição, periódica e pública, das insígnias de prestígio exige a ostentação de adornos áureos maciços - como o colar de Portel ou o bracelete de Estremoz - bem como o uso ostentatório, a oferenda ou, tão-só, a representação, de bens de excepção de inspiração exótica, nomeadamente dos objectos presentes na iconografia

das estelas de «estilo estremenho» (v. Galán Domingo 1993). Realidade a que haveria que somar a presença dos caldeiros de bronze, espetos e fúrculas - reveladores de um equipamento utilizado em banquetes rituais, ao gosto das elites mediterrânicas.

Discussão

O desenvolvimento social e económico das comunidades que habitavam o Alentejo interior, dominando a metalurgia e controlando a exploração das jazidas de cobre, ouro e prata da chamada faixa piritosa ibérica, foi simultâneo ao incentivar das relações comerciais com o Próximo Oriente mediterrânico e com o Egeu, por finais do III milénio a.C.. Elas passam a incluir uma regularidade de contactos pela "rotas da Bretanha", ao longo da Europa atlântica, e pela "rota do estanho", unindo por terra a foz do Ródano com a do Garona e atingindo depois por mar a Cornualha, traduzindo-se num processo de aculturação que iria marcar profundamente o carácter das comunidades. O alargamento das rotas, aumentando a permeabilidade das culturas, possibilitou a assimilação de formas exógenas. Com a viragem para o II milénio a.C. não houve realmente rupturas tecnológicas nítidas relativamente ao período anterior: o cobre arsenical seria ainda largamente utilizado e, nesse contexto, o bronze supôs, mais tarde, apenas um aperfeiçoamento da técnicas metalúrgicas. Aquilo que, porém, individualiza a Idade do Bronze é a diversificação do instrumental e, genericamente, de toda a cultura material. E é sobretudo a progressiva transformação social, acentuando-se entre os membros das comunidades uma hierarquia de privilégios e de benefícios, transmitida e acentuada de geração em geração, dando origem a uma sociedade de novo tipo e a um quadro sócio-económico completamente reformulado, caracterizado pela concentração do poder nas mãos de grupos mais restritos, em que a valorização individual perante a comunidade se fundamente na hierarquia dos laços de parentesco e em que a proximidade genealógica com os heróis tutelares legitima os poderes adquiridos e conservados pela força. Infere-se do registo arqueológico que, a partir de inícios do século XII a.C., as chefaturas do Ocidente peninsular estavam inseridas num vasto movimento de interacção de bens e de ideias; e que a ele não seriam estranhos os contactos, ditos «pré-coloniais», com mercadores mediterrânicos - não necessariamente os Fenícios - que podem ter frequentado a Península desde os finais do II milénio (Silva 1990: 139).

As Denominadas "Estelas Alentejanas"

Mário Varela Gomes

Desde os alvores do presente século que têm vindo a ser descobertos, sobretudo no Baixo-Alentejo e no Barlavento do Algarve, alguns monólitos mostrando representações em relevo, ou mais raramente gravadas, de armas, nomeadamente de espadas, alabardas ou de machados, acompanhadas por outros artefactos, por vezes de difícil interpretação, como um "objecto antropomorfo", por um desconhecido nos contextos da cultura material de então.

O aspecto lastimoso de muitos daqueles monumentos e a mutilação de alguns em cimeiras funerárias, da Idade do Bronze ou alteriores, conduziu, até há bem pouco, a que se pensasse estar de perante de sepulcros. Todavia, investigações recentes demonstraram, de modo claro, que tais monólitos, onde existem exemplares de forma vagamente antropomórfica, com a extremidade superior desgastada e sistematicamente afeiçoada (de modo a ser arredondada), a maioria mostrando ao centro de uma das faces o "antropomorfo" referido (dependurado na vertical), estariam erguidos junto a sepulturas, do tipo cista, conforme foi possível detectar na necrópole de Alfarrobeira (Silves), sendo, portanto, verdadeiras estelas.

A localização das cerca de quarto "estelas alentejanas" actualmente conhecidas, evidencia maior concentração numa área a norte de Beja, onde se identificaram cerca de metade. Elas encontram-se, ainda, em áreas periféricas à espada, para ocidente (Santiago do Cacém) ou a sul (Castro Verde, Almodovar e Ourique), enquanto que na Serra Algarvia (área) se um novo e importante núcleo, oferecido pelas necrópoles das proximidades de Silves (Alfarrobeira, Passadeiras), a que se deve adicionar um achado antigo no concelho de Monchique (Marmelete). Afastam-se da grande região indicada, mostrando maior difusão, vários exemplares do Noroeste Alentejano (Tapada da Mota, Castelo de Vide), como o de El Tomal (Córdova), o único, por ora, detectado em Espanha.

A análise das "estelas alentejanas", quer formal (como do repertório figurativo e das suas estruturas compositivas, permite considerar três sub-tipos que integram evolução cronoestilística, no seio da II Idade do Bronze do Sudoeste Peninsular. As mais antigas (sub-tipo A), de maiores dimensões, com "antropomorfo" ao centro a que, em geral, se associa uma espada longa e, por vezes, uma alabarda de "tipo Monteparcar", apresentam maior distribuição geográfica. Admite-se que tenham surgido em torno a 1600/1500 a.C., de acordo, sobretudo, com as datações absolutas actualmente disponíveis para as armas referidas, designadamente para o conjunto constituído por espada, alabarda, punhal e vaso, exumado em Mesa de Setefilla (Sevilha).

Aquele sub-tipo mais simples, parece ter dado origem ao dito chamadas "estelas guerreiras" (sub-tipo B), por uma outra, aos artefactos mais sofisticados, machados, de cera bastante manoseada ou vertical, gravos e outros objectos, mas onde o "antropomorfo" perde tamanho e importância, incluindo-se na composição geral. Estes monumentos, localizam-se, preferentemente, na região de Beja e podem ser datados de 1500 a 1300 a.C.

Por fim, o protagonismo desempenhado pelo "antropomorfo", no primeiro sub-tipo mencionado, foi como que terminado pela figuração da espada, representada isolada ou acompanhada por um segundo artefacto simbólico (alabarda, par de sandálias). Estas estelas, a maioria de pequenas dimensões, num caso com os motivos gravados e não em relevo (S. João de Negrilhos), foram encontradas em zonas onde se observa maior concentração dos monumentos do sub-tipo anterior. Elas podem situar-se cronologicamente de 1300 a 1200/1100 a.C., tendo em conta a tipologia das armas, ou seja, alcançando o momento em que surgiram, no Sudoeste Peninsular, as primeiras estelas de "tipo extremenho" e de origem continental.

As armas de formas detectadas nas "estelas alentejanas", pouco frequentes nos contextos materiais, foram importadas do Mediterrâneo Central ou Oriental e depois reproduzidas localmente. Elas assumem de grande valor material e simbólico, desempenhando a categoria de verdadeiras insígnias de carácter ético-social e demonstrando os cargos de chefia dos personagens, cujos túmulos eram assim classificados.

Os artefactos verdadeiros armas eram sucessivamente transmitidos, aquando da morte daqueles indivíduos, aos seus sucessores, pelo que raramente se registam nos acervos funerários.

O "objecto antropomorfo" ou "o antropomorfo", provavelmente construído em materiais perecíveis e por isso associado às espadas, oferece representação humana, figurando o principal atributo da morte. Ele poderá ter sido protótipo em artefactos semelhantes aos que também serviram de modelo às famosas cabeças-de-cavalo, de calcário, e representaria um símbolo de autoridade do foro político-religioso, enquanto que a espada, como a alabarda, suportam conotações do âmbito político-militar. De facto, a substituição do "antropomorfo" pela espada, seguindo a evolução referida, parece demonstrar a crescente afirmação das funções político-militares no seio da sociedade, dos finais da II Idade do Bronze do Sudoeste.

Ao forte guerreiro, defensor, manifestou-se, de modo metafórico, o seu estatuto, através da construção de um monumento memorializante como a estela. Esta representa artefactos sócio-técnicos, ou seja com o seu conteúdo funcional primário na componente ideológica do sistema social, capazes de conferir estatuto, diferenciado e superior, aos seus detentores.

É possível que um importante foco de crescimento económico-social, ocorrido na área de Beja e directamente relacionado com a exploração de recursos minerais ai existentes mas, também, com reservas de boas capacidades agrícolas, se tenha reflectido na construção do grande número de estelas decoradas, ali identificadas. Julgamos que outras jazidas de cobre, como as do Barlavento da Cordilheira Algarvia, poderiam ter desempenhado idêntico papel, possibilitando os contactos exógenos e a complexificação cultural que originaram a II Idade do Bronze do Sudoeste e o seu desenvolvimento. Neste quadro, teríam sido processadas as relações que permitiram as trocas de bens de grande prestígio, designadamente das armas representadas nas "estelas alentejanas".

O Alentejo Litoral no Contexto da Idade do Bronze do Sudoeste Peninsular

Joaquina Soares
Carlos Tavares da Silva

Os trabalhos arqueológicos que realizámos no Alentejo Litoral, em sítios da Idade do Bronze, foram enquadrados pelo paradigma do "Bronze do Sudoeste" formulado por Schubart (1975). A "cultura" do Bronze do Sudoeste, tal como foi definida por aquele autor, permitiu conferir coerência e distinguir, da então bem individualizada "cultura" de El Argar, uma realidade arqueológica parcialmente coerente, muito fragmentária e mal conhecida, dispersa pelas províncias do Alentejo, Algarve e Huelva, com prolongamentos pelas de Sevilha e Badajoz. Schubart apoiou-se em informação de carácter funerário, utilizando critérios tipológicos para a distinção de duas fases de desenvolvimento cultural (Bronze I do Sudoeste, de 1500 a 1100 a.C. e Bronze II do Sudoeste, de 1100 a 800/700 a.C.) que, no seu conjunto, abrangiam a quase totalidade da Idade do Bronze na região. A fase mais antiga articulava-se com um Epicalcolítico, sem cerâmicas campaniformes - "Horizonte de Ferradeira". A fase mais recente podia, pelo menos em parte do Sudoeste, atingir o período orientalizante, de influência fenícia. O Bronze Final ou não estava representado ou correspondia a um curto lapso de tempo marcado por ruptura cultural com as pré-existências. Foram sobretudo as datações radiométricas recentemente obtidas, embora com alguma parcimónia, para jazidas da Idade do Bronze do Sudoeste peninsular, que contribuíram para a perda de eficiência do modelo de Schubart.

O objectivo deste texto é, face à nossa experiência de campo no Alentejo Litoral e a novos e importantes contributos de diversos autores, propor, de forma sumária, novas "arrumações" da informação e distintas leituras de feição económico-social, direccionadas pela sentida necessidade da criação de um novo paradigma para a Idade do Bronze do Sudoeste Peninsular.

A crise do modo de produção calcolítico e a emergência das formações sociais da Idade do Bronze no sudoeste peninsular

O Calcolítico do Sudoeste integra um modo de produção cujas contradições internas levaram ao seu colapso nos finais do III milénio a.C. As forças produtivas inerentes a esse modo de produção ter-se-ão desenvolvido no quadro da "revolução dos produtos secundários". Esta, ocorrida a partir do Neolítico Final, conduziu ao domínio de uma nova fonte energética (força de tracção do gado bovino) aplicada à agricultura, permitindo a exploração dos solos de maior fertilidade, mais pesados e difíceis de trabalhar. O processo de intensificação económica daí resultante terá desencadeado importantes acréscimos no volume da produção e na produtividade, os quais criaram, por sua vez, condições favoráveis ao crescimento demográfico, ao incremento da sedentarização, à segmentação dos territórios e à desigualdade entre comunidades, com ausência de poder centralizado. Aqui residem alguns dos principais factores que, interagindo, terão contribuído indirectamente, a longo prazo, para o esgotamento do modelo económico calcolítico. Com efeito, a necessidade de manter a fertilidade do solo em contexto de grande segmentação dos territórios (escassez progressiva de reservas de solo arável)[1] teria representado uma das mais flagrantes contradições do modo de produção calcolítico e, ao mesmo tempo, uma das causas da desigualdade e competição entre os diferentes grupos que, num cenário de ausência de poder centralizado, estiveram na origem de intensa conflitualidade. Esta constitui um dos traços mais marcantes das formações económico-sociais calcolíticas do Centro e Sul de Portugal, tendo contribuído decisivamente para o seu declínio. A escala predominantemente localizada da organização económico-social calcolítica mostrava-se, pois, ineficiente no final do período, não só no que concerne às actividades primárias, de subsistência, mas também no que respeita à metalurgia: a especialização artesanal "imperfeita" e a lentidão da procura decorrente de um sistema económico excessivamente compartimentado bloqueavam o desenvolvimento daquela actividade que consideramos motora, atendendo à sua capacidade de indução de alterações estruturais na esfera produtiva e social.

A resolução dessas contradições ou, por outras palavras, a remoção dos obstáculos que se opunham ao desenvolvimento das forças produtivas viria a ocorrer através da emergência de um poder centralizador com funções redistribuidoras e capacidade de organizar a exploração económica de amplos territórios bem como de estruturar redes de trocas de grande amplitude. Nos finais do III milénio a.C. a crise é profunda. Nela se forjará um novo modo de produção expresso através das formações económico-sociais do período que convencionámos designar por Idade do Bronze.

Os primeiros indícios de ruptura do modo económico-social calcolítico podem observar-se através da alteração das estratégias de povoamento, com multiplicação dos povoados sem defesas naturais, diversificação dos tipos de implantação topográfica, deslocalização dos habitats. No Alentejo Litoral, esses aspectos são patentes através, por um lado, do abandono do povoado de altura do Calcolítico Pleno de Monte Novo (Sines) e, por outro, da fundação de um povoado aberto e de curta duração em Vale Vitoso (Porto Covo) com cerâmica campaniforme exclusivamente incisa.

Na esfera do ritual funerário, a crescente preferência pelo enterramento individual, bem representada através das sepulturas com cerâmica campaniforme incisa que atulharam a câmara do dolmen da Pedra Branca (Melides), constitui outro indício, existente no Alentejo Litoral, da emergência de novas formas de organização social. Estas manifestam-se ainda ao nível da cultura material, pela standardização de itens de grande circulação, alguns deles patentes nas referidas sepulturas, como o vaso campaniforme, a ponta de seta tipo Palmela, o punhal de lingueta e o braçal de arqueiro.

Vale Vitoso, no litoral alentejano, representa o ponto mais meridional do País onde surge cerâmica campaniforme. Para Sul, manifesta-se o chamado "Horizonte de Ferradeira" (Schubart, 1971) que parece ter sido, pelo menos parcialmente, contemporâneo das fases tardias do Horizonte Campaniforme (grupo inciso, designadamente).

As características do "Horizonte de Ferradeira" colocam-no igualmente na fase crítica, de desarticulação, do modo de produção calcolítico e de reelaboração de novo sistema económico-social, na passagem do III para o II milénio a.C. Este horizonte, tal como o grupo inciso do Horizonte Campaniforme deverão integrar o Bronze Antigo do Sudoeste, datável de 2200/2100-1900/1800 a.C., com base nas datações 14C obtidas para o Calcolítico Final, por um lado, e para o início do Bronze Médio (sepulcro XIV de Mesa de Setefilla, Herdade do Pomar), por outro.

O "Horizonte de Ferradeira" está representado no Alentejo Litoral pelas sepulturas individuais e cistóides de Vila Nova de Mil Fontes e de Odemira (Schubart, 1975). A sepultura do primeiro local forneceu uma ponta de seta, em cobre, tipo Palmela, e a de Odemira, uma ponta de seta tipo Palmela e um machado plano de cobre. O ritual de enterramento individual substitui definitivamente o colectivo. As sepulturas, de planta rectangular ou oval, são, na regra geral, constituídas por mais de quatro esteios; muitas delas, pelo seu comprimento, estavam aptas a receber inumações de corpo estendido; têm fornecido espólio metálico (cobre arsenical) de tipologia igualmente presente na fase campaniforme inciso (pontas de seta tipo Palmela e punhais de lingueta), cerâmicas lisas cujos perfis se aproximam dos campaniformes, botões de osso com perfurações em V e braçais de arqueiro. Assim, parecem salientar-se, das escassas evidências arqueológicas disponíveis, figuras de guerreiros socialmente prestigiados. Estes arqueiros que, por hipótese, terão acumulado funções de chefia, podem ter desempenhado papel de relevo em conjuntura de grande mobilidade e desarticulação social próprias de situação de crise, assegurando o funcionamento de redes de alianças supra-locais (atenda-se à vasta difusão dos itens metálicos atrás referidos).

A fraca visibilidade arqueológica do Bronze Antigo e o ambiente social de relativo desconexão sugerido são, pois, interpretados como o resultado da desagregação das comunidades locais, necessária à actuação de mecanismos de integração a escalas regionais, lógica que irá acentuar-se nas fases seguintes da Idade do Bronze.

Bronze Médio do Sudoeste, vertente ascendente de novo ciclo de desenvolvimento

Progressivamente, após a crise do Bronze Antigo, vão-se fixando os contornos de um novo modo de produção que atinge o seu estado de maturidade no Bronze Final. Entre os dois extremos do processo (de 1900/1800 a 1200 a.C.), na vertente ascendente desse novo ciclo de desenvolvimento, localiza-se um Bronze Médio (Bronze do Sudoeste de Schubart) em que se podem observar dois ritmos de transformação socio-cultural bem diferenciados. Uma fase inicial, de desenvolvimento lento (Bronze Médio I) que poderá corresponder ao Bronze I do Sudoeste de Schubart, e uma segunda fase, Bronze Médio II, que fazemos coincidir com o Bronze II do Sudoeste do mesmo autor, e em que as transformações são mais rápidas, ocorrendo significativas inovações no que concerne à cultura material (vasos inspirados em modelos metálicos) e que reflectem a crescente complexidade social ("estelas alentejanas"). Este corte diacrónico permitido pela base empírica disponível, é obviamente genérico e esquemático. Basta comparar a realidade arqueológica alentejana com a da região de Huelva, para nos apercebermos da existência de variações espaciais importantes na área de dispersão dos elementos da chamada "Cultura do Bronze do Sudoeste". A problemática das fácies sub-regionais não será aqui tratada. Daremos preferência às continuidades do processo e exemplificá-las-emos, sempre que possível, com o registo arqueológico do Alentejo Litoral.

A primeira fase (Bronze Médio I) poderá ser datada de 1900/1800 a 1600/1500 a.C. e a segunda (Bronze Médio II), de 1600/1500 a 1200 a.C.

O quadro I requer dois breves comentários no que respeita às datações da Herdade do Pomar e de Belmeque. A datação obtida para uma sepultura de tipo cista, da Herdade do Pomar, oferece uma cronologia que se enquadra bem no Bronze Médio I tal como o recipiente cerâmico sub-cilíndrico e de base plana atribuído à mesma sepultura; já a taça carenada afim do tipo Odivelas, que trabalhadores locais indicaram ter sido encontrada também na sepultura, dentro do contexto (Gomes e Monteiro, 1976-77).

A datação obtida para uma das duas inumações de Belmeque está de acordo com a tipologia do recipiente cerâmico que fazia parte do espólio funerário. Porém, os elementos metálicos do mesmo espólio registam a presença de bronze, liga que até aqui era conhecida no Sudoeste somente no Bronze Final (Soares, 1994). A datação de ambas as inumações talvez possa contribuir para esclarecer as questões em aberto.

No Alentejo Litoral, o Bronze Médio é conhecido sobretudo na sua fase evolucionada. As sepulturas mais antigas da necrópole da Provença talvez remontem ao Bronze Médio I (sepulturas de orientação N-S, com espólio cerâmico mais arcaico, destaque para o vaso piriforme da sep. 22). Esta necrópole desenvolve-se, porém, durante o Bronze Médio II. É constituída por pequenas cistas inseridas em recintos tumulares de planta rectangular que, por um lado, criam uma rede de relações estruturadora das sepulturas individuais, cujo sentido nos escapa, e, por outro, sublinham cada sepultura, enquanto suporte do respectivo tumulus. Não é certamente acidental o facto do recinto da sepultura mais antiga, do "fundador" da necrópole, possuir grandes dimensões que lhe conferem, assim, maior monumentalidade.

A necrópole de Casas Velhas (Mértola) não apresenta recintos tumulares. Este cemitério parece pertencer à fase I do Bronze Médio. Acrescentando a informação fornecida pela necrópole da Vinha do Casão (Gomes et al., 1986), poder-se-ia colocar a hipótese de, no Sul de Portugal, algumas necrópoles do Bronze Médio I, reflectindo uma certa desarticulação social (Barrelo, 1991: 19), não se apresentarem estruturadas por recintos. Nesta perspectiva, como explicar a arquitectura da necrópole de Atalaia? Recorrer à ideia de desenvolvimento sócio-económico com ritmos regionalmente diferenciados? E como explicar o facto de em núcleos sepulcrais de diferentes épocas (Monumento II do Pessegueiro e Alfarrobeira), mas organizados em recintos tumulares, ocorrerem sepulturas periféricas não integradas em recintos?

Com base na arquitectura das necrópoles do Bronze Médio de Sines (Provença, Quintas e Pessegueiro) consideramos (1991) a existência de uma facies regional: o grupo de Sines, cuja distribuição se conhecerá ser bem mais vasta: necrópole de Alfarrobeira (S. Bartolomeu de Messines).

No que concerne à orientação das sepulturas, os factores regionais ou o estatuto social poderão ser mais significativos que os cronológicos. Por enquanto é impossível encontrar comportamentos bem padronizados.

O ritual funerário parece ser a principal comunalidade do Bronze Médio do Sudoeste peninsular, e também o aspecto mais conservador. Caracteriza-se por inumações individuais geralmente não cobertas por cerca, em posição contraída e quase sempre em decúbito lateral, depositadas em fossas ou cistas de pequenas dimensões[1], com rampa tendencialmente monolítica e, regra geral, agrupadas em cemitérios. Em alguns casos, registaram-se reutilizações de sepulturas (monumento II de Pessegueiro; necrópoles da Quintas e da Vinha do Casão). Raras sepulturas, como a de Belmeque ou a de Mesa de Setefilla onde as influências da "cultura" de El Argar parecem evidentes, afastam-se do padrão referido.

A distribuição do espólio revela diferenças de estatuto, quer de carácter etário, quer quanto ao género: de um modo geral, as inumações de crianças não vão acompanhadas de espólio e as femininas não recebem objectos metálicos (Garcia Sanjuan, 1991). Possíveis diferenciações na hierarquia social podem ser lidas em algumas sepulturas com espólios considerados ricos e/ou nas assinaladas por "cistas alentejanas". No primeiro caso, e a título de exemplo, poderemos referir a sepultura 12 da Provença (Sines), cujo espólio é constituído por taça de carena muito baixa, vaso de colo estrangulado decorado por ceruras verticais, punhal, de rebites, em cobre, contas em mineral verde e espátula em osso. Também em contextos do Bronze Médio I se destacam sepulturas pela riqueza dos seus espólios. Assim, uma das sepulturas da necrópole do Monte do Vale de Carvalho (Alcácer do Sal) forneceu um recipiente cerâmico associado a um punhal de rebites e a um furador, de cobre arsenical, e a um botão de pedra polida interpretado como remate da empunhadura do punhal (Arruda et al. 1990); a inumação nº 2 de Mesa de Setefilla (Sevilha) era acompanhada de punhal de rebites em cobre arsenical e de espada de lâmina estreita e longa com placa de encabamento quadrangular, dotada de rebites, também em cobre arsenical (Aubet et al., 1983: 66).

A sobrevalorização de algumas sepulturas através da adição de "cistas alentejanas" foi recentemente confirmada na sepultura nº 2 da necrópole de Alfarrobeira (sub-tipo com representação exclusiva de ancoradouro - Gomes, 1994).

Paulatinamente, o conhecimento do Bronze Médio do Sudoeste tem vindo a enriquecer-se com informação proveniente de espaços domésticos os quais, regra geral, estabelecem fortes relações de proximidade física com as necrópoles. Esta proximidade, no Alentejo Litoral, é reforçada pela utilização, talvez simbólica, de terra proveniente do povoado (contendo naturalmente materiais de carácter doméstico, na construção dos tumuli).

Quando, na década de 70, realizámos escavações em extensão nas necrópoles da Quintas e Pessegueiro foram identificados, pela primeira vez, povoados correlacionáveis com as necrópoles de cistas do Bronze do Sudoeste. Mais tarde, tentámos a localizar o povoado correspondente ao cemitério da Provença, com idêntico padrão locativo. São povoados abertos, sem condições naturais ou artificiais de defesa, situados nas proximidades das necrópoles, por vezes rodeados pelos núcleos sepulcrais, como no caso do Pessegueiro. Possuíam cabanas de planta rectangular (ca 6m x 5m), cujas paredes, de materiais lígneos, apresentavam, ainda que raramente, a base reforçada por elementos pétreos, os pavimentos podiam ser lajeados, as lareiras, de planta circular, eram sobrelevadas e limitadas por pequenos esteios. Estes povoados desenvolveram economias agro-pecuárias onde a pesca esteve presente, pelo menos no caso do Pessegueiro, bem como todo um conjunto de actividades artesanais, com destaque para a reciclagem e fundição do cobre. Os inventários cerâmicos mostram uma diversidade tipológica consideravelmente superior aos da cerâmica funerária, de salientar a importante presença de vasos de grandes dimensões, certamente destinados ao armazenamento.

Também em Chichina (Sevilha) foi localizado o povoado a curta distância da necrópole. O habitat correspondente à necrópole de Cerro Chalo (Huelva) situava-se, igualmente, na proximidade dela. As condições pouco favoráveis em que decorreu a escavação e o facto da camada arqueológica se encontrar muito perturbada (Castañedo II) não permitiram a Mariano del Amo (1974: 166-168, Lám 174) perceber que estava perante uma área habitacional contígua à necrópole, mesmo tendo admitido a presença de recipientes de tão grandes dimensões que não poderiam ter sido incluídos nas cistas. Os perfis cerâmicos mostram nítidas afinidades com os dos povoados da região de Sines.

Posteriormente a estas descobertas, vimos a ser identificados, no Sudoeste peninsular, povoados de altura e por vezes fortificados, como Teatejón e Mesa de Setefilla. O povoado de Teatejón (Serra de Aracena - Huelva) ocupa uma elevação com boas condições naturais de defesa, controlando o acesso ao vale da Ribª de Huelva. As áreas de assentamento foram regularizadas e ampliadas artificialmente pela construção de estruturas a que os escavado-

***Quadro I* - Datações 14C do Bronze Médio do Sudoeste**

Bronze Médio I	Amostra	Anos BP	Anos Bp-1ap*	Cal AC (2 sigma)	Pontos de intersecção da curva
Mesa de Setefilla (Estrato XIV)	Carvão	3120±95		2129 - 1612	1875-1800/ 1785 cal AC.
Mesa de Setefilla (Estrato XIII)	Carvão	3470±95		2027 - 1572	1748 cal AC.
Herdade do Pomar (ICEN - 87)	Ossos humanos	3310±45		1958 - 1688	
Bronze Médio II					
Sepultura de Belmeque (ICEN - 142)	Ossos humanos	3230±60		1630 - 1400	1510 cal AC.
Sepultura 16 do Mon. II do Pessegueiro (1ª inumação) (ICEN - 867)	Ossos humanos	3270±45		1679 - 1442	1526 cal AC.
Acampamento da Praia da Oliveirinha (ICEN - 727)	Conchas marinhas	3460±50	3100±60	1510 - 1224	1406 cal AC.

*1ap (180 ± 30 anos) - Idade aparente, correspondente ao efeito de reservatório oceânico na costa portuguesa (Soares, 1989). A calibração das datas de Setefilla foi gentilmente realizada pelo Eng. A. M. Monge Soares a quem agradecemos. Foi utilizada a curva de Pearson e Stuiver (1993).

res não atribuem funções propriamente defensivas (Hurtado Perez e Garcia Sanjuan, 1993). A partir de datações 14C, as duas fases de ocupação do povoado foram datadas, respectivamente, de 1600 a 1200 a.C. (Bronze Médio) e de 1200 a 800 a.C. (Bronze Final). A ausência de rupturas na transição Bronze Médio - Bronze Final permite colocar a hipótese de a fundação de pelo menos alguns dos grandes povoados fortificados do Sul de Portugal, genericamente considerados do Bronze Final, remontarem ao Bronze Médio.

Na primeira fase de ocupação, culturalmente atribuível ao Bronze Médio II do Sudoeste, Tróstejón revela, desde logo, uma organização funcional do espaço intra-habitat, com áreas dedicadas ao armazenamento (Hordeum sativum, Triticum aestivo/compactum, T.durum ou turgidum) e à escolagem. As habitações seriam de planta ovalada, algumas de grandes dimensões. Possuiam paredes de materiais ligeiros (presença de argila de revestimento com impressões de ramagens), assentes sobre embasamentos constituídos por elementos pétreos verticais organizados em duas fiadas.

A actividade agro-pecuária, possivelmente desequilibrada a favor da pastorícia (atendendo às condições ambientais e aos recursos da área envolvente do povoado), seria complementada pela metalurgia do cobre.

O povoado de altura de Mesa de Setefilla (Sevilha), revelando embora fortes influências de El Argar, poderá ser incluído no Bronze do Sudoeste. São evidentes as similitudes existentes entre a sua cultura material e a das necrópoles de cistas de Huelva. O estrato XIV e a base do estrato XIII pertencem ao Bronze Médio I, datado por 14C da 1ª metade do II milénio a.C.. Este povoado foi defendido por fortificação com baluartes circulares, sendo o espaço intra-habitat edificado com estruturas de pedra e adobe. Localmente ter-se-á desenvolvido uma "sofisticada" metalurgia (Aubet et al., 1983).

Durante o Bronze Médio surgem, assim, no Sudoeste peninsular, povoados de altura, fortificados, possíveis lugares centrais onde se concentrariam, pois, funções qualificadas, a par de povoados abertos, localizados em áreas planas, onde se desenvolveriam funções banais. Formas diversificadas e complementares de exploração dos territórios têm expressão em jazidas muito especializadas economicamente, como o acampamento de marisadores da Praia da Oliveirinha, em Sines, datado do Bronze Médio II, ou seja, da 2ª metade do II milénio a.C.

A problemática da organização económico-social das populações do Bronze Médio do Sudoeste tem vindo a ser equacionada através de duas perspectivas opostas.

Os signatários já haviam proposto, a partir do estudo de necrópoles e povoados da região de Sines (Silva,C.T. e Soares, 1981), a alteração, no decurso da Idade do Bronze, das estruturas sociais anteriores, basicamente igualitárias ou pouco hierarquizadas, e a emergência de personagens de estatuto social superior cuja riqueza fazia supor a maior riqueza do espólio de algumas sepulturas. Interpretavam a implantação e arquitectura dos habitats abertos, então escavados, como reflexo da emergência de um poder centralizado que dominaria um determinado território, respondendo pela sua defesa. Os povoados da região de Sines deveriam ter, assim, a sua contrapartida em hipotéticos povoados de altura (em 1981 ainda desconhecidos), onde se supunha viver o grupo dirigente.

Anteriormente, Mário Varela Gomes e J. Pinho Monteiro (1976-77) tinham, com base no estudo das "estelas alentejanas", concluído que "as chefaturas constituem [...] o tipo de sociedade que melhor se quadra às características estético-ideológicas e arqueológicas conhecidas [para o Bronze Médio]". E explicitavam: "Estas sociedades estão baseadas na função centralizante dos chefes que têm por missão re-distribuir os bens que os vários grupos debaixo do seu controlo lhes entregam em forma de oferendas ou de dádivas. São portanto os eixos sobre os quais gira a vida económica dos conjuntos de grupos que, devido a esse mecanismo de re-distribuição, se podem entregar a fundo a actividades especializadas diferentes, pois o peculiar sistema de trocas assegura a cada um o bens que não produz. Apresentam como uma das suas características, o facto dos vários chefes de cada grupo em que se divide a chefatura se organizarem numa escala hierárquica, com base na linhagem e na proximidade consanguínea com o chefe supremo" (Gomes e Monteiro, 1976-77: 330).

Mais recentemente, M. Eugénia Aubet e colaboradores (1983: 136) propuseram, a partir das escavações da Mesa de Setefilla, a existência, no Bronze Médio, de poder centralizado.

Na mesma linha de pensamento, S. Oliveira Jorge (1990: 213) defende o aparecimento de "unidades sócio-políticas" sustentadas por uma "organização interna bastante centralizada".

L. Garcia Sanjuan (1993: 177), com base em estudo estatístico da informação recolhida nas necrópoles de Atalaia e Provença, conclui não existirem elementos que permitam apoiar a hipótese de formações sociais com claras dinâmicas coercivas. A análise não considera um aspecto (para já não falar no desfasamento cronológico entre os sítios seleccionados) que se nos afigura relevante: a dimensão espacial da hierarquia social. Os registos arqueológicos obtidos para Atalaia e Provença têm de ser ponderados pelo grau de integração das comunidades em estudo no todo social (relações de tipo centro-periferia). Não muito afastadas das propostas de L.Garcia Sanjuan estão os modelos económico-sociais defendidos por J. Barceló (1991, 20) e A. Monge Soares (1993, 179). O primeiro autor considera o Bronze Médio do Sudoeste constituído por núcleos independentes, com estrutura sócio-económica heterogénea, embora integrados em um sistema complexo de relações, responsável pela aparente unidade sugerida pela cultura material; sublinha ainda o facto das diferenças não terem gerado conflito entre os grupos. A. Monge Soares considera que entre o Calcolítico e o Bronze Final se intercala uma fase de retrocesso, "com populações dispersas, vivendo da agricultura em acampamentos temporários". O modelo social proposto pelos dois últimos autores citados seria, quanto a nós, adequado à fase de colapso do modo de produção calcolítico, durante o qual subsistem ainda manifestações epicalcolíticas, mas em contexto de crise, marcado por profundas alterações sociais e económicas.

Para o Bronze Médio do Sudoeste, e a partir da análise global do registo arqueológico, defendemos, com outros autores já referidos (Jorge, 1990; Gomes, 1994), a emergência de uma organização social de tipo chefatura, cuja complexidade se irá acentuar no decurso do Bronze Final. Os territórios teriam tendencialmente estruturados por poder centralizado detido por grupo dirigente de marcada feição guerreira. As "estelas alentejanas", características do Bronze Médio II, constituem os mais expressivos testemunhos desse elite. O seu padrão de distribuição mostra-nos um espaço polarizado pelas áreas de maior potencialidade agrícola ("barros" de Beja) e maior riqueza mineira. Espaço que terá sido progressivamente modelado sob o efeito de relações de tipo centro-periferia[4].

Bronze Final: formação de sociedades proto-estatais

Quando em 1978 identificámos e estudámos o povoado do Bronze Final da Cerradinha[5] localizado em plena área da chamada "Cultura do Bronze do Sudoeste", interrogámo-nos quanto à sobrevivência da fase recente da mesma (Bronze II do Sudoeste) até aos alvores da Idade do Ferro (800/700 a.C.), proposta por Schubart. A prospecção da região veio a mostrar que a Cerradinha não era um caso isolado. Outros povoados abertos, do Bronze Final, ainda inéditos, foram identificados, parecendo indicar a ocorrência de significativo crescimento demográfico naquele período. Vestígios do Bronze Final foram igualmente detectados em um povoado de altura - nível de base de Miróbriga (Santiago do Cacém), ocupado também na Idade do Ferro e na Época Romana. A ideia de um aumento da densidade populacional na região, durante o Bronze Final, é apoiada pelos estudos polínicos realizados no norte do Alentejo Litoral (Mateus e Queiroz, 1995)[6].

Por outro lado, a cultura material da Cerradinha mostra ainda afinidades tipológicas com a do povoado do Bronze Médio II de Quinta (Sines), sobretudo, a matriz artefactual herdada, inovações de que importa destacar formas cerâmicas, nomeadamente taças de vincada carena média, decorações de tipo Boquique e brunidas, metalurgia do bronze (cadinhos de fundição com escória da liga metálica cobre-estanho).

Face aos dados disponíveis, parece-nos ser defensível, para o Alentejo Litoral, uma continuidade no povoamento e na esfera cultural entre o Bronze Médio e o Bronze Final, ocorrendo neste último período, importantes avanços tecnológicos associados a metalurgia do bronze e ampla abertura ao exterior, responsável pelo esbatamento dos regionalismos.

A ausência de rupturas culturais na transição Bronze Médio - Bronze Final é particularmente evidente, como atrás dissemos, no povoado de altura de Tróstejón (Serra de Aracena - Huelva). Na transição do Bronze Médio para o Bronze Final, a economia, basicamente agro-pecuária e com metalurgia somente de cobre arsenical e de carácter doméstico, sofre importante reorientação no sentido da especialização na actividade metalúrgica do bronze (grandes volumes de escórias e fornos de fundição). Esta é agora desenvolvida em larga escala, para um mercado supra-local. O inventário cerâmico da ocupação do Bronze Final conserva uma matriz herdada da fase anterior (Hurtado e Garcia Sanjuan, 1993).

No Sul de Portugal, conhecem-se povoados de grande extensão, fortificados, que têm fornecido materiais do Bronze Final (Parreira, 1971-73; Parreira e Soares, 1980; Soares, 1986), através de recolhas de superfície e de algumas escavações (Passo Alto, p. ex.). Localizam-se preferencialmente em áreas de grande potencialidade agrícola (barros de Beja) e em zonas com abundantes recursos minerais. Importante factor locativo parece ter sido também a proximidade e /ou a acessibilidade ao Guadiana - via de comunicação alternativa ao perigoso caminho marítimo a norte do Cabo de S.Vicente.

Aqueles castros, com várias linhas de muralhas como o de Ratinhos (Moura), e em relação aos quais não podemos excluir a hipótese de fundação mais antiga, documentam bem a hierarquização do povoamento. Funções não banalizadas como as relacionadas com a defesa, o controlo da produção metalúrgica do bronze, a gestão das redes de troca poderiam estar concentradas nesses possíveis lugares centrais.

No extremo oposto da hierarquia do povoamento, podemos colocar povoados ou acampamentos, abertos, de débeis estruturas (cabanas totalmente construídas com materiais perecíveis, lareiras e fossas de resíduos), como o de Pontes de Marchal, cuja comunidade explorou de forma diversificada a área da Ria de Faro, desenvolvendo a par da agricultura (presença de elementos de foice em sílex) e da pecuária, uma forte componente recolectora (moluscos estuarinos).

Mesmo no quadro restrito do Alentejo Litoral, essa hierarquização pode ser lida quando comparamos o povoado da Cerradinha com o de Miróbriga. No entanto, e tal como se verificara no Bronze Médio, pensamos que esta região prossegue uma integração periférica num sistema económico cujo centro, receptor das mais-valias, parece aguardar identificação.

A existência de importante sobreproduto económico que permitiu a comple-

solidez social do Bronze Final facea, em grande parte, a dever-se ao sucesso da produção agropecuária, associado ao aprofundamento da rentabilização dos produtos secundários, e à possível introdução do cultivo da vinha e da oliveira, espécies com elevadas potencialidades de intensificação produtiva. Alguns autores (Ruiz-Galvez, 1994) têm enfatizado a importância das leguminosas, em particular da espécie *Vicia faba* (descoberta em Transmontes) como regeneradoras da fertilidade dos solos. Pensamos que o todo os factores referidos se deve acrescentar a nova organização do trabalho, próprio de um modelo económico-social proto-estatal onde estaria aberta a possibilidade de intensificação económica pela via do investimento de força de trabalho comunitário.

A componente económica mais dinâmica e com elevada capacidade de sustentar a complexidade social parece ter sido a metalurgia do bronze e as respectivas redes de trocas (matérias-primas e produtos manufacturados) que atravessaram a Europa, do Atlântico Norte ao Mediterrâneo Oriental. Esta complexidade de trocas, "Mercado Comum do Bronze" no dizer de Coffyn e Sauz (1994), corresponderia, segundo os mesmos autores, ao apoio interno de poderes territoriais representados por "pequenos que dominavam a circulação dos metais". A este respeito importa ter presente o conteúdo do naufrágio de Huelva ocorrido possivelmente em torno a 900 a.C.[6]

Uma das expressões do registo arqueológico talvez mais emblemáticas e sintéticas da estrutura ideológica e organização social do Bronze Final é constituída pelas estelas de tipo extremenho, mais tipo mais antigo encontrado na região de Cáceres-Badajoz, com escudo de chanfradura em V, lança e espada e sem representação de figura humana, pode valer remontar ao século XII (Gomes, 1992: 115). Comportam-se como registos evocativos de guerreiros com representações de armas e de elementos de sumptuária ou manifestações da institucionalização de um poder coercitivo ao serviço de elite consumidora de objectos de luxo de elevado valor acrescentado e com forte capacidade diferenciadora no plano social (ostentação do supérfluo).

Também o carácter aberto das sociedades do Bronze Final que como referimos e a importância das trocas a longa distância se espelham nas estelas extremenhas: influências atlânticas (escudo de chanfradura em V, espadas pistiliformes); comerciais (capacete de cornos); mediterrânicas (fíbulas, espelhos, pentes, carros) (Coffyn, 1985; Gomes, 1992).

Finalmente, a distribuição das estelas extremenhas mostra-nos, e continuando a ter presente o mapa de dispersão das evidências arqueológicas do Bronze Médio do Sudoeste, um sensível deslocamento do polo de desenvolvimento desta vasta região para a Baixa Extremadura espanhola, área pelo menos aparentemente periférica durante o Bronze Médio do Sudoeste. As estelas mais distantes do seu centro difusor foram encontradas em Solórzo (Vouzela) em contexto funerário (incineração) datado de meados do séc. X a.C. (Coffyn e Sauz, 1993: 292).

Assim, o Bronze Final do Sudoeste, de 1200/1100-700 a.C., marcado tecnologicamente pela difusão da dependência metalúrgica do bronze, parece assumir ao longo do seu desenvolvimento do modelo económico-social que se esboçara nos inícios do Bronze Médio, enfatizando por unidades comunitárias relativamente vastas, mas quase as comunidades se integravam através de relações do tipo centro-periferia. As diferenciações económico-sociais estariam ainda, assim, fortemente espacializadas: povoados de cabanas, planos e abertos, como Cerradinho e Pontes de Marchal, exploradores de mais-valias para o centro do sistema a que corresponderiam povoados fortificados como Ratinhos, Mangancha, Otacio do Cerro, Cerro do Fraile nos quais habitariam os grupos dirigentes. Estes poderiam interferir directamente no controlo da produção e das trocas dos produtos metálicos, tendo desenvolvido o gosto por objectos de luxo (sua circulação extrafronteiriça) e intercambiando entre regiões longínquas e alimentando o espectáculo do exercício do poder.

O modelo proposto, tratando-se de um esquema, não contempla variações regionais, embora tenha algum consenso (Cf. p. ex. Gomes, 1992; Jorge, 1990), assente sobre uma base empírica muito fragmentária.

Em termos diacrónicos, é possível conferir com algumas reservas, distinguir no Bronze Final do SO de Portugal, duas grandes fases (Gomes, 1992). A mais antiga (séc. XII-X a.C.), em que o hadrosoma pensadar seria polarizado pela Baixa Extremadura espanhola e pela circulação de influências predominantemente atlânticas e comerciais, encontra-se bem representada pelo habitat de Pontes de Marchal datado de 2970-50 BP (ICEN 698). A sua calibração fornece um intervalo de 1262-1115 cal. AC, para 1 sigma, e um intervalo de 1377-1061 para 2 sigma. Atendendo aos pontos de intersecção da curva, parece-nos aceitável datar a parada dos inícios do séc. XII a.C.. No Alentejo Central, a ocupação da Corradinha pode assumir esta primeira fase. No segundo terço X/VIII a.C. intensificam-se as relações com o Mediterrâneo, até ao estabelecimento das colónias fenícias do Ocidente[7]. O hadrosoma pensadar seria então polarizado por Huelva (fundamo como de Tartessos) cujo surto de desenvolvimento se teria ficado a dever à riqueza dos seus recursos minerais (prata, cobre e outro).

[1] Atenda-se, a título de exemplo, à localização dos povoados calcolíticos, que bastam vale confirmamos, do Monte da Tomba e de Castelo do Tomba, distantes entre si apenas cerca de 3Km e situados na extrema dependência de duas importantes manchas de solos de categoria A.

[2] Tem sido difícil explicar este aspecto da arquitectura funerária, atendendo à escassa informação disponível. Com efeito, poucas necrópoles da Idade do Bronze foram até agora escavadas em extensão.

[3] Nas necrópoles de Sines as dimensões das sepulturas variam em torno dos seguintes valores: 1,20/1,00 m x 0,55/0,50 m x 0,60 m.

[4] De notar que cerca de 50% dos "indetermináveis" se concentram na área de Beja, sendo as estelas de tipo pastoril (com representações de ancoiformes, armas e outros artefactos) exclusivas da mesma área.

[5] O habitat de Corradinha situa-se na margem oriental da região de S. André e na foz da Ribª da Gracinhena, região com grandes potencialidades agropastoris e boa acessibilidade aos recursos marinho-lagunares. Trata-se de um povoado aberto com estruturas em materiais perecíveis (presença de argila de revestimento com impressões de ramagens), cuja economia, potencialmente diversificada, assentava na agricultura (presença de elementos de foice, em sílex, com o característico lustro de cereal, e de elementos de moa) e na pastorícia (presença de queijeiras ou cinchos) (Silva e Soares, 1978).

[6] Entre 2820 BP e ca. 2650 BP o mapa de entrada no Mediterrâneo transforma "radicalmente os ecossistemas envolventes". Essa intervenção é dirigida para a destruição da mata de carvalhos e degradação dos solos pela comunidade de Ensiedlung, ao serviço do desenvolvimento de pastagens e de campos de cultivo que atingiram a fundadura das zonas baixas e húmidas (vales pesados e ferteis). A floresta de fundo de vale, do Arroio Salé "particularmente desenvolvida durante o período Bronze I (Bronze Médio I) desaparece completamente nesta fase também" (Matos e Queiroz, 1984). É possível que o pinheiro manso tenha passado tal como o zambujeiro. Quanto a esta última espécie, os autores que temos vindo a seguir colocam a hipótese alternativa de ocorrência de cultivo "incipiente" da oliveira.

[7] As datações 14C situam-se entre 2870 e 2800 a 70 BP, calibradas, obtém-se o intervalo 1225-825 AC (Coffyn e Sauz, 1993).

[8] No Alentejo Litoral e Vale do Sado existem diversos sítios que ilustram os níveis da influência fenícia quer povoados de fundação indígena, como o Castelo de Alcácer do Sal e a colina de Santa Maria em Setúbal, que estabeleceram relações comerciais com mercadores fenícios, quer sítios de fundação fenícia, como a Tejona de Abul, no vale do Sado. Estes registos modelos arquitectónicos tipicamente orientais e parecem nos uma prova inefutável da navegação fenícia no Atlântico, em relação à qual alguns autores (Burgos, 1990) ainda manifestam dúvidas.

A Idade do Bronze no Algarve

Mário Varela Gomes

1. Os testemunhos

Devem-se a João Baptista da Silva Lopes (1841) e a Pinho Leal (1873), as mais antigas referências a necrópoles de cistas, da Idade do Bronze, no Algarve. Todavia, foi Estácio da Veiga, um dos principais pioneiros da arqueologia portuguesa, quem, nos finais do século XIX, primeiro organizou tal informação, publicando, no vol. IV (1891) da sua obra capital, *Antiguidades Monumentais do Algarve*, descrições, levantamentos e materiais de jazidas daquele período, que ali reconheceu ou explorou, embora, em maior número, pertencentes ao Sotavento. Poucos anos depois, António dos Santos Rocha (1896; 1897; 1904), arqueólogo de fino espírito analítico, investigou novas necrópoles, do mesmo período, nos concelhos de Faro e Portimão.

Em meados do presente século, Lyster Franco e Abel Viana (1948) escavaram cemitérios da Idade do Bronze, nas cercanias de Faro e de Monchique. Aquele último arqueólogo, com Octávio da Veiga Ferreira e José Formosinho (Viana, Ferreira e Formosinho, 1949; 1950; Formosinho, Ferreira e Viana 1953-54) voltaram a investigar importantes necrópoles na serra de Monchique, enquanto que, já nos anos sessenta, Isilda Pires Martins (1988) descobre outras, no Concelho de Loulé, e, na década seguinte, Caetano de Mello Beirão (1973) identifica cemitérios de cistas nos concelhos de Alcoutim e Silves, nomeadamente, o de Alfarrobeira (S. Bartolomeu de Messines).

Em 1975, o arqueólogo alemão Hermanfrid Schubart publicou a sua tese de doutoramento *Die Kultur der Bronzezeit im Südwesten der Iberischen Halbinsel*, onde reuniu e sistematizou os resultados de todos os trabalhos anteriores, seguindo critérios sobretudo de ordem tipológica e baseado nas informações obtidas durante a escavação a que procedeu, anos antes, na necrópole de Atalaia, no concelho de Ourique (Schubart, 1965). Foram, então, definidos, no rasto do que outros pré-historiadores tinham sugerido e de que é justo destacar M. Tarradell (1965) e F. Nunes Ribeiro (1965), os contornos geográfico-culturais da denominada Idade do Bronze do Sudoeste Peninsular. Esta cultura, cuja área abrangia as províncias portuguesas do Alentejo e Algarve, assim como a zona espanhola de Huelva, teria perfil próprio e diferenciar-se-ia da Idade do Bronze do Sudeste ou de El Argar, com a qual era, normalmente, identificada.

A evolução cronológico-cultural proposta por H. Schubart, para a Idade do Bronze do Sudoeste, ainda hoje genericamente aceite apesar dos acertos devidos ao desenvolvimento da investigação, de que ressaltam alterações dos aspectos cronológicos (em virtude das datações absolutas facultadas pelo radiocarbono), esteia-se em dois grandes períodos, Bronze I e II. Eles foram demonstrados a partir dos dados oferecidos pelas necrópoles estudadas, em particular no respeitante à evolução da arquitectura tumular e dos espólios ali recuperados, já que os acervos provenientes dos poucos povoados conhecidos, seus contemporâneos, eram não só diminutos, como desprovidos de contextos estratigráficos. Profundo conhecedor do Calcolítico ibérico, H. Schubart (1971) define, ainda, o Horizonte de Ferradeira, a partir da estação epónima dos arredores de Faro, como o momento de transição entre aquele período e a Idade do Bronze.

Trabalhos ulteriores, na região de Sines (Santos, Soares e Silva 1974; 1975; Silva e Soares, 1978; 1979; 1981), como no Algarve, permitiram completar aquele modelo e matizar muitos dos seus aspectos, principalmente no que concerne à distribuição e tipologia das necrópoles ou das cerâmicas. Têm sido, ainda, desenvolvidos temas específicos, como o respeitante à interpretação sócio-económica e cultural das estelas decoradas, tanto de "tipo alentejano" como de "tipo estremenho" (Gomes e Monteiro, 1976-77; 1977; Gomes, 1990), dos povoados (Parreira e Soares, 1980; Gomes, 1989), ou à cultura material em geral, mas onde se destacam estudos sobre a metalúrgia então praticada (Ferreira e Gil, 1978; Arruda, Gonçalves, Gil e Ferreira, 1980; Gil, Guerra e Barreira, 1986), obtendo-se, também, as primeiras informações de carácter antropológico (Cunha, 1986) e definindo-se a Idade do Bronze Final (Coffyn, 1985). Esta, a que alguns autores chamaram de Período Proto-orientalizante, pôde ser, recentemente, sub-dividida em duas fases (Silva e Gomes 1992, 103-125).

Nos finais da década de setenta e na companhia de Caetano Beirão, Jorge Pinho Monteiro, Carlos Tavares da Silva e Joaquina Soares, escavámos o povoado da Idade do Bronze Final de Pontes de Marchil (Faro) (Monteiro, 1980). Com aquele primeiro, Rosa Varela Gomes e José Luís de Matos (1986), explorámos e estudámos a necrópole de Vinha do Casão (Vilamoura, Loulé), devendo-se à análise do seu espólio antropológico, à prestimosa colaboração de Armando Santinho Cunha (1986).

Também com o saudoso Caetano Beirão iniciámos, em 1985, a escavação da necrópole de Alfarrobeira (Beirão e Gomes, 1986).

A partir de então, identificámos cemitérios da Idade do Bronze por todo o Algarve, de Vila do Bispo (Ingrina) (Gomes e Silva, 1987, 21, 54, 55) a Alcoutim (Afonso Vicente), tendo sido possível escavar, integralmente, a necrópole de Alfarrobeira, a primeira, desta região, cuja maior parte das cistas eram protegidas por *tumuli* e onde se descobriu uma estela decorada. Próximo detectámos outros arqueosítios congéneres, tendo entregue, um deles, nova estela decorada e os fragmentos de duas outras (Gomes, 1990a; 1991; 1994). A necrópole de Corte Cabreira (Aljezur), referida pelos autores pioneiros acima indicados e contendo *tumuli* de planta rectangular, foi, em 1990, parcialmente escavada.

2. A Diacronia

Conforme antes indicámos, a Idade do Bronze do Sudoeste Peninsular assentaria, sobre fundo cultural dos finais do Calcolítico, contemporâneo do Campaniforme, mas próprio daquela zona, o Horizonte de Ferradeira, por ora conhecido, apenas, no Baixo-Alentejo e Algarve. Pertenceriam àquele momento, dos inícios do II° milénio a.C., algumas grandes cistas rectangulares ou túmulos ovais, cobertos por aparelho de lajes imbricadas, formando cúpula rudimentar, contendo inumações individuais de corpo estendido em decúbitus dorsal, a que se associavam taças de fundo hemisférico, algumas carenadas e depositadas sobre a cabeça dos defuntos, vasos em calote ou troncocónicos, "braçais de arqueiro", botões de osso com perfurações em V, punhais de cobre, com lâmina triangular larga e lingueta para encabamento, pequenos machados planos, trapezoidais, de cobre, punções e pontas de seta, do mesmo metal, mas com lâmina larga, ovalada, denunciando a influência das pontas de "tipo Palmela".

A I° Idade do Bronze do Sudoeste, que hoje podemos situar entre 1800 e 1500 a.C., oferece inumações em cistas ou caixas de pedra, em geral construídas com lajes dispostas de cutelo ou, mais raramente, em fossas escavadas no solo. Algumas foram protegidas por *tumuli*, mostrando plantas de diferentes formas e dimensões, circulares, ovais ou rectangulares, como observámos na necrópole de Alfarrobeira (Silves), ou apenas rectangulares (Corte Cabreira). Tais estruturas eram delimitadas por lajes ou blocos, colocados de cutelo ou sobrepostos, formando muretes, e guardavam uma ou mais sepulturas, como acontecia, respectivamente, nos cemitérios referidos e no de Serro do Perro (Vila Real de Santo António), a acreditarmos na notícia transmitida por Estácio da Veiga (1891, 115) de que ali teria existido "um circuito de pedras enterradas no solo, com uns 10 a 12 metros de diâmetro, acompanhado de sepulturas quadradas, compostas de lajes toscas de schisto a que chamam pedra da serra, contendo ossos e louças grosseiras de côr escura", semelhante, aliás, a *tumuli*, tanto de Paniças como de Atalaia, no vizinho concelho de Ourique.

Os *tumuli* de Alfarrobeira, como de Corte Cabreira, foram sendo sucessivamente adossados, constituindo uma espécie de favo, de grandes dimensões, do qual se separam sepulturas periféricas e mais tardias, não raro desprovidas daquelas estruturas de protecção, e conforme também acontece nas regiões de Sines (Provença, Quaterna, Pessegueiro) e de Ourique (Atalaia, Alcaria, Paniças). Em numerosos cemitérios, as sepulturas agrupam-se em núcleos (Alcaria, Almadenzinha, Alfarrobeira, Vinha do Casão, Alcaria do Pocinho, Zambujeira, Almado do Ouro, etc...), definindo espaços específicos, talvez com origem directa nas estruturas de parentesco, sugerindo a conservação simbólica, apesar da morte, das relações de consaguinidade e as diferenças de estatutos sociais daí derivados. Por vezes ocupam os topos de pequenos relevos contíguos, conforme se observa no concelho de Castro Marim, ou na região de Huelva, formando verdadeiros campos mortuários, reservados às actividades sócio-religiosas.

Os corpos eram inumados, em posição fetal ou contraída, em decúbitus lateral, sendo, por vezes, depositados sobre leitos de areia (Vinha do Casão) ou de terra que, por conter pequenos fragmentos de cerâmica, se tem interpretado como proveniente do habitat respectivo (Alfarrobeira, Baralha, Serro de Bartolomeu Dias), e podiam ser, ou não, totalmente cobertos por terra.

Os cadáveres eram acompanhados, apenas em 30% dos túmulos, por espólio, normalmente constituído por um ou dois vasos de cerâmica e, em casos bem mais raros, por artefactos metálicos. As taças são os recipientes mais comuns (60%), mostrando carena baixa, fundo convexo, pouco acusado ou plano, paredes verticais ou ligeiramente reentrantes, sendo a maioria, de "tipo Atalaia". A elas eram associadas, taças hemisféricas ou vasos globulares, de colo alto e troncocónico, por vezes munidos de pequenas asas ou de mamilos. Este espólio era colocado junto das mãos dos indivíduos, frente ao tosto ou ao peito.

Os acervos de cobre/bronze, pouco frequentes, apresentam punhais com rebites, punções ou agulhas, machados planos, de gume largo mas arqueado, e pontas de seta, com folha estreita e pedúnculo longo.

O modelo cultural apresentado, sobretudo baseado na amostragem material, sugere contactos com a Cultura de El Argar, ou com o núcleo civilizacional que a informou, revelando as características arquitectónicas de certas cistas, de grandes dimensões, os seus espólios e o ritual funerário, como documenta a deposição de vasos sobre a cabeça dos inumados, nas mais antigas sepulturas de Vinha do Casão (Loulé), em uma de Charrua (Silves) ou, ainda, do primeiro monumento de Alfarrobeira (onde uma pequena raça foi colocada na mesma posição, mas sobre o *tumulo*), estreita ligação ao referido Horizonte de Ferradeira.

As cistas mais recuadas e em geral as maiores, de grande número de necrópoles, oferecem orientação no sentido norte-sul (Baralha, Serro de Bartolomeu Dias, Alcaria, Pereiro, Vinha do Casão, Alfarrobeira, Campina), guardavam inumações com a cabeça colocada no lado norte e a face voltada para nascente, lembrando ritual conotado com a crença da vida no além ou na ressurreição. Todavia, na região de Castro Marim, a maioria das cistas, talvez mais recentes, encontram-se orientadas na direcção nascente-poente, tal como acontece nos cemitérios de El Becerrero e Beas, em Huelva.

A II° Idade do Bronze do Sudoeste, que aceitamos ter-se desenvolvido entre 1500 e 1200 a.C., surge como evolução natural do período precedente, nela se reconhecendo importantes contributos alógenos de proveniência mediterrânica, como as espadas e alabardas, a par de acentuado desenvolvimento económico-social interno.

As cistas, não raro localizadas em cemitérios com sepulturas atribuídas à I° Idade do Bronze (Alcaria, Serro de Bartolomeu Dias, Alfarrobeira, Corte do Guadiana, Vinha do Casão), aparentam dimensões mais reduzidas, descobrindo-se particularmente, como a caixa de pedra construída no interior de uma delas, da necrópole de Alcaria (Monchique), contendo um crânio humano, com paralelo na Quaterna (Sines). Também a cista 5 de Alcaria do Pocinho (Vila Real de Sto° António), entregou uma taça, com um crânio humano.

Na Vinha do Casão detectou-se rara inumação em fossa, desprovida de qualquer estrutura de protecção, tal como enterramentos múltiplos na mesma cista, o que, igualmente, acontecia na sepultura 1 de Campina (Faro), ali se observando, ainda, numerosas estruturas de combustão em toda a área da necrópole, onde foram consumidos, talvez em refeições rituais, alguns alimentos.

Por ora desconhecem-se, neste período, *tumuli* e a algumas cistas associaram-se estelas decoradas (Alfarrobeira, Passadeiras, Marmelete). As mais antigas (sub-tipo A) mostram as representações,

em relevo ou gravadas, de um "objecto anconforme", isolado (Alfarrobeira) ou acompanhado por espada e alabarda (Passadeiras I), de "tipo Montejicar", com protótipos nas necrópoles de Campina e Monte do Castelo (Faro), enquanto que as mais recentes (subtipo C) exibem, somente, a figura da espada (Passadeiras II e III).

As cerâmicas evoluem no sentido de um maior polimorfismo, mostrando, as taças, percentagem mais elevada de exemplares com carenas altas e acusadas, paredes côncavas e fundos bem convexos, alguns com ónfalo. Surgiram, pela primeira vez, as taças com ornamentação no interior do fundo, de temática geométrica, e no exterior das paredes, acima da carena, recordando possíveis protótipos metálicos da Idade do Bronze Médio, do Egeu e Anatólia Central, quiçá de influência egípcia.

Pequenos vasos de corpo esférico e colo estrangulado, com decorações nervuradas, galões verticais e gomos (Poio, Vidiga, Bensafrim), constituem outras inovações deste período em que, também, se retomaram as decorações com pequenos mamilos, dispostos sobre as carenas e bordos, ou, em séries, na metade superior das paredes (Mirante da Mata, Vinha do Casão).

Os espólios metálicos oferecem punhais de rebites, machados planos, semelhantes aos do período precedente, mas normalmente de menores dimensões. Note-se que a alabarda de Campina foi exumada em uma cista, conjuntamente com um punhal de quatro rebites, de "tipo El Argar B".

As armas metálicas referidas, como as longas espadas representadas nas estelas, com modelos no mundo creto-micénico (1600-1400 a.C.) e paralelos dispondo de cronologia absoluta em Mesa de Setefilla (Sevilha), revelam intensos contactos comerciais, apenas compreensíveis num quadro suportado pelo tráfego de bens com grande valor, preponderantemente de metais, como o ouro, a prata e o cobre, entre o Sudoeste Peninsular e o Mediterrâneo Central e Oriental. Por certo que outros produtos sumptuários, designadamente cerâmicas, tecidos, essências e jóias, constituiram significativos elementos de troca, capazes de demonstrar o prestígio e estatuto social das élites que os detinham. As armas referidas e as suas representações, auferiam a categoria de insígnias sociais, símbolos ou atributos do poder, próprias às funções de chefia. Por isso, elas eram utilizadas para classificar e memorializar os chefes guerreiros falecidos, acompanhando-os ou sendo representadas nas estelas que demarcavam as suas sepulturas.

Na necrópole de Alfarrobeira, na transição entre a I^a e a II^a Idade do Bronze, verifica-se a substituição, em termos de caracterização ético-social, dos grandes *tumuli* pela estela decorada. Outras necrópoles mostram o sensível enriquecimento de alguns dos espólios, reafirmando crescente desigualdade de estatutos.

Não se conhecem, por ora, povoados da Idade do Bronze no Algarve, embora a lógica deixe pressupor que a cada necrópole corresponderia, pelo menos, um habitat, localizado próximo e de pequenas dimensões, com estruturas preferentemente construídas em materiais perecíveis, como acontecia na região de Sines (Quitéria e Pessegueiro). A economia de tais populações dependia, uma vez instaladas nas proximidades da costa e nos estuários dos grandes rios, da exploração dos recursos marinhos, e da agro-pastorícia, quando ocupavam o *hinterland*. A caça e a pesca, nos rios, ajudavam a completar a dieta alimentar, praticando-se a olaria, a tecelagem e a exploração, fundição e comércio de metais não ferrosos, sobretudo do cobre, de que a Serra Algarvia era rica.

Dados antropológicos obtidos na Vinha do Casão (Loulé), indicaram a presença de população pertencente à sub-raça mediterrânica, grácil, sendo dolicocéfalos e tendo, os adultos, cerca de 1.70m de estatura. Também se verificou elevada morbilidade infantil, o que a dimensão de muitas cistas de outras necrópoles confirmou, e uma média de esperança de vida baixa, em redor dos vinte anos.

A Idade do Bronze Final decorreu de 1200/1100 a.C. a 800 a.C., afirmando-se não só com o desenvolvimento interno das sociedades precedentes, baseado na intensificação das actividades agro-pastoris e mineiras, como do subsequente comércio daí derivado, mas, ainda, com o contributo decisivo da interacção provocada pelo impacte de novos estímulos étnicos e culturais. Estes provieram tanto de além Pirinéus, com filiação centro-europeia, como do Mediterrâneo Oriental, através de renovados contactos, anteriores à fundação das estruturas comerciais fenícias no Sudoeste Peninsular.

A situação geográfica do Algarve, no extremo ocidente da Península Ibérica, fez com que os contributos continentais chegassem tardiamente e sejam mais raros que nas regiões setentrionais. Na verdade, ainda se conhece mal este período, apenas representado em algumas jazidas (Pontes de Marchil, Castro Marim, Rocha Branca, Ibn Amar), talvez nas minas de Santo Estêvão, Pico Alto (S. Bartolomeu de Messines) e Atalaia (Alte, Loulé) onde, não raro, se encontraram pesados martelos para mineração, de pedra, e por alguns achados ocasionais (navalha de barba de Caldas de Monchique; bracelete de ouro, de Conceição, Tavira), onde se destaca a estela funerária de Figueira (Vila do Bispo).

A população que se instalou, talvez desde os finais da II^a Idade do Bronze, em Pontes de Marchil (Faro), na ria Formosa, provavelmente em regime sazonal para naquela zona estuarina explorar os abundantes recursos naturais, através da pesca e sobretudo da recolecção de mariscos bivalves, revelou fraco poder económico, tendo praticado uma agricultura de subsistência, em pequena escala, e a criação de gado com predomínio dos ovicaprídeos.

Ali se descobriram estruturas de combustão, grandes fossas e amontoados contendo restos de refeições e artefactos fora de uso, nomeadamente cerâmicas fragmentadas. Estas faziam parte de taças carenadas e sub-hemisféricas, de vasos globulares ou em saco, detectando-se exemplares com "ornatos brunidos", nas superfícies exteriores, outros decorados por excisão, asas bífidas, fragmentos de queijeiras ou coadores, etc..., acompanhando-as, pequenos objectos de cobre/bronze, elementos de mós e de foice, em sílex, escórias de fundição, entre outros testemunhos. Uma amostra de conchas, datada pelo radiocarbono, ofereceu, depois de corrigida e calibrada, a cronologia de 1261 a.C. (ICEN-648).

Pelo contrário, é bem possível que em Castro Marim, sobre o Guadiana e por onde seriam escoados os resultados das ricas explorações mineiras situadas na região a montante, tenha existido um povoado fortificado, conforme a topografia daquele arqueossítio e alguns materiais arqueológicos permitem supor. Este faria parte da complexa estrutura representativa do poder, verdadeiro "lugar central", com função de hierarquizar o espaço, em termos psicológicos e geográficos, de onde partiam as directrizes dos mecanismos da organização social, religiosa, económica e administrativa, assim como militar e política desses territórios.

A Rocha Branca, uma feitoria fenício-púnica, activa desde o século VIII a.C., ofereceu, de igual modo, algumas cerâmicas da Idade do Bronze Final, que indicam a existência de estabelecimento humano anterior ou, com maior probabilidade, de trocas entre os comerciantes semitas e as populações autóctones. Não longe, na outra margem do rio Arade, situa-se a gruta-santuário de Ibn Amar, provida de grandes lagos e possivelmente conotada com divindades ctónicas e aquáticas, que originariam e manteriam a vida, mas também purificavam e conduziam ao além. Frequentada pelo Homem, pelo menos desde o Neolítico antigo, ali foram encontrados fragmentos de recipientes, com as paredes brunidas ou "penteadas" e de uma grande taça com "ornatos brunidos", formando motivo estrelar no interior, atribuíveis a um momento tardio da Idade do Bronze Final (II).

A estela de Figueira, que estaria associada à sepultura de incineração, mostra grande escudo, com escotadura em V, ao centro, sobre o qual se observa representação antropomórfica, muito esquemática, com os braços erguidos à altura dos ombros e as mãos abertas, acompanhada por uma lança, com nervura central. Encontra paralelos na Baixa Andaluza e oferece concepção artístico-ideológica mediterrânica, dado nela surgir a par do escudo um personagem concreto, o guerreiro heroicizado como "deus ameaçador", propagada sob a esfera comercial e cultural fenício-tartéssica, em torno ao século IX a.C.

Conforme escrevemos em outro local, "a intensificação da exploração das jazidas de metais não ferrosos, uma maior actividade agro-pastoril a par do incremento comercial, desempenharam papel decisivo no desenvolvimento destas comunidades, permitindo o seu enriquecimento tecnológico e a sofisticação cultural, conferida por bens exógenos, a par de uma crescente estruturação político-administrativa que irá possibilitar a origem das sociedades proto-estatais" (Silva e Gomes, 1992, 114, 115).

3. As Perspectivas

Um dos principais obstáculos ao melhor conhecimento da Idade do Bronze no Algarve, resulta da quase ausência de escavações em povoados. Todavia, embora acreditemos que a necropolização e a ritologia funebre reflictam, em grande parte, as diferenças que enformavam o tecido social de então, também a notória escassez de restos antropológicos, dada a quase generalizada acidez dos solos, como de acervos funerários, providos de estudos monográficos realizados com metodologia e perspectivas científicas actuais, inviabilizam elaboradas análises paleoantropológicas daquelas comunidades.

Apesar deste panorama, não deixa de ser fácil poder concluir-se da interligação do ritual funerário com as questões relativas ao estatuto social e à sua representação, mesmo que de índole metafórica. Foi possível deduzir, a partir do estudo das necrópoles de Vinha do Casão e Alfarrobeira, que a "riqueza", apesar de pequena, encontrar-se-ia concentrada em alguns, poucos, indivíduos, conforme indicava a distribuição não equalitária dos bens conservados. Ali se reconheceram túmulos de crianças sem qualquer espólio e, portanto, na base da escala dos estatutos sociais, e outros, com mais de um objecto, pertencentes a indivíduos em situação oposta.

Mas, não esqueçamos que a valorização e demonstração dos estatutos, sobretudo dos mais elevados poderá, na mesma necrópole, revelar concepções distintas, como acontecia em Alfarrobeira, onde aos grandes *tumuli* se sucede uma cista, certamente de importante personagem, desprovida daquela estrutura de protecção, mas associada a uma estela "decorada", com o que cremos ser um "símbolo de autoridade" da área sócio-religiosa. Este processo poderá ser interpretado como reflexo de alterações, então verificadas, nas características organizativas daquela sociedade ou seja, decorrente da evolução que deu origem à II.ª Idade do Bronze, onde se terão evidenciado, a estratificação social e o papel dos indivíduos com funções de chefia. Outras estelas, contendo representações de armas exógenas e por isso de grande valor emblemático, algo mais tardias, demonstram o acentuar dos estatutos de comando e do poder político-militar.

Oferendas funerárias, estelas e *tumuli*, podem denunciar outros importantes atributos de caracterização social que nos escapam, como a idade, o sexo, estado civil, ocupação, funções, no seio de um tecido de relações muito mais rico que o aparentado.

No entanto, as variações dos espólios funerários, ou seja, daqueles que dispomos em maior número, são resultantes de dois sistemas correntes, um económico e outro religioso, pelo que o seu posicionamento no interior das cistas, tanto pode dever-se a diferenças rituais, decorrentes das especificidades culturais de certas regiões, como serem reflexo da desigualdade de dinâmicas da própria superestrutura religiosa de cada grupo humano.

Não deixa de ser pertinente salientar o papel da orientação das cistas como indicador no reconhecimento da evolução dos rituais funerários, dados os numerosos cemitérios onde as mais antigas surgem dispostas no sentido norte-sul, sobretudo no Barlavento do Algarve e em não poucas necrópoles alentejanas da mesma época.

O reconhecido polimorfismo de *tumuli* e das cistas dos cemitérios algarvios, da Idade do Bronze, obstaculiza a definição de fácies regionais, problemática que se estende à tipologia e dispersão dos espólios. Porém, é possível, por exemplo, que os *tumuli* de planta rectangular tivessem tido maior difusão no Barlavento da Serra Algarvia (Alfarrobeira e Corte Cabreira), não longe do litoral e com paralelos na região de Sines. Por outro lado, os de planta circular ou oval (Alfarrobeira), talvez algo mais antigos, sugerem mostrar distribuição própria do hinterland, a julgar pelas semelhanças com os grandes monumentos de Ourique (Atalaia, Alcaria), mas onde, recorde-se, não deixam de estar presentes alguns tumuli rectangulares (Panóias).

O perfilar de características regionais, a partir da presença/ausência de alguns artefactos mais recorrentes, como as cerâmicas, conduz-nos a notar a raridade das taças de "tipo Atalaia" no Algarve Oriental, cuja Idade do Bronze se aproxima em termos de cultura material da região de Huelva, e onde tais recipientes são, também, escassos. De igual modo, um vaso globular de colo alto, decorado com mamilos, de uma das sepulturas de Alfarrobeira ali encontra estreitas similitudes. E é, ainda, neste sentido que cabe tentar definir outros aspectos regionais, como parece demonstrar a localização, em torno ao Vale do Arade, das taças e copos, com paredes rectas e fundo plano, contemporâneas das taças "tipo Atalaia" (Poio, Baralha, Alfarrobeira, Serro de Bartolomeu Dias, Arieiro), ou dos pequenos vasos hemisféricos de colo estrangulado, por vezes decorados com incisões ou gomos, do Barlavento Algarvio (Poio, Vidigal, Lagos, Vinha do Casão), com paralelos no Baixo-Alentejo e no Alentejo Litoral, por ora desconhecidos no Sotavento mostra idêntica distribuição mostram a grande maioria das estelas de "tipo alentejano", do Algarve, sem que, no entanto, se possa, por ora, sustentar conclusões mais desenvolvidas para lá das diferenças materiais entre as comunidades mais próximas do litoral e as situadas no interior. Só o progresso da investigação poderá melhor estabelecer o que foi a evolução dos sistemas económico-sociais e da ideologia, durante um milénio, no interior do grande complexo cultural a que, por conveniência, se chama Idade do Bronze do Sudoeste Peninsular.

Museu Nacional de Arqueologia Biblioteca

Índice de Sítios de Proveniência de Espólio

Índice de Sítios de Proveniência de Espólio (indicados por número de catálogo)

Aberim - 17
Água Branca, Quinta - 3
Alegrios, Povoado dos - 22, 43
Alfarrobeira, Necrópole de - 72, 76
Aljustrel - 51
Alpiarça - 66
Alpiarça, Castelo de - 66
Alto das Pereiras - 17
Alvaiázere - 23
Arcos de Valdevez - 63
Atalaia, Necrópole da - 56
Álamo, Herdade de - 9
Alvora, Castro de - 59
Baiões - 10, 49, 52, 78
Buraçal - 84
Belmonte, Serra de - 8
Bouça - 13
Bouça do Coladio - 73
Bouça do Frade, Povoado de - 32, 42
Cabeceiras de Basto - 16
Cabeço da Bruxa - 66
Cachouça, Povoado de - 24
Camonha - 80
Castelo Bom - 20
Castelo Velho, Povoado de - 33
Chaves - 14
Chã de Carvalhal, Mamoa de - 53
Columbeira - 48
Corte do Frade, Povoado da - 36
Corte Cabreira, Necrópole da Herdade de - 60
Corte Marginda, Herdade de - 21
Curral das Cabras (vidé Columbeira)
Eiras (vidé Fóios)
Ermegeira - 55
Ermida - 15
Ervidel - 12, 65, 85
Évora - 10, 71
Faiões - 2
Ferradeira, Necrópole da - 57
Foio de Deus - 81
Fóios - 83
Folha da Serra, Necrópole de - 62
Fornos de Algodres - 18
Granjinho, Braga - 69
Lapa do Fumo - 64, 65
Longroiva - 1
Mejão - 66
Mértola - 25
Monte Cemitério dos Mouros (vidé Aberim)
Monte do Frade, Povoado de - 43
Monte Claro, Povoado de- 51
Monte Claro de Baixo, Herdade de - 71
Morcinha, Povoado da - 57
Ourique - 75
Outeiro de Gregos, Mamoa de - 54, 57
Padrões - 27
Papagóias - 7
Paredes de Coura - 82
Pedroso Povoado de - 44
Pomar, Herdade do (vidé Ervidel)
Pinhal de Melos (vidé Fornos de Algodres)
Regueiros de Monsaraz - 21
Proveniência desconhecida - 21
Rocanes, Canal de - 40
Roça do Canal do Meio - 70
S. Bartolomeu do Mar - 19
S. Bento de Balugães - 5
S. Julião, Povoado de, Vila Verde - 35
S. Pão de Antas - 68
S. Romão, Povoado do Buraco da Moura de - 41
S. Romão, Povoado do Cabeço do Castro de - 47
Safara - 29
Salvada, Necrópole da - 59
Santa Vitória, Necrópole de - 11, 61, 63
Santinha, Povoado da - 46
Santo Amaro - 79
Senhora da Cruz (vidé Baiões)
Sines, Necrópole de - 58
Sobral da Várzea, Herdade de - 28
Tanchoal - 66
Tapada da Ajuda, Povoado da - 38
Tapada da Motta - 77
Tapado da Caldeira - 67
Trindade - 50
Vale Bemfeito - 17
Vale d'Oiro - 21
Vale do Juncal, Mirandela - 74
Vale de Moinhos, Quinta de - 4
Vinins - 26
Vila Nova de Cerveira - 6
Zambujal, Povoado do - 34
Zambujeira, Herdade da (vidé Folha de Serra)

Bibliografia

As obras, citadas de forma abreviada nos textos e fichas de catálogo, entram na respectiva ordem alfabética, devidamente desdobradas e desenvolvidas.

AIRA RODRIGUEZ, M. J. & RAMIL REGO, P (no prelo) - Datos paleobotanicos del Norte de Portugal (Baixo Minho). Estudio polinico y paleocarpologico. *La Gancalia*, Sevilha.

ALARCÃO, J. (1995) - *Arqueologia da serra da Estrela*. Manteigas, Parque Natural da Serra da Estrela.

ALBUQUERQUE, J. de Pina Manique (1984) - Regiões Naturais: Caracterização eco-fisionómica. *Portugal: Atlas do Ambiente*. Lisboa, Comissão Nacional do Ambiente.

ALMAGRO, M. (1966) - *Las Estelas Decoradas del Suroeste Peninsular*. Madrid, Bibliotheca Prachistorica Hispana, vol. 8.

ALMAGRO BASCH, M. (1969) - De orfebrería celtica: el deposito de Berzocana y un brazalete del Museo Arqueologico National. *Trabajos de Prehistoria*, 26, N.S., 275-294.

ALMAGRO-GORBEA, M. (1974) - Los tesoros de Sagrajas y Berzocana y los torques macizos del occidente peninsular. *Actas do III Congresso Nacional de Arqueologia*, Porto, p. 259-282.

ALMAGRO-GORBEA, M. (1977) - *El Bronce Final y el periodo orientalizante en Extremadura*, Madrid, Biblioteca Prachistorica Hispana, vol. 14.

ALMAGRO-GORBEA, M. (1978) - Las dataciones para el Bronce Final y la Edad del Hierro y su problematica. *C14 y Prehistoria de la Península Ibérica*. Série Universitaria, 77, Madrid, Fundación Juan March, p.101-103.

ALMAGRO-GORBEA, M. (1990) - Les stèles anthropomorphiques de la Péninsule Ibérique. J. Briard e A. Duval (dir.), *Les représentations humaines du néolithique à l'âge du fer*, Paris, Ed. CTHS, p. 125-140.

ALMAGRO-GORBEA, M. (no prelo) - El Deposito da Sra. da Guia y el Bronce Atlantico Portugues. *Actas II Coloquio de Arqueologia de Viseu*, Viseu.

ALMEIDA, C. A. B. (1985) - Carta arqueológica do concelho de Esposende. *Boletim Cultural de Esposende*, 7/8, Esposende, p. 27-51.

ALMEIDA, C. A. B. (1986) - Carta arqueológica do concelho de Esposende. *Boletim Cultural de Esposende*, 9/10, Esposende.

ALMEIDA, C. A. B. (1987) - Carta arqueológica do concelho de Esposende. *Boletim Cultural de Esposende*, 11/12, Esposende, p. 93-109.

ALMEIDA, C. A. B. (1989) - Carta arqueológica do concelho de Esposende. *Boletim Cultural de Esposende*, 15/16, Esposende, p. 90-101.

ALMEIDA, J. (1946) - *Ruínas do monumento militaro portugues*, 2, Lisboa.

ALVAREZ OSORIO, F. (1941) - Tesoros españoles antigos en el Mar. *Boletin de la Real Academia de la Historia* 135, 257-322.

ALVES, F.M. (1975) - *Memórias*, 9, Bragança, Museu do Abade de Baçal.

AMO, M. del (1974) - Enterramientos en cista de la provincia de Huelva. Huelva: *Prehistoria y Antigualad*, Madrid, Editora Nacional, p.109-192.

ANATI, E. (1966-67) - L'Arte Rupestre Galiego-Portuguese: Evoluzione e Cronologia. *Arquivo de Beja*, 23-24, Beja.

ANATI, E. (1968) - Arte rupestre nelle Regioni occidentali della Penisola Iberica. *Archivi di Arte Preistorica*, 2, Capo di Ponte, Ed. del Centro, 126 p.

ANGELIS QUEROL, Mª de los, BAPTISTA, António Martinho, MONTEIRO, Jorge Pinho & LEMOS, Francisco Sande (1975) - Moldes de goma líquida (latex pre-vulcanizado) aplicados al estudio de los grabados rupestres). *Actas de las I Jornadas de Metodología Aplicada de las Ciencias Históricas*, vol. I (Prehistória e História Antiguas), Santiago de Compostela, p. 121-124.

ANTUNES, M. T. (1992) - Povoados do Bronze Final da Beira Baixa — Alegrios, Moreirinha e Monte do Frade: elementos arqueozoológicos. *Conimbriga*, 31, p. 31-39.

ANTUNES, M.T. (1995) - Jazida de Castelo Velho (Freixo de Numão). Elementos arqueozoológicos. *Actas do I Congresso Peninsular de Arqueologia Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 35 (2), Porto, p. 451-456.

ARGENTE OLIVER, J. L. (1986-87) - Hacia una clasificación tipológica y cronológica de las fíbulas de la Edad del Hierro en la Meseta Norte. *Zephyrus*, 39-40, p.139-157.

ARMBRUSTER, B. (1995a) - A study on lost wax casting processes in Mali and Burkina Faso (Western Africa). Workshops and casting techniques as ethno-archaeological demonstration material. E. Formigli (ed.), *Antiche officine del bronzo. Materiali, strumenti, tecniche*. Siena, p. 155-164.

ARMBRUSTER, B. (1995b) - Instruments rotatifs dans l'orfèvrerie de l'Age du bronze de la Péninsule Ibérique. Nouvelles connaissances sur la technique des bracelets du type Villena/Estremoz. Actas do I Congresso de Arqueologia Peninsular. Porto. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 35 (1-2), p. 265-283.

ARMBRUSTER, B. (1994) - Rotary motion - lathe and drill. Some new technological aspects concerning Late Bronze Age goldwork from southwestern Europe. N.A.T.O. Advanced Research Workshop *Prehistoric Gold in Europe* at Seron 1993.

ARMBRUSTER, B. (1995) - Nueva luz sobre la tecnología de la joya de Sintra (Lisboa): una obra de la orfebrería del Bronce Final compuesta de los tipos Sagrajas/Berzocana y Villena/Estremoz. *Trabajos de Prehistoria*, 52.

ARMBRUSTER, B. (no prelo) - Les techniques d'orfèvrerie préhistorique des plaques d'or en Europe Atlantique depuis les origines à l'introduction du fer. Actes du Symposium "L'or dans l'antiquité de la mine à l'objet", *Aquitania*, 1996.

ARMBRUSTER, B. & PARREIRA, R. (1993a) - 2000 anos de nutriversaria arcaica em Portugal. *Inventário do Museu Nacional de Arqueologia: Colação de Ourivesaria - 1º vol.: do Calcolítico à Idade do Bronze*. Lisboa, IPM, p. 19-30.

ARMBRUSTER, B. & PARREIRA, R. (1993b) - O espólio funerário da Herdade do Sardoninho. *Inventário do Museu Nacional de Arqueologia: Colação de Ourivesaria - 1º vol.: do Calcolítico à Idade do Bronze*. Lisboa, IPM, p. 44-46.

ARMBRUSTER, B. & PEREIA, A. (1994) - Tecnologia de ferramentas rotativas durante el Bronce Final atlantico. El deposito de Villena. *Trabajos de prehistoria*, 51 (2).

ARNAUD, J. Morais (1979) - Cista do Frade: fortificação do Bronze Final dos arredores de Évora. Escavações de 1971-72. *Madrider Mitteilungen*, 20, p. 56-100.

ARNAUD, J. Morais (1992) - Nota sobre uma necrópole do Bronze do Sudoeste dos arredores de Ervidel (Aljustrel). *Vipasca*, Aljustrel, 1, p. 9-17.

ARRUDA, A. M. (1993) - A ocupação da Idade do ferro da Alcáçova de Santarém no contexto da expansão fenícia para a fachada atlântica peninsular. *Estudos Orientais II: Os Fenícios no Território Português*, Lisboa, p.195-214.

ARRUDA, A. M. (1994) - A Península de Lisboa entre o Norte atlântico e o Oriente mediterrânico. AAVV, *Lisboa Subterrânea*. Lisboa, Instituto Português de Museus, p.52-57.

ARRUDA, A. M., GONÇALVES, V. S., GIL, F. B. & FERREIRA, G. (1980) - A necrópole da Idade do Bronze do monte de Vale de Carvalho (Sesimbra). *Clio*, vol. 2, p. 59-66, V.Esta.

AUBET, M. E. (1981) - Sepulturas de la Edad del Bronce en la Mesa de Setefilla. *Madrider Mitteilungen*, 22, p.127-149, Eas 7-10.

AUBET, M. E. (1987) - *Tiro y las colonias fenicias de Occidente*, Barcelona, Ediciones Bellaterra.

AUBET, M. E. *et al.* (1985) - *La Mesa de Setefilla. Lora del Río (Sevilla). Campaña de 1979*. Excavaciones Arqueológicas en España, 122, Madrid.

AUBET, M. E. & LULL, V. (1980) - Las edades del cobre y del bronce: *Historia de España. Desde la prehistoria hasta la conquista romana (siglo III a. C.)*, vol. 1, Ed. Planeta, Barcelona, p. 253-284.

BAPTISTA, A. M. (1981) - O complexo de gravuras rupestres da Bouça do Colado (Parada - Lindoso). Gravs, 1 (4), Braga, 1981, p. 8-16.

BAPTISTA, A. M. (1982) - A estátua-menhir feminina da Ermida (Paiva: da Barca). *Arqueologia*, Porto, 5, p. 67-69.

BAPTISTA, A. M. (1983-1984) - Arte rupestre do Norte de Portugal: uma perspectiva. *Portugália*, Porto, N. S., vol. 4-5, p. 71-82, IV Eas.

BAPTISTA, A. M. (1985) - A estátua-menhir da Ermida (Paiva da Barca, Portugal). *O Arqueólogo Português*, 4ª série, vol. 3, Lisboa, p. 7-44.

BAPTISTA, A. M. (1986) - Arte rupestre pós-glaciária. Esquematismo e abstracção. Jorge de Alarcão (dir.), *História da Arte em Portugal*, vol. 1 Do Paleolítico à arte visigótica, Lisboa, Publicações Alfa, p. 30-55.

BARCELÓ, J. A. (1991) - El Bronce del Sudeste y la cronología de las estelas alentejanas. *Arqueología*, 21, p. 13-24.

BARRETT, J. (1994a) - Defining domestic space in the bronze age of Southern Britain, M. Pearson *et al.* (dir.) *Architecture & Order. Approaches to social space*, Londres, Ed. Routledge, p. 87-97.

BARRETT, J. (1994b) - *Fragments from Antiquity. An Archaeology of Social Life in Britain, 2900-1200 BC*, Oxford, Blackwell Publ.

BARROS L., CARDOSO, J. L. & SABORIDO, A. (1993) - Fenícios na margem sul do Tejo. Economia e emergência cultural do período do Almaraz - Almada. *Estudos Orientais IV. O Fenícios no Ocidente Português*, Lisboa, p.143-181.

BARTHEIRO, M. L. (1939) - Alabardas da época do Bronze do Museu Regional de Bragança. *Atas e Mem. do 1º Congresso Nac. de Arqueologia*, I, Lisboa (Silves). *Actas do 4º Congresso do Algarve*, vol 2, p.1251-1258, Rural Clube, Silves.

BORGES, C. M. (1973) - Cinco aspectos da Idade do Bronze e da sua transição para a Idade do Ferro no sul do País. *Actas das 2ªs Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, Lisboa, vol. 1, p. 193-221.

BORGES, C. M. & GOMES, M.V. (1986) - Testemunhos arqueológicos na área do Fundão-Alto Ardo.

BELEN, M., ARIAS M. (dir), FERNANDEZ-MIRANDA, M. (1982) - Secuencia cultural del poblamiento en la actual ciudad de Huelva durante los siglos IX-VI a.C. *Huelva Arqueológica*, 6, p. 21-59.

BOUET, N., JIMENEZ, M.C. & RODRIGUEZ, M. B. (1991) - Arqueologia en Ledesma, una primera aproximación. La excavación en la Plaza de San Marcos. *Del Paleolítico a la Historia*, Salamanca, Junta de Castilla y Leon, p.117-130.

BOTTENCOURT, A. M. (1988) - Novos achados metálicos do Bronze Final na bacia do médio Cávado. *Cadernos de Arqueologia*, 2ª série, 5, Braga, p. 9-22.

BOTTENCOURT, A. M. (1994) - A transição do Bronze Final/Ferro Inicial no povoado de S. Julião-Vila Verde: algumas considerações. *Actas do I Congresso Peninsular de Arqueologia. Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 34 (3-4), Porto, p. 167-198.

BOTTENCOURT, A. M. (no prelo) - Resultado da 2ª campanha de escavações no Castro da Santinha-Amares. *Informação Arqueológica*, Lisboa.

BOTTENCOURT, A. & ARMBRUSTER, B. (no prelo) - O conjunto metálico da Idade do Bronze de Valbom-Dedãs, Bragança. *Cadernos de Arqueologia*, 2ª série, 7, Braga.

BRIGITE, J. Q. (1982) - Monografia da Vila e Concelho de Sesimbra, Ed. do autor.

BRANDT, B. (1971) - Die Anfänge der Metallurgie auf der Iberischen Halbinsel (SAM, 6), Berlim, Gebr. Mann Verlag.

BLANCO FREIJEIRO, A. (1957) - Origen y relaciones de la orfebrería castreña I, II, III. *Cuadernos de Estudios Gallegos*, Tomo XII, Fasc. 37, 5-28 (I); 137-157 (II); 267-305 (III).

BLANCO BOSQUED, M.C. (1987) - Un exemplar de fíbula de codo «ad cochlear» en el valle del Manzanares. *Boletín de la Asociación Española de Amigos de la Arqueología*, 23, p.18-28.

BRADLEY, R. (1985a) - *Consumption, change and the archaeological record. The archaeology of monuments and the archaeology of deliberate deposits*, Edinburgh, Ed. Univ. of Edinburgh.

BRADLEY, R. (1985b) - Exchange and social distance-the structure of bronze artefacts distributions, *Man*, 20, 691-704.

BRADLEY, R. (1990) - *The passage of arms. An archaeological analysis of prehistoric hoards and votive deposits*, Cambridge, Cambridge University Press.

BRUPBAK, E. (1987) - *Theophilus Presbyter and the metallurgical Goldschmiedekunst*, Wien, Köln, Graz.

BRUZEVITZ, M. (1965) - Applications archéologiques du moulage au latex. *Bulletin de la Société Préhistorique Française*, CRSM, Paris, Mars, p. 109-111.

BRUMFIEL, E. M. & EARLE, T. K. (1987) - Specialization, exchange, and complex societies: an introduction, E.M. Brumfiel & T.K. Earle (eds.), *Specialization, exchange, and complex societies*, Cambridge, Cambridge University Press, p. 1-9.

BUGAO RAMIREZ, P. (1991) - Estatuas-menhir y estelas antropomorfas en la Península Ibérica. La situación cultural de los exemplares salamantinos. *Del Paleolítico a la Historia*, Museo de Salmanca.

BURGESS, C. (1987) - Fieldwork in the Evora District, Alentejo, Portugal, 1986-1988. A preliminary report. *Neither Archaeology*, Newcastle upon Tyne, 8, p.35-105.

BURGESS, C. (1990) - The East and the West: mediterranean influence in the atlantic world in the later Bronze Age, c. 1500-700 B.P. *1er Colloque de Beynac*, Beynac-et-Cazenac, p. 25-45.

CABAL, J. M. P. (1992) - Análise não-destrutiva por espectrometria de fluorescência de raios-x de artefactos metálicos da Mamoa 1 de Chã de Carvalhal. D. J. Cruz, *A Mamoa 1 de Chã de Carvalhal no contexto arqueológico da Serra da Aldeiona*, Coimbra, Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Coimbra, p. 157 ("Conimbriga/Anexos", 1).

CALADO, M. (1994a) - A Idade do Bronze. J. Medina (dir.), *História de Portugal*, 1, Amadora, Ediclube, p.327-353.

CALADO, M. (1995b) - O monumento da Roça do Casal do Meio. J. Medina (dir.), *História de Portugal*, 1, Amadora, Ediclube, p.355-356.

CARRASCO ARCOS, X. e R. FABREGAS VALCARCE (1991) - Dataciones de carbono 14 para castros del Noroeste Peninsular. *Archivo Español de Arqueología*, 62, Madrid, 244-264.

CARDOSO, J. L. (1987) - No estuário do Tejo, do Paleolítico à Idade do Ferro. *Arqueologia no vale do Tejo*, Lisboa, IPPC-DA, p. 69-81.

CARDOSO, J. L. (1989) - Lecetia. *Resultados das escavações realizadas (1985/1989)*, Câmara Municipal de Oeiras, 146 p.

CARDOSO, J. L. (1990) - A presença oriental no povoamento da I Idade do Ferro na região ribeirinha do estuário do Tejo. *Estudos Orientais*, 1, p. 119-134.

CARDOSO, J. L. (1994a) - Do Paleolítico ao Romano. Investigação Arqueológica na área de Lisboa. Os

últimos 10 anos: 1984-1995. *Al-Madan*, 2ª série, 5, p. 59-74.

CARDOSO, J. L. (1994b) - Leceia 1983-1993. Resultados das escavações do povoado pré-histórico. *Estudos arqueológicos de Oeiras*, número especial. Câmara Municipal de Oeiras, 173 p.

CARDOSO, J. L. (no prelo) - Cerâmicas do Bronze Final da gruta do Correio Mor (Loures). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 5.

CARDOSO, J. L. & CARREIRA, J. R. (1993) - Le Bronze Final et le début de l'Âge du Fer dans la region riveraine de l'estuaire du Tage. *Mediterráneo*, 2, p. 195-206.

CARDOSO, J. L. & CARREIRA, J. R. (no prelo) - Resultados das escavações realizadas no povoado pré-histórico de Moines Claros (Lisboa). *O Arqueólogo Português*.

CARDOSO, J. L.; RODRIGUES, J. S.; MONJARDINO, J. & CARREIRA, J. R. (1986) - A jazida do Bronze Final da Tapada da Ajuda. *Lisboa-Revista Municipal*, 2ª série, 13, p. 13-18.

CARDOSO, J. L.; ROQUE, J.; PEIXOTO, F. & FREITAS, F. (1980/81) - Descoberta de jazida da Idade do Bronze na Tapada da Ajuda. *Setúbal Arqueológica*, 6/7, p. 117-148.

CARDOSO, J. L.; SENNA-MARTINEZ, J.C. & VALERA, A. C., (no prelo) - Um indicador económico para o Bronze Pleno da Beira Alta: A fauna de grandes mamíferos da Unidade Estratigráfica 4 da 'Sala 20' do Buraco da Moura de S. Romão (Concelho de Seia). *Actas da III Reunião do Quaternário Ibérico*, Coimbra, Setembro de 1993.

CARDOZO, M. (1936) - Novas urnas de largo bordo horizontal. *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, 7, Porto, p. 65-87.

CARDOZO, M. (1959) - Joalharia Lusitana. *Conimbriga*, 1, p. 1-15.

CARREIRA, J. R. & CARDOSO, J. L. (1993) - Testemunhos da ocupação neolítica da serra de Monsanto. *Al-Madan*, 2ª série, 1, p. 13-18.

COELHO, J. (1925) - *A Necrópole do Paranho*, Viseu, Edição do Autor.

COELHO, J. (1947) - Alguns objectos de bronze da Beira Alta (Contribuição para o estudo do Bronze peninsular). *Beira Alta*, 6 (3-4), p.209-226.

COFFYN, A. (1985) - La fin de l'Age du Bronze dans le centre-Portugal. *O Arqueólogo Português*, 4ª série, 1, p. 169-196.

COFFYN, A. (1985) - *Le Bronze Final Atlantique dans la Péninsule Ibérique*, Paris, Centre Pierre Paris, Diffusion de Boccard, 441 p., 71 figs, 57 mapas, LXXII Ests.

COFFYN, A. & SION, H. (1993) - Les relations atlanto-méditerranéennes. Elémentes pour une revision chronologique du Bronze final atlantique. *Mediterráneo*, 2, p.285-293.

CORREA, M. (1936) - "Urnenfelder" de Alpiarça. *Anuario de Prehistoria Madrileña*, 4-5-6, 1933-34-35, 133-137.

CORREIA, A.; SILVA, Celso T. & VAZ, J. L. (1979) - Catálogo da Colecção Arqueológica Dr. José Coelho. *Beira Alta*, 38 (5), p.605-638.

CORREIA, V. H. (1993) - Os materiais pré-romanos de Conimbriga e a presença fenícia no baixo vale do Mondego. *Estudos Orientais, IV. Os Fenícios no Território Português*, Lisboa, p. 229-283.

CORTEZ, F. (1952) - Contributo para o estudo do Neolítico em Portugal. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 13 (3-4), Porto, p. 35-62.

COSTAS GOBERNA, F.J. *et alii* (1984) - Petroglifos del litoral sur de la ria de Vigo, Museo Municipal, *Quaderns de Lens*, 8.

CRUZ, D. J. (1992) - *A Mamoa 1 de Chã de Carvalhal no contexto arqueológico da Serra da Aboboreira*, Coimbra, Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Coimbra ("Conimbriga/Anexos", 1).

CUNHA, A. M. C. L. da & SILVA, E. J. L. da (1980) - Gravuras Rupestres do Concelho de Valença (Monte de Fortes (Taião), Tapada de Ozão e Monte da Laje). Separata das *Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular*, Guimarães.

CUNHA, A. S. (1986) - Estudo Antropológico, A Necrópole de Vinha do Caião (Vilamoura, Algarve) no contexto da Idade do Bronze do Sudoeste Peninsular. *Trabalhos de Arqueologia*, 2, Lisboa, Instituto Português do Património Cultural, p. 99-120.

CURADO, F.P. (1984) - Uma nova estela do Bronze Final na Beira-Alta (Barzaçal, Sabugal-Guarda). *Arqueologia*, 9, p. 81-85.

CURADO, F.P. (1986) - Mais uma estela do Bronze Final na Beira-Alta (Fóios, Sabugal-Guarda). *Arqueologia*, 14, p.103-109.

DAVEAU, S. (1980) - Espaço e tempo. Evolução do ambiente geográfico de Portugal ao longo dos tempos pré-históricos. *Clio*, 2, p.13-37.

DAVEAU, S. (1985) - *Livro Guia da Pré-Reunião. Glaciação da Serra da Estrela - Aspectos do Quaternário da Orla Atlântica*, Lisboa, G.T.P.E.Q - G.E.T.Q.

DAVEAU, S.; BIROT, P. & RIBEIRO, O. (1985) - *Les Bassins de Lusaï et d'Arganil. Vol.I - Le Bassin Sédimentaire*, Lisboa, Centro de Estudos Geográficos.

DAVEAU, S., BIROT, P. & RIBEIRO, O. (1986) - *Les Bassins de Lusaï et d'Arganil. Vol.II - L'Evolution du Relief*, Lisboa, Centro de Estudos Geográficos.

DEHN, W.; KAIB, Philine & VORTISCH, Walter (1991) - Geologisch-petrographische Untersuchungen an Megalithgräbern Portugals. *Madrider Mitteilungen*, 32, 1991, 1-28, bes. 22-23.

DELGADO, M. (1980) - Zur römerzeitlichen Keramik vom Cabeço da Bruxa, Alpiarça. *Madrider Mitteilungen*, 21, 1980, p. 105-108.

DELGADO, M. (1981-82) - Acerca da cerâmica romana do Cabeço da Bruxa, Alpiarça. *Portugália*, N.S., 2/3, p. 71-73.

DELIBES, *et al.* (1991) - Cuatro hallazgos de oro de la Edad de Bronce en la Meseta Norte. *Trabajos de Prehistoria*, 48, p. 203-214.

DIAS, J. M. A. (1987) - *Dinâmica sedimentar e evolução recente da plataforma continental portuguesa setentrional*. Dissertação de Doutoramento, policop., Lisboa.

DIAZ-ANDREU, M. (1995) - Las sociedades complejas del calcolítico y edad del bronce en la Península Ibérica. *Actas do I Congreso Peninsular de Arqueología. Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, Porto, 35 (1-2), p. 245-263.

DIEGO CUSCOY, L. (1960) - Calcos y vaciados de grabados rupestres. *VII Congreso Nacional de Arqueología (Barcelona)*, Zaragoza, 1962, p. 88-95.

DINIS, A. P. (1993) - *Ordenamento do território do Baixo Ave no I milénio a.C.*, Porto (Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto).

DIRSCHER, H. (1958) - *Der Urnenfriedhof*, Mainz.

DIRSCHER, H. (1980) - *Zur Technik der Halbmondäxte. Die Alltagskultur*, Steyr, p. 54-66, p. 204-210.

ELUERE, Ch. (1990) - *Les secrets de l'or antique*, Paris.

FABIÃO, C. (1992) - O Passado Proto-histórico e Romano: o Bronze Final. J. Mattoso (org.), *História de Portugal*, 1. Lisboa, Círculo de Leitores, p.76-119.

FABIÃO, C. & GUERRA, A. 1989 (1991) - A IV campanha de escavações no Cabeço do Castro de S. Romão (Seia). *Portugália*, N.S., 9-10, p.73-79.

FEIO, Mariano (1983)- *Le Rio Alentejo et l'Algarve*. Evora, INIC/ Centro de Ecologia Aplicada da Universidade de Evora.

FERNANDEZ GOMEZ, F.; RUIZ-MATA, D. & SÁNCHA FERNANDEZ, S. de (1976) - Los enterramientos en cistas del Cortijo de Chichina (Sanlucar La Mayor, Sevilla). *Trabajos de Prehistoria*, 33, p. 351-386.

FERNANDEZ MANZANO, J. (1986) - *Bronce Final en la Meseta Norte Española: el atillaje metálico*, Soria, Junta de Castilla y Léon.

FERREIRA, A.B. (1978) - Planaltos e Montanhas do Norte da Beira. *Memórias do Centro de Estudos Geográficos*, 4, Lisboa.

FERREIRA, G. & GIL, F. B. (1978) - Análise por fluorescência de raios-X de dois fragmentos de cadinhos da Cerradinha. *Setúbal Arqueológica*, 4, p. 98-100.

FERREIRA, O. da Veiga *et al.* (1976-77) - Le monument mégalithique de Pedra Branca auprès de Mamom (Meladas). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, 59.

FIGUEIRAL, I. (1990) - *Le Nord-Ouest de Portugal et les Modifications de l'Ecosystème, du Bronze Final à l'Epoque Romaine. d'Après l'Anthracoanalyse des Sites Archéologiques*. Thèse de Doctorat pres. à la Université Montpellier II (polic.).

FIGUEIRAL, I. (1994) - A antracologia em Portugal: progressos e perspectivas. *Actas do I Congresso Peninsular de Arqueologia. Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 34 (3-4). Porto, p. 427-448.

FIGUEIRAL, I. & QUEIROGA, F. (1988) - Castelo de Matos 1987-88. *Arqueologia*, 17. Porto, p. 147-150.

FONTES, J. (1936) - Sur un moule pour fausses de bronze du Canal de Rocamo. *O Archeologo Português*, 21, p. 537-542.

FORMOSINHO, J., FERREIRA, O. da V. & VIANA, A. (1955-56) - Estudos arqueológicos nas Cabras de Monchique. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. 14, p. 66-225. XXXIII Esp.

FOUCAULT, M. (1994) - *História da Sexualidade-A Vontade de Saber*. Lisboa, Relógio d'Água.

FRANCO, M.L. & VIANA A. (1948) - Cemitério da Idade do Bronze nos arredores de Faro. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol.11, p. 299-305.

FROMHOLD, M. (1981) - Zur Technik des Goldgusses der Ashanti (Ghana). F. Fischer & H. Hummelberber. *Das Gold in der Kunst aussprüche*. Museum Rietberg Zurich, 43-58.

GALAN DOMINGO, E. (1993) - Estelas, pastor y terrenos en el Bronce Final del Suroeste de la Península Ibérica. *Complutum, Extra*, 3. Madrid, Editorial Complutense.

GALLAY, G. (1973-74) - Étude anthropologique des restes humains trouvés dans la sépulture de Roça do Casal do Meio. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, 57, p. 183-202.

GAMITO, T. J. (1988) - *Social complexity in Southwest Iberia (800-300 B.C.) - the case of Tartessos*. Oxford.

GAMITO, T. J. (1989) - The wind of change blows from the East - the transition from Late Bronze Age to Iron Age in Southwest Iberia and the East Mediterranean. Marie-Louise Stig Sørensen e Roger Thomas (eds.), *The Bronze Age-Iron Age transition in Europe*. Oxford, p. 137-172.

GARCIA Y BELLIDO, A. (1978) - *España y los españoles hace dos mil años según la "Geografía" de Strabón*. 6ª ed., Madrid, Espasa-Calpe.

GARCIA SANJUAN, L. (1993) - Ritos funerarios y relaciones sociales en el Bronce del SO: indicadores estadísticos preliminares. *Encuentro de Arqueología del Sureste (Documentos de Trabajo)*, Huelva, p. 157-182.

GARCIA, F. (1963) - *Minas antigas do Continente desde Agosto de 1836 a Dezembro de 1962*. 2ª ed., Lisboa, Direcção Geral de Minas e Serviços Geológicos.

GIL, F. B. *et alii* (1980) - Produções metalúrgicas do Bronze Final do Cabeço do Castro de S. Romão, Seia: uma primeira análise. *Actas do I Colóquio Arqueológico de Viseu*, Viseu, p. 233-48.

GIL, F. B., GUERRA, M. F. & BARRIOS, G. (1986) - Estudo físico do espólio metálico, A Necrópole da Vinha do Casão (Vilamoura, Algarve) no Contexto da Idade do Bronze do Sudoeste Peninsular. *Trabalhos de Arqueologia, 2*. Instituto Português do Património Cultural, Lisboa, p. 137-154.

GIL-MASCARELL, M., RODRIGUEZ, A. & ENRIQUEZ J. J. (1986) - Enterramientos en cista de la Edad del Bronce en la Baja Extremadura. *Saguntum*, 20, p. 9-41.

GILMAN, A. (1987) - Unequal development in Copper Age Iberia. E. A. Brumfiel & T. K. Earle (eds.) *Specialization Exchange and Complex Societies*. Cambridge, Cambridge University Press, p. 22-29.

GOMES, M. V. (1987) - Arte Rupestre do Vale do Tejo. *Arqueologia do Vale do Tejo*. Lisboa, IPPC, p. 26-43.

GOMES, M.V. (1989) - Das Origens à Romanização. *História dos Povos Ibéricos Portugueses no Mundo*. Lisboa, Publicações Alfa, S.A., p. 9-26.

GOMES, M.V. (1990a) - A Idade do Bronze no Concelho de Silves. *Encontro de Arqueologia do Algarve*, Faro, Delegação Regional do Sul da Secretaria de Estado da Cultura, p. 13-29.

GOMES, M.V. (1990b) - O Oriente no Ocidente. Testemunhos iconográficos na Proto-História do Sul de Portugal (sistema gado ou "deuses ameaçadores". *Estudos Orientais*, 1, p. 54-106.

GOMES, M.V. (1991) - A necrópole de Alfarrobeira (S. Bartolomeu de Messines, Silves). Notícia Preliminar. *Actas das 4ª Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa, 1990*, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 321-331.

GOMES, M.V. (1992) - Proto-História do Sul de Portugal. A. C. F. da Silva e M.V. Gomes (dir.), *Proto-História de Portugal*. Lisboa, Universidade Aberta, p.99-202.

GOMES, M.V. (1993) - O estabelecimento fenício-punico do Cerro da Rocha Branca (Silves). *Estudos Orientais*, 4, p. 73-107.

GOMES, M.V. (1994) - A Necrópole de Alfarrobeira (S. Bartolomeu de Messines) e a Idade do Bronze no Concelho de Silves. *Xelb*, 2, 162 p., 80 figs.

GOMES, M.V., GOMES, R.V., BUBAIS, C. M. & MAYOR, J. L. (1986) - A Necrópole da Vinha do Casão (Vilamoura, Algarve) no Contexto da Idade do Bronze do Sudoeste Peninsular. *Trabalhos de Arqueologia, 2*, Instituto Português do Património Cultural, Lisboa, 97 p., 92 figs.

GOMES, M. V. & MONTEIRO, J. P. (1976-1977) - As estelas decoradas da Herdade de Pomar (Evoramonte - Beja - Estudo comparado. *Setúbal Arqueológica*, 2-3, p. 281-344.

GOMES, M. V. & MONTEIRO, J. P. (1977) - Las estelas decoradas do Pomar (Beja - Portugal). Estudio Comparado. *Ensayos de Prehistoria*, 34, p. 165-234.

GOMES, M.V. & SILVA, C. T. da (1987) - *Levantamento Arqueológico do Algarve, Concelho de Vila do Bispo*. Faro, Delegação Regional do Sul da Secretaria de Estado da Cultura, 84 p., 38 figs.

GONÇALVES, A. A. H. (1981) - A ocupação pré-histórica do Monte Calvo-Baião. Notícia preliminar. *Arqueologia*, 3, Porto, p. 77-87.

GONÇALVES, A. A. H. (1982) - Escavação da mamoa nº 2 de Outeiro de Ante - Serra de Aboboreira-Baião. *Arqueologia*, 9. Porto, p. 22-44.

GONÇALVES, A. A. H. , JORGE, S. O. & JORGE, V. O. (1979) - Estações abertas no sabor do concelho de Baião. I-Bouça do Frade e Vale de Quinela. *Trabalhos do Instituto de Antropologia Dr. Mendes Corrêa*, 37, Porto.

GONÇALVES, A. N. (1981) - Inventário artístico de Portugal. X. Distrito de Aveiro - Zona Norte, Lisboa.

GONÇALVES, V. S. (1988-89) - A ocupação pré-histórica do Monte Novo dos Alfanzentos (Reguengos de Monsaraz). *Portugália*, N.S., 9-10, p. 49-74.

GUERRA, A., FABIÃO, C. & SENNA-MARTINEZ, J. C. (1989) - O Cabeço do Castro de S. Romão, Seia: alguns resultados preliminares das campanhas 1(985) a 3(987). *Actas do I Colóquio Arqueológico de Viseu*, Viseu, p. 189-234.

GUIMARÃES, F. (1980) - *Mesa Marmoreo Sirmonis. Sergio de Indústrias Pré e Proto-Históricas. Guia descritivo*,

Guimarães, Ed. Sociedade Martins Sarmento.

GUSTAVO MARQUES, Miguéis Andrade (1974) - Aspectos da Proto-História do território português.1- Definição e distribuição geográfica da cultura de Alpuarça (Idade do Ferro). *Actas do III Congresso Nacional de Arqueologia*, Porto, 1, p. 125-148.

HARPSOE, C.H. & M. F. RAMOS (1985) - Lorga de Dine (Vinhais, Bragança). *Arqueologia*, 12, Porto, p. 202-204.

HARRISON, R. J. (1974) - A closed find from Cañada Roual, Prov. Sevilla and two Bell Beakers. *Madrider Mitteilungen*, Heidelberg, 15, p.77-95.

HARRISON, R. J. (1988) - Bell Beakers in Spain and Portugal: working with radiocarbon dates in the 3rd millennium BC. *Antiquity*, 62: 236.

HARRISON, R. J. (1993) - La intensificación económica y la integración del modo de vida pastoril durante la edad del bronce. *Actas do I Congresso Peninsular de Arqueologia. Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, Porto, 33 (3-4), p. 295-299.

HARTMANN, A. (1982) - Prähistorische Goldfunde aus Europa. II- Spektralanalytische Untersuchugen und deren Auswertung. *Studien zu den Anfängen der Metallurgie*, 5, Berlin.

HAWKES, C. (1971) - The Sintra goldcollar. *The British Museum Quarterly*, 35 (1-4), 38-50.

HEALEY, J.F. (1980) - *Mining and Metallurgy in the Greek and Roman World*. London, Thames & Hudson.

HELENO, M. (1935) - Joias pré-romanas. *Ethnos*, 1, p. 229-258.

HERNANDO GRANDE, A. (1992) - *Materiales metálicos de la Edad del Bronce en la meseta. Armas*. Madrid, Universidad Nacional de Educación a Distancia.

HÖCK, M. (1980) - Corte estratigráfico no castro de S. Juzenda, *Actas do I Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular*, 2, Guimarães, p. 55-70.

HÖCK, M. & COELHO, L. (1972) - Materiais metálicos da colecção arqueológica do Museu Abade de Baçal em Bragança. *Arqueólogo Português*, Lisboa, 3ª série, 6, p. 119-260.

HUNTT, L. B. (1980) - The long history of lost wax casting. Over five thousand years of art and craftsmanship. *Gold Bulletin*, 12 (2), 65-79.

HURTADO PEREZ, V. & GARCIA SANJUAN, L. (1993) - Armas funcionales en el poblado de la Edad del Bronce de el Trastejon (Zufre, Huelva). *Encuentro de Arqueologia del Suroeste (Documento de Trabajo)*, Huelva, p.183-214.

INGOLD, T. (1986) - *The appropriation of nature. Essays on human ecology and social relations*. Manchester, Ed. Manchester University Press.

I.P.M. (1993) - *Inventário do Museu Nacional de Arqueologia. Colecção de Ourivesaria. 1º vol. - Do Calcolítico à Idade do Bronze*. B. Armbruster & R. Parreira (coord.). Lisboa, IPM.

I.P.M. (1993a) - *Inventário do Museu de Évora. Colecção de Ourivesaria*. Artur Goulart M. Borges (coord.). Lisboa, IPM.

JALHAY, E. & PAÇO, A. do (1948) - Lisboa há 4000 anos. A estação pré-histórica de Montes Claros (Monsanto). *Lisboa e seu Termo, estudos e documentos*, I, Lisboa, p. 51-58.

JALHAY, E.; PAÇO, A. do & RIBEIRO, L. (1945) - Estação pré-histórica de Montes Claros - Monsanto. Separata da *Revista Municipal*, 20 e 21.

JANSSEN, C. R. (1985) -História da vegetação. S. Daveau (ed.), *Livro-Guia da Pré-Reunião. Glaciação da Serra da Estrela - Aspectos do Quaternário da Orla Atlântica*. Lisboa, G.T.P.E.Q.-G.E.T.Q., p. 66-72.

JANSSEN, C. R. & WOLDERINGH, R.E. (1981) - A preliminary radiocarbon dated pollen sequence from the Serra da Estrela, Portugal. *Finisterra*, 16, 32, p.299-309.

JORGE, S. O. (1980a) - A necrópole do Tapado da Caldeira-Baião. *Arqueologia*, Porto, 2, p. 36-44.

JORGE, S. O. (1980b) - A estação arqueológica do Tapado da Caldeira-Baião. *Portugália*, Porto, N.s., 1, p. 29-50.

JORGE, S. O. (1985) - Duas datas de C14 para a sepultura 1 da estação do Tapado da Caldeira (Baião). *Arqueologia*, 8, Porto, p. 55-56.

JORGE, S. O. (1985) - Datas de carbono 14 para a pré-história recente do Norte de Portugal: os dados e os problemas. *Arqueologia*, Porto, 12, p. 154-183.

JORGE, S. O. (1986) - *Povoados da pré-história recente da região de Chaves-1ª Ponte de Agueiro (Trás-os-Montes Ocidental)*, Porto, Ed. Fac. de Letras da Univ. do Porto, 3 vols..

JORGE, S. O. (1988a) - *O Povoado da Bouça do Frade (Baião) no Quadro do Bronze Final do Norte de Portugal*. Monografias Arqueológicas, 2, GEAP.

JORGE, S. O. (1988b) - Reflexões sobre a pré-história recente do Norte de Portugal. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, Porto, 28 (1-2), p. 85-112.

JORGE, S. O. (1990) - Complexificação das sociedades e sua inserção numa vasta rede de intercâmbios. J. Alarcão (dir.), *Nova História de Portugal*, 1. *Portugal das Origens à Romanização*. Lisboa, Presença, p.213-251.

JORGE, S. O. (1991) - Idade do Bronze: apontamento sobre a natureza dos dados arqueológicos, *Arqueologia*, Porto, 21, p. 12-15.

JORGE, S. O. (1993) - O povoado de Castelo Velho (Freixo de Numão, Vila Nova de Foz Côa) no contexto da pré-história recente do Norte de Portugal. *Actas do I Congresso Peninsular de Arqueologia. Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 33 (1-2), Porto, p. 179-216.

JORGE, S. O. (no prelo a) - Colónias, fortificações, lugares monumentalizados. Trajectória das concepções sobre um tema do calcolítico peninsular. *Revista de História da Faculdade de Letras-História*, Porto.

JORGE, S. O. (no prelo b) - Regional diversity in the Iberian bronze age- on the visibility and opacity of the archaeological record. *Proceedings of British Museum*, Londres.

JORGE, S. O. & SANTOS, P. M. (no prelo) - O povoado de S. Lourenço (Chaves): 2ª campanha de escavações. *Actas do I Congresso Peninsular de Arqueologia. Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 7, Porto.

JORGE, V. (1980) - *Novas fontes abertas no saber da área da serra da Aboboreira (concelho de Baião e Marco de Canaveses)*. Trabalhos de Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto, 5, Porto.

JORGE, V. (1982) - *Megalitismo do Norte de Portugal: o distrito do Porto-os monumentos e a sua problemática no contexto europeu*, Porto, 2 vols (dissertação de doutoramento, policopiada).

JORGE, V. (1984) - Escavação da mamoa da Mina do Sumão (Serra da Aboboreira-Amarante). *Arqueologia*, Porto, 9, p. 3-21.

JORGE, V. (1985) - Novas datações de radiocarbono para mamoas do concelho de Baião. *Arqueologia*, Porto, 11, p. 182-185.

JORGE, V. (1992) - As mamoas funerárias do Norte de Portugal (do neolítico à idade do bronze antigo) como elementos indicadores de uma progressiva complexidade social: esboço preliminar da questão. *Revista de História da Faculdade de Letras-História*, Porto, 2ª série, 9, p. 463-480.

JORGE, V. & BETTENCOURT, A. M. (1988) - Sondagens arqueológicas na mamoa 1 de Chã de Parada (Baião, 1987), *Arqueologia*, Porto, 17, p. 75-118.

JORGE, V.; SILVA, E. J. L.; BAPTISTA, A. M. & JORGE, S. O. (no prelo) - O complexo megalítico do planalto de Castro Laboreiro (Melgaço)-mamoa 2 do Alto da Portela do Pau. *Actas do I Congresso Peninsular de Arqueologia. Trabalhos de Antropologia e Etnologia*.

JORGE, V.; ALONSO, F. & DELIBRIAS, G. (1988) - Novas datas de Carbono 14 para mamoas da Serra da Aboboreira. *Arqueologia*, Porto, 18, p. 95-98.

JORGE, V. & JORGE, S. O (1990a) - Statues-menhirs et steles du Nord du

Portugal. J. Briard & A. Duval (dir.), *Les représentations humaines du néolithique à l'âge du fer*, Paris, Ed. CTHS, p. 29-43.

JORGE, V. & JORGE, S. O. (1990b) - Statues-menhirs et stèles du nord du Portugal. *Revista da Faculdade de Letras*, Porto, 2ª série, vol. 7, p. 299-324.

JUNGHANS, S.; SANGMEISTER, E. & SCHRODER, M. (1968) - Kupfer und Bronze in der Frühen metallzeit Europas. K. Bittel *et alii* (dir.) *Studien zu den anfängen der metallurgie*. Berlim, Ed. Gebr. Mann Verlag.

KALB, P. (1974-75) - Uma data C-14 para o Bronze Atlântico. *O Arqueólogo Português*, 3ª série, 7-9, p. 141-144.

KALB, P. (1976) - Ladenmesser der Atlantischen Bronzezeit. *Archäologisches Korrespondenzblatt*, 6, p. 201-205.

KALB, P. (1978) - Senhora da Guia, Baiões. Die Ausgrabung 1977 auf einer Höhensiedlung der Atlantischen Bronzezeit in Portugal. *Madrider Mitteilungen*, 19, p. 112-138.

KALB, P. (1979) - Contribución para el estudio del Bronce Atlántico. Excavaciones en el Castro de "Senhora da Guia" de Baiões (Concelho S. Pedro do Sul). *Crónica del 15. Congreso Arqueológico Nacional. Lugo, Zaragoza* (1979), p. 581-598.

KALB, P. (1980a) - Zur Atlantischen Bronzezeit in Portugal. *Germania*, 58, p. 25-113.

KALB, P. (1980b) - O «Bronze Atlântico» em Portugal. *Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular*, vol.1, Guimarães, p.113-120 + 14 mapas extra-texto.

KALB, P. (1991) - Die Goldringe vom Castro Senhora da Guia, Baiões (Co. São Pedro do Sul). Portugal. Festschrift für Wilhelm Schüle zum 60. Geburtstag. Veröffentlichungen des Vorgeschichtlichen Seminars Marburg. Sonderband. *Internationale Archäologie* 1, p. 185-200.

KALB, P. (1994) - Reflexões sobre a utilização de recintogolos megalíticos na Idade do Bronze. in *Registrinne ne Castro de Portugal* (Mangualde 1992).

KALB, P. (no prelo a) - As sondagens do castro da Senhora da Guia de Baiões - Aspectos cronológicos. *O Colóquio Arqueológico de Lisboa*.

KALB, P. (no prelo b) - As sondagens do castro Senhora da Guia, Baiões (Concelho de São Pedro do Sul). Portugal. *O Arqueólogo Português*.

KALB, P. & HOCK, M. (1979a) - Excavações na necrópole de mamoas Fonte da Malga - Vouga, Portugal. *Bonn. Jbb.* 19 (1), p.191-664.

KALB, P. & HOCK, M. (1979b) - Ausgrabungen in der Grabhügelnekropole Fonte da Malga (Vouga, Portugal). *Madrider Mitteilungen*, 20, p. 43-55.

KALB, P. & HOCK, M. (1980b) - Cabeço da Bruxa, Alpiarça (Distrito Santarém). Vorbericht über die Grabung im Januar und Februar 1979. *Madrider Mitteilungen*, 21, p. 95-104.

KALB, P. & HOCK, M. (1981-82) - Cabeço da Bruxa, Alpiarça (Distrito de Santarém). Relatório preliminar da escavação de Janeiro e Fevereiro de 1979. *Portugália*, N. S., 2-3, p. 61-69.

KALB, P. & HOCK, M. (1983) - Alto do Castelo, Alpiarça, Distrito Santarém. Vorbericht über die Grabung 1981. *Madrider Mitteilungen*, 24, p. 145-151.

KALB, P. & HOCK, M. (1984) - Moinho - historisch und archäologisch. *Madrider Mitteilungen*, 25, p. 92-102.

KALB, P. & HOCK, M. (1985) - "Ceramica de Alpiarça". Catálogo da exposição temporária na Galeria dos Paços, Alpiarça.

KALB, P. & HOCK, M. (1988) - O povoamento pré-histórico de Alpiarça. *Arqueologia*, *Porto*, 17, p. 193-200.

KALB, P. & HOCK, M. (1989) - A arqueologia e o ambiente geológico e paleobotânico da região de Alpiarça. *Gaia* 3, 1-2, p. 132-136.

KNAAP, W. O. & JANSEN, C.R. (1991) - *L'Anciée ou the Rude - Sous du Estrela (Portugal), XV. Post Excursion of the Sest. Geolog. Institute, University of Bern, Part II, Laboratory of Palaeobotany and Palynology, State University of Utrecht/The Netherlands.*

KRISTIANSEN, K. (1991) - Value, ranking and consumption in the European Bronze Age. D. Miller, M. Rowlands, C. Tilley (eds.), *Domination and Resistance*. Unwin Hyman, London.

KUNST, M. & LOTTERER, L. J. (1990) - Zur Besiedlungsgeschichte des Scandberials. *Madrider Mitteilungen*, 31, p. 54-82, Taf. 5-14.

LAUTENSACH, H. (1967) - Geografia de España y Portugal. Barcelona, Vicens Vives.

LCEC (1994) - *Lisboa Internacional*. Lisboa, Lisboa Capital Europeia Cultura 1994/Electa.

LEAL, P. (1873) - *Portugal Antigo e Moderno*. Lisboa, Livraria Matos e Moreira & Cª, vol. I.

LEEUWARDEN, W. & JANSEN, C.R. (1985) - A preliminary palynological study of peat deposits near an oppidum in the lower Tagus valley, Portugal. *Actas do I Congresso de Quaternário*, Porto, Lisboa, vol. 2, p. 225-236.

LEITÃO, F.B. (1991) - *Povoamento romano do Tâmega-Monte*. Dissertação de Doutoramento apresentada à Universidade do Minho, Braga (policopiada).

LENERZ DE WILDE, M. (1991) - *Iberia Celtica. Archäologische Zeugnisse keltischer Kultur auf der Pyrenenhalbinsel*. Stuttgart.

LILLIE, K. (1991) - Competition in Prison. *The Copper in Bronze Age Transition in the Lowlands of W.-Central Portugal (1000/700 BC)*. Tese de doutoramento apresentada à Universidade de Yale. Estados Unidos da América.

LOPES, A. B. (1993) - *A Cerâmica do Castro das Ombrias da Guia (Baiões). Tipologia e Morfologia*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto (policopiada).

LOPES, J. B. da S. (1841) - *Corografia ou Memória Económica, Estatística e Topográfica do Reino do Algarve*. Lisboa, Typographia da Academia Real das Sciencias, 512 p., 33 mapas.

LÓPEZ CUEVILLAS, F. (1951) - *Las joyas castrexas*. Madrid.

LÓPEZ CUEVILLAS, F. & LOURENZO FERNÁNDEZ, X. (1950) - *Fíbulas de Galicia de Remate*. Santiago de Compostela, Ed. Seminário de Estudos Galegos.

LULL, V. (1981) - *La "Cultura" de el Argar (Un Modelo para el Estudio de las Formaciones Económico-sociales Prehistóricas)*. Madrid, Akal Editor.

LULL, V.; GONZÁLEZ MARCÉN, P. & RIHUETE, R. (1982) - *Arqueología de Europa 2250-1250 a.C. Una introducción a la "edad del bronce"*. Madrid, Ed. Síntesis.

MACHADO, F. (1951) - *Estudios sobre las relaciones atlánticas de la Península Hispánica en la edad del bronce*. Dissertaciones Matritenses, 2, Madrid, Ed. Seminario de Historia Primitiva del Hombre.

MALDONADO DE MOTTA, J. (1958) - Excavaciones Arqueológicas en el Cerro del Berrueco (Salamanca). *Acta Salmanticensia (F.L.)*, 14 (1), Salamanca.

MALDONADO DE MOTTA, J. (1970) - Desarrollo de la orfebrería prerromana en la Península Ibérica. *Pyrenae*, 6, p. 79-109.

MARQUES, G. (1972) - Arqueologia de Alpiarça. As estações representadas no Museu do Instituto de Antropologia do Porto. *Trabalhos do Instituto de Antropologia Dr. Mendes Corrêa*.

MARÇOLI, G. & ANDRADE, G. M. (1974) - Aspectos da pré-história do território português. I - Definição e distribuição geográfica da Cultura de Alpiarça (Idade do Ferro). *Actas do III Congresso Nacional de Arqueologia* (Porto, 1973), I, p. 125-148.

MARTÍN VALLS, R.; BENET, N. & MACARRO

ALCALDE, C. (1991) - Arqueologia de Salamanca. *Del Paleolítico a la Historia*, Junta de Castilla y León, Salamanca, p.137-163.

MARTINHO, A.T. (1981) -*O Pastoreio e a Queijo da Serra*. 2ª ed., Lisboa, Parque Natural da Serra da Estrela.

MARTINS, J. M. P. (1988) - *Arqueologia de Concelho de Loulé*. Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 219 p., 65 figs, 8 mapas.

MARTINS, M. (1984) - A cetária de S. Julião, Vila-Verde. Primeiras sondagens, *Cadernos de Arqueologia*, Braga, 2ª série, 1, p. 11-27.

MARTINS, M. (1985a) - A Ocupação do Bronze Final da citânia de S. Julião, em Vila Verde. Caracterização e Cronologia. *Trabalhos da Sociedade de Antropologia e Etnologia*, Porto, 25 (2-4), p. 197-222.

MARTINS, M. (1985b) - Sondagens arqueológicas no castro do Monte Padrão, em Santo Tirso, *Cadernos de Arqueologia*, Braga, 2ª série, 2, p. 217-230.

MARTINS, M. (1986) - Duas Datas de C.14 para a ocupação do bronze final da citânia de S. Julião em Vila Verde. *Arqueologia*, Porto, 13, p. 159-160.

MARTINS, M. (1987) - A cerâmica proto-histórica do vale do Cávado: tentativa de sistematização. *Cadernos de Arqueologia*, Braga. 2ª série, 4, p.35-77.

MARTINS, M. (1988) - A citânia de S. Julião, Vila Verde: memória dos trabalhos realizados entre 1981-1985. *Cadernos de Arqueologia-Monografias*, 2, Braga.

MARTINS, M. (1989) - O Castro do Barbudo, Vila Verde. Resultado das campanhas realizadas entre 1981-1985. *Cadernos de Arqueologia-Monografias*, 3, Braga.

MARTINS, M. (1990) - O povoamento proto-histórico e a romanização da bacia do curso médio do Cávado. *Cadernos de Arqueologia-Monografias*, 5, Braga.

MARTINS, M. (no prelo a) - The dynamics of change in NO Portugal during the I millenium B. C. What change? and why?. S. Keay *et alii* (dir.), *The Dynamics of Change in Iberian Peninsula*. Londres, Ed. Routledge.

MARTINS, M. (no prelo b) - O NO Português no 1º milénio a.C.: cenários de representação da arqueologia portuguesa. *Trabajos de Prehistoria*, 52, Madrid.

MATA CARRIAZO, J. (1973) -*Tartessos y el carambolo. Investigaciones arqueológicas sobre la Protohistoria de la Baja Andalucía*, Arte de España, 4, Madrid.

MATEUS, J. E. & QUEIROZ, P. F. (1994) - Aspectos do desenvolvimento da história e da evolução da vegetação do litoral norte alentejano durante o Holocenico. *Setúbal Arqueológica (Actas do I Encontro de Arqueologia da Costa Sudoeste, Sagres, 1991)*, p. 11-12.

MENDEZ FERNANDEZ, F. (1994) - La elaboracion del paisaje durante la edad del bronce Gallego, *Trabajos de Prehistoria*, 51 (1), Madrid, p. 77-94.

MONTEAGUDO, L. (1951) - Hachas de Talón. *Boletim do Grupo Alcuidio de Faria*, Ano III, 3, p.1-10.

MONTEAGUDO, L. (1977) - Die Beile auf der Iberischen Halbinsel. *Prähistorische Bronzefunde*, Munique, 9 (6).

MONTEIRO, J. Pinho (1980) - O acampamento do Bronze Final das Fontes de Marchil. *Descobertas Arqueológicas no Sul de Portugal*, Lisboa, Centro de História da Universidade de Lisboa- Museu de Arqueologia e Etnografia de Setúbal, p.43-45.

MUTZ, A. (1972) - *Die Kunst Metallobjekte bei den Romern*. Basel.

NUNES, J. C. (1952) -*Um machado de talão, de tipo galaico, na Beira-Litoral interior*. Arganil, Publicações do Museu da Câmara Municipal de Arganil.

NUNES, J. C. (1957) - Un importante hallazgo del Bronce en Portugal. *Zephyrus*, 8, p. 135-145.

NUNES, J. C. (1958) - Nuevos hallazgos del Bronce en Portugal. *Zephyrus*, 9 (2), p. 229-236.

NUNES, J. C. (1960) - A propósito da estela de Meimão. *Revista de Guimarães*, 70, p. 86-108.

NUNES, J. C. & RODRIGUEZ, A.V. (1957) - Dos nuevas espadas del Bronce Final en Portugal. *Zephyrus*, 8 (2), p. 279-285.

OLIVEIRA, F. ; QUEIROGA, F. & DINIS, A. P. (1991) - O pão de bolota na cultura castreja. *Paleoecologia e Arqueologia*, 2, Vila Nova de Famalicão, p. 251-268.

OLIVEIRA, J. (1986) - *A estela decorada da Tapada da Mesta*. Portalegre, Câmara Municipal de Castelo de Vide, 35 p., IX Ests.

OLIVEIRA, J. (1988) - *Introdução ao estudo das sepulturas megalíticas da Margem Esquerda do Sever*. Trabalho destinado às provas de aptidão pedagógica, apresentado à Universidade de Evora, Evora.

PAÇO, A. do & BARTHOLO, M. L. (1954) - Considerações acerca da estação arqueológica de Montes Claros e da sua cerâmica campaniforme. *Broteria*, 59, p. 200-203.

PAÇO, A. do & BARTHOLO, M. L. (1957) - Nota acerca de algumas cerâmicas da estação eneolítica de Montes Claros (Monsanto). *Publicações do XXIII Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências* (Coimbra, 1956), 8 (separata de 10 p.).

PAÇO, A. do & BARTHOLO, M. L. (1961) - Nota acerca de uma escadela do povoado do Bronze I de Montes Claros (Monsanto-Lisboa). *Zephyrus*, Salamanca, 12, p. 230-233.

PARREIRA, R. (1971-75) - O povoado da Idade do Bronze do Outeiro do Circo (Beringel, Beja). *Arquivo de Beja*, 28-32, p. 31-45.

PARREIRA, R. (1983) - O cerro dos castelos de São Brás (Serpa). Relatório preliminar dos trabalhos arqueológicos de 1979 e 1980. *O Arqueólogo Português*, 4ª série, 1, p. 149-168.

PARREIRA, R. & BERROCAL RANGEL, L. (1990) - O Povoado da II Idade do Ferro da Herdade do Pinar (Ervidal, Aljustrel). *Conimbriga*, Coimbra, 29, p.39-57.

PARREIRA, R. & SOARES, A. M. (1980) - Zu einigen bronzezeitlichen Siedlungen in Süd Portugal. *Madrider Mitteilungen*, 21, p. 109-130, Est.22.

PEARSON, M. & RICHARDS, C. (1994) - Ordering the world: perceptions of architecture, space and time. M. Pearson *et al.* (dir.), *Architecture & Order. Approaches to social space*, Londres, Ed. Routledge, p. 1-37.

PEÑA SANTOS, A. (1992a) - El primeiro milenio a.C. en el área Gallega: génesis y desarrollo del mundo castreño a la luz de la arqueología, Paleoetnología de la Península Ibérica. *Complutum*, 2-3, Madrid, p. 373-398.

PEÑA SANTOS, A. (1992b) - Castro de Torroso (Mos, Pontevedra). Síntesis de las memoria de las campañas de excavaciones 1984-1990. *Arqueoloxia/ Memorias* 11, Ed. Xunta de Galicia, Coruña.

PERLA, A. (1991) - *Orfebrería prerromana. Arqueología del oro*. Madrid.

PEREIRA, I. (1986) - Castro de Santa Olaia. *Informação Arqueológica*, 7, p.29-33.

PEREIRA, I. (1990) - Figueira da Foz, Santa Olaia. *Estudo Orientativo IV. Os Fenícios no Território Português*, Lisboa, p. 285-304.

PINGEL, V. (1992) - Die vorgeschichtlichen Goldfunde der Iberischen Halbinsel: eine archäologische Untersuchung zur Auswertung der Spektralanalysen. *Madrider Forschungen*, 17, Berlin, de Gruyter.

PONTE, S. & VAZ J.L.I. (1989) - Considerações sobre algumas fíbulas de Santa Luzia (Viseu) - Seu contexto estratigráfico. *Actas do I Colóquio Arqueológico de Viseu*, Viseu, p. 181-188.

PROENÇA, F. T. (1910) - *Archeologia de Depósito de Castelo Bronze*, Leiria, Typographia Leiriense.

QUEIROGA, F. (1984) - Escavações arqueológicas em Castelo de Matos-notícia preliminar. *Arqueologia*, Porto, 9, p. 105-116, 375-380.

QUEIROGA, F. & FIGUEIRAL, I. (1989) - Datações de Carbono 14 para Castelo de Matos. *Boletim Cultural*

da Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão, 9, Famalicão, p. 67-69.

RAPOPORT, A. (1994) - Spatial organization and the built environment. Tim Ingold (ed.), *Companion Encyclopedia of anthropology*. London, Routledge, p. 460-502.

REINACH, S. (1912) - Un bracelet espagnol en or. *Revue Anthropologique*, 20.

REINACH, S. (1925) - The Evora Gorget. *The Antiquaries Journal*, 5, 124-134.

RIBEIRO, F. N. (1965) - O *Bronze Meridional Portugal*, Beja, Ed. do autor, 68 p., XXVI Est.

RIBEIRO, L. (1966) - Relatório das escavações feitas na estação neo-eneolítica de Moures Claros por ahaixo do Lezro de Gil Vicente, de 25 de Fevereiro de 1959 a 8 de Janeiro de 1964, sempre presididas e dirigidas pelo seu professor Leonel Ribeiro. *Arqueologia e História*, 8ª série, 12, p. 223-283.

RIBEIRO, O. (1987) - *Introdução ao estudo da Geografia Regional*. Lisboa, Edições João Sá da Costa.

ROCHA, A. dos S. (1898) - Necrópole Pré-histórica da Campina nas vizinhanças de Faro. *Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes*, vol. 4, p. 57-72.

ROCHA, A. dos S. (1897) - *Memorias sobre a Antiguidade*. Figueira da Foz, Imprensa Lucitana, 254 p., 13 figs.

ROCHA, A. dos S. (1904) - Materiaes para o estudo da epocha do cobre em Portugal - As necrópoles algarvias da Boralha e do Serro de Bartolomeu Dias. *Boletim da Sociedade Archeologica Santos Rocha*, vol. 1, p. 56-63.

ROCHA, A. dos S. (1971) - *Estações Pré-Romanas da Idade do Ferro nas vizinhanças da Figueira*. Coimbra, Imprensa da Universidade.

RODRIGUES, Maria da Conceição M. (1977) - *Carta Arqueológica do Concelho de Castelo de Vide*. Portalegre, Assembleia Distrital de Portalegre.

ROMERO CARNICERO, F. (1991) - *Los castros de la edad del Hierro en el Norte de la Provincia de Soria*, Valladolid, Secretariado de Publicaciones de la Universidad de Valladolid.

ROTHENBERG, B. & BLANCO FREIJEIRO, A. (1981) - *Ancient mining and metallurgy in Southwest Spain*. London, Inst. Arch.

ROWLANDS, M. (1984) - Conceptualising the European bronze and early iron age. J. Bintliff (dir.), *European Social Evolution. Archaeological Perspectives*, Bradford, p. 147-156.

RUIZ-GALVEZ, M. (1976) - El bronce antiguo en la fachada atlántica peninsular: un ensayo de periodización. *Trabajos de Prehistoria*, Madrid, 36, p. 151-172.

RUIZ-GALVEZ, M. (1984b) - Reflexiones terminológicas en torno a la edad del bronce peninsular. *Trabajos de Prehistoria*, Madrid, 41, p. 123-142.

RUIZ-GALVEZ, M. (1992) - La nueva vivienda: ortodoxia, herejía y culpa(s). SPAL. *Revista de Prehistoria y Arqueología*, 1, Sevilla, p. 219-251.

RUIZ-GALVEZ, M. (1993) - El occidente de la Península Ibérica, punto de encuentro entre el Mediterráneo y el Atlántico a fines de la Edad del Bronce. *Complutum*, 4, Madrid, 47-68.

RUIZ-GALVEZ, M. (1994) - The barrered lands. Goldwork, inheritance and agriculture in the late Prehistory of the Iberian Peninsula. *Journal of European Archaeology*, 2-1, p. 30-81.

RUIZ-GALVEZ, M. (no prelo) - El Noroeste de la Península Ibérica en el contexto de la prehistoria reciente de Europa occidental. *Actas del 22º Congreso Nacional de Arqueología*, Vigo.

RUIZ-GALVEZ, M. (1998a) - *La Península Ibérica y sus relaciones con el circuito cultural atlántico*, Madrid, 2 vols., Tesis Doctoral 1/99/84, Editorial de la Universidad Complutense de Madrid.

RUIZ-GALVEZ, M. & GALÁN DOMINGO, E. (1991) - Las Eras del Sonorio como hitos de vías ganaderas y rutas comerciales. *Trabajos de Prehistoria*, Madrid, 48, p. 257-274.

RUIZ-GIRALDEZ, F. (1954) - O bracelete de Estremoz. *Nummus* 2 (6), 71-73.

SACRISTAN de LARA, J. D. (1986) - *La Edad del Hierro en el Valle Medio del Duero*. Valladolid, Secretariado de Publicaciones de la Universidad de Valladolid.

SANCHES, M. J. (1980) - Alguns vasos cerâmicos inéditos do Museu de Antropologia do Porto. *Arqueologia*, Porto, 1, p. 12-19.

SANCHES, M. J. (1981) - Brequetes cerâmicos da Pré-História recente do Norte de Portugal. *Arqueologia*, Porto, 3, p. 88-98.

SANCHES, M. J. (1987) - O Buraco da Pala: um abrigo pré-histórico no concelho de Mirandela (notícia preliminar das escavações de 1987). *Arqueologia*, Porto, 16, p. 125-133.

SANCHES, M. J. (1998) - O povoado da Lavra (Manso de Canavieses). *Arqueologia*, 17, Porto, 125-134.

SANCHES, M. J. (1992) - *Pré-História recente no planalto mirandês* (Lato de Trás-os-Montes). Monografias Arqueológicas do GEAP, 1, Porto.

SANCHES, M. J. (no prelo a) - Megalitismo na bacia de Mirandela. *Actas do Simpósio "Megalitismo no Centro de Portugal"*, Mangualde.

SANCHES, M. J. (no prelo b) - Lage de Vale de Juncal-Mirandela. *Actas do Simpósio "Megalitismo no Centro de Portugal"*, Mangualde (no prelo).

SANCHES, M. J., SOARES, A. M. MONIZ & ALONSO MATHIAS, F. (1993) - Buraco da Pala (Mirandela): datas de Carbono 14 calibradas e o seu poder de resolução. Algumas reflexões. *Actas do I Congresso Peninsular de Arqueologia. Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 33 (1-2), Porto, p. 223-243.

SANGMEISTER, E. (1993) - Zambujal. Kupferfunde aus den Grabungen 1964 bis 1973. *Madrider Beiträge*, 5, 3, Mainz.

SANTOS, M. F. dos, SOARES, J. & SILVA, C. T. da (1974) - Necrópole da Proença (Sintra). *Arqueologia e História*, vol. 5, p. 69-95.

SANTOS, M. F. dos, SOARES, J. & SILVA, C. T. da (1975) - A necrópole da Idade do Bronze da Proença (Sintra, Portugal). Sinta preliminar. *Actas do XIII Congresso Nacional de Arqueologia*, Huelva 1973, p. 417-432, Zaragoza.

SARMENTO, M. (1933 (1883)) - Relatório da Secção de Archeologia da Expedição Scientifica à Serra da Estrella em 1881. *Dispersos. Coletânea de artigos publicados desde 1870 a 1899*, obra *Arqueologia, Etnologia, Mitologia, Etografia e Arte Pré-Histórica*, Imprensa da Universidade, Coimbra, p. 129-152.

SCHELL, B. (1989) - *Egyptian metalworking and tools*. Aylesbury.

SCHUBART, H. (1965) - Atalaia. Uma necrópole da Idade do Bronze no Baixo Alentejo. *Arquivo de Beja*, 22, p. 7-136.

SCHUBART, H. (1971a) - Acerca de la cerámica del Bronce Tardío en el Sur y Oeste Peninsular. *Trabajos de Prehistoria*, Madrid, 28, p. 153-182.

SCHUBART, H. (1971b) - O Homem de Estremoz. Sepulturas do Eneolítico Final no Sudoeste da Península Ibérica. *Revista de Guimarães*, Guimarães, 81 (3-4), p. 189-216.

SCHUBART, H. (1973) - Las alabardas tipo Monteporzio. *Estudios Dedicados a Prof. Dr. Luis Pericot*, Barcelona.

SCHUBART, H. (1974a) - La cultura del Bronce en el sudoeste peninsular: distribución y definición. *Miscelánea Arqueológica*, Barcelona, 25, p. 143-170.

SCHUBART, H. (1974b) - Novos achados espadeiros do Bronze do Sudoeste II. *Actas das II Jornadas Arqueológicas* (Lisboa, 1972), Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 65-95.

SCHUBART, H. (1975a) - Die Bronzezeit im Südwesten der Iberischen Halbinsel. *Madrider Forschungen*, 91, Berlin.

SCHUBART, H. (1975b) - Die *Kultur der Bronzezeit im Südwesten der Iberischen Halbinsel*. Berlin, Walter de Gruyter & Co.

SCHULZ, W. (1960b) - Probleme der Eneolithikum auf Iberischen Halbinsel. *Jahrbuch des Römisch-Germanischen Zentralmuseums*, 7, 59-125.

SCHULZ, W. (1969) - *Die Mittel-Kulturen der*

Iberischer Halbinsel, Madrider Forschungen, Band 3, Berlin, Walter de Gruyter & CO., 2 vols.

SCHULE, W. (1976) - Der Bronzezeitliche Schatzfund von Villena (Prov. Alicante). *Madrider Mitteilungen*, 17, 142-179.

SENNA-MARTINEZ, J. C. (1984a) - O Monumento nº 3 da necrópole dos Moinhos de Vento, Argaud: a campanha (1984). *Clio/Arqueologia*, 1, p.213-16.

SENNA-MARTINEZ, J. C. (1984b) - Contribuições arquiométricas para um modelo sociocultural: padrões volumétricos na Idade do Bronze do Centro e NW de Portugal. *Clio/Arqueologia*, 1, p.169-88.

SENNA-MARTINEZ, J. C. (1986) - Cabeço do Crasto - S. Romão. 1ª Campanha. *Informação Arqueológica*, 7, p.44-6.

SENNA-MARTINEZ, J.C.(1989) - *Pré-História Recente da Bacia do Médio e Alto Mondego: algumas contribuições para um modelo sociocultural*. Tese de Doutoramento em Pré-História e Arqueologia, Faculdade de Letras de Lisboa, 3 vols. (policopiado).

SENNA-MARTINEZ, J.C. (1993a) - Apresentação: Trabalhos de Arqueologia na Bacia do Médio e Alto Mondego - 1982-1992. *Trabalhos de Arqueologia da EAM*, 1, Lisboa, Colibri, p.1-7.

SENNA-MARTINEZ, J.C. (1993b) - A ocupação do Bronze Pleno da "Sala 20" do Buraco da Moura de São Romão. *Trabalhos de Arqueologia da EAM*, 1, Lisboa, Colibri, p.55-76.

SENNA-MARTINEZ, J. C. (1993c) - O Grupo Baiões/Sanza Luna: contribuições para uma tipologia da olaria. *Trabalhos de Arqueologia da EAM*, 1, Lisboa, Colibri, p.93-123.

SENNA-MARTINEZ, J. C. (1993d) - Duas contribuições arqueométricas para o estudo do Bronze Antigo/Médio do Centro e Noroeste de Portugal. *Trabalhos de Arqueologia da EAM*, 1, Lisboa, Colibri, p.77-91.

SENNA-MARTINEZ, J. C. (1994a) - Megalitismo, habitat e sociedades: a Bacia do Médio e Alto Mondego no conjunto da Beira Alta (c.5200-3000 BP). *Actas do Seminário "O Megalitismo no Centro de Portugal"*, Mangualde, Novembro de 1992, p.11-23.

SENNA-MARTINEZ, J. C. (1994b) - Subsídios para o estudo do Bronze Pleno na Extremadura Atlântica: (1) A alabarda de tipo «Atlântico» do Habitat das Baútas (Amadora). *Zephyrus*, 46-47, p.149-170.

SENNA-MARTINEZ, J. C. (1994c) - O habitat do Bronze Final do Outeiro dos Castelos de Beijós (Carregal do Sal): a campanha 1993). *Trabalhos de Arqueologia da EAM*, 2, Lisboa, Colibri, p.255-262.

SENNA-MARTINEZ, J. C. (1994d) - Entre Atlântico e Mediterrâneo: algumas reflexões sobre o *Grupo Baiões/Santa Luzia* e o desenvolvimento do Bronze Final Peninsular. *Trabalhos de Arqueologia da EAM*, 2, Lisboa, Colibri, p. 205-222.

SENNA-MARTINEZ, J. C. (no prelo) - The Late Prehistory of Central Portugal: a first diachronic view. K.T. Lillios, (ed.), *The Origins of Complex Societies in Late Prehistoric Iberia*, An Harbour, International Monographs in Prehistory.

SENNA-MARTINEZ, J. C. *et alii*., (1995a) - A ocupação do Bronze Final do Buraco da Moura de São Romão. *Trabalhos de Arqueologia da EAM*, 1, Lisboa, Colibri, p.125-135.

SENNA-MARTINEZ, J. C. *et alii* (1995b) - A ocupação do Bronze Final do Cabeço do Cucão, Pedra Cavaleira (Sátão/Viseu): uma primeira análise. *Trabalhos de Arqueologia da EAM*, 1, Lisboa, Colibri, p.143-147.

SENNA-MARTINEZ, J. C. & CORDEIRO, M. N. 1994 (1988) - Castro de S. Cosme. *Informação Arqueológica*, 9, p.55-56.

SENNA-MARTINEZ, J. C.; GARCIA, M. F. & ROSA, M. J. (1984) - Contribuições para uma tipologia da olaria do megalitismo das Beiras: olaria da Idade do Bronze (I). *Clio/Arqueologia*, 1, p.105-138.

SENNA-MARTINEZ, J. C.; GUERRA, A. & FABIÃO, C. (1986) - "*Cabeço do Crasto*", *São Romão, Seia. A Campanha 1(1985)*. Catálogo da Exposição Temporária - FIAGRIS/86, UNIARCH/GHAS, Lisboa.

SENNA-MARTINEZ, J. C. & NUNES, T. S. (1993) - A ocupação do Bronze Final do Outeiro dos Castelos (Beijós): uma primeira análise. *Trabalhos de Arqueologia da EAM*, 1, Lisboa, Colibri, p.137-141.

SENNA-MARTINEZ, J.C.; ROCHA, L. & RAMOS, R.P. (1993) - "A ocupação do Bronze Final da Malcata (Carregal do Sal): uma primeira análise. *Trabalhos de Arqueologia da EAM*, 1, Lisboa, Colibri, p.149-154.

SENNA-MARTINEZ, J. C.; VALERA, A. C. & CARREIRA, J. R. (1995) - A Pré-História recente. G. A. B.Ferreira & J. C. Senna-Martinez (eds.), *O Quaternário em Portugal, balanço e perspectivas*, Lisboa, Colibri, p.185-198.

SERRÃO, E. da Cunha (1958) - Cerâmica pseudo-histórica da Lapa do Fumo (Sesimbra), com ornatos coloridos e brunidos. *Zephyrus*, 9, (2), p. 177-186.

SERRÃO, E. da Cunha (1959) - Cerâmica com ornatos brunidos a cores da Lapa do Fumo. *Actas do I Congresso Nacional de Arqueologia (Lisboa, 1958)*, 1, p. 337-359.

SERRÃO, E. da Cunha (1960) - *Guia do Museu Arqueológico de Sesimbra*. Câmara Municipal de Sesimbra (especialmente p. 6).

SERRÃO, E. da Cunha (1962) - Alguns problemas arqueológicos da região de Sesimbra. *Arqueologia e História*, 8ª série, 9, p. 13-41 (especialmente p. 25-28).

SERRÃO, E. da Cunha (1964) - Um pequeno museu arqueológico regional. *Arqueologia e História*, 8ª série, 11, p. 103-123 (especialmente p. 118-119).

SERRÃO, E. da Cunha (1968) - A Lapa do Fumo. *Geographica*, 15.

SERRÃO, E. da Cunha (1970) - As cerâmicas de "tecnica brunida" das estações arqueológicas espanholas e com "ornatos brunidos" da Lapa do Fumo. *Actas das I Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses (Lisboa, 1969)*, 1, p. 273-308.

SERRÃO, E. da Cunha (1975) - Contribuições arqueológicas do Sudoeste da península de Setúbal. *Setúbal Arqueológica*, 1, p. 199-226 (especialmente p. 214-218).

SERRÃO, E. da Cunha (1978) - A Lapa do Fumo, in *Aspecto e Método da Pré-história. Trabalhos do Grupo de Estudo Arqueológico do Porto*, 1, p. 25-43 (especialmente p. 35-43).

SHENNAN, S. (1993) - Commodities, transactions, and growth in the Central European Early Bronze Age. *Journal of European Archaeology*, 1-2, 59-72.

SHERRAT, A. (1993) - What would a bronze-age world system look like? Relations between temperate Europe and the Mediterranean in later prehistory. *Journal of European Archaeology*, 1-2, 1-58.

SIEBERT, A. (1978) - Le Portugal Mediterranéen à la Fin de l'Ancien Régime, XVIII. et Debut du XIX Siècle: Contribution à l'Histoire Agraire Comparée. Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica (3 vols.), 2ºed.

SILVA, A. C. F. (1986) - *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*. Paços de Ferreira. Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins.

SILVA, A. C. F. (1990) - Influências orientalizantes na formação da cultura castreja do Noroeste peninsular. *Estudos Orientais I. Presenças orientalizantes em Portugal da Pré-História ao período romano*, Lisboa, p.135-53.

SILVA, A. C. F. (1993) - A Idade do Bronze em Portugal. *Pré-História de Portugal*, Universidade Aberta 57, Lisboa, p. 255-285.

SILVA, A. C. F. & GOMES, M. V. (1992) - *Proto-História de Portugal*. Lisboa, Universidade Aberta.

SILVA, A. C. F.; LOPES, A. B. & MACIEL, T. P. (1983) - A necrópole do bronze

inicial da Chã de Arcle (Durrães, Barcelos) - Primeira notícia. *Arquivo de Alto Minho*, 26, Viana do Castelo.

SILVA, A. C. F., SILVA, C. & LOPES, A. B. (1984) - Depósito de fundidor do final da Idade do Bronze do Castro da Senhora da Guia (Baiões, S. Pedro do Sul, Viseu). *Lucerna – Homenagem a D. Domingos Pinho Brandão*. Porto, p. 73-110.

SILVA, A. M. & SILVA, F. A. P. (1992) - *Estação arqueológica de S. Julião (...)*. Memorandum. *Projecto de intervenção*, Julho 1992 (dactilografado).

SILVA, A. M. & SILVA, F. A. P. (1993) - *Estação arqueológica de S. Julião (...). Relatório da 1ª Campanha de Escavação* (Abril 1993) (dactilografado).

SILVA, A. M. & SILVA, F. A. P. (em preparação) - *Estação arqueológica de S. Julião (...). Relatório da 2ª Campanha de Escavação* (Maio-Abril 1994).

SILVA, A. R. P. (1988) - A Paleoetnobotânica na Arqueologia Portuguesa, resultados desde 1911 a 1987. *Paleoecologia e Arqueologia*, I. Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão, p.5-36.

SILVA, A. R. P. & TELES, A. N. (1986) - *A Flora e a Vegetação da Serra da Estrela*. Lisboa, Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza, 2ª ed.

SILVA, C. T. (1980) - Contribuição para o estudo da Cultura Castreja na Beira Alta. *Actas do III Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular* (1979), Barcelos, p. 113-120.

SILVA, C. T. *et al.* (1980-81) - Escavações arqueológicas no castelo de Alcácer do Sal (campanha de 1979). *Setúbal Arqueológica*, 6-7, p. 149-218.

SILVA, C. T. & SOARES, J. (1978) - Uma jazida do Bronze Final na Cerradinha (Lagoa de Santo André, Santiago do Cacém). *Setúbal Arqueológica*, 4, p. 71-97, XIII Est.

SILVA, C. T. & SOARES, J. (1979) - O monumento I da necrópole do "Bronze do Sudoeste" de Penagarcia (Sines). *Setúbal Arqueológica*, 6, p.121-155.

SILVA, C. T. & SOARES, J. (1981) - *Pré-História da Área de Sines - Trabalhos Arqueológicos de 1972-77*. Lisboa, Gabinete da Área de Sines, 251 p., 176 figs.

SILVA, Celso T. (1978) - Cerâmica típica da Beira Alta. *Actas do III Jornadas Arqueológicas*, Lisboa, p.185-196.

SILVA, Celso T. (1979) - O Castro de Baiões (S.Pedro do Sul). *Beira Alta*, 38 (3), p.509-531.

SILVA, Celso T., CORREIA, A. & VAZ, J. L. I. (1984) - Mesas de Sta. Luzia. *Informação Arqueológica*, 4, p.124-125.

SILVA, Celso T., CORREIA, A. & VAZ, J. L. I. (1985) - Castro de S. Luzia - 1982. *Informação Arqueológica*, 5, p.145.

SILVA, E. J. L. (1993) - Megalitismo do Sacro de Douro (margem Sul). *Actas do I Congresso Peninsular de Arqueologia. Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 33 (1), Porto, p. 37-46.

SILVA, E. J. L. e CUNHA, A. M. L. - As gravuras rupestres do Monte da Laje. *Arqueologia*, 13, GEAP, Porto, p. 108.

SOARES, A. Monge (1986) - O povoado do Paço Alto. Escavações de 1984. *Arquivo de Beja*, 2ª série, 3, p. 89-99.

SOARES, A. Monge (1989) - *O Cerro de Rumamino (Castro de ...). Guia Cultural de Portugal Continental*, Lisboa, ICEN-LNETI.

SOARES, A. Monge (1994) - O Bronze do Sudoeste na margem esquerda do Guadiana. As necrópoles de Concelho de Serpa. *Actas das 1ªs Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, 2, p. 179-197.

SOARES, A. Monge & Cabral, J. M. P. (1984) - Datas convencionais de radiocarbono para estações arqueológicas portuguesas (uso, calibração, revisão crítica). *O Arqueólogo Português*, 4ª série, 2, p.167-214.

SOARES, A. Monge, ARAÚJO, M. F. & CABRAL, J. M. P. (1985) - O Castelo Velho de Safara: vestígios da pratica da metalurgia. *Arqueologia*, 11, p. 87-94.

SOARES, A. Monge & CABRAL, J. M. P. (1993) - Cronologia absoluta para o Calcolítico da Estremadura e do Sul de Portugal. *Actas do 1º Congresso de Arqueologia Peninsular, 2 Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 33 (3-4), p. 217-255.

SOARES, J. & SILVA, C. T. (1976/77) - O Grupo de Pálmela no quadro da cerâmica campaniforme em Portugal. *O Arqueólogo Português*, 3ª série, 7/9, p. 101-112.

SOARES, J. & SILVA, C. T. (1976-77) - Cerâmica campaniforme de Vale Vermoe (Porto Covo, Sines). *Setúbal Arqueológica*, 2-3, p. 163-177.

SOARES, T. (1982) - Escavatorio de Sequeade (Barcelos). *Arqueologia*, 5, Porto, p. 62-67.

SOARES, T. (1988) - A propósito de quatro necrópoles proto-históricas do concelho de Esposende. *Actas do Colóquio Manuel de Boaventura* (1985), 2, Esposende, p. 35-62.

SOLIA, J. M. (1963) - El tesoro de Villena. *Excavaciones en España*, 36, Madrid.

SOUSA, A. (1942) - Romanização no Baixo Vouga. Novo "oppidum" na zona de Talabriga. *Trabalhos da SPAE*, 9 (4), Porto, p. 285-328.

SPONSEL, K. (1981) - Glockenbecher und Bronzezeit als Ideale. Kulturmyterm auf der Iberiden-Halbinsel. *Iberoamerica Atlántica*.

SPONSEL, K. *et alii* (1973-74) - Le monument à coupole de l'Age du Bronze Final de Sa Roça do Casal do Meio (Calhariz). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, 57, p.91-134.

SPONSEL, K. & FERREIRA, O. da Veiga (1975) - Der spätbronzezeitliche Kuppelbau von der Roça do Casal do Meio in Portugal. *Madrider Mitteilungen*, Heidelberg, 14, p. 60-108.

SPONSEL, K. & FERREIRA, O. da Veiga (1974) - Das vorgeschichtliche Fundmaterial aus der grüft do Carvalhal. Portugal. *Madrider Mitteilungen*, Heidelberg, 15, p. 28-76.

STRAUS, L. G.; ARÚJO, J.; JACKES, M. & KUNZE, M. (1988) - New excavations in Casa da Moura (Serra d'el Rei, Peniche) and at the abrigos de Bucas (Rio Maior), Portugal. *Arqueologia*, Porto, p. 63-97.

TAIAP (1990) - *Tesouros da Arqueologia Portuguesa*. Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia.

TARRADELL, M. (1965) - El problema de las diversas áreas culturales de la Península Ibérica en la Edad del Bronce. *Miscelánea en Homenaje al Abate Henri Breuil*, vol.2. Barcelona, Diputación Provincial de Barcelona, p.423-430.

TEIXEIRA, C. (1940) - Molde de fundição para machados de bronze de duplo anel. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 9 (1-2), p.126-130.

TEIXEIRA, C. *et alii* (1974) - *Notícia explicativa da Folha 26-B. Carta Geológica de Portugal na escala 1:50.000*. Lisboa, Serviços Geológicos de Portugal.

"TEJERA GAITÁN, A. (1980) - El Bronce Final del Bajo Guadalquivir y sus problemas". *Huelva Arqueológica*, 4, p. 181-188.

TORRES, C. (1992) - Povoamento antigo no Baixo Alentejo: Alguns problemas de topografia histórica. *Arqueologia Medieval*, Mértola, 1, p. 189-202.

TYLECOTE, R. F. (1987) - *The early history of metallurgy in Europe*. Londres, Longman.

UNTERMAN, O. (1982) - *Jewelry, temple and symbology*. London.

VAIRA, A. C. (1993) - A ocupação calcolítica da «sala 20» do Buraco da Moura de S. Romão. *Trabalhos de Arqueologia da EAM*, 1, Lisboa, Colibri, p. 57-93.

VAIRA, A. C. (1994) - Diversidade e relações inter-regionais no povoamento calcolítico da Bacia do Médio e Alto Mondego. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 34 (1-2), p.133-176.

VAIRA, A. C., SOUSA-MATOSO, J. C. & ESTEVINHO, I. M. (1989) - O Buraco da Moura de S. Romão (Seia): alguns resultados preliminares da

Campanha 1987). *Actas do I Colóquio Arqueológico de Viseu*, Viseu, p.349-174.

VAN DEN BRINK, L.M. & JANSSEN, C.R. (1985) - The effect of human activities during cultural phases on the development of montane vegetation in the Serra da Estrela, Portugal. *Review of Palaeobotany and Palynology*, 44, p.193-205.

VARANDAS, J. (1993) - A ocupação medieval do Buraco da Moura de São Romão. *Trabalhos de Arqueologia da EAM*, 1, Lisboa, Colibri, p.155-165.

VASCONCELOS, J. L. (1895) - Um torques de ouro. *O Arqueólogo Português*, 1, p. 160.

VASCONCELOS, J. L. (1896) - Novo achado de bracelletes pré-romanos. *O Arqueólogo Português*, 2, p. 86-88.

VASCONCELOS, J. L. (1902) - A torca de ouro de Cintra. *O Arqueólogo Português*, 7, p. 155-156.

VASCONCELOS, J. L. (1908) – Estudos sobre a época do Bronze em Portugal. *O Arqueólogo Português*, Lisboa, 1ª série, 12 (7-12).

VASCONCELOS, J. L. (1917) - Coisas Velhas. *O Arqueólogo Português*, 22, pp.107-169.

VAZ, J. L. I. (1987) - *Roteiro Arqueológico do Concelho de Viseu*. Viseu, Câmara Municipal de Viseu e Centro Cultural Distrital de Viseu.

VAZ, J. L. I. (no prelo) - 4 datações C14 para o Bronze Final português. *Actas II Colóquio Arqueológico de Viseu*, Viseu.

VAZQUEZ VARELA, J. M. (1974-75) - Hallazgos de belloteas en el castro de Vixil: Reflexiones sobre la cultura castreña. *Boletín de la Comisión de Monumentos de Lugo*, 9 (83-84), p.195-198.

VEIGA, S. P. M. Estácio da (1891) - *Antiguidades Monumentaes do Algarve*, vol. 4, Lisboa, Imprensa Nacional, 346 p., XLV Estr.

VIANA, A. (1960) - Notas Históricas, Arqueológicas e Etnográficas do Baixo Alentejo. *Arquivo de Beja*, Beja.

VIANA, A., FERREIRA O. da V. & FORMOSINHO, J. (1949) - Necropole de las Caldas de Monchique, Nuevas Contribuciones para el conocimiento de la Edad del Bronce en el Algarve. *Archivo Español de Arqueología*, 22, p. 291-312.

VIANA, A., FERREIRA O. da V. & FORMOSINHO, J. (1950) - Estudos Arqueológicos nas Caldas de Monchique. Investigações de 1948 e 1949. *Actas do XIII Congresso Luso - Espanhol para o Progresso das Ciências*, 7ª Secção, 8, p.75-89, Lisboa.

VICENTE, E. P. & ANDRADE, G. M. (1971) - A estação arqueológica de Cabeço de Moinhos. Breve notícia. *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia (Coimbra, 1970)*, 1, p. 223-238.

VILAÇA, R. (1990) - Broche à ficit articulée de Cachouça, Idanha-a-Nova, Portugal. *Bulletin de la Société Préhistorique Française*, vol. 87 (6), p.167-169.

VILAÇA, R. (1994) - *Aspectos do povoamento da Beira Interior (Centro e Sul) nos finais da Idade do Bronze*. Dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras de Coimbra, 3 vols. (policopiada).

WHITTLE, E. H. & ARNAUD, J. Morais (1975) - Thermoluminescent dating of neolithic and calcolithic pottery from sites in Central Portugal. *Archaeometry*, Oxford, 17, p.5-24.

ZBYSZEWSKI, G. (1943) - La station préhistorique de Gonçha (Alpiarça). *Comunicações dos Serviços Geológicos*, 24, p. 99-108.

ZBYSZEWSKI, G. (1946) - Étude géologique de la region d'Alpiarça. *Comunicações dos Serviços Geológicos*, 27, p. 145-268.